

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

DAVIDSON BELO MANGUEIRA

**“O SANTO QUE PECOU E A CHUVA QUE NÃO VEIO”: UMA
ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA DO MOVIMENTO
MESSIÂNICO-MILENARISTA: “BORBOLETAS AZUIS”**

JOÃO PESSOA – PB

2014

DAVIDSON BELO MANGUEIRA

**“O Santo que pecou e a chuva que não veio”:
Uma análise socioantropológica do movimento messiânico-milenarista,
“Borboletas Azuis”**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dra.: Fernanda Lemos

JOÃO PESSOA – PB

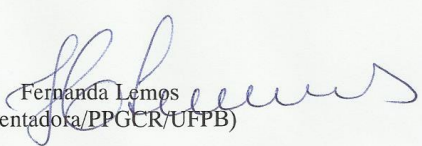
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

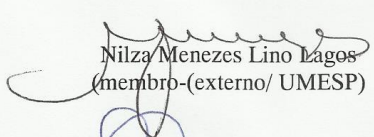
*“O SANTO QUE PECOU E A CHUVA QUE NÃO VEIO”: UMA ANÁLISE
SOCIOANTROPOLÓGICA DO MOVIMENTO MESSIÂNICO-MILENARISTA DE
VERTENTE CATÓLICO-ESPIRITA, ‘BORBOLETAS AZUIS’ DE CAMPINA
GRANDE/PB”*

Davidson Belo Mangueira

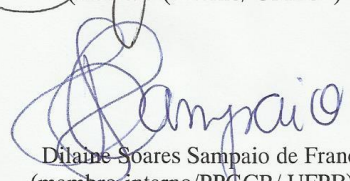
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Fernanda Lemos
(Orientadora/PPGCR/UFPB)



Nilza Menezes Lino Lagos
(membro-(externo/ UMESP)



Dilaine Soares Sampaio de Franca
(membro-interno/PPGCR/ UFPB)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. MOVIMENTOS MESSIÂNICO-MILENARISTAS E O “BORBOLETAS AZUIS”.....	24
1.1. Religiosidade Popular.....	24
1.2. Messianismos, milenarismos, movimentos messiânicos e movimentos milenaristas.....	29
1.3. O messias como peça fundamental dos movimentos messiânico-milenaristas.....	38
1.4. Movimentos messiânicos rústicos brasileiros.....	45
1.5. “Borboletas Azuis”, um movimento messiânico urbano.....	62
2. MITOS, RITOS E INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS CATÓLICAS NO “BORBOLETAS AZUIS”.....	66
2.1. O mito diluviano presente no “Borboletas Azuis”.....	66
2.2. Rito, culto e princípios doutrinários no “Borboletas Azuis”.....	80
2.3. Transcurso do fundador: Roldão Manguiera, o empresário paraibano.....	104
2.4. Roldão Manguiera: Católico Apostólico Romano - A influência religiosa que constituiu a base do movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis”.....	112
3. AS INFLUÊNCIAS ESPÍRITAS KARDECISTAS E A ATUAÇÃO DOS LÍDERES DO “BORBOLETAS AZUIS”.....	128
3.1. As influências espíritas de kardecismo e mesa branca no movimento “Borboletas Azuis”.....	128
3.2. Um movimento com diversas lideranças.....	138
3.3. Roldão, o profeta.....	146
3.4. Antônio de França, o Novo Profeta.....	154
3.5. A Profetisa Luciene Diniz.....	166

3.6. O santo que pecou e a chuva que não veio - O carisma de Roldão em pauta.....	170
3.7. Helena Diniz e Maria Tereza - A recente atuação da mulher no movimento “Borboletas Azuis”.....	176
CONCLUSÃO.....	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
APÊNDICE.....	197

Dedico este trabalho ao meu Avô, João Mangueira Neto, filho de Roldão Mangueira de Figueiredo. Referencial e exemplo de vida na infância, e que atualmente, com a idade de noventa e dois anos, luta contra o Alzheimer e sua saudosa esposa, Carmélia de Arruda Mangueira, mulher forte e de garra que lutou por mais de vinte anos contra o câncer, sobrepondo um diagnóstico de meses de vida.

AGRADECIMENTOS

Um momento como esse, no qual findamos o processo de elaboração e criação de um trabalho acadêmico, insurge em nosso íntimo uma sensação imensa de gratidão e felicidade por ter conseguido galgar mais um degrau para nosso crescimento acadêmico.

Agradecemos primeiramente a Deus, que com sua sabedoria e amor, nos permitiu vencer um processo de luta contra o câncer, pois sem esta vitória, este humilde pesquisador não conseguiria intentar coisa alguma, se encontrando mergulhado no limbo ou no mundo das ideias.

Em segundo lugar, valorar todos que fizeram parte deste processo, sem desfavorecer colaboradores ímpares, vimos emanar exuberante gratidão:

Aos pais, David e Ana pelos incentivos e suportes durante toda a vida acadêmica e momentos de altos e baixos, inclusive na saúde e na doença, permanecendo ao meu lado no leito hospitalar por 45 dias consecutivos em prol da vitória contra a leucemia;

Aos meus filhos, que neste momento se encontram distante, mas presentes em meu coração e alma:

Gabriela, que hoje tem quatorze anos e aflora sua feminilidade e sabedoria. Leitora ávida e um exemplo de excelência nos estudos. David, que com oito anos, adora jogos interativos e eletrônicos e tem desenvolvido em muito seus aspectos cognitivos e sua concentração, além de ser um menino muito amável, carinhoso e empático em relação às pessoas ao seu redor. Nicole, que com seis anos, ainda é uma doce menina, carinhosa e sapeca, e apresenta sempre um sorriso que encanta e conquista qualquer pessoa, semelhante ao personagem de Antoine de Saint-Exupéry, o Pequeno Príncipe, cativando a raposa que reside o asteroide em que cáira.

Que no futuro os três possam ler este trabalho e conhecer melhor a história do “Borboletas Azuis” e as influências familiares que seu tataravô influenciou sobre este movimento ímpar, que marcou a história de Campina grande e do estado da Paraíba.

A meu primo, Amaro Fiúza Chaves Neto, que é mais que um irmão, e que, no princípio do mestrado, prestou-me tremendo auxílio na cidade de João Pessoa;

Às influências religiosas e os exemplos dos reverendos André Luís, Márcio Arbex e Marcos Garcia, que além de terem sido meus superiores eclesiásticos, foram como professor,

pai e amigo, respectivamente, durante os processo de ida ao seminário, bacharelado em Teologia e estágio acadêmico como seminarista na Catedral Metodista de São Paulo;

A amiga Eli Almeida que muito incentivou a busca pelo mestrado enquanto ainda pensava em participar do processo de seleção e conjecturava sobre o objeto de pesquisa;

As colegas de mestrado, Déborah Farias e Alana Simões, que nos momentos difíceis de estudos e elaboração, igualmente estiveram ao nosso lado, numa parceria trina em torno de solucionar as dúvidas em relação aos processos administrativos e criacionais;

À amada, Ângela Oliveira, que auxiliou com as correções de Português, lendo e relendo nossos escritos por diversas vezes e por ter entendido a ausência durante as noites em que ficamos acordados em frente ao laptop, revendo por diversas vezes erros corriqueiros que passam despercebidamente.

À professora Rita de Cássia Cavalcante da Universidade Estadual da Paraíba, que mesmo divergindo em opinião sobre movimentos populares e movimentos messiânicos, trouxe importante discussão e embate de pensamentos em relação às questões sociais de grupos marginalizados que encontram na religião, uma resposta aos danos sofridos pela falta de condições de vida e renda justas.

À doutora em ciências das religiões, Nilza Menezes Lino Lagos, que juntamente com Dilaine Soares Sampaio, doutora em Ciência da Religião, com área de concentração em Ciências Sociais da Religião, fizeram parte da banca examinadora, trazendo adendos, sugestões e correções que por fim, abrilhantaram ainda mais nossa pesquisa;

A doutora em História, com Pós-Doutorado na área de Ciências da Religião, Maria Lucia Abaurre Gnerre que participou da qualificação e trouxe significantes contribuições para que esse trabalho pudesse alcançar sua configuração findada;

A nossa orientadora e colega de faculdade na Universidade Metodista de São Paulo, Fernanda Lemos, doutora em Ciências da Religião, na área das Ciências Sociais, que nos aturou durante estes dois anos e nos impulsionou em busca da excelência acadêmica durante todo o processo de criação deste trabalho;

Ao avô, João Mangueira Neto, filho de Roldão Mangueira, que relatara alguns episódios da convivência com seu pai, quando ainda não tinha sido debilitado pelo Alzheimer;

Aos tios, primos e familiares que entenderam o propósito desse trabalho cedendo entrevistas e relatando sem barreiras, os fatos;

Aos entrevistados que conheceram o movimento e seus líderes, mas não se tornaram acólitos, sendo assim, apresentaram uma visão diferenciada do movimento, expondo seu ponto de vista sobre Roldão, os adeptos e o grupo, dissociado da visão dos seguidores;

A Helena Diniz e Maria Tereza, que nos cederam entrevistas, material do movimento como fotografias e cartas redigidas às autoridades pela liderança, além de nos abrir o espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto em prol da pesquisa. Ou seja, a todos que participaram de forma direta ou indiretamente pela elaboração, desenvolvimento e conclusão deste projeto, ficam os nossos sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o grupo religioso “Borboletas Azuis”, de Campina Grande/PB, dispondo-o como um movimento messiânico-milenarista que alcançou repercussão internacional por desenvolver uma proposta de crítica às mudanças ocorridas no Catolicismo Romano após o Concílio Vaticano II formulando uma nova proposta conservadora e radical que pretendia retomar práticas do cristianismo primitivo. Além de mesclar elementos do catolicismo popular e do espiritismo de vertente kardecista de mesa branca, o movimento traça uma nova proposta religiosa ‘bricolada’, na qual a profecia de um novo mundo livre de opressão e desigualdades sociais emergiria com o advento de um dilúvio universal, com previsão para 13 de maio de 1980. Apresentamos o movimento desde sua origem até a atualidade, exibindo um relato de sua fundação, período de apogeu, paulatino arrefecimento após o não acontecimento do dilúvio, tendo avaliado igualmente a configuração atual do movimento. As influências católicas e espíritas que configuraram o movimento e suas lideranças são analisadas tendo como foco principal o fundador e líder, Roldão Mangueira de Figueiredo, e os principais auxiliares que fizeram parte do quadro administrativo, a sucessão de liderança por parte de Antônio de França e Helena Diniz e Maria Tereza e a presença ativa de Luciene Diniz, trazendo profecias fundamentais para projeção midiática e crescimento numérico do grupo. Entrevistamos descendentes do fundador, remanescentes do movimento e pessoas que frequentaram no passado, a Casa de Caridade Jesus no Horto em busca de respostas espirituais. Empregamos teóricos como: Maria Isaura de Queiroz, Max Weber, Peter Berger, Emile Durkheim, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Joseph Campbell, assim como pesquisas de Lísias Nogueira Negrão, Moacir Alves Carneiro e Lidiane Araújo. Além disso, tivemos acesso a arquivos de jornais locais e cartas redigidas pelos líderes que são usados como base para análise do movimento e seu quadro de liderança.

Palavras-chave: Messianismo, Milenarismo, Religiosidade Popular, "Borboletas Azuis".

ABSTRACT

This work intends to analyze the religious group "Borboletas Azuis" of Campina Grande / PB, featuring him as a messianic-millenarian movement that achieved international recognition for developing a proposal for criticism of changes occurred in Roman Catholicism after Vatican II, formulating a conservative and radical new proposal who intended to retake practices of primitive Christianity. Addition to merging elements of popular Catholicism and spiritism Kardecist of 'mesa branca', the movement traces a new religious proposal, 'bricolada', in which the prophecy of a new world free of oppression and social inequality emerged with the advent of a universal flood, scheduled for May 13, 1980. We present the movement from its origins until the present, exhibiting a report of its foundation, period of apogee, gradual cooling after the non-event of the flood, and also, evaluated the actual configuration of the movement. Catholic and spiritualist influences that configured the movement and its leaders are analyzed with the main focus on the founder and leader, Roldão Manguiera de Figueiredo and his principal assistants who have been part from the administrative setting. The succession of leadership by Antonio de França, Helena Diniz, Maria Tereza and the active presence of Luciene Diniz, bringing fundamental prophecies for mediatic projection and numerical growth of the group. We interviewed descendants of the founder of the movement and remnants persons who attended in the past, the Casa de Caridade Jesus no Horto in search of spiritual answers. We employ theorists like: Maria Isaura de Queiroz, Max Weber, Peter Berger, Emile Durkheim, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Joseph Campbell, well as researches of Lysias Nogueira Negrão, Moacir Carneiro and Lidiane Araújo. Furthermore, we had access to files of local newspapers and letters written by leaders who are used as a basis for the analysis of movement and its leader board.

Keywords: Messianism, Millenarianism, Popular Religiosity, "Borboletas Azuis".

Introdução.

O primeiro capítulo de nossa dissertação buscará analisar, num contexto geral, o que são movimentos messiânicos milenaristas e em paralelo, estabelecer uma comparação dos mesmos com o “Borboletas Azuis”; movimento messiânico-milenarista que surge na cidade de Campina Grande, Paraíba e que alcança grande projeção regional, atraindo a atenção da população e da mídia brasileira por ser um grupo que aborda elementos católicos primordiais, mesclando o catolicismo com doutrinas espíritas kardecistas, como passes, incorporações e psicofonia¹.

Para que possamos entender o movimento em foco, primeiro precisamos entender como confluem os anseios que proporcionam a germinação dos movimentos messiânicos, sendo assim, é necessário entender as bases que fundamentam o pensamento dos líderes que fundam ou aderem a estas congregações religiosas.

Movimentos como estes eclodem das necessidades de um determinado grupo que apresenta descontentamento, seja com a ordem religiosa vigente, seja com as condições precárias de vida, sem vislumbre algum de variação social. O que nos leva a entender, que em sua maioria, estas expressões surgem do povo e de camadas desprivilegiadas que necessitam de mudanças.

Mas qual seria a base de fundamentação teórica destes grupos? Tais movimentos gritam por justiça por meio da fomentação de um caldeirão de crenças e práticas que permeiam as religiões oficiais, tendo recebido ou não o reconhecimento por parte da religião vigente e que já alcançaram seu espaço e validade na realidade e vivência das comunidades de fé tradicionais.

Diante disto, entender o messianismo e o milenarismo sem entender suas bases populares e religiosas não determinaria um entendimento geral do nosso objeto de estudo, pois, os movimentos messiânico-milenaristas nascem por influência de movimentos populares que resgatam a cultura popular religiosa associada à busca por melhores condições de vida num reino terreno, deixando de lado a esperança de um futuro celestial. Seu apelo se dá neste plano

¹ Para a Federação Brasileira de Espiritismo, a psicofonia é a mediunidade que permite a comunicação oral de um espírito através do médium. Kardec a denominou como “mediunidade falante”, ou seja, aquela faculdade que propicia o ensejo para que os espíritos entrem em contato através da palavra, estabelecendo conversações. Disponível em: http://www.rcespiritismo.com.br/conteudo_site/pdf_antiores/Rce01especial/materia4.pdf.

existencial terreno, estabelecendo um reinado de paz e prosperidade para todos os que fazem parte destas comunidades.

Fenômenos desta natureza eram entendidos como subversivos e inclinados à luta de classes, sendo desvalorizados como movimentos religiosos. Somente no ano de 1957, com os esforços de pesquisadores como Maria Isaura P. de Queiroz, abordando o assunto por meio de uma vertente analítica desprovida destes preconceitos, acresceu-se conhecimento e uma maior busca pelo assunto, ampliando assim o campo de conhecimento e de pesquisa, sendo investigada, não por suas práticas consideradas drásticas ou aberrantes, mas sim, pelo seu valor cultural, social e religioso.

Para Luiz Alexandre S. Rossi (2002, p. 17) outro problema era o de sempre associar-se movimentos messiânicos ao judaísmo, cristianismo e islamismo, religiões semitas que sinalizam a esperança messiânica. Após os estudos de Roger Bastide e George Balandier, houve uma abertura na percepção de que os povos não semitas também sinalizavam conceitos de heróis místicos e guerreiros (antepassados redentores), além de uma libertação messiânica e milenar em relação os povos opressores.

Após estabelecermos um entendimento do que são movimentos populares e religiosidade popular, explanaremos o que são movimentos messiânicos e como eles se expressam em determinadas culturas e povos, em nosso território nacional e no contexto da cidade em que nosso objeto de pesquisa está inserido.

Como afirmamos anteriormente, para uma melhor compreensão do “Borboletas Azuis”, será igualmente necessário, conhecer toda a sua configuração como movimento messiânico, seu surgimento desde as bases, influências, ritos, costumes e, além disto, o papel desempenhado por suas lideranças, em especial, a figura de Roldão Mangueira de Figueiredo², o principal líder e fundador do movimento³.

Roldão Mangueira de Figueiredo foi um líder carismático de tradição católica que, após receber influência e ter estabelecido contato com as doutrinas e práticas do espiritismo, incorporando o espírito de Padre Cícero Romão e São Francisco de Assis, estabeleceu seu

² Roldão Mangueira de Figueiredo nasceu em Conceição do Piancó, no alto sertão da Paraíba em 05 de março de 1905. Roldão passa a residir em Campina Grande, onde se torna um próspero comerciante de algodão no estado da Paraíba. Católico praticante e frequentador de reuniões mediúnicas espíritas kardecistas, adquire mediunidade e poderes de cura e libertação por meio de seu guia espiritual, o Pe. Cícero, que o orienta a fundar uma Casa de Caridade em Campina grande, local de reunião do movimento messiânico-milenarista “Borboletas Azuis” (CARNEIRO, 1995, pp. 21 - 25). No segundo capítulo, onde abordaremos a história, ritos e vivências do grupo, estabeleceremos uma biografia mais detalhada da figura de Roldão Mangueira.

³ Para auxiliar o leitor durante toda a exposição do trabalho, desenvolvemos no apêndice, uma ordem cronológica dos personagens e fatos que poderá ser consultada em caso de dúvidas.

carisma por meio de curas e milagres na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba. Posteriormente Roldão desponta como líder e fundador da Casa de Caridade Jesus no Horto⁴.

Outra figura importante foi Antônio Rodrigues de França, que assume a liderança após o falecimento de Roldão e o afastamento do segundo na liderança, o senhor José Alves⁵, Antônio de França apresenta um novo molde ao movimento, o da transcrição da mensagem espiritual do grupo para a sociedade.

O novo líder atuava por meio de mensagens psicofônicas canalizadas pelo Pe. Cícero. Mensagens que expressavam a busca por justiça espiritual para toda a comunidade campinense, paraibana e brasileira, sendo ele, o principal ícone de expressão da história oral do movimento através de cartas que eram enviadas a pessoas de destaque da comunidade e políticos regionais e brasileiros.

De acordo com Consorte & Negrão (1984, p. 318), França era versado, inteligente e participativo no movimento, muitas vezes fazendo predições por meio de visões, intuições e sonhos. Lidiane Araújo aponta Antônio como o revelador da missão de Luciene Diniz⁶ dentro do movimento (ARAÚJO 2008, p. 135). Além da figura de Luciene, duas mulheres tiveram destaque e influência dentro do movimento, são estas, a mãe de Luciene Diniz, Helena Diniz e a senhora Maria Tereza. Estas duas últimas adeptas vivenciaram o movimento desde sua

⁴ Local onde se reunia o grupo que posteriormente foi denominado de “Borboletas Azuis”, pela mídia e população, por optarem por vestir timões azuis e brancos, simbolizando um meio de separação dos escolhidos que sobreviveriam ao dilúvio por meio da purificação do corpo e da alma. (ARAÚJO, pp. 28 – 40. / CARNEIRO, pp. 21 e 22).

⁵ O Senhor José Alves era motorista particular de Roldão. Alves decide participar do “Borboletas Azuis” passando a seguir seu antigo patrão e novo líder com afinco, tanto que, de acordo com Helena, dirigia o veículo que Roldão colocara a serviço da casa de Caridade e era o homem de confiança do líder em torno de resolver questões diárias como compras de materiais para manutenção do templo e alimentos. Um “faz tudo”, nas palavras de Tereza. Como não tivemos acesso a nenhum familiar ou documento em que encontrássemos a presença de Alves, nem depoimentos significativos sobre suas atividades e participação no movimento, nos restringimos a pesquisar sobre a vida de acólitos que mais demonstraram destaque, e que, apresentaram contribuições significativas e geradoras de transformações dentro do grupo. Nos depoimentos de Helena e Tereza, José Alves constava da figura que Roldão desejava ter como sucessor, mas que no final, desviou-se do caminho, abandonando a casa após o fiasco de 13 de maio de 1980, após o não-dilúvio.

⁶ Uma figura feminina importante no movimento foi Luciene Diniz, uma profetisa com a idade de dezessete anos, que participava ativamente do grupo e que lançara a profecia do dilúvio expurgatório. Seu carisma foi estabelecido pela mesma ter sofrido um acidente automobilístico onde faleceram todos os passageiros, incluindo seus familiares, sobrevivendo somente ela e o motorista. Após conhecer a Casa de Caridade e ser liberta por Roldão do que acreditava ser o espírito de um de seus tios mortos que a atormentava, passa a ser entendida como uma liderança feminina interna do movimento, incorporando figuras como as do menino Jesus e Maria. Luciene ainda estabelece, por meio de seus guias, o ponto culminante da separação entre o movimento e o mundo ao redor dos adeptos, o uso das vestimentas características do movimento. Fator que além de gerar esta separação, os traz projeção visual, atraindo a atenção da comunidade e mídia local. (ARAÚJO, pp. 40 – 42; CARNEIRO, pp. 22 e 23).

fundação e participam ainda ativamente de toda a vivência religiosa no espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto.⁷

O “Borboletas azuis” é um movimento religioso popular de raízes católicas. Suas práticas e ritos associam concepções espíritas como curas, passes e incorporações, mas se mantém fiel à tradição católica não aceitando as doutrinas kardecistas de karma e reencarnação e os espíritos incorporados eram representações de ícones do catolicismo, como santos, padres e freiras. O grupo apregoava a instauração de um novo mundo após um evento cataclísmico diluviano com a data prevista de 13 de maio de 1980⁸. Por suas características, é entendido como um movimento messiânico milenarista. (ARAÚJO, p. 44 - 64. NEGRÃO, p. 125 - 127).

O grupo segue uma linha religiosa que procura, em seu cerne, conservar as tradições católicas anteriores ao Concílio Vaticano II, associando assim a devoção de santos populares como Pe. Cícero e São Francisco de Assis que são reconhecidos como benfeitores dos oprimidos e sofredores.

O seu líder, Roldão Mangueira de Figueiredo, conhecido como homem piedoso e caridoso, era reconhecido como semelhante aos ícones que representava. Roldão associava ritos espíritas kardecistas com a estrutura de culto católica, onde ao final da missa, incorporava estes ícones em uma “mesa branca”, aconselhando os demais acólitos e visitantes, realizando juntamente, orações e supostas curas, consideradas como milagrosas.

Em sua vivência, o grupo buscava a humildade e o afastamento do mundo exterior, seguindo o exemplo do Pe. Cícero, (o santo mais incorporado e citado como exemplo pelo líder), traçando um ideal de santidade e pureza que os levaria a alcançar as benesses célicas.

Em meio a estas recriações sociais que as manifestações milenaristas propõem, podemos perceber a criatividade e imaginação de seus líderes em busca de proporcionar uma fuga da opressão. O movimento adiciona um sentimento de esperança e de mudança social, transferindo seus seguidores de uma situação de sofrimento e opressão para a visão de um novo conceito de liberdade e vitória sobrenatural, sendo estes os eleitos e detentores da

⁷ Estas duas personagens participam do movimento desde seus primórdios. A irmã Teresa reside na Casa de Caridade Jesus no Horto e tomou para si a função de guardadora do templo e da tradição, enquanto Helena Fernandes reside com seus familiares, mas lidera o movimento e auxilia no manutenção da casa e das reuniões regulares. In: LOPES, S. **A resistência das borboletas azuis**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 28 mar. 2010.

⁸ De acordo com a pesquisa de Moacir Carneiro os adeptos acreditavam que o período de chuvas duraria 120 dias e noites ininterruptas e somente aqueles que escutassem a mensagem do Pe. Cícero e se arrependessem de seus pecados, migrando para a Casa de Caridade Jesus no Horto sobreviveriam (CARNEIRO 1995, p. 29).

verdade que libertará a humanidade através do caos e da destruição terrena em meio à instauração de um novo mundo.

O movimento que estudaremos não age diferente dos demais em busca de justiça social e instauração de um novo modelo religioso que responda aos anseios dos que se inserem ao grupo. Tendo ou não surtido o efeito esperado, o movimento cativou um número significativo de adeptos e alcançou projeção na cidade, estado e país por ser um movimento apocalíptico que estabelece uma crítica à sociedade e a igreja oficial, resgatando valores católicos anteriores ao Concílio Vaticano II, mesclados a práticas espíritas, expressando seu grito por justiça social por meio de curas, incorporações e resgate da tradição eclesiástica católica, um misto de purificação e luta por melhores condições de vida após o advento de uma expurgação terrena por meio de um dilúvio.

O movimento messiânico-milenarista “Borboletas Azuis” de Campina Grande é constituído por um grupo, que, em sua maioria, migrou do campo para a cidade em busca de melhorias econômicas entre as décadas de 1930 a 1980, fase em que o país passava por transformações econômicas e sociais, como o golpe de estado por meio de Vargas, a redemocratização, a ditadura militar e a repressão, ambiente de transformação e tensão que culminou em fortes influências no campo político e social.

A cidade de Campina Grande já fora palco de revoltas sociais no passado, como a exemplo da revolta dos Quebra-Quilos⁹, que alcançou repercussão nacional, mas que emerge neste município em 1872. No nordeste rural era disseminada a superstição de que o metro e o peso, que foram validados por decreto imperial em 1872, versavam representações do demônio. Além disto, a inserção dos pesos e medidas criava entre os populares o pensamento de que estavam sendo enganados pelos comerciantes e prestigiosos. Ofendidos, as classes mais baixas irromperam aos povoados e se destruíram os instrumentos malignos, lançando-os no rio.

⁹ O movimento popular teve início na Paraíba, em Galante, distrito de Campina Grande, chegando à feira da cidade em 21 de novembro de 1874. Os populares se opuseram às mudanças introduzidas pelos novos padrões de pesos e medidas do sistema internacional, recém-introduzidas no Brasil. O movimento também se impõe contra a Maçonaria, por representar a autoridade governamental que instituiu impostos frequentes e obrigava a população a servir ao exército para lutar na guerra do Paraguai, denominado *imposto de sangue devido ao exército*. causa uma situação de revolta religiosa fanática por parte dos populares após haverem os representantes da Igreja Católica de Pernambuco e Paraíba, combatido as ações do governo, culminando na prisão de D. Vital, bispo de Olinda e paraibano de nascimento. A revolta popular e religiosa se estende a toda a Paraíba, tendo como incentivo a contrapartida do Bispo Católico e os demais representantes religiosos paraibanos e pernambucanos que declaravam, erráticos os atos políticos (ALMEIDA, 1962, pp. 147 a 158)

Elpídio de Almeida, ao desenvolver uma obra sobre a história de Campina Grande em 1962, relata o evento:

Em um dia de feira, na povoação de Fagundes, no mês de novembro de 1874, magotes de matutos surgem proibindo a cobrança de impostos, quebrando cuias de medir, praticando arruaças [...] no sábado seguinte, 21 do mesmo mês, na hora da feira, então realizada na Praça da Independência, em frente ao estabelecimento comercial de Alexandrino Cavalcante. Corre o delegado em companhia de dois soldados em busca de restabelecer a ordem. São recebidos a pedradas [...] Tomam os sediciosos conta da feira, passam livremente a quebrar as medidas arrebatadas aos comerciantes, a despedaçar as cuias encontradas em mãos dos vendedores retalhistas, a recolher os pesos de todos os tamanhos e, atirando-os em seguida no Açude Velho (ALMEIDA, 1962, p. 147).

Por encontrar-se posicionada a 120 quilômetros dos dois mais importantes polos econômicos da região, o litoral e o sertão, Campina Grande fora no passado, um importante centro comercial onde se realizavam negociações entre comerciantes do sertão e litoral. Devido às dificuldades de locomoção, Campina Grande se consolidou como um estratégico entreposto comercial entre João Pessoa e Patos, capital e cidade polo do sertão respectivamente, na qual, tropas de comerciantes sertanejos, montados em burros, denominados de *tropeiros da Borborema*, estabeleciam comércio, repouso de viagem e, na maioria das vezes, residência, comercializando seus produtos em Goiana e Olinda, grandes centros comerciais do século XIX.

Vejamos matéria disposta no blog, Retratos Históricos de Campina Grande, que descreve a migração dos tropeiros, desafiando a serra da Borborema montados em burros em prol de comercializar seus produtos entre o litoral e o sertão, alcançando também, o comércio de Pernambuco:

A importância dos tropeiros para a história social e econômica da antiga Vila Nova da rainha foi tão impressionante que não há como dissociar a dinâmica cidade com a presença dos antigos agentes econômicos que vinham do brejo, do agreste, do Curimataú, do sertão, etc., bem como de Estados vizinhos, como o Rio Grande do Norte e o Ceará, carregados com seus fardos de pele e de algodão, em direção a Goiana e Olinda, no Estado de Pernambuco, importantes empórios comerciais no século XIX. Campina Grande começou a evoluir quando foi observado que boa parte da produção transportada pelos velhos tropeiros poderia ficar em solo paraibano. O investimento em máquina de beneficiar algodão foi de importância basilar para o desenvolvimento local, pois isto permitiu que a cidade se transformasse em grande exportadora do “ouro branco”, o que significou um dos momentos cruciais do “boom” econômico da “Rainha da Borborema”. [...] Para vencer os obstáculos representados pelo Planalto da Borborema, conduzindo tropas de burros, precisava ser muito corajoso. Os tropeiros da Borborema sintetizaram a coragem inaudita do povo interiorano em vencer barreira,

razão pela qual a imortalidade suscitada na eterna composição de Asfora e Cavalcanti tem a característica de ser oportuna e pioneira na homenagem aos grandes seres humanos que hoje estão representados em monumento em Campina Grande (RETRATOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE - BLOGSPOT).¹⁰

Com o surgimento das rodovias e as melhorias do transporte, a cidade paulatinamente perde sua configuração de polo comercial paraibano e sua população de grande número, sofre as pressões da falta de estrutura e escassez de trabalho, tornando-se palco propício a manifestações religiosas que insurgem numa busca por justiça por parte daqueles que migraram do campo para a cidade, encontrando somente miséria e um ambiente hostil.

Acreditamos que esta pesquisa contribui para a valorização e preservação de um fator sociorreligioso e cultural tão rico, gerador de conflitos e polêmicas na sociedade, em meio a religiões ditas oficiais e até mesmo, no próprio âmbito acadêmico, visto que, a própria instituição, dentro do Programa de pós-graduação em Ciências das Religiões tem evidenciado a importância de estudos direcionados ao tema da religiosidade popular e de movimentos messiânicos.

Para a memória cultural do estado da Paraíba e para a cidade de Campina Grande, a expressão cultural e popular de um movimento messiânico como o “Borboletas Azuis” tem sido desvalorizado e paulatinamente esquecido por desconhecimento do que são movimentos messiânicos ou por discriminação religiosa. Notemos que movimentos e lideranças como as do Paraná e da Bahia, como José Maria e Conselheiro são valorizados e pesquisados em todo o território brasileiro, mas mesmo assim, em grande maioria por historiadores, sociólogos e antropólogos, pesquisas no campo da religiosidade popular são menos apresentadas.

A partir do exposto, acreditamos que resgatar esta mística no imaginário da população paraibana é de grande importância para o contexto religioso do estado. As memórias, tanto do movimento, como do fundador foram perdidas quando findara a presença de adeptos que frequentavam a sociedade campinense trajados com mantos azuis e brancos. A ausência destas figuras no cotidiano da grande urbe e algumas cidades do interior do estado, realizando peregrinações e orações, fez com que o arquétipo místico do movimento fosse extinto do ideário popular no estado.

¹⁰ Texto extraído de: Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=tropeiros+da+borborema#.U7Bb3pRdX1Y> . Último acesso em 18 de novembro de 2013.

Atualmente, a figura do líder do “Borboletas Azuis”, Roldão Mangueira de Figueiredo, continua presente e constante somente no imaginário popular das pessoas que tiveram contato com o movimento na época de seu surgimento e arrefecimento. A cultura recente de Campina Grande, representada por jovens e crianças, sinaliza nunca ter conhecido o movimento, demonstrando que num futuro próximo, esta manifestação religiosa tão rica poderá ser apagada da memória do estado e município.

Esforços como o do artista plástico Jarrier Alves no dia 18 de maio de 2012, sinalizam um resgate cultural sobre a história do movimento. O projeto do citado artista pretende fazer alusão à ecologia, à reciclagem e ao resgate cultural deste movimento religioso.¹¹



Figura 1 – Exposição aberta à comunidade sobre a história do movimento “Borboletas Azuis” no dia 18 de maio de 2012. Uma parceria do artista plástico Jarrier Alves com a Universidade Federal da Paraíba em torno de protestar contra os dejetos depositados no Açude Velho, cartão postal da cidade e episódio do mal entendido entre Roldão e comunidade, na qual a mídia afirmara que o mesmo atravessaria o lago andando por cima das águas.¹²

Foi instalada temporariamente uma ponte feita com madeira de reflorestamento e garrafas pet, em parceria com o governo do estado, tendo em sua lateral uma estátua flutuante do líder do “Borboletas Azuis”. A população campinense poderia atravessar o açude e, em uma exibição do outro lado da ponte, poderiam conhecer a história do movimento.

¹¹ Matéria disposta no **Jornal da Paraíba**, datado de 15 de maio de 2012. Ano 40 – nº 11.174 .

¹² Fotografia do acervo pessoal do pesquisador. A mídia Campinense na década de 70 entrevistara Roldão, questionado se o mesmo tinha poder para andar sobre as águas do Açude Velho (lago onde o grupo se reunia periodicamente para orações). O líder afirmara que se poderia fazê-lo se assim Deus o quisesse. A mídia, num golpe de publicidade, circulou matéria com data marcada para a travessia de Roldão sobre as águas. A população campinense permeou o açude pressionando o líder a atravessar com seus acólitos. Na ocasião, o grupo foi vaiado e perseguido, sendo atacado com lama e pedradas por parte da turba (relato de Maria de Fátima, que trabalhou como doméstica na residência de Roldão e presenciou seu patrão voltando à sua residência com as roupas cobertas de lama. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2014).



Figura 2 – Montagem da ponte de garrafas pet para passagem das pessoas da comunidade que visitavam o evento. Ao cruzar a ponte, os visitantes recebiam o cordel e assistiam palestras sobre ecologia e a história do movimento messiânico-milenarista “Borboletas Azuis”.¹³



Figura 3 – Ponte feita de madeira e garrafas pet e boneco simbolizando a figura de Roldão Mangueira, que cruza o Açude Velho por sobre as águas, deslizando de um lado a outro sobre uma estrutura flutuante durante a travessia dos transeuntes.¹⁴

Pode-se observar, através da leitura deste trecho de um cordel elaborado no ano corrente em homenagem ao líder do movimento. De título: *Com Roldão Mangueira, nem Pedro Afunda*, um trabalho de Maria Goldelivie, desenvolvido em parceria com o artista plástico Jerrier Alves, faz alusão a um boato de que Mangueira atravessaria o Açude Velho (lago central da cidade) por cima das águas. Neste folheto, percebemos o resgate cultural do aspecto midiático e popular do movimento e da figura de seu fundador: “É um resgate a cultura,

¹³ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador.

¹⁴ Idem.

relembrando o passado; mostrando que este mito, não pode ficar abafado; e pra isso acontecer, precisa ser relatado” (GOLDELIVIE, 2012, p. 6).



Figura 4 – Tema da exposição e do cordel exposto na entrada do espaço onde eram realizadas as palestras.¹⁵

O blog Retratos Históricos de Campina Grande, acessado em toda a Paraíba em busca de informações sobre a cidade, dispõe de um acervo de fotografias e matérias que relatam a história da cidade desde sua fundação publicou uma matéria sobre o evento, afirmando que o título da exposição e do cordel parecia demonstrar uma afronta ao catolicismo:

Com este título que mais parece uma afronta aos dogmas religiosos, esteve montada em Campina Grande no período de 13 a 20 de Maio de 2012, a instalação artística criada por Jarrier Alves e Nivaldo Rodrigues, componentes do Coletivo Mídias, que propôs ao cidadão campinense o desafio de atravessar o Açude Velho, caminhando sobre suas águas! [...] A ponte foi construída com garrafas PETI, montadas sobre tablados de madeira, tudo recolhido de forma consciente com base nos descartes promovidos pela sociedade [...] A data escolhida não foi ao acaso, houve a coincidência do dia 13 de Maio de 1980 ter inserido Campina Grande nos noticiários, quando uma gama de jornalistas locais, além da equipe do Fantástico da Rede Globo, esteve de plantão na Rainha da Borborema, à espera do grande dilúvio profetizado por Roldão Mangueira, líder do movimento messiânico conhecido como ‘Borboletas Azuis’. Chamando à atenção dos transeuntes e de toda a sociedade, inclusive as autoridades políticas para a degradante situação em que se encontra o Açude Velho, sendo exclusivamente mantido em função da deposição dos esgotos da cidade [...] ¹⁶

¹⁵ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador.

¹⁶ Texto extraído de: Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/05/com-roldao-mangueira-nem-pedro-afunda.html#.U69sf5RdX1Y>. Último acesso em 25 de maio de 2013.



Figura 5 – Capa do cordel que faz menção a história do líder do “Borboletas Azuis” e o episódio ocorrido no Açude Velho. O propósito do cordel é o de resgatar a memória deste movimento campinense e da figura mítica do líder.¹⁷

Outro ponto importante a ser destacado é de que há pouca produção acadêmica específica em torno do movimento em questão. Somente o livro de Moacir Alves Carneiro, *Os Borboletas Azuis*, apresenta um estudo direcionado sobre o movimento, e mesmo assim, numa perspectiva histórico-social que cita os ritos e as práticas, mas não apresenta uma profunda investigação da religiosidade.

Nossa análise, no primeiro capítulo apresentará movimentos messiânicos milenaristas que demonstrem semelhanças e/ou disparidades com o movimento paraibano, tanto em torno de configuração religiosa, como das figuras carismáticas que permeiam a estrutura destes movimentos, dotando-as de poder e vida espiritual não estática, mas portadora de esperança transformadora. Teceremos um pano de fundo sobre os movimentos religiosos populares e movimentos messiânico-milenaristas que tiveram expressão²¹ no palco mundial e nacional, destacando a figura do messias que impulsiona e direciona a fomentação dessas expressões religiosas tendo papel fundamental na criação e manutenção de movimentos dessa natureza.

¹⁷ Imagem extraída de: Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/05/com-roldao-mangueira-nem-pedro-afunda.html#.U69sf5RdX1Y>. Último acesso em 25 de maio de 2013.

Ao segundo capítulo de nosso trabalho, buscaremos resgatar os processos históricos, sociais e culturais do movimento “Borboletas Azuis”, apresentando suas práticas, ritos, comparando sua estruturação inicial sobre a figura de seu fundador em relação à sua atual configuração com o objetivo de compreender sua constituição, manutenção e arrefecimento. Abordaremos a profecia do dilúvio que foi fundamental para o crescimento numérico e a projeção midiática do grupo e exporemos as influências do Catolicismo Romano que serviram como base para a fundação do movimento por parte de seu principal líder, Roldão Mangueira de Figueiredo.

No terceiro e último capítulo de nossa dissertação, demonstraremos as influências espíritas kardecistas que se mesclam ao Catolicismo Romano, sendo estas, base principal de expressão do movimento. Analisaremos o quadro de liderança do grupo, começando pelo fundador, os demais líderes sucessórios, Antônio de França e Helena Diniz, os profetas e profetisas reconhecidos e empoderados pelos acólitos, assim como as figuras de Maria Tereza e Luciene Diniz, que por serem mulheres e não fazerem parte diretamente da liderança sucessória, foram desfavorecidas e esquecidas, mas que realizaram acréscimos fundamentais para o crescimento e manutenção do grupo até os dias atuais.

1. Movimentos Messiânico-milenaristas e o “Borboletas Azuis”.

1.1. Religiosidade popular.

Podemos entender Religiosidade Popular como o conjunto de expressões culturais de um ou de vários grupos ligados à instituições religiosas, mas que, em meio às vicissitudes da vida, recriam um novo modelo ou padrão de conduta espiritual que se demarca como um modelo de resistência tradicional ao poder eclesiástico instituído, gerando respostas aos anseios comuns dos membros ativos das referentes coligações.

Mara Regina do Nascimento (2009, p. 01) sugere que, ao discorrer sobre religiosidade popular, podemos, até mesmo, pensar em deixar de lado o termo *popular*, pois religiosidade popular, para a mesma, denota intrinsecamente a visão de uma participação popular. Por definição, popular se refere àquilo que vem do povo e que pode invocar características do sagrado, mesmo que estas manifestações se diferenciem da hierarquia eclesiástica institucional, seus dogmas e preceitos. Para a autora, o que entendemos por popular nos remete a algo original, de uma pureza real, elaborado e vivido a partir da essência do próprio povo.

Carlos Rodrigues Brandão (2007) afirma que a religião institucionalizada legitima modelos de poder que se sustentam através do discurso religioso, reforçando as estruturas de controle da sociedade. A religião é instituída e elaborada pelas camadas privilegiadas e eruditas. A religiosidade popular emerge dentro deste contexto como uma resposta, uma recriação dos padrões religiosos que contraste e delimite uma luta contra a religião institucionalizada, denotando sentido e experimentação do sagrado, instituindo assim, sentido e respostas às classes inferiores.

A religião dá nomes a todas as coisas e até torna o incrível possível e legítimo. Para os efeitos da vida, pretende sempre envolver o repertório mais abrangente das questões e fazer as respostas mais essenciais, segundo os interesses políticos, mas também conforme os medos e esperanças das mais diversas categorias de pessoas. [...] a religião é o explicador mais usual e muitas vezes, o mais acreditado (BRANDÃO 2007, p. 20).

Para Brandão (2007, p. 254), as religiões que podem ser consideradas como populares no território brasileiro são: “o catolicismo rústico do campesinato, o pentecostalismo tradicional, as modalidades arcaicas e atuais de cultos afro-brasileiros e os surtos messiânicos”. Todavia, são consideradas por ele como religiões de mediação, formadas por uma massa de fiéis subalterna, que mesmo ligada às religiões institucionalizadas, respondem a elas à distância,

elaborando seus próprios ritos e vivências religiosas. Seu intuito primordial não é o de fortalecer ou conservar as instituições sacralizadas, mas sim elaborar respostas imediatas aos problemas dos devotos. Suas preocupações não residem na devoção ao corpo doutrinário e dogmático e na manutenção do mesmo, mas sim, num sistema de trocas comunitárias solidárias em busca de resolver e atender aos anseios do grupo.

Porque entre os subalternos a religião é considerada como um somatório de recursos a mais para *servirem* a uma vida de provações e nem tanto para ser *servida* como um compromisso de a mais de subordinação, pelo qual essa mesma vida reestreita laços de fidelidade desigual com a ideologia e as agências confessionais eruditas de sacralização “de fora”, de uma ordem dominante de relações dentro e fora do mundo da religião. Mesmo para o “crente fiel”, o “devoto católico”, ou o “filho de fé”, a religião é mais para *usar* do que *para servir* e, em muitos casos, *para seguir*. [...] Por isso, à distância, eles creem em seus poderes sagrados e profanos e os respeitam; evitam suas agências por meio de usos raros e compromissos frouxos e quando possível, preferem fabricar as próprias crenças e os próprios cultos (BRANDÃO, 2007, p. 270).

Para os grupos que fazem parte da religiosidade popular, os ritos e costumes por eles estabelecidos devem responder aos anseios concretos da vida cotidiana. As expressões populares, muitas vezes, e talvez, unicamente, para a maioria dos praticantes, seja elo de contato real com uma face do sagrado que, magicamente intervém, delimitando uma experiência sobrenatural extracotidiana que ocasiona resposta e sentido.

Para o “Borboletas Azuis”, a religião oficial era entendida como verdadeira, assim como o reconhecem os oficiantes como aptos para o ministério que desempenham, embora critiquem atos de oficiantes que geram descontentamento aos seguidores do movimento, criando uma resistência contra a liberdade de expressão e elasticidade que os ministros católicos conquistaram com o advento do Concílio Vaticano II. O ponto de divergência e contestação do grupo remetia aos usos e costumes dos oficiantes oficializados. Para o “Borboletas Azuis”, a maioria dos padres deixara de vivenciar integralmente as antigas práticas dos ícones cristãos reverenciados no movimento (Pe. Cícero e São Francisco de Assis), como a exemplo da prática de orações por longos períodos, o uso ininterrupto dos trajes eclesiais e a cobrança de valores para a realização de atos religiosos.

Lísias Negrão, ao entrevistar Antônio de França, o sucessor de Roldão na liderança do grupo, percebe nas palavras do predecessor, a crítica estabelecida em relação às mudanças ocorridas após o concílio e a diferenciação no cotidiano dos sacerdotes em relação à comunidade de fé:

“Só o ponto e vírgula que nós consideramos: que as coisas de Deus não se muda nem se reforma constantemente. É duma só forma até o fim. Isso nós temos, nós respeitamos os padre, sabemos que os padre que cumprem, realmente são de Deus. Os que não cumprem, ficam esperando para pagar na Terra o que de errado fizeram, como qualquer outra criatura” (NEGRÃO, 1981, p. 6).

Para Martha Abreu (2002), as conceituações de religiosidade popular se confundem com as perspectivas de historiadores que a delimitam sob um conceito restritivo de oposição ou luta de classes desprivilegiadas contra as religiões oficiais. Outra dificuldade se apresenta no conceito negativo do termo sincretismo religioso, que fora usado como sinônimo de religiosidade popular, sendo entendido “como símbolo da resistência à opressão da Igreja Católica [...] Em termos puramente espirituais, o sincretismo foi visto com sendo a fusão e/ou justaposição de diferentes práticas religiosas” (ABREU, 2002, p. 84).

Costumo afirmar que cultura popular/religiosidade popular, não são conceitos passíveis de uma definição simples ou a priori. Não são um conjunto fixo de práticas ou textos, nem conceitos definidos e aplicáveis a qualquer período histórico. Nesse sentido, *cultura popular e religiosidade popular*, não podem ser conceituados, devem ser enfrentados (ABREU, 2002, p.85).

O caminho mais plausível, apontado por Abreu (2002) é o de examinar as práticas católicas e outras práticas religiosas ao longo do tempo e espaço, estudando as estratégias de controle das autoridades eclesásticas católicas e as civis e também as estratégias populares de resistência, como a exemplo dos batuques e candomblés e festas de manifestação popular.

Para Rubem César Fernandes (1984), a “religião popular” não consta de um termo nativo, pois nenhuma pessoa se define com praticante da mesma, e sim, praticante de alguma religião institucionalizada, mesmo que seja em seu cerne, um praticante de religiosidade popular, não se considera como “popular”.

O autor ainda define duas camadas de religiosidade, as religiões oficiais, consideradas eruditas, como o catolicismo oficial, o protestantismo histórico e o espiritismo Kardecista, tendo por outro lado, em contraposição, o catolicismo popular, o pentecostalismo e a macumba, respectivamente. As religiões ditas oficiais representam os interesses das camadas cultas e dominantes e expressam seus instrumentos de cerceamento e controle, enquanto as populares fogem ao controle ritual, instaurando um viver religiosos dissociado do institucionalismo, trazendo consigo as tradições e experiências adquiridas com o contato

direto com o sagrado sem que seja necessário a intervenção ou mediação das instituições eclesiais institucionalizadas e seus representantes.

Cada tradição religiosa – Católica, Protestante, mediúnica, e outras mais que por Ventura apareçam – será atravessada pela oposição “Dominante-Erudito/Dominado-Popular”, gerando estilos rituais e simbólicos correspondentes. [...] A memória do sagrado é construída pela dialética da dominação, que se revela como tal graças a consciência que dela tem dos dominados. Há um “saber popular” que é transmitido a duras penas, em um trabalho contraposto às invectivas assimiladoras dos agentes da erudição (FERNANDES, 1984, p. 05).

Perpassando todos estes autores e autoras, podemos perceber, que os movimentos messiânicos milenaristas, assim como também o nosso objeto de estudo, O “Borboletas Azuis” de Campina Grande, enquadra-se nos comentários e definições de religiosidade popular descritos, elaborando uma contraposição à igreja oficial, que, na visão dos adeptos, se encontrava corrompida pela contemporaneidade e pela ganância material, cobrando altos custos para realizações de cerimônias religiosas, além de doações dos fiéis.



Figura 6 – Adeptos do “Borboletas Azuis” peregrinando no centro da cidade de Campina Grande. À esquerda, Luciene Diniz, profetisa do grupo e à direita, trajando uma batina escura, frei que fazia parte do movimento. ¹⁸

O movimento “Borboletas Azuis” emerge do catolicismo tradicional, como um movimento popular que buscava restaurar a Santa Igreja Católica, resgatando antigos princípios de fé e vida cristã, propagados pelo catolicismo popular durante eras precedentes

¹⁸ Fotografia extraída de Araújo (2008, anexo 3).

ao Concílio Vaticano II. O grupo ainda mesclava ao seu ritual, elementos do kardecismo, que ora se confundiam com práticas populares espíritas kardecistas e de mesa branca, como banhos purificatórios através de água salgada e expulsão de espíritos pagãos.

Vale salientar que o grupo, mesmo apresentando esta configuração mista e bricolada de um catolicismo permeado de manifestações espíritas, não se declaram espíritas, ou pertencentes a uma religião nova ou mista. Afirmam veemente fazerem parte da *única e verdadeira religião*, o catolicismo e combatem qualquer comentário ou questionamento sobre o uso de práticas espíritas, alegando que suas práticas fazem parte do viver católico e que estas manifestações espirituais sempre foram parte da ação de Deus sobre os seres humanos, desde a época de Jesus e seus discípulos.

De acordo com a pesquisa de Lísias Negrão, um ano após o não acontecimento do dilúvio, o grupo não somente legitima a fé católica, como também reconhece as autoridades eclesiásticas como o papa e seus demais representantes que detém os bens de salvação do catolicismo romano, os sacramentos, estabelecendo controle sobre os fiéis:

Não se trata apenas da citação do catolicismo, mas também da Igreja Católica como a instituição que legitimamente veicula e administra. Há o reconhecimento da autoridade dos seus agentes especializados, desde o Papa, visto como "o representante de Deus na Terra" (Antônio de França), até os sacerdotes, que detém o monopólio dos sacramentos, especialmente do batismo e do casamento. (NEGRÃO, 1981, p. 05)

Negrão, ao entrevistar Antônio de França e Helena, questiona-os sobre as práticas espíritas e recebe o depoimento dos mesmos, negando esta caracterização bricolada do movimento:

Apesar dos evidentes aspectos espíritas, que a simples descrição do grupo revela, os seus remanescentes rejeitam o rótulo de "espíritas" a eles atribuído. Definem-se simplesmente como católicos, mais do que isso, negam a possibilidade da existência de outra religião além da católica. "Deus deixou só uma religião, não deixou duas, então, por meio desta religião! Que é a religião católica, se vai ao campo de Deus" (Antônio de França) ... "Toda vida eu tive religião, toda vida eu fui católica, nunca misturei duas religiões, nem três, porque não existe, né? E todo mundo sabe muito bem que só existe uma, que não existe nem duas nem três". (D. Helena), É justamente por serem católicos que aderiram ao grupo, muito embora, em alguns casos, apenas depois da adesão, tenham percebido "porque é preciso ser católico, ... porque só aqui, nesta casa, vendo os espírito que vem aqui, que eram bons na terra, eram bons católicos". (Antônio de França). (NEGRÃO, 1981, p. 04).

Segundo Negrão (1981, p. 04), o que se torna uma característica única no movimento “Borboletas Azuis” é este hibridismo entre catolicismo e espiritismo, presente e não confesso pelos adeptos, que se diferencia das demais expressões de religiosidade espírita, como o kardecismo e os demais cultos afro-brasileiros, que aceitam e afirmam esta síntese, declarando abertamente a fé católica e a experiência espírita como um todo.

Nos capítulos segundo e terceiro, apresentaremos as influências do catolicismo popular e espiritismo kardecista de mesa branca que influenciaram o fundador do movimento a estabelecer este modelo de bricolagem religiosa, além dos motivos pelos quais o movimento estabelece uma crítica conservadora em relação às mudanças ocorridas na vivência e nos rituais da Igreja Católica que sucedem o Concílio Vaticano II.

1.2. Messianismos, milenarismos, movimentos messiânicos e movimentos milenaristas.

Movimentos religiosos, de cunho messiânico, foram por muitas décadas tomados por preconceito, sendo entendidos como patologias sociais e expressões teológicas deturpadas, ou seitas. De acordo com João Arruda (1993, p. 9), somente após obras como as de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo no Brasil e no Mundo* e *Messianismo e Conflito Social*, respectivamente, ocorreram avanços de pesquisa e diálogo acadêmico em torno do assunto, entendendo estas expressões como parte da cultura e religiosidade popular. Suas obras se tornaram referências obrigatórias para pesquisadores que buscassem desenvolver pesquisas dessacralizadas, que agora trazem em sua análise, aspectos de movimentos culturais e sociopolíticos.

Negrão (2001, p. 119) considera que mesmo atualmente, ainda são estabelecidos preconceitos em torno das manifestações messiânicas ou milenaristas:

[...] tais movimentos tendem a ser vistos pelas vigências política e intelectual como irracionalidades e arcaísmos, frutos da ignorância e do fanatismo. Sendo seus adeptos historicamente recrutados entre indígenas destribalizados, populações camponesas, povos colonizados e setores populacionais marginalizados ou excluídos da moderna civilização ocidental (os “primitivos da modernidade” segundo Hobsbawm), tendem a ser interpretados como arcaísmos deletérios e antiprogressistas, quando não com episódios de loucura coletiva, a que se chega a partir de efeitos desencadeadores da loucura do líder (NEGRÃO, 2009, p. 34).

De acordo com Arruda (1993, p. 23), teóricos como Weber, Engels, Lanternari e Beer, compartilham da mesma ideia de que, para que um fenômeno messiânico aconteça, é preciso haver uma crise sociopolítica generalizada que desperte uma necessidade de salvação em contraposição à desgraça política de um povo. Para ele, o messianismo ocorre em situações nas quais os menos privilegiados são submetidos a fortes pressões internas, elementos subjetivos religiosos imbuídos de uma ética de salvação que anuncie a inversão das estruturas hierárquicas da sociedade, privilegiando as classes dominadas. *O reino messiânico passaria necessariamente, pela inversão da hierarquia social vigente* (ARRUDA, 1993, p. 41).

Para Weber (1964, p. 489) isto acontece com frequência em classes oprimidas, camadas desprivilegiadas nas quais, através do sofrimento e falta de esperança, acabam por ceder aos encantos de um apelo mágico de missões religiosas onde prosperam elementos emotivos. Para ele, era em momentos de opressão extrema que povos subjugados, em contrapartida à opressão sofrida, constroem apelos religiosos. Como o movimento da física, de ação e reação, quanto maior a ameaça e a opressão, maior seria a resposta e a esperança salvífica desencadeada por meio do apelo religioso. A análise de Weber demonstra que o messianismo delimita-se numa luta de classe em busca de novas perspectivas, tendo como base de discurso e legitimidade, a religião.

Já, para Peter Berger, a religião delimita-se como um produto histórico, examinado através das lentes da sociologia. Para ele, a cultura é “uma totalidade dos produtos do homem” (BERGER, 1985, p.19), uma construção de mundo *sintética* que provê ao ser humano, uma base de vivência e experiência estrutural, isto é, uma *segunda natureza* (BERGER, 1985, p. 24).

Para o autor, as sociedades necessitam de instrumentos de controle para reforçar as tradições e imbuir significado para este mundo sintético que o ser humano criou e nele existe. Um grande esforço é feito para se manter uma realidade plausível, e para que isto aconteça, é necessário criar uma vida social ordenada e significativa, tanto objetiva, como subjetivamente. Uma estrutura de saber onde os mesmos se relacionam e co-habitem, o *nomos* (BERGER, 1985, p. 32)¹⁹.

Quando estas estruturas culturais não demonstram perfeição plena através da percepção de indivíduos ou grupos, tendem a ser desconsideradas. Estes indivíduos apresentam-se dissociados do sistema por não encontrar nele mais nenhum sentido. Deslocados da cultura,

¹⁹ Berger usa a terminologia *nomos* para denominar uma estrutura cultural ou religiosa vigente, uma cultura (BERGER 1985, p. 19).

tornam-se párias, que não encontrando participação, ou lutam desesperadamente contra o *nomos* estabelecido ou isolam-se criando estruturas radicais que expressem sua inconformidade, o que se denomina como o fenômeno da *anomia* por Berger.²⁰

Berger (1985, p. 41) apresenta a religião como um escudo contra a anomia e o caos gerado pela ruptura social que a mesma desencadeia. Por meio da religião, o homem pode exteriorizar seus desejos não alcançados e transcender a exclusão gerada pela anomia. Pode assim, combater o *caos* por meio do novo *cosmos* gerado, o religioso (BERGER, 1985, p.40). A religião cria um processo contrário ao da *anomia*, pois, além de proteger o indivíduo do caos, reforça o *nomos* já existente, denotando força e estruturação ao mesmo.

Seguindo tais teorias, podemos entender que a religião se mostra como aspecto fundamental no reforço da cultura ou *nomos*, como instrumento de *re-significação* e autoafirmação de mundo, criando um novo mundo, o mundo religioso, mundo qual, encontra-se o movimento que estudaremos. O “Borboletas Azuis” criam uma estrutura religiosa que denota ao grupo um novo sentido diante do *caos* gerado pela falta de condições sociais da população menos favorecida. Nesta nova estruturação religiosa onde não haveria mais fome ou necessidade de comercialização, o *nomos* alcançaria significado para os adeptos do movimento.

Embora o entendimento de messianismo e milenarismo possa ser desenvolvido por leigos como sinônimos de um mesmo aspecto religioso, messianismo e milenarismo são dois conceitos sociológicos aplicados a grupos religiosos que buscam uma libertação espiritual terrena sobre opressões político-sociais sofridas. Mesmo que alguns grupos apresentem características tanto messiânicas como milenaristas, messianismo e milenarismo diferem em conceito.

Movimentos messiânicos e movimentos milenaristas diferem de messianismos e milenarismos. Lísias Negrão (2001, p. 119) observa que o messianismo se pauta na força de um messias, um representante do sagrado ou do transcendente que intercede e atua por vontade de forças sobrenaturais e o milenarismo, além de acreditar em um messias, seja este um guerreiro, criança, ancião, ou virgem, esperam que este emissário divino “porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtudes e justiça” (NEGRÃO, 2001, p. 119), implicando numa mudança de mundo, muitas vezes catastrófica e que apresenta um final e um novo começo purificador, um *eschaton*.

²⁰ Termo usado por Berger que representa a separação radical do indivíduo do mundo social (BERGER 1985, p. 34).

Ao apresentarem-se como movimentos, expressam uma diferença fundamental, são expressões coletivas, que somente acontecem quando um determinado grupo estabelece caráter de validade à atuação e mensagem do líder espiritual, sendo este um ou mais indivíduos que representem os anseios de libertação da comunidade.

Constituem-se como movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capaz de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribulações e sofrimentos e indicar caminhos para a sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos (NEGRÃO, 2001, p. 119).

O messianismo surge, na maioria das vezes, em realidades de pobreza extrema e se define como resposta para a superação dos males sociais sofridos. Como o termo já define, é necessário que surja um messias, um enviado sobrenatural que guiará e liderará seu povo a esta vitória. O milenarismo difere-se por pretender suprir uma necessidade de libertação terrena dos males enfrentados. A salvação não é entendida como um acontecimento futuro numa eterna pós-vida espiritual, mas um reino divinal instaurado na terra durante um período milenar. O milenarismo segue a ideologia das tradições cristãs baseadas na bíblia e nos escritos apocalípticos que descrevem mil anos de paz e prosperidade sem sofrimento. Já no messianismo, não se torna necessário um milênio de paz, mas a instauração imediata de uma nova ordem social e religiosa que responda aos anseios projetados na figura carismática de um líder.

Negrão (2009, p. 34) afirma que os movimentos messiânicos e milenaristas podem ou não, apresentar o uso de violência. O “Borboletas Azuis” se apresenta como um movimento pacífico, no qual não houve revolta armada ou uso de violência por parte de seus líderes e adeptos. Sua busca por justiça social era somada a um desejo permanente de purificação e separação do mundo vigente, estabelecendo uma crítica ao mundo moderno, e um resgate da tradição católica dos moldes anteriores ao Vaticano II, que para a confraria religiosa, apresentou uma imersão da igreja e comunidade católica aos anseios dos tempos modernos, tornando-se pecaminosa e aversa à vontade de Deus.

Aos dias vinte e três de janeiro de 1972, Roldão funda a Casa de Caridade Jesus no Horto e passa a realizar curas espirituais no espaço do templo. Como sua fama de curandeiro havia se propagado na cidade e Estado, muitas pessoas convergiam àquele lugar em busca de

soluções espirituais. De acordo com Negrão e Consorte (1984, 327) Roldão firmara ter atendido e curado mais de vinte mil pessoas na Casa.



Figura 7 – Parte interna do templo. Fotografia tirada de costas para o altar em direção à saída principal. ²¹

O templo construído no espaço da Casa de caridade Jesus no Horto apresenta todas as características desta tradição anterior ao Concílio (CARNEIRO, 1995, p. 31). O grupo apregoava uma solução utópica, visto que a solução para as aflições sociais se determinaria através de um dilúvio, que restringiria a população somente aos eleitos, constituindo uma nova terra de fartura e possibilidades de estabelecimento de uma nova ordem mundial sacralizada e pautada segundo a visão do grupo.

²¹ Fotografia do acervo pessoal do autor.



Figura 8 – Fotografia frontal do templo. ²²

A acolita realiza orações diárias por diversas horas e toca o sino três vezes ao dia. Ela relata que sua função foi estabelecida pelo Pe. Cícero através de uma revelação trazida por meio do sucessor de Roldão, Antônio de França²³, na qual ela teria sido escolhida como fiel guardadora do Templo até que um novo líder aparecesse e continuasse a obra do Pe. Cícero naquele lugar, estabelecendo assim um novo reino celestial.

²² Retirada do blog de Renato Diniz, jornalista e repórter na cidade de Campina Grande que publicou matéria sobre o movimento em 12 de maio de 2014, demonstrando que o movimento ainda continua vivo no ideário da população Campinense. Matéria publicada em: RenatoDiniz.com – Um pouco de tudo na visão de quem acha que entende do assunto. Disponível em: <http://www.renatodiniz.com/2014/05/a-ultima-borboleta.html>. Último acesso em 25 de abril de 2014.

²³ Antônio de França era o adepto mais próximo de Roldão e estabelecia uma sub-liderança sob os comandos do líder. França também incorporava o espírito do Pe. Cícero e trazia revelações e conselhos aos adeptos na Casa de Caridade. Após o falecimento de Roldão ele propõe ao grupo lidera-los, sendo aceito por todos como o novo líder sucessório do movimento.



Figura 9 – Irmã Maria Tereza no espaço lateral do templo do “Borboletas Azuis”.²⁴

Podemos perceber no trabalho de Lidianie Araújo, as palavras de dona Tereza, nas quais expressa todas estas características de expurgo, purificação, e possibilidade de um novo mundo, repleto de pureza e fartura:

[...] esse exemplo (dilúvio) vinha pra humanidade (...) pra que o povo que escapasse se voltar pra Deus né (...) O mundo ia ser mais simples, humilde (...) aqui era o campo santo, o paraíso, tudo unido, tudo unido (...) quem escapasse depois do dilúvio vai se encontrar com um e falar: como é que foi que tu escapasse? Aí se abraça (...) ia ser uma maravilha depois do dilúvio, ninguém ia trabalhar mais. Olhe, o mundo ia ficar como nos tempos atrás: os animais tudo solto, ninguém trabalhava pra ninguém, quando saísse fora assim tinha ali uma batata, um cará, um pé de manga, tudo ali, uma fartura, ninguém ligava; nem feira não tinha (...) (ARAÚJO, 2008, p. 59).

Para Tereza e para os demais adeptos dos ‘Borboletas’, o pós-dilúvio não só expurgaria os pecados da população mundial, punindo os infiéis por meio da inundação, mas também estabeleceria um reino perfeito para todos os sobreviventes, onde haveria abundância de alimentos, onde não seria mais necessário plantar e colher e onde a carne dos animais seria de fácil acesso para consumo. Um mundo idealizado pelo grupo e que se assemelha ao paraíso

²⁴ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador. Imagem obtida em 10 de fevereiro de 2013.

primordial bíblico, onde viviam Adão e Eva. Um ambiente de pureza e fartura, abolindo o presente que é um ambiente que decorre da possibilidade de ocasionar fome e necessidade.



Figura 10 – Adeptos do movimento messiânico-milenarista “Borboletas Azuis” em maio de 1980 descarregando alimentos para estocagem na espera do dilúvio.²⁵

A grande obra ficcional de Thomas More, escrita no século XVII, *Utopia*, estabelece uma crítica ao estado opressor e desfavorável da época. Sua obra consta da descrição de um reino imaginário, onde tudo era comum e todos eram beneficiados. Em sua Utopia não haveria opressão de pequenos grupos sobre a população, fartura de alimentos e renda igualitária e nenhum dos habitantes seriam submetidos a condições subumanas. Reinariam a harmonia, a paz e a prática das virtudes, beneficiando a todos.

Nessa república nada é privado e o que conta é o bem público. Todos sabem que, em outro lugar, cada um deve cuidar de si próprio, caso contrário, por mais próspero que seja o Estado, arrisca-se a morrer de fome; portanto, é forçado a ter em vista sobretudo os seus interesses e não aqueles do povo, ou seja, dos outros. Em Utopia, ao contrário, onde tudo pertence a todos, qualquer cidadão está seguro de que não lhe faltará nada, desde que os celeiros públicos estejam repletos. A distribuição de mercadorias é feita em grande escala. Não há indigentes, mendigos e, mesmo sem nada possuir, todos são ricos. Existe riqueza maior do que viver sem preocupação alguma, de espírito feliz e livre, sem ter de se inquietar pelo pão, sem ser incomodado pelas queixas da esposa, sem temer a pobreza de um filho, sem atormentar-se com o dote de uma filha? E ainda estar assegurado com recursos e a felicidade dos seus, mulher, filhos, netos e até a mais distante posteridade que um nobre pudesse desejar para si? Tudo foi projetado para aqueles que

²⁵ Fotografia Extraída de Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>. Último acesso em: 09 de abril de 2013.

trabalharam outrora e que hoje são inválidos, mas também para aqueles que estão em atividade (MORE, 1995, p. 108)

A visão da vida que o grupo “Borboletas Azuis” levaria após o dilúvio muito se assemelha à exposição de Morus. Uma utopia de um mundo futuro pós-diluviano onde todos viveriam em igualdade, tendo tudo em comum, sem que houvesse necessidade de mendicância e o trabalho seria valoroso e gratificante a todos os membros da comunidade, recebendo salário justo e possibilidade de recursos e benefícios para todos os seguidores do movimento.

Os Movimentos Messiânicos Milenaristas, de acordo com Gabriel Cohn (1981, p. 11), são manifestações em busca de uma salvação coletiva, em que se almeja um reino vindouro e terreno. Uma expectativa da concretização de um súbito advento, no qual será instituído um novo estado das coisas terrenas através de uma intervenção espiritual divina. Uma luta em busca de uma nova identidade e dignidade como reação de um grupo oprimido e dominado em busca de instaurar uma nova ordem social que os valorize e restaure a dignidade outrora perdida, ou nunca alcançada.

Segundo os relatos descritos na bíblia, as comunidades cristãs da primeira metade do século I eram comunidades igualitárias que esperavam a vinda do messias e viviam em conformidade, tendo tudo em comum, uníssonos na doutrina, na comunhão e no partir do pão. Os movimentos messiânicos milenaristas, dentro de suas práticas e costumes, assemelham-se às mesmas, tanto na vida em comunidade igualitária e participativa, como na esperança da instauração de um novo mundo com a volta do Messias, como afirma Leonildo Silveira Campos, *uma nova identidade social* (CAMPOS, 2012, p. 19).

Os movimentos messiânicos brasileiros são vertentes sociorreligiosas escatológicas que se desenvolvem associados à influência do catolicismo romano brasileiro e que nascem como forma de proteção e refúgio contra a anomia e busca de compensação de perdas materiais, estabelecendo uma defesa conservadora radical, moralização, apelo à justiça social e o ‘expurgo do mal’ através da purificação da sociedade.

Os Movimentos Messiânicos e Milenaristas tem surgido com relativa frequência em todo o território nacional, sendo de origem católica como o “Borboletas” e seu fundador Roldão, ou protestante como os “Muckers”²⁶ sob a liderança de Jacobina e o de “Surto de Catulé”²⁷,

²⁶ De acordo com Gracilene Felix Medeiros (2012, pp. 124 - 132) o evento aconteceu em Sarapiranga - RS, numa comunidade protestante de raízes luterana germânica. Seus líderes, João Maurer e sua esposa Jacobina realizavam curas e orações. Jacobina prevê o fim dos tempos por meio de um evento cataclísmico, uma bola e

na liderança de Joaquim. Geralmente acontecem por meio de bases católicas ou protestantes pela característica salvífica presente nas mensagens da tradição bíblica de vitória, nova vida e libertação da opressão por meio de um enviado divino.

Um dos primeiros movimentos que associou estes elementos foi o sebastianismo português. Movimento messiânico-milenarista no qual se acreditava que Dom Sebastião, morto em batalha em defesa da coroa, retornaria ao mundo dos vivos e instauraria um novo milênio de vitórias e crescimento para o reino de Portugal. Um reino místico-religioso e militarizado que resgataria a glória da coroa portuguesa de outrora, quando era considerado centro do comércio mundial. Aprofundaremos ainda mais o pensamento sebastianista ao tratarmos mais adiante dos movimentos messiânicos rústicos.

1.3. O messias como peça fundamental dos movimentos messiânico-milenaristas.

De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977, pp. 25 - 28), o termo messianismo deriva da tradição judaico-cristã seguindo a exemplificação dos profetas bíblicos, como Moisés, que fora escolhido por deus para libertar o povo oprimido no Egito. Este líder espiritual oferecia uma mudança social por meio da religião. Uma resposta ao sofrimento por meio da libertação e a promessa de uma nova terra, onde tudo seria diferente, sem a exploração da escravidão e com fartura de alimentos. Uma vida digna e restaurada, tanto espiritual, como material. “Noutras palavras, são movimentos em que devemos sempre encontrar, estreitamente unidos, aspectos terrestres e celestes, seja na motivação que os causa, seja nos fins que se propõem [...]” (QUEIROZ, 1977, p. 31).

O aparecimento do messias é sempre antecedido de um momento de intensa espera messiânica. O estado de opressão sócio-política estimula os negativamente privilegiados a buscar saídas frente ao estado de indignação a que estão submetidos. Esse clima social passa a se constituir numa fonte eficiente para o surgimento de alternativas à situação atual. Nessa situação de efervescência já é perceptível que o clima de espera messiânica é, simultaneamente, a espera também de uma nova sociedade (ARRUDA, 1993, p. 21)

Queiroz (1977, p. 27) afirma que sociólogos como Max Weber e Paul Alphonse Deschamps desenvolveram análises do termo quase que exaustivamente e alcançaram definições

fogo. O movimento foi atacado por revoltas de habitantes locais e religiosos, culminando em atos recíprocos de violência e posteriormente, a destruição do povoado de Ferrabraz.

²⁷ Segundo José Roberto Feitosa de Sena (2012, pp. 102 e 103), este movimento foi denominado “surto do Catulé” por usar de violência através de espancamentos de adultos, crianças e animais em busca de “expulsar o satanás”, tendo o saldo de morte de quatro crianças. Ocorrido em Malacacheta – MG, de vertente protestante pentecostal, Igreja Adventista da Promessa.

próximas. Ambos definem o messias como um indivíduo que é enviado ou representa a divindade. Um emissário de justiça e de mudanças que corrigiria a imperfeição deste mundo trazendo a vitória sobre o mal, instaurando um reino de paz e justiça, um paraíso terrestre. Sua posição privilegiada como líder, sua autoridade através do discurso e suas capacidades mágicas reconhecidas o tornam uma figura carismática, isto é, um ser dotado de poderes sobrenaturais ou sobre-humanos que se mostra mais poderoso ou evoluído que qualquer outra criatura terrena, “ora como indivíduo exemplar e, em consequência, como chefe caudilho, guia ou líder” (WEBER, 1944, pp. 252-253).

Enquanto personagem-guia, terá a missão de conduzir seu povo à vitória contra o mal, e liderará a instalação de um paraíso terrestre. Nesse momento, o messias funciona como elemento catalizador das aspirações sociais dos oprimidos. É porém, com a sua chegada que a ânsia de uma nova sociedade, fundamentada na crença do surgimento iminente de uma sociedade paradisíaca - elemento que fornece as condições subjetivas para o movimento -, se articulará com as necessidades de por fim ao estado de opressão vigente – condições objetivas. Caberá a ele articular os dois níveis e caminhar rumo à utopia que só se concretizará com a destruição total e irremediável dos opressores (ARRUDA, 1993, p. 22).

De acordo com Queiroz (1977, p. 29), Alphandéry, estudando casos medievais percebe nos movimentos uma mesma configuração, um líder de poderes espirituais místicos e que se declara além da hierarquia eclesiástica. Este tipo de liderança possuiu uma autoridade que se torna ameaçadora para as instituições religiosas e estruturas sociais vigentes, pois desafia as estruturas *nômicas* estabelecidas e a cultura vigente.

Roldão, o representante do sagrado, ou messias do movimento “Borboletas Azuis”, mesmo não sendo assim denominado pelos seus liderados, estabelecia uma crítica contra a estrutura religiosa vigente. Roldão afirmava ser católico praticante, mas acreditava que as mudanças ocorridas após o Concílio Vaticano II que haviam se instaurado na Igreja Católica de sua época, pervertiam os conceitos primordiais de culto e vivência cristã.

A inserção da língua materna ao invés do latim, a admissão de músicas populares juntamente com os hinos tradicionais, inserção de instrumentos como a guitarra, violão e bandas no espaço do altar, o sacerdote voltado ao público ao contrário do altar. Tudo isto motivou o líder do movimento a estabelecer uma crítica radical e conservadora por meio do “Borboletas Azuis”.

O documento do Concílio Vaticano II, *Sacrosantum Concilium – Sobre a Sagrada Liturgia*, afirma que a Igreja e os fiéis necessitam de uma adaptação às necessidades da

atualidade, defendendo assim, uma reforma e incrementos na liturgia oficial. Quanto à língua materna, confirmamos o texto:

A língua – 63. Pode ser frequentemente muito útil para o povo o uso do vernáculo na administração dos sacramentos e sacramentais. Dê-se-lhe, por isso, maior importância segundo estas normas: a) Na administração dos sacramentos e sacramentais pode usar-se o vernáculo, segundo o estatuído no art. 36; b) A competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o art. 22 § 2.º desta Constituição, prepare o mais depressa possível, com base na nova edição do Ritual romano, os Rituais particulares, adaptados às necessidades de cada uma das regiões, mesmo quanto à língua. Procure-se que sejam postos em vigor nas respectivas regiões depois de aprovados pela Sé Apostólica. Na composição destes Rituais ou especiais «Colecções de ritos» não devem omitir-se as instruções que o Ritual romano coloca no início de cada rito, quer sejam de carácter pastoral, quer digam respeito às rubricas, quer tenham especial importância comunitária.²⁸

Os hinos tradicionais, sem a inserção de instrumentos além do órgão de tubo eram de igual modo, criticados pelo líder Roldão e seus seguidores. Para ele, estas inserções desconfiguraram o modelo tradicional e puro do evangelho, inserindo assim, elementos pecaminosos ao que antes era santo. Vejamos o que diz o documento sobre isso nos artigos 119 e 120:

Adaptação às diferentes culturas - 119. Em certas regiões, sobretudo nas Missões, há povos com tradição musical própria, a qual tem excepcional importância na sua vida religiosa e social. Estime-se como se deve e dê-se-lhe o lugar que lhe compete, tanto na educação do sentido religioso desses povos como na adaptação do culto à sua índole, segundo os art. 39 e 40. Por isso, procure-se cuidadosamente que, na sua formação musical, os missionários fiquem aptos, na medida do possível, a promover a música tradicional desses povos nas escolas e nas acções sagradas. **Instrumentos músicos sagrados** - 120. Tenha-se em grande apreço na Igreja latina o órgão de tubos, instrumento musical tradicional e cujo som é capaz de dar às cerimónias do culto um esplendor extraordinário e elevar poderosamente o espírito para Deus. Podem utilizar-se no culto divino outros instrumentos, segundo o parecer e com o consentimento da autoridade territorial competente, conforme o estabelecido nos art. 22 § 2, 37 e 40, contanto que esses instrumentos estejam adaptados ou sejam adaptáveis ao uso sacro, não desdiguem da dignidade do templo e favoreçam realmente a edificação dos fiéis.²⁹

Outro fator de revolta radical foi o do costume dos sacerdotes que eram usados diariamente, do despertar ao dormir. Todos os sacerdotes católicos eram vistos sempre

²⁸ Texto Extraído de: file:///D:/documentos/Vat%20II/Sacrosanctum%20concilium%20-%20A%20Sagrada%20Liturgia.htm. Último acesso em 27/02/1014.

²⁹ Idem.

paramentados com suas vestes tradicionais antes das mudanças ocorridas no Concílio Vaticano II. O grupo chegou a criticar os sacerdotes que passaram a usar as vestes características somente no espaço sagrado, saindo às ruas e ao convívio com a comunidade, trajando vestes comuns. Essa crítica gerou, dentro do movimento, uma intervenção interna em busca de fortalecer esta tradição. Segundo depoimento de Helena Diniz, após imposição do espírito do Menino Jesus, incorporado em sua filha Luciene, por meio de profecia, o grupo liderado por Roldão passa a vestir timões azuis e brancos em semelhança a Jesus e seus discípulos e realizavam frequentes peregrinações, passando em frente às principais igrejas católicas de Campina Grande e cidades circunvizinhas, trajando as vestes características do movimento, para deste modo, produzir um exemplo de reverência e piedade, demonstrando como um verdadeiro católico deveria se agir e se vestir.

E o próprio Cristo profetiza, incorporado na jovem Luciane Diniz, de apenas 18 anos. Durante meses seguidos, todos os domingos, Luciane repetiu a profecia e as demais ordens divinas: todos os adeptos deveriam vestir-se com roupas religiosas, as mulheres como Nossa Senhora e os homens como os apóstolos, nas cores branca e azul; (NEGRÃO, 1981, p. 01).



Figura 11 – Helena Diniz Fernandes na entrada do templo do “Borboletas Azuis”.³⁰

³⁰ Acervo pessoal do pesquisador.

Ao entrevistar Helena, percebemos em seu depoimento, a imposição das peregrinações, em que todos, até mesmo Roldão, deveria seguir o exemplo do menino Jesus, levando o exemplo a todas as igrejas católicas da cidade de Campina Grande e circunvizinhança:

Aqui (Casa de Caridade) foi um marco que seu Roldão abriu; que o Pe. Cícero abriu através de seu Roldão pra levantar a Igreja Católica. [...] Fizemos as romarias, um ano de pé descalço, todo mundo. [...] Nós tínhamos que passar, durante um ano, em frente a todas as igrejas católicas como um exemplo de como as mulheres deveriam se vestir e os homens também e como deveriam rezar como a gente rezava e cantava... fazíamos como se fosse uma procissão, levávamos a imagem e os escudos daqui. [...] Seu Roldão andava de pé descalço também, coitado, andava com uma dificuldade danada (risos), por causa da idade dele.³¹

A figura de Roldão, mesmo demonstrando fragilidade, caracterizava para o grupo, um líder penitente e sofredor, que mesmo com a idade avançada, submetia o corpo a purificação e não se punha em patamar de superioridade em relação aos seus liderados, participando ativamente das mesmas penitências que eram submetidos aos demais adeptos.



Figura 12 – Helena Diniz no domingo à tarde, esperando a hora correta para o início da reunião.³²

³¹ As palavras de Helena foram extraídas de entrevista que realizamos em: 13 de abril de 2013, 21 de maio de 2013, 02 de junho de 2013, 15 de setembro de 2013 e 12 de fevereiro de 2014. Utilizamos aparelho de gravação de áudio.

³² Fotografia do acervo pessoal do pesquisador. Imagem capturada em 25 de agosto de 2013.

Weber determina o *carisma* como uma qualidade pessoal extracotidiana que certo indivíduo porta, diferenciando-o dos demais. Este atributo de destaque pode se apresentar como magicamente condicionada, como é o caso dos profetas, sábios e curandeiros ou jurídicos, como por exemplo, chefes, caçadores e heróis de guerra que se destacam por apresentar características que são reconhecidas pelo grupo no qual está inserido como sobrenaturais, sobre-humanas ou no mínimo, extracotidianas (WEBER, 2003, p. 158).

O que precisamos entender é o quão fundamental é a presença desta liderança carismática. Sem ela, os movimentos de cunho messiânico milenaristas tendem a perder sua força paulatinamente e até mesmo a extinguir-se. Weber (2003, p. 158-165) discorre que, geralmente, na ausência da figura carismática, estabelece-se sucessão por parte de uma ou mais figuras de semelhante carisma dentro dos movimentos.

É o líder carismático que propaga os ideais, delimita a crença e a fé, e em sua maioria, que os funda e estabelece os movimentos, sendo também aquele que determina sua dissolução ou enfraquecimento. O messias, no caso, é o personagem principal de todo movimento messiânico e milenarista. “O messias seria o sujeito da ação com a responsabilidade de transformar uma realidade de sofrimento em uma realidade em que o sofrimento fosse superado” (ROSSI, 2002, p. 13).

As crenças messiânicas pressupõem, pois, uma necessidade de salvação terrena [...] uma tentativa ativa para criar realmente no mundo o milênio. Justamente porque contém “idéias muito definidas” de como sanar as imperfeições, o messianismo não é crença passiva e inerte de resignação e conformismo; apontando para a possibilidade de um futuro melhor, [...] leva os homens a se congregarem para conseguir, por meio da ação, os benefícios que almejam.” (QUEIROZ, 1976, p. 37)

Em meio a estas recriações sociais que as manifestações milenaristas propõem, podemos perceber a criatividade e imaginação de seus líderes em busca de proporcionar uma fuga da opressão, crescendo o sentimento de esperança e de mudança social, transferindo seus seguidores de uma situação de sofrimento e opressão para a visão de um novo conceito de liberdade e vitória sobrenatural, sendo estes os eleitos e detentores da verdade que libertará a humanidade através do caos e da destruição terrena em meio à instauração de um novo mundo.

De acordo com a concepção Weberiana, a figura do líder messiânico milenarista nos remete aos profetas do Antigo testamento, avessos aos sacerdotes e à religiosidade vigente, emissores de uma ressignificação de valores que para os mesmos, devem ser reconstruídos.

Eles eram representantes da “ordem”, mesmo trafegando num rumo inverso, o mesmo buscava estabelecer uma ordem baseada no extraordinário. Arautos de uma mensagem sagrada que não se detém diante da religião e da ordem social vigente (WEBER, 2003, p. 303-304).

Para Queiroz (1977, p. 383) os movimentos messiânicos têm como pontos principais, a crença em um enviado divino que trará justiça e paz na terra aos que sofrem e a ação de um grupo que obedece às ordens deste líder sagrado e é na figura da liderança que se concentra toda a base de conhecimento e ação destes movimentos.

Weber (2003, p. 139) ao discorrer sobre os tipos de dominação, ou seja, o “poder” e a “influência” de um indivíduo sobre um grupo, delimita que através da *dominação carismática*, um indivíduo com poderes extra-cotidianos, extraterrenos ou mágicos se destaca dos demais e é reconhecido pelos liderados.

Esta relação se constrói através do carisma, por meio de uma relação de troca, onde o poder do líder é valorado pelos seus liderados, que o consideram por meio de provas de poder, atos como milagres (atitudes sobre-humanas) ou um reconhecimento por meio da virtude do líder e das provas demonstradas durante seu processo de liderança, sendo esta, “uma relação carismática de caráter emocional” (WEBER, 2003, p. 159).

Rossi (2002, p. 45) estabelece que o messias não depende somente do seu poder carismático instituído e suas obras maravilhosas. É preciso que as circunstâncias históricas e o momento socioeconômico sejam propícios ao aparecimento de um messias que responda aos anseios dos que sofrem. Deve haver uma associação do momento que fomenta a busca por melhores condições de vida com a figura carismática que nasce em prol de sanar estas dificuldades através da influência divina.

[...] qualquer grupo que se encontre habitualmente privado de suas satisfações habituais, tem condições materiais favoráveis à explosão de movimentos milenaristas-messiânicos. A privação (carência ou necessidade) seria, portanto, um elemento que, somado à desestruturação do eixo de equilíbrio de determinado grupo social, se constitua num dos mais essenciais fatores para o surgimento do messianismo. (ROSSI, 2002 p. 41)

Analisaremos as figuras messiânicas de Roldão Manguiera, Antônio de França, e Helena Diniz a partir de seu perfil carismático e a força de atuação dos mesmos como líderes avultos, pois segundo Weber, todo líder carismático pode ser posto em prova quando não se demonstram mais evidências de seu carisma ou quando ele parece ter sido abandonado pelo

seu deus, perdendo o vigor heroico e/ou mágico. “[...] se sua liderança não traz nenhum bem-estar aos dominados, então há a possibilidade de desvanecer sua autoridade carismática” (WEBER, 2003, p. 159).



Figura 13 – Fotografia de Roldão Manguiera de Figueiredo disposta na parede do templo do “Borboletas Azuis” ³³

Posteriormente, aprofundaremos a análise da figura de Roldão e dos demais líderes sucessórios por meio das noções weberianas de relação de poder, delimitaremos as relações presentes nos movimento “Borboletas Azuis” e exporemos as condições que levaram às sucessões, ao arrefecimento e posterior quebra de poder, fazendo com que o movimento chegasse à quase extinção, situação em que se encontra atualmente.

1.4. Movimentos messiânicos rústicos brasileiros.

Os movimentos messiânicos rústicos no Brasil são ligados à vida rural. Emergem em situações de péssimas condições de vida, principalmente em regiões de grande seca ou difíceis possibilidades de subsistência e sustento. Estes movimentos são anteriores ao

³³ Acervo pessoal do pesquisador.

movimento que estudamos e por serem primordiais, são geradores de influência sobre os demais movimentos que surgem no país, germinando assim, no “Borboletas Azuis”, pontos de convergência como a possibilidade de salvação messiânica, a ideia de um novo mundo celestial instaurado neste plano e na plena riqueza advinda deste novo mundo, onde não haverá fome nem dor.

Para Queiroz (1977, p. 216), os movimentos messiânicos rústicos são de grande importância para o entendimento dos que são movimentos messiânicos, pois estão presentes desde o início do século passado. Apesar de serem em grande número e apresentarem diferentes configurações, também demonstram peculiaridades comuns, um messias uma possibilidade de mudança e vitória sobre o mal e a instauração de um novo *nomos* onde haverá melhores condições de vida espiritual e material nesta vida.

Todos tem como fulcro um indivíduo que se acredita possuir atributos sobrenaturais e que vaticina catástrofes de que só se salvarão os seus adeptos; estes buscam ou desencantar um Reino ou fundar uma Cidade Santa, pondo para isto em prática os comportamentos aconselhados pelo líder. Os caracteres do Reino Messiânico também são do mesmo tipo geral: trata-se de um Reino Celeste que existirá neste mundo, dotado de atributos maravilhosos, lugar onde não se adoece, onde não se precisa trabalhar, onde se é plenamente feliz, onde residem os santos (QUEIROZ, 1977, p. 305).

Queiroz (1977, pp. 216 -330) descreve nove³⁴ destes movimentos, que para a autora, são os mais estudados no Brasil, obtendo maior repercussão nacional. Não me atarei a desenvolver cada um destes movimentos em particular, pois a autora o faz com excelência, sendo ela uma referência para todo pesquisador que se interesse pelo tema, mas abordarei fatores de alguns destes movimentos que se assemelham ao nosso objeto de estudo.

Será importante conhecer o Sebastianismo Português, que migra para o Brasil, influenciando os demais movimento rústicos e, principalmente, Pe. Cícero, que é um dos ícones presente nas incorporações dos líderes do “Borboletas Azuis” e foi delimitador no chamado messiânico de Roldão por ser seu primeiro guia espiritual, atribuindo-lhe o poder de curas e revelações, além de entregar-lhe a missão de fundar a Casa de Caridade Jesus no Horto, espaço sagrado para o movimento, onde foi construído o templo e para onde convergiram todos os que acreditavam na salvação através do dilúvio.

³⁴ Os nove movimentos messiânicos rústicos explorados por Maria Isaura Pereira de Queiroz são classificados em seu livro com os seguintes títulos: 1. Crenças Sebastianistas. 2. A Cidade do paraíso Terrestre. 3. O reino Encantado. 4. O Império de Belo Monte. 5. Os Santarrões. 6. A Cidade Santa. 7. A Guerra Santa. 8. O Beato do Caldeirão e o “Circo” dos santos. 9. O Povo do Velho Pedro.



Figura 14 – Imagem do padre Cícero exposta na parede do templo do “Borboletas Azuis”.³⁵

Araújo (2008, p. 37) afirma que um dos adeptos, Willian Silva, afirmara que após um incêndio onde Roldão perdera seu estoque de algodão, ao intentar suicídio, vislumbrou o Pe. Cícero ordenando-o a resolver seus problemas financeiros com o que lhe sobrara e depois abrisse uma casa de caridade para auxiliar os pobres por meio do poder do santo padre.

Um de seus netos, Nivaldo Mangueira também afirmara a devoção de Roldão ao santo, afirmando que seu avô frequentara muitos centros espíritas, frequentando tanto a igreja católica, quanto centros espíritas “[...] e o santo de devoção dele, forte, era o Padre Ciço do Juazeiro” (ARAÚJO, 2008, p. 38).

I. Influências do Sebastianismo português no Brasil.

O pensamento sobre um messias guerreiro, base do Sebastianismo Português, foi sendo construído através de um longo período e sofrera influência, tanto política, quanto religiosa. Esta ideia de um imperador guerreiro que combateria os povos invasores, libertando seu povo da opressão era uma constante por toda a Europa. Mesmo que a lenda sofresse variações em diferentes localidades e épocas, em suma, constava de uma reação à dominação, na esperança de uma libertação messiânica.

³⁵ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador.

A história dos movimentos messiânicos europeus não se resume somente na espera da vinda de Jesus Cristo. Algumas sociedades europeias quando em presença de grandes convulsões sócio-políticas, também elaboram lendas baseadas na vinda de heróis nacionais mortos ou desaparecidos. [...] Segundo essa tradição, um imperador *redivivus*, um imperador dos últimos tempos iria a Jerusalém coroar a cruz com a sua própria coroa: seria um imperador guerreiro e libertador da igreja. No ocidente, o personagem predito pelos sibilinos foi identificado como Carlos Magno. Algumas sociedades, porém em momentos de atribulações, reinterpretaram ou nacionalizaram a lenda, o que resultou na espera da ressurreição de seus heróis encobertos que, à frente de um grande exército, ajudaria seu povo a resgatar seu antigo prestígio político (ARRUDA, 1993, p. 29).

Foi assim com a ocupação francesa após a morte de Balduíno IX em 1224, gerando revoltas da população em questão da anexação dos territórios de Flanders e Hainaut, gerando a crença de que o imperador morto voltaria e libertaria seu povo e encontrara força na figura de um eremita de cabelos longos que insurgira contra os invasores, sendo reconhecido como a reencarnação do próprio Balduíno (ARRUDA, 1993, p. 30).

No período de dificuldades econômicas do império Sacro Germânico Romano, surge a lenda do retorno de Frederico Barba-Roxa, desaparecido nas cruzadas. Acreditava-se que o mesmo retornaria com doze cavaleiros em torno de reestabelecer o poderio de seu reino. Em 1273 um messias foi coroado, tendo sido aceito como a encarnação do antigo herói desaparecido (ARRUDA, 1993, p. 30).

Na Espanha, em Sevilha, em 1520, por ocorrência da dominação Gótica, rumores são espalhados por meio do Arcebispo Santo Isidoro, a lenda do Encoberto e várias profecias de libertação são escritas e disseminadas por toda a região, chegando a serem divulgadas a partir de 1530, em Portugal, através de Gonçalo Agnes, O Bandarra, Sapateiro de Trancoso, que passa a narrar a lenda de acordo com as dificuldades que o país enfrentava após a morte de D. Sebastião e a fusão de Portugal com a Espanha.

Entre 1530 e 1540, o sapateiro Bandarra escrevera trovas em que compilara uma série de profecias então correntes, provenientes de diversas fontes; prometiam a vinda de um grande príncipe e senhor, o Encoberto, que daria definitivamente a Portugal a hegemonia sobre as outras nações. [...] As trovas se espalharam, pois, por Portugal inteiro, e a época se caracterizou como de grande efervescência religiosa, de que resultou o aparecimento de uma série de messias (QUEIROZ, 1977, p. 217).

As profecias de Bandarra aludiam à volta de Dom Sebastião, dotado de um grande e poderoso exército que reestabelecia a ordem da coroa portuguesa por meio de uma vitória guerreira. Muitos messias apareceram afirmando serem a encarnação do herói mítico. Esta expressão religiosa, denominada de Sebastianismo Português, no período de colonização,

migrou para o Brasil, influenciando o surgimento de movimentos Sebastianistas Brasileiros que surtiram “grande influência no Brasil, se fazendo presente em vários movimentos messiânicos, entre eles, Monte Rodeador no “Reino Encantado”, em Canudos e na Guerra do Contestado” (ARRUDA, 1993, p. 30).

Durante esta época de mudanças e transformações no período de ocupação da colônia, a migração de indivíduos de Portugal trouxe consigo a religiosidade presente nos cristãos novos, e com estes, a crença nas trovas de Bandara. Um deles, Gregório Nunes, denunciado ao Santo Ofício em 1591, era arauto das trovas no novo mundo, anunciando o messias.

Outros episódios foram registrados somente após cinquenta anos, quando Antônio Vieira, em um de seus sermões afirmara que Dom João IV era o messias descrito nas trovas e que retornaria “para recompor o grande Império Português e cingir-lhe a coroa” (QUEIROZ, 1977, p. 218). Já num episódio registrado na Bahia, um autor incógnito, refutava a opinião de Vieira afirmando que Dom João IV era meramente um precursor do messias como João Batista o fora em relação a Jesus e que o enviado seria o próprio Dom Sebastião que regressaria brevemente.

Somente anos mais tarde, durante os acontecimentos decisivos, tanto anteriores, quanto posteriores à independência brasileira, que acontecem consideráveis reafirmações da crença sebastianista. Queiroz (1977, p. 219) afirma que a quantidade de pessoas que acreditava num retorno de Dom Sebastião em 1816 chegava a três mil pessoas em Portugal e no Brasil. Em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, muitos comerciantes divulgavam sua crença e ansiavam pela vinda do libertador que dividiria suas riquezas com a população.

Por volta de 1817, resquícios deste pensamento eclodem, fundando uma cidade santa em Pernambuco por meio da liderança de um ex-soldado e profeta chamado Silvestre José dos Santos. O movimento tinha quatrocentos adeptos que acreditavam que Dom Sebastião voltaria e os livraria da pobreza instaurando um novo reino em terras brasileiras (QUEIROZ, 1977, p. 220).

O episódio do Reino Encantado sob a liderança de João Antônio dos Santos, ocorrido em 1836 na comarca de Flores em Pernambuco. O líder afirmava que Dom Sebastião iria *desencantar*, trazendo consigo grandes riquezas que seriam distribuídas com os adeptos. O movimento logo fora suprimido pelas autoridades. Dois anos depois, o cunhado de Antônio, João Ferreira, recomeça a difundir a mensagem, reunindo adeptos ao redor de uma formação rochosa em forma de arco, onde proclamava que Dom Sebastião cruzaria o portal munido de riquezas que distribuiria com os seus. Não era necessário trabalhar, mas sim, festejar diariamente a iminência da chegada do messias.

Como o tempo passava e a profecia não se cumpria era necessário propagar a mensagem nas cidades circunvizinhas e trazer alimentos e novos adeptos. João Ferreira se autodenomina rei do assentamento e começa a oferecer sacrifícios de sangue para que Dom Sebastião pudesse *desencantar* e atender às preces de todos, assim, o movimento se caracterizava através do uso de violência extrema, além da prática de poligamia e de uma *benção* para as esposas, tendo o privilégio de, na primeira noite de núpcias, coabitar com o líder antes da primeira relação sexual com o esposo. Em 17 de maio de 1838 o movimento confronta um grande contingente de soldados e termina por ter sua maioria de adeptos mortos, sendo as mulheres soltas e os órfãos distribuídos para quem os adotasse dentre os sobreviventes (QUEIROZ, 1977, p. 224).

Dentro do movimento “Borboletas Azuis” não encontramos episódios de violência em meio aos adeptos ou até mesmo contra a população. É certo que algumas vezes, as multidões cercaram os adeptos do movimento tentando até mesmo apedrejá-los, mas isto denotava um fator de preconceito religioso e cultural por parte dos habitantes da cidade de Campina Grande, e não uma revolta da turba ou uma intervenção militar como acontecera em episódios como o de Reino Encantado e Canudos.



Figura 15 – Adepta do movimento em um bairro popular da Cidade de Campina grande na década de 80. ³⁶

Segundo entrevistas que nos foram cedidas por dona Helena e dona Tereza ³⁷, durante uma preleção de Roldão, num episódio em que habitualmente, o grupo se reunia às margens

³⁶ Cópia de fotografia do acervo pessoal de Helena Diniz.

³⁷ Entrevistas gravadas realizadas na casa de Caridade Jesus no horto durante a pesquisa de campo. Realizamos entrevistas com os adeptos do movimento, parentes e populares que conheceram ou conviveram com Roldão

do Açude Velho (lago da cidade), o líder exemplificara que se fosse da vontade de Deus, receberia poder para atravessar o açude por cima das águas. A grande multidão que estava assistindo, incitara o líder e os adeptos a adentrar o açude e demonstrar este poder mágico. O episódio termina com a intervenção da força policial em torno de proteger a vida dos adeptos, que receberam uma saraiva de lama porque Roldão não cruzara o lago caminhando por cima das águas.

Em relação às atitudes poligâmicas, não encontramos indícios dentro do movimento que apontem abertamente fatos desta natureza. O que conseguimos descobrir por meio do relato de Helena e Tereza foi o fato de que um dos antigos membros do movimento, certo da iminência do dilúvio, deixou sua família, que não fazia parte do movimento, vendendo seus pertences e levando escondido o dinheiro para a Casa de Caridade, esperando assim que sua família terrena de não convertidos morresse afogada por meio do episódio diluviano, podendo, a partir deste fato, consumir novo matrimônio com uma prometida que fazia parte do movimento. O adepto explicara que usaria as economias para a festa de casamento e posterior subsistência após o dilúvio, o que para as duas adeptas, considerava-se como um ato de maldade para com a antiga família, sendo contrário aos ensinamentos de Roldão e Pe. Cícero.

Já o episódio de Belo Monte, sob a tutela de Antônio Conselheiro, que também nutria esperanças sebastianistas, não acarretou sacrifícios de adeptos e nem episódios poligâmicos. As profecias do Conselheiro remetiam ao regresso de Dom Sebastião, derrotando a República (reinado do Anticristo) e a Igreja Romana, introduzindo no mundo a terra prometida, tendo como lugar de partida, Canudos.

Neste trecho de um verso entoado pelos adeptos do Conselheiro podemos perceber os anseios da pregação do messias, mescladas ao mito sebastianista. Antônio estabelecia crítica aos abusos da igreja ao estabelecer cobranças para a realização de cerimônias religiosas como casamentos e ofícios fúnebres, sendo denominada por ele como *lei do cão*:

D. Sebastião já chegou, E traz Muito Regimento.
Acabando com o civil, E fazendo o Casamento.
Visita nos vem fazer, Nosso Rei D. Sebastião.
Coitado daquele pobre, Que estiver na lei do cão.
(QUEIROZ 1977, p. 227)

Mangueira. Tereza tem 77 anos e reside no espaço da casa de Caridade Jesus no Horto e nos cedeu entrevistas em: 13 de abril de 2013, 21 de maio de 2013, 02 de junho de 2013, 15 de setembro de 2013 e 12 de fevereiro de 2014, 21 de março de 2014, nas quais, utilizamos aparelho de gravação de áudio e na última entrevista, filmagem.

Canudos em Belo Monte, ainda apresenta um ponto que é propagado e valorizado em nosso objeto de estudo. Um novo mundo espiritual estabelecido pelo messias que delimitaria uma separação do mundo terreno, explorador e que acarretava sofrimento. Para a comunidade de Canudos, “o arraial de belo Monte transformou-se numa espécie de “terra da promessa”, à margem da terra de todos os males, garantida pelo latifúndio e pela república” (MACEDO E MAESTRI, 2011, p. 68).

[...] e era em Canudos, no Império de Belo Monte, que o paraíso terrestre se colocava ao alcance dos fiéis. Habitando ali, penetravam no universo sagrado, deixando para trás as misérias e os sofrimentos da vida terrena e profana, Belo Monte era a Nova Jerusalém (QUEIROZ 1977, p. 228)

Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, chega a afirmar que Conselheiro e seus acólitos são produtos de um meio supersticioso e malicioso. Produtos do sertão, imbuídos de características únicas, aversão à autoridade, vandalismo e misticismo exacerbado. Uma visão totalmente elitizada, de um escritor litorâneo que, mesmo com sua acirrada pesquisa, descrevendo o ambiente sertanejo com detalhes, não conhece a fundo a vida e a cultura sertaneja. Em um dos subtítulos de sua pesquisa, ao descrever os aspectos físicos do beato, aponta Conselheiro como *um monstro*, prova desse preconceito elitista.

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazêmo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam, talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante às exigências crescentes da civilização [...] O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes porém uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite a velocidade adquirida pela marcha dos povos deste século (OS SERTÕES, Vol. I, p. 01).

Embora Euclides da Cunha forje abertamente comentários e relatos preconceituosos, ainda é uma das melhores fontes de pesquisa sobre o ambiente desértico sertanejo. Seu documento descreve com detalhes o clima e as formações desérticas do sertão, demonstrando que as condições de vida da população sertaneja eram sub-humanas e o advento de um Messias na figura do Conselheiro, respondiam aos anseios de uma vida de sofrimento e penúria.

Abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiem sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (9°11' — 10°20' de lat. e 4° — 3°, de long. O.R.J.), notícias exatas ou pormenorizadas. As nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, lá têm um claro expressivo, um hiato, *Terra ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras [...] Nenhuma lá se fixou. Não se podia fixar. O estranho território, a menos de quarenta léguas da antiga metrópole,

predestinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos da nossa história. Porque enquanto as bandeiras do sul lhe paravam à beira e envesgando, depois, pelos flancos da Itiúba, se lançavam para Pernambuco e Piauí até ao Maranhão, as do levante, repelidas pela barreira intransponível de Paulo Afonso, iam procurar no Paraguaçu e rios que lhe demoram ao sul, linhas de acesso mais praticáveis. Deixavam-no de permeio, inabordável, ignoto. (OS SERTÕES, Vol. I, p. 06).

Além de ser um novo mundo, tanto Canudos, como a nova terra do “Borboletas Azuis”, geraria alimentos abundantes, favorecendo seus habitantes a ponto de não ser mais preciso trabalhar horas a fio para senhores e proprietários de terras, pois o próprio Deus se encarregaria de derramar fartura sobre os seus escolhidos. “Uma terra em que corria um “rio de leite”, com “barrancos de cuscuz de milho”, isto é, um local de abundância e felicidade, em relação ao mundo circunvizinho conhecido pela população cabocla” (MACEDO E MAESTRI, 2011, p. 76).

Ora, esta identidade avulta, mais frisante, quando se comparam com as do passado as concepções absurdas do esmaniado apóstolo sertanejo. Como os montanistas, ele surgia no epílogo na Terra... O mesmo milenarismo extravagante, o mesmo pavor do anticristo despontando na derrocada universal da vida. O fim do mundo próximo... Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo quanto os maculasse com um leve traço da vaidade. Todas as fortunas estavam a pique da catástrofe iminente e fora temeridade inútil conservá-las. Que abdicassem as venturas mais fugazes e fizessem da vida um purgatório duro; e não a manchassem nunca com o sacrilégio de um sorriso. O Juízo Final aproximava-se, inflexível. Prenunciavam-se anos sucessivos de desgraças: “...Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças. Em 1899 ficarão as aguas em sangue e o planeta hade aparecer no nascente com o raio do sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará no céu... Hade chover uma grande chuva de estrellas e ahi será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fóra deste aprisco e é preciso que se reunam porque há um só pastor e um só rebanho!” (OS SERTÕES, Vol. I, p. 72).

Movimentos Messiânicos como esses tinham como base a iminência da chegada de Dom Sebastião como um líder guerreiro e libertador da opressão. O libertador distribuiria riquezas e instauraria um novo reino de paz e fartura, onde não seria necessário o trabalho e nem seria infligido aos seus séquitos, as ações do tempo cronológico ou a exposição de enfermidades.

Essa ilustração de um novo reino milenar, liderado por um messias poderosos se propagou sobre o território brasileiro através dos exemplos que demonstramos. Movimentos posteriores

ao Sebastianismo, mesmo que não adotassem todas as características que descrevemos, se baseavam em elementos desta tradição ao estabelecerem seus ritos e práticas.

O “Borboletas Azuis” mesmo que não delimitassem sua crença no retorno de Dom Sebastião, receberam revelação por meio de um líder de poderes sobrenaturais e acreditavam em uma catástrofe natural que ocasionaria um ambiente propício à instauração de um novo mundo, onde não seria necessário plantar ou colher, um éden espiritual, como descrito nos movimentos dotados de ênfases sebastianistas.

Podemos perceber esta iminência de um novo reino através das palavras de Helena Diniz: “As criaturas que estavam nessa casa se quisessem passar de uma época para outra, através do dilúvio, tinham que andar daquela forma, vestidos e rezar. Se reuniam pra rezar todas as noites, todos nós”.³⁸



Figura 16 – Maria, uma das adeptas que residia na Casa de Caridade Jesus no Horto na espera da vinda do novo reino messiânico.³⁹

A iminência de um reino espiritual era uma constante no imaginário de todos os membros do movimento, sendo este também um mote para o crescimento do número de adeptos, que com veemência, ansiavam por justiça social e melhores condições de vida.

³⁸ Palavras de Helena extraídas de entrevista que realizamos em junho de 2013.

³⁹ Cópia de fotografia do acervo de Helena Diniz. Fotografia revelada na década de 80.

II. São Francisco de Assis e Padre Cícero, ícones do “Borboletas Azuis”.

São dois os principais ícones religiosos católicos do movimento “Borboletas Azuis” e que transmitiam a mensagem por meio de psicofonia e psicografia: São Francisco de Assis e Padre Cícero. Segundo depoimento de familiares adeptos, Roldão, seu sucessor, Antônio de França e Luciene Diniz incorporavam o Pe. Cícero. São Francisco de Assis era incorporado somente pela pessoa de Roldão.

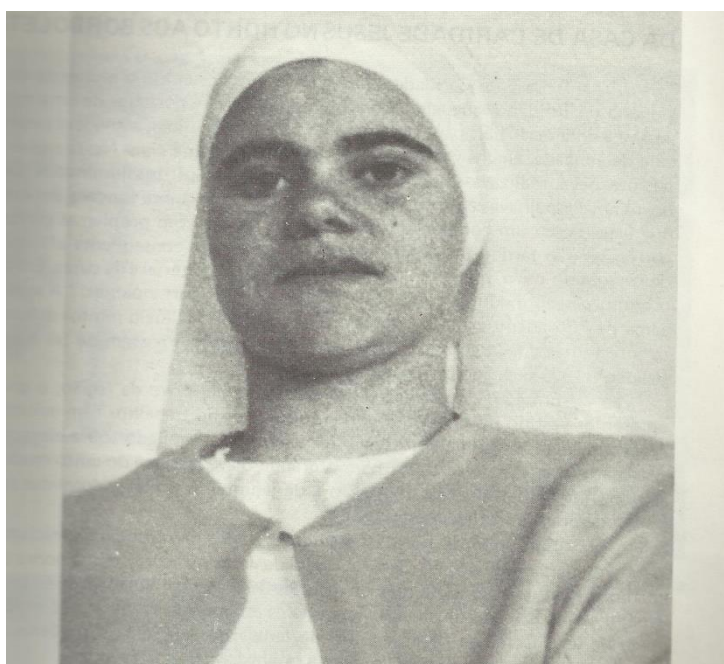


Figura 17 – Luciene Diniz, a profetisa da Casa de Caridade Jesus no Horto. Luciene trouxe profecias fundamentais para o grupo, como o uso das vestes características do movimento e o advento do dilúvio.⁴⁰

Os referidos santos revelavam acontecimentos futuros, aconselhavam a comunidade sobre os problemas do cotidiano e realizavam libertações e curas, além das cartas que eram psicografadas por França na época em que liderava o movimento. Durante um dos momentos da celebração, os fiéis se dispõem na mesa de comunicação, com o comunicador (líder), sentado na ponta da mesa, onde incorporando o Padre Cícero, respondia a questionamentos ou pedidos de conselho dos adeptos. Na maioria das vezes, as perguntas eram sobre decisões cotidianas e que necessitavam de uma sugestão religiosa do santo padrinho, como na tradição sertaneja, onde o *Padim Ciço* oferecia conselhos.

⁴⁰ Fotografia retirada de Carneiro (1995, p. 23).

A figura de São Francisco de Assis para os adeptos do movimento remete à escolha de vida da qual o “Borboletas Azuis” optou, principalmente o seu fundador e líder Roldão Manguiera, que sendo um próspero comerciante no estado, detentor de muitas posses, abandona as riquezas materiais e decide por desenvolver uma vida de humildade e desapego material, sendo seguidos por cada um de seus liderados, fugindo dos ideais de consumo e obtenção de lucro, presentes na vida moderna.

Francisco Gonçalves Teles (2006, p. 1) afirma que “Francisco nasceu em Assis, na Itália, em 1182, e faleceu em 1226”. Aldilene Marinho César, ao estudar parte da iconografia do santo, apresenta um breve histórico da vida de Francisco, do qual extraímos:

Nascido em Assis, na região central da Itália, numa família de comerciantes, Francisco, após um processo gradual de conversão, por volta dos 25 anos teria se voltado para uma vida religiosa dedicada aos pobres e ao desprezo pelas riquezas materiais. Propondo uma restauração daquilo que entendia como os valores simples e verdadeiros da religião cristã, o jovem de Assis, em torno do qual logo viria a se reunir um grupo crescente de companheiros, criou uma nova regra religiosa, cujas diretrizes principais eram a pobreza e a humildade (CÉSAR, 2008, p. 01).

Para Teles, Assis é um ícone de fácil penetração nos demais segmentos cristãos devido a sua singeleza e pureza de coração. Influenciando lideranças até mesmo de religiões que não professam o cristianismo como regra de fé, vejamos:

A figura de Francisco no cenário religioso é reconhecidamente uma das mais importantes. O religioso sincero encontrará em Francisco de Assis um grande exemplo de abnegação e singeleza. A vida de Francisco de Assis, quando interpretada por qualquer corrente de linha teológica cristã, consegue gerar um elo inédito de tolerância e de extraordinário consenso entre católicos e protestantes, e até mesmo entre adeptos de outras religiões (TELES, 2006, p. 69)

Para Donald Spoto (2003, p. 22) A figura de Francisco conquistou o mundo conhecido e o ícone não era propriedade exclusiva da Igreja Católica Romana, tendo influenciado o pensamento de muitos líderes religiosos mundiais. “Sua primeira grande biografia moderna foi escrita por um protestante francês [...] um ortodoxo grego é autor de um vigoroso romance sobre sua vida; e para ser fotografado em uma conferência de paz em Assis, o Dalai Lama quis sentar-se no lugar que Francisco amava”.

Teles (2006, p. 62) declara que Tomás de Celano “produziu a primeira biografia e também a mais difundida, pois conhecera pessoalmente Francisco. Isto foi entre 1229 e 1230, e tinha por objetivo, além de homenagear Francisco, difundir suposta pretensão de Francisco em fundar uma Ordem”. Este entendimento de que o santo aliou-se a alguns confrades, fundando

uma nova comunidade religiosa de vida simples e recatada, agindo em benefício dos carentes era seguido como exemplo pelo fundador do movimento e seus seguidores.

Francisco, aquele que foi Francisco Bernardone, que abria a bolsa a todos – agora Francisco de Assis –, em gesto de purificada virtude, estende a mão e pede. Ele, pobre voluntário, ele que renunciou a tudo, agora vence a natureza. Esmaga o seu feitio altivo para pedir em porta estranha a esmola de um pedaço de pão. No primeiro embate venceu a si próprio, aproximando-se fraternalmente de um leproso. No segundo, venceu, na casa do bispo de Assis, o demônio da cobiça, em ato de completa renúncia (LEITE, 2012, p. 22).

Segundo depoimento de seu neto, João Stanley de Arruda Mangueira⁴¹, o líder do “Borboletas” realizava processos de cura e libertação espiritual e auxiliava financeiramente os pobres, primeiramente em seu lar, e posteriormente na Casa de Caridade Jesus no Horto. Seguindo exemplo de caridade cristã de Francisco, ajudava a todos a ponto de tirar a roupa do próprio corpo em socorro do necessitado.

Deodato Ferreira Leite, em *Francisco – Cantor da Paz e Alegria*, remonta a um Francisco caridoso, devotado aos pobres e necessitados, citando-o como fundador da ordem. Sua obra reúne um apanhado dos relatos da religiosidade popular que são divulgados na oralidade e literatura franciscana e reconhecidos pelos devotos do Catolicismo Romano que tem Francisco como santo de devoção.

Em seu relato, Deodato (2012, p. 13) apresenta Francisco como filho de pais abastados, mas que nasce numa manjedoura, assemelhando-se a Cristo Jesus. Este relato divulgado popularmente sobre o nascimento do santo pode ter influenciado Roldão a posteriormente, se desligar de seus bens para seguir o exemplo de Francisco e de Cristo.

Segundo familiares, o líder do “Borboletas Azuis” contribuía com quantias financeiras e equipamentos para o convento e a Igreja de São Francisco da cidade de Campina Grande, como a exemplo de vitrais e sinos, além de materiais de construção. Tal era a devoção de Roldão que, além de frequentar a Igreja citada, levava consigo familiares ao convívio religioso no local, como esposa, filhos e netos, que eram muitas vezes coagidos a frequentar as reuniões regulares.

⁴¹ João Stanley de Arruda Mangueira tem 53 anos e é neto de Roldão. Stanley é auditor fiscal na cidade de Campina Grande. Tem uma empresa familiar onde esposa e filhos dirigem e distribuem tarefas administrativas. O neto de Roldão tem orgulho de atribuir o “tino comercial” de sua esposa e filhos à herança sanguínea de seu avô. Segundo ele, Roldão fundara um império familiar, onde distribuíra funções diferentes para cada um de seus filhos e demais parentes (segredo de seu sucesso e exemplo tomado pelo neto). Stanley vivenciou toda a jornada do avô como comerciante, pai de família, fundador e líder do movimento Messiânico Milenarista “Borboletas Azuis”. Presenciara muitas vezes as orações que Roldão realizava atendendo pessoas da comunidade em sua residência e algumas vezes visitara a Casa de Comunidade Jesus no Horto, apesar de não ter sido membro ativo do movimento. Entrevistas realizadas em 12 e 16 de junho de 2013.

Um fato semelhante nos relatos sobre a vida de Francisco que foi seguido à risca por Roldão e seus seguidores foi o desapego material. Em Deodato (2012, p. 16 e 17) podemos encontrar o relato do chamado de Francisco, no qual, após o chamado de Cristo, articulado através de uma cruz, usa todo o dinheiro de seu pai que estava em suas posses para reforma de um velho templo, abandonando sua posição familiar e suas riquezas para estabelecer uma vivência de caridade.

Confirmamos trecho de Leite (2012), em que o autor se refere ao chamado de Assis a vida de pobreza evangélica, tal qual espelhado pelo “Borboletas Azuis”:

No dia de São Matias, em 24 de fevereiro de 1209, Francisco meditou longamente, desde a madrugada, sobre a missão do pregador. Sentiu que não bastava reformar igrejas, mas que devia também pregar a palavra de Deus [...] Ouvindo, no momento do evangelho, o padre dizer: “Não possuiais nem ouro nem prata, nem trageis dinheiro em vossas cintas; nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem cajado” (Mt 10, 9-10), não teve dúvida a respeito da pobreza evangélica. (LEITE, 2012, p. 26)

As vestes de Tereza e dos demais seguidores assemelham-se as vestes franciscanas, diferenciando-se na cor, mas a exemplo dos homens, dois deles se diferenciavam dos demais, pois, além de trajarem vestes franciscanas, tinham a cabeça raspada no meio e usavam o cordão característico, se autodenominando freis. Tereza afirmara em conversa ser freira franciscana e também usa cordão semelhante, só que azul. Roldão, com devoto de Francisco, influenciara seus seguidores a andar descalços, como demonstra a iconografia (figura 18) e os relatos sobre as ordenanças do santo.



Figura 18 – Imagem de São Francisco de Assis localizada no templo do “Borboletas Azuis”⁴²

⁴² Acervo pessoal do pesquisador.

Stanley chegou a afirmar que no período de efervescência do movimento, com o grande número de adeptos que convergiam para o espaço da Casa de Caridade em busca de doações, Roldão começara a se desfazer de suas propriedades e estabelecimentos comerciais, vendendo-os e usando o dinheiro para financiar o movimento. Roldão fez isto tantas vezes que foi necessário, segundo Stanley, que a família “protegesse” o patrimônio do patriarca, fazendo com que Roldão transferisse a posse de algumas de suas propriedades e estabelecimentos comerciais para esposa e filhos.

Ninguém podia trazer nada como doação. Ele não recebia dinheiro e nem tampouco coisas. Uma vez vieram aqui entregar um monte de laranjas, e umas galinhas pra deixar lá na Casa, pra o povo comer, mas ele mandou voltar tudinho, disse que não aceitava nada. Era ele que sustentava tudo sabe, vendia as coisas e botava o dinheiro todo lá dentro. Tinha uns lá dentro que colocavam dinheiro também, mas só os de dentro, quem fosse de fora ele não aceitava.⁴³

Assim como Francisco é exemplo de vida devota e desapego material, decerto, o ícone que mais fornece comunicação mediúnica e atividade espiritual dentro do movimento “Borboletas Azuis” é o Padre Cícero, pois sua figura sempre foi presente no imaginário de cada um dos adeptos. Para o grupo e para seu fundador, o santo padre é a figura mítica espiritual mais importante no movimento. Suas manifestações se faziam presentes na figura de seu fundador, Roldão, do seu sucessor na liderança, Antônio de França e até mesmo mulheres como Luciene Diniz, figura feminina de destaque no movimento, servia de veículo de comunicação do Padre Cícero.

As declarações de familiares de Roldão e acólitos apontam esta forte ligação do fundador e dos sucessores com o padre, sendo este, o primeiro espírito incorporado por Roldão e o que mais se expressava nos rituais da Casa de Caridade Jesus no Horto, seja por meio do líder maior, sucessor, ou seguidores.

Por volta de 1872, no interior do Ceará, no Cariri, surge uma figura carismática religiosa que agiria disseminando a tradição religiosa católica, dedicando a sua vida, propagação da mensagem e ação em torno dos pobres e desafortunados, estabelecendo uma sociedade produtiva e autossustentável em Juazeiro. Portando vestes rotas, cabelos e barbas longas e realizando constantes peregrinações sem estabelecer cobrança por seus serviços religiosos, além de viver das doações de seus paroquianos, o Padre Cícero se tornou uma figura religiosa exemplar, estabelecendo uma relação de empatia e respeito para com a comunidade a qual servia, chegando a compor uma Cidade Santa no sertão paraibano.

⁴³ Entrevistas realizadas com João Stanley nos meses de maio e junho de 2013.

Alcançou assim renome de varão piedoso, de padre dedicadíssimo às ovelhas, de pai dos pobres, de conselheiro e protetor dos desvalidos, que o envolveria numa auréola de quase-santidade. Sua castidade num meio em que era normal vigários e capelães formarem família numerosa; seu desprendimento e abnegação, quando pelas redondezas havia párocos preocupados antes de mais nada em acumular fortuna e prestígio, em se tornar chefes políticos, - aumentavam o respeito que lhe era dedicado e a fama de homem extraordinário, de homem à parte (QUEIROZ, 1977, p. 254)

A figura do Padre Cícero se apresentava como a voz ativa do movimento, e ainda hoje, mesmo com duas remanescentes, sem que haja revelação psicofônica, o santo ainda *fala* (comunica-se) com os remanescentes. Podemos perceber esta ação nas palavras de Helena durante uma das entrevistas que nos foi cedida referente aos acontecimentos que se seguiram após o não acontecimento do dilúvio:

Nós ficamos aguardando a ordem do Padre Cícero. O Padre Cícero continua falando nessa casa (Casa de Caridade Jesus no Horto) e disse que enquanto tivessem duas pessoas aqui, falando no nome de Deus. Respeitando as normas que foram ditadas por ele, por meio de seu Roldão, tá entendendo? Então ele estaria aqui nesta casa. E ele tá aqui nessa casa! O Padre Cicho tá aqui... com a gente!⁴⁴

Para Queiroz (1977, p. 253) o Padre Cícero foi “o maior Santo do Nordeste” e mesmo após sua morte, é esperado ressurreto, em uma encarnação messiânica, despertando surtos messiânicos no nordeste de curta ou longa duração, sendo considerado o “Apóstolo do Nordeste”.

Os beatos que o tomam como seu santo Padrinho (*Padim Cicho*), encontram em sua figura, proteção e força. Sua cidade - considerada como santa - tornou-se ponto de migração para romeiros de todo o nordeste e demais regiões brasileiras, levando “consigo donativos para a igreja do padrinho, para procurar alívio às doenças, junto ao seu túmulo ou a sua estátua, para instalar-se e viver na Cidade Santa” (QUEIROZ, 1977, p. 268)

⁴⁴ Entrevistas realizadas com Helena Diniz em junho de 2013.



Figura 19 – Roldão Manguiera de Figueiredo. Líder e fundador do movimento messiânico-milenarista “Borboletas Azuis” de Campina Grande.⁴⁵

O líder do “Borboletas Azuis” estabelecera contatos políticos com vários representantes do povo durante a sua carreira profissional. Com o acúmulo de riquezas e propriedades, Roldão adquiriu movelarias, colocara um veículo na primeira praça de taxi de Campina Grande. Possuía lojas de ferragens, gado, fazendas e sítios, além de várias propriedades na cidade de Campina Grande. O próspero comerciante se tornara detentor da maior fatia de produção e comercialização de algodão e agave do estado.

Somente em 1939, trouxe a família do sertão, movido pela necessidade de educar os filhos e dar maior desenvolvimento aos seus negócios. Não demorou e, dois anos mais tarde, já havia assumido a liderança, em Campina Grande, do comércio de algodão, mamona e caruá. A partir de 1952, era o maior exportador nordestino destes produtos. Comprava-os e, ainda, agave, dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Durante estes anos de intensa vida comercial, costumava viajar ao Rio de Janeiro, para encontros com líderes políticos e com ministros de Estado. Foi amigo dos ministros Correia e Castro e Guilherme Da Silveira, ambos da pasta da fazenda, no governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra, além de ter alimentado estreita amizade com o ministro da Fazenda Oswaldo Aranha, no segundo governo de Getúlio Vargas. Mais tarde seria amigo também de Kubitschek (CARNEIRO, 1995, p. 22)

Segundo Carneiro (1995, p. 22), Roldão passa a desativar seus negócios a partir de 1955, passando a viver de rendas. É neste momento que Roldão começa a realizar a vontade do Padre Cícero, realizando consultas espirituais e doações materiais, o que posteriormente culminaria na fundação da Casa de Caridade Jesus no Horto. O futuro líder do movimento

⁴⁵ Imagem retirada de Araújo (2008, anexo 7).

“Borboletas Azuis”, seguira a finco o exemplo de seu santo guia, abandonando as riquezas e abraçando a missão que lhe fora designada.

1.5. “Borboletas Azuis”, um movimento messiânico urbano.

Na época em que acontecia a espera messiânica da iminência do dilúvio, o ano de 1980, os adeptos do movimento “Borboletas Azuis” residiam numa cidade que era considerada como um importante centro sociocultural nordestino, além de seu foco na educação superior, tendo a Universidade Regional do Nordeste, com vinte e dois cursos ativos e a Universidade Federal da Paraíba, Campus II, com vinte e um cursos de graduação, seis de mestrado e um de doutorado. O município apresentava, de seus novecentos e setenta quilômetros quadrados de área total, uma ocupação urbana de sessenta quilômetros quadrados, sendo reconhecida como uma das mais importantes cidades do interior do nordeste, exercendo na época, uma polarização efetiva sobre cinquenta e cinco municípios, uma soma de 42% do território paraibano (CARNEIRO, 1995, pp. 16 e 17).

Carneiro (1995, p. 15) demonstra que o censo da época registrava uma grande separação do campo e da cidade, tendo Campina, de uma população ativa de 247.964 mil habitantes, somente 35.087 vivendo na zona rural, o que demonstrava já na época uma migração da população campesina em busca de melhores condições de trabalho e vida. O grande problema era que a cidade, mesmo apresentando um crescimento populacional, não era capaz de gerar empregos suficientes e que pudessem remunerar satisfatoriamente seus habitantes, o que gerava altos índices de subempregos e desemprego, levando grande parte da população a buscar atividades de baixa remuneração, gerando um baixo poder aquisitivo e condições de vida precárias.

Campina Grande ainda apresentava uma prestação de serviços por meio do comércio de 57,6% em 1981, seguindo em ordem decrescente a indústria e o setor agropecuário, o que dificultava ainda mais a formação de profissionais liberais, sendo o comércio sua maior fonte de trabalho e renda. Além disto, o país apresentava uma grande crise econômica, que fora cultivada com empréstimos internacionais desde a década de setenta (CARNEIRO, 1995, p. 16).

Dados colhidos no Portal de Administração, dispostos no artigo de Edson Pereira Bueno Leal demonstram que o país sofria uma crise econômica na década de 80 com quedas no PIB, inflação altíssima e recessão econômica:

Em 1980 esses bancos tiveram seus capitais corroídos pela inflação americana de 14%. Como a regulamentação americana não prevê a correção

dos capitais dos bancos, aquelas instituições superaram seu nível máximo de empréstimos (Stephen Charles Kanitz, in Veja, 16.06.93, p. 98). Para o Brasil as consequências foram terríveis. O país passou de uma década de 1970 em que recebia recursos reais do exterior, complementando a poupança doméstica, para uma situação de remessa de recursos reais para o exterior. Então houve drástica redução da capacidade de investimento, além de crise no balanço de pagamentos. Portanto em 1981 não existia um superendividamento do Brasil que teria sido causa da interrupção dos financiamentos. Em 1981 o PIB caiu 3% e a inflação permaneceu no patamar de 100% até 1982. O Brasil entrou em uma recessão em 1981 que se arrastou por nove trimestres. Foi a mais intensa na história do país, com uma contração acumulada no PIB de 8,5%.⁴⁶

Negrão afirma que o movimento “Borboletas Azuis” emerge em uma zona urbana, diferindo da grande maioria dos movimentos escatológicos desta natureza, sendo por ele, classificado como parte dos novos movimentos messiânicos brasileiros, que se dão após o processo de industrialização no Brasil, datados da década de trinta em diante e que acontecem fora dos centros rurais (NEGRÃO 2001, p.127).

Para o autor, este movimento se distingue das antigas crenças católicas, pois abarca um catolicismo combinado com práticas espíritas. Embora aconteça num contexto urbano, a maioria de seus adeptos consta de ex-pobres rurais, agora, novos pobres urbanos suscetíveis, através do sofrimento a se encaixarem neste novo padrão de anomia. (NEGRÃO, 2001, p. 122).

Esta preocupação com os pobres que residem nas grandes urbes e a sensibilidade em torno de melhores condições para a população rural que depende do campo para subsistir é perceptível no discurso descritivo de textos produzidos pelo grupo. Neste trecho de uma carta escrita por Antônio de França (sucessor do líder carismático Roldão) à Câmara dos Deputados do Distrito Federal em 12/02/1990⁴⁷, o segundo na sucessão, demonstra sua preocupação em relação à população campesina:

Representando os anseios do povo paraibano e brasileiro, especialmente o povo pobre enviamos nossos protestos aos senhores deputados por não suportar tamanha inflação que assola o povo brasileiro que arrasa com os mais humildes as vistas dos deputados, senadores e políticos em geral; que estão omissos aos sofrimentos do povo, a quem são representantes. Ao nosso entendimento setenta por cento dos legisladores brasileiros estão legislando em causa própria, vinte por cento são deputados lagartixa apenas balançam a

⁴⁶ Artigo disposto em: O Portal da Administração: Artigo de Edson Pereira Bueno Leal (Mestre em História Social pela Unesp) <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/economia-brasileira-decada-de-1980/69426/>. Último acesso em 12/ 10/ 2013.

⁴⁷ Cartas psicografadas por Antônio de França por meio do Padre Cícero durante o seu período como líder do movimento. Conseguimos ter acesso a estes documentos através de Helena Diniz, das quais guardamos cópias para esta pesquisa e futuras produções referentes ao movimento.

cabeça, e dez por cento é que fazem alguma coisa; só necessitaria os dez por cento que trabalham em benefício do povo. A inflação de sessenta por cento em média nos juros de poupança representa uma inflação de cento e vinte por cento aos mês em alguns casos se eleva até mil por cento as vistas dos políticos em geral ou a quem de direito que até agora ninguém fez nada em favor dos pobres. Imaginem os senhores em que a Paraíba tem sessenta por cento do desempregados e sem emprego como vão viver essas criaturas?⁴⁸

representando os anseios do povo paraibano e brasileiros, especialmente o povo pobre enviamos os nossos protestos aos senhores deputados por não suportar tamanha inflação que assola o povo brasileiro que arrasa com os mais humildes as vistas dos deputados, senadores e políticos em geral ; que estão omissoes aos sofrimentos do povo, a quem são representantes.

Ao nosso entendimento setenta por cento dos legisladores brasileiros estão legislando em causa própria, vinte por cento são deputados lagartixa apenas balançam a cabeça, e dez por cento é que fazem alguma coisa ; só necessitaria os dez por cento dos que trabalham em benefício do povo. A inflação de sessenta por cento em média nos juros de poupança representa uma inflação de cento e vinte por cento aos mês em alguns casos se eleva até mil por cento as vistas dos políticos em geral ou a quem de direito que até agora ninguém fez nada em favor dos pobres. Imaginem os senhores em que a Paraíba tem sessenta por cento de desempregados e sem emprego como vão viver estas criaturas ?

Como as melhores condições de vida não lhes foram cedidas, nem tampouco os anseios espirituais saciados, o grupo encontra na figura de Roldão Mangueira de Figueiredo, um profeta e curandeiro, que realizava curas e milagres por meio de orações e incorporações do padre Cícero, um líder espiritual que respondia aos seus anseios.

Tais movimentos tem o comum fato de se manifestarem sempre em momentos de grandes crises sócio-políticas. Assumem quase sempre um caráter revolucionário e, em sua essência, se constituem numa resposta dos povos oprimidos a uma situação de dominação de classe ou de nação [...] (ARRUDA, 1993, p. 13).

⁴⁸ Abaixo, recorte de carta original. Usaremos este modelo de apresentação das cartas psicofonadas. Transcrição e recorte, visto que reunimos cópias do material na íntegra que, por serem antigos, são de difícil leitura.

Os acólitos que faziam parte do movimento, em sua maioria, não apresentavam nenhum grau de escolarização e poucos sabiam ler e escrever, demonstrando assim, uma falta de envolvimento cultural e político. Suas ocupações eram de natureza popular, e não careciam de nenhum nível de escolaridade ou formação especializada. Dos 67 frequentadores da Casa de Caridade, somente onze sabiam ler e escrever e destes, somente dois se interessavam por notícias impressas em jornais e periódicos, dezoito deles tinham acesso ao rádio e seis deles tinham televisão.

Suas profissões constavam de pedreiros, ferramenteiros, padeiros, barbeiros, comerciantes de frutas e cereais, vigilantes, encanadores, carroceiros, verdureiros, tendo entre eles, somente dois motoristas. Além disto, dezesseis pessoas realizavam somente atividades domésticas e dezoito não especificaram sua área de atuação, demonstrando assim, que do montante de 67 pessoas que frequentavam a casa na época, somente 33 pessoas tinham alguma ocupação, e mesmo assim, sem nenhuma especialização ou possibilidade de crescimento profissional e financeiro.

Esta soma de fatores se constituía como um campo propício á manifestações culturais e religiosas em busca de melhores condições de vida, visto que a esperança estava depositada na migração do campo para a cidade em torno da busca por empregos e melhores condições de vida. O não acontecimento desta guinada em busca de prosperidade acarretava numa busca de solução alternativa, um último recurso, o espiritual. Prestigioso em transformar esta vivência de sofrimento e luta em bonança.

Para o próximo capítulo, resgataremos os processos históricos e socioculturais do movimento. Apresentaremos o mito diluviano que foi um fator determinante para a expansão do grupo e sua projeção na mídia nacional. Exibiremos os ritos e práticas do “Borboletas Azuis”, o histórico do fundador e principal líder, Roldão Manguiera e as influências do Catolicismo Romano que moldaram o estilo devocional do grupo segundo características do catolicismo popular por meio das figuras do Pe. Cícero e São Francisco de Assis.

2. Mitos, Ritos e influências religiosas Católicas no “Borboletas Azuis”

2.1. O mito diluviano presente no “Borboletas Azuis”.

Os mitos não devem ser encarados com meras tentativas de se explicar aquilo que não se consegue entender. Eles são acima de tudo, um retrato do homem e de sua maneira de se relacionar com o mundo.

Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira (CAMPBELL, 1991, p. 44).

Joseph Campbell afirma que, para quem experiência o mito, este se torna real. Aquele que vive o mito entende a realidade que o cerca como uma realidade divinal e mágica. Os mitos surgem com a intenção de elucidar a realidade, acarretando significado e razão à existência. “Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida” (CAMPBELL, 1991, p. 44).

Mircea Eliade, assim como Campbell, cogita a importância do reconhecimento do mito como crença e não como fábula. O mito imbuía sentido quando emergia nos primeiros povos, que procuravam estabelecer uma compreensão de si mesmos e do mundo ao seu redor. O mito leva o ser humano a abarcar com mais clareza a existência e sua relação com o mundo natural.

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos (CAMPBELL, 1991, p. 16).

No passado, a relação do ser humano com a natureza e com o cosmos, era muito mais estreita (visceral), visto que, o homem residia e dependia da ação da natureza, dos animais e plantas à sua volta. Uma relação de interdependência, tendo a terra como uma mãe viva, que gera e protege, apresentando recursos e também perigos, uma relação dual mas que passa a ser benéfica a partir do momento em que se denota sentido ao cosmos e a natureza por meio dos mitos.

Émile Durkheim em sua obra, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, analisa os sistemas religiosos totêmicos australianos e, a partir deste sistema arcaico e primordial de religiosidade, defende sua teoria de que os primeiros sistemas de representação do mundo e do homem são de origem religiosa. “Não há religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo que uma especulação do divino” (DURKHEIM, 1996, p. 15).

Para Eliade, os mitos são epopeias sobrenaturais. Relatos de seres maravilhosos e extraterrenos, ou que possuem uma dualidade humano-divina e se relacionam com os seres humanos. Os mitos, em sua maioria, são uma resposta às questões universais como: Quem somos? De onde viemos? Para que existimos? Como o mundo e o universo foram criados? “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1994, p. 11).

Os mitos criacionais instituem um elo entre o cosmos e o ser humano, constituindo a percepção de uma conexão entre o sobrenatural, as criaturas e as coisas (Transcendente, animais e natureza). “Os mitos ensinam como repetir os gestos criadores dos Entes Sobrenaturais e, conseqüentemente, como assegurar a multiplicação de tal ou tal animal ou planta” (ELIADE, 1994, p. 18).

Na análise de Durkheim, as comunidades primitivas apresentam dois modelos de entendimento do cosmos era estabelecido: o *Naturismo* e o *Animismo*: O *Naturismo* dirige-se aos elementos da natureza. Forças cósmicas como os ventos, astros, rios, terra, plantas, animais e objetos de representação cósmica como pedras e artífices. O *Animismo*, por outro lado, tem como objeto os seres espirituais. Almas, espíritos, gênios, demônios. Um arquétipo trata de objetos animados e palpáveis e o outro, inanimados e imateriais.⁴⁹

Vejamos parte de entrevista em que Tereza menciona estes seres:

Essa mesa é a Mesa de Caridade, aqui era pra batizá os pagões, batizá os pagões. Aqueles povo que já tinha morrido há muitos tempo. Velhos e criancinha assim, que já morreu há muitos ano, sofredor, num sabe? [...] E aqui quem sentava era o Pe. Ciço. Pe. Ciço Rumão, Santo Antônio, Santa Rita de Cássia sabe? Ali tem uma foto de Rodão. Oí alí Rodão, quase junto de Santo Antoin. Aí sim, aqui foi aonde que Rodão salvou muitos. Muito tempo aqui, trabalhando, na Casa de Caridade.

⁴⁹ O grupo, “Borboletas Azuis” apresenta em sua configuração, tanto o naturismo, como o animismo. O animismo se mostra no grupo através do contato espiritual com os seres que habitam o transcendente, como a exemplo do Pe. Cícero, São Francisco de Assis, Maria e Jesus; que para eles, são espíritos iluminados. Além desses, existem espíritos inferiores, classificados pelo grupo como espíritos sofredores que permeiam a terra em busca de luz e salvação e os que disseminam o mal sobre a terra.

O *Naturismo* se expressa no “Borboletas Azuis” por meio do *Mito Diluviano*, divulgado e esperado pelo grupo. Uma intervenção mágica das forças da natureza, semelhante à descrita no antigo testamento, que cumpriria a vontade dos Céus, lavando e purificando a terra. Destruindo as almas dos impuros e permitindo que os sobreviventes: aqueles que de bom grado, receberam a mensagem e dedicaram a vida ao contato com os seres sobrenaturais (representantes do animismo) que apregoam a vontade do *Pai Eterno*⁵⁰ na Casa de Caridade Jesus no Horto.

De acordo com a pesquisa de Carneiro (1995, p. 28), Roldão deixa para o grupo, escritos que sugerem que a comunicação por meio destes espíritos iluminados - que são expressões *Animistas* dentro do grupo – deveriam ser realizadas com um determinado propósito: advertir a humanidade sobre o dilúvio. Assim, dentro do “Borboletas Azuis”, as expressões animistas reforçavam e propagavam a força das expressões *Naturistas* que culminariam num evento cataclísmico que purificaria a terra.

Confirmamos trecho retirado do Catecismo que expressa este contato com os espíritos iluminados:

...os espíritos purificados podem utilizar um corpo puro para uma comunicação [...] Todas estas mensagens convergem para um só ponto: é preciso preparar-se para o dia da purificação. O pecado que destrói o homem e o mundo só desaparecerá com a lavagem da humanidade. Esse acontecimento se dará através de um dilúvio. No final, os justos sobreviverão. Nascerá um novo mundo – o mundo dos mensageiros de Deus.⁵¹

Para o grupo, as forças da natureza cumpririam a vontade de Deus através de uma um novo dilúvio bíblico. Assim como no antigo testamento, o processo de purificação da humanidade seria reatualizado com a *Lavagem da Humanidade*. Estaria cumprido mais uma vez, visto que, a humanidade estava mais uma vez corrompida, semelhante à Sodoma e Gomorra.

Podemos perceber que na visão do grupo, o mito diluviano torna-se uma repaginação do universo. Uma nova configuração do mundo realizada através de elementos antigos e

⁵⁰ O Pai Eterno é o nome usado para denominar o Deus do catolicismo pelo “Borboletas Azuis”.

⁵¹ Trecho retirado do catecismo escrito por Roldão Manguera e seguido pelo grupo. O catecismo é um conjunto de regras e preceitos que devem ser desenvolvidos pelos adeptos da Casa de caridade Jesus no Horto para que possam se encontrar aptos á salvação, sendo parte do povo escolhido que morará na nova terra, purificada pelas águas do dilúvio. Tivemos acesso ao Catecismo por meio de recitação de Tereza e posteriormente o encontramos em (CARNEIRO, 1995, p. 26 - 28).

imutáveis. Em fragmento do panfleto acima, que foi distribuído em todo o Nordeste pelos adeptos e simpatizantes do movimento, encontrava-se escrito uma menção ao desejo de volta ao mito primordial diluviano. Nele consta: ... *no mês de maio de 1980 haverá um dilúvio como no tempo de Noé...*

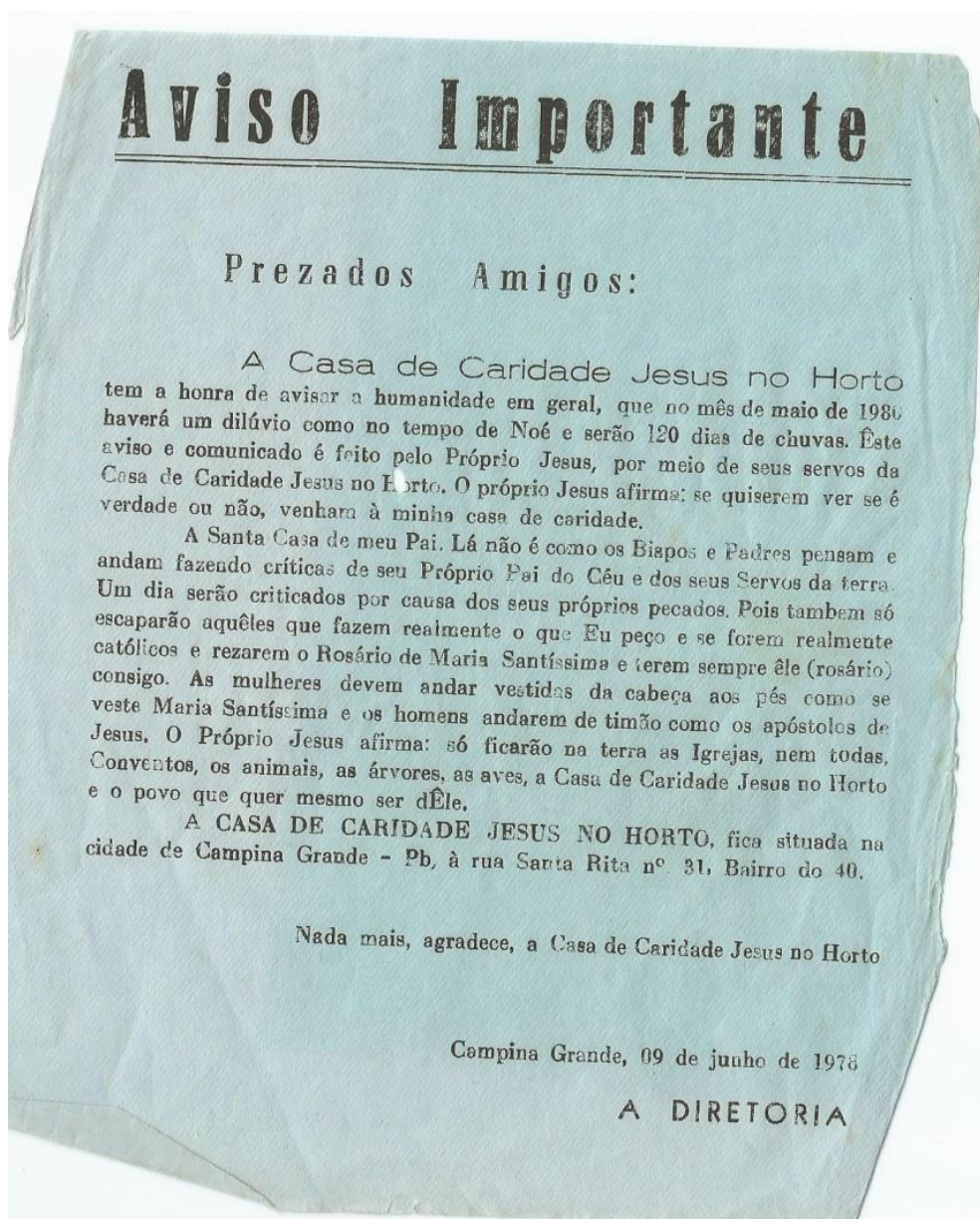


Figura 20 – Folheto distribuído no ano de 1980 com o apelo do próprio Jesus Cristo à conversão e convergência da comunidade, dirigindo-se à Casa de Caridade Jesus no Horto para aderirem ao movimento e receberam a possibilidade de sobreviver ao dilúvio.⁵²

⁵² Acervo do pesquisador. Material cedido por Helena e Tereza para cópia.

Recife, domingo, 11 de maio de 1980

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

A-19

Dilúvio e suspense na Paraíba

CAMPINA GRANDE
(Dos enviados especiais Amin Steple e João Carlos)
— A primeira página da edição de terça-feira do Diário da Borborema já está pronta: "Começa hoje o dilúvio anunciado pelos 'Borboletas Azuis'". A manchete expressa o clima de expectativa que domina a população de Campina Grande (259 mil habitantes), que deverá ser inundada por uma chuva ininterrupta que se prolongará por quatro meses, segundo profecia do místico Roldão Mangueira, líder espiritual da seita "Borboletas Azuis".

Enquanto os adeptos do grupo religioso, encerrados na Casa de Caridade Jesus no Horto (subúrbio pobre de Campina Grande), aguardam com orações e cânticos o início da chuva diluviana, que deverá "matar todos os pecadores da Terra", as autoridades policiais temem que a animosidade reinante na cidade resulte em um linchamento dos "borboletas azuis", hostilizados desde o início da semana pela população.

Dentre as medidas de



Serão 4 meses de chuva, segundo "borboletas"

precaução adotadas pelas autoridades policiais de Campina Grande para serem postas em execução "no dia do dilúvio", destaca-se o esquema especial de segurança armado pela Terceira Região da Polícia.

A partir de amanhã, policiais militares e civis serão escalados para cercarem o templo dos "borboletas", com a finalidade de garantir-lhes a integridade física. Acredita-se que, desde as primeiras horas da manhã de terça-feira, milhares de curiosos deverão acorrer à Casa de Caridade Jesus no Horto para "acompanhar de perto os ritos religiosos que precederão o dilúvio".

As emissoras de rádio e TV de Campina Grande, ao longo de suas programações, pedem à população que se mantenha tranqüila, sobretudo, se a amanhã de terça-feira amanhecer chovendo. As autoridades locais não conseguem ocultar o receio de que, instigada pelos meios de comunicação, haja uma histeria coletiva na cidade, desabar um temporal, como natural no rigoroso inverno campinense. Os fa-

meçou a mudar quando a "diretoria" do templo distribuiu pela cidade cerca de 10 mil folhetos anunciando que em maio deste ano um dilúvio inundaria a Terra. Isso ocorreu em junho de 1978. Pouco antes, a adolescente Lucienne, filha de uma frequentadora da Casa de Caridade, "recebera" Jesus Cristo que a incumbiu de avisar ao mundo a novidade e alertá-lo de que ainda havia tempo para a salvação.

A partir de então, Roldão Mangueira advertiu aos seus seguidores que somente seriam salvos aqueles que atendessem a determinados requisitos como o de ser católico, vestir-se de azul e branco, andar de pés descalços e não manter relações sexuais. Das 700 pessoas que iam diariamente assistir aos trabalhos restaram apenas 50.

Após a triagem, trajados com mantos tímidos azul e branco, os "apóstolos" de Roldão Mangueira iniciaram pelas ruas de Campina Grande a campanha da salvação. De imediato, a população habitou-se a presenciar longas procissões realizadas pelos membros da seita, sempre escolhendo

Figura 21 – Fragmento de jornal publicado dois dias antes do dilúvio no Diário de Pernambuco, demonstrando a repercussão do movimento e da figura do líder, Roldão Mangueira, que na época de espera do dilúvio já se encontrava com seus familiares, acamado, fora do movimento, acometido de câncer de próstata.⁵³

Eliade afirma que nas sociedades arcaicas, os mitos representam a história dos atos dos *entes sobrenaturais*, e para estes, a história narrada no mito é real, desse modo, o referencial primeiro é o de sempre voltar ao processo criacional. Estabelecendo este contato e entendimento do mito, o ser primordial podia chegar a dominar o indominável e conceber o inconcebível. "Recontar o mito era reviver, trazer nova vida ao mito como se o mesmo estivesse mais uma vez acontecendo, este processo de memória, de rememorar o mito, gera relacionamento e um sentimento de viver o mito todas as vezes em que o rememora ou o atualiza" (ELIADE, 1994, p. 22).

Vejamos nas palavras de Tereza, indícios dos motivos pelo qual o dilúvio aconteceria:

⁵³ Fotografia Extraída de Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgetalhos.blogspot.com.br/2009/08/os-borboletas-azuis.html#.U7IS55RdV1Y>. Último acesso em: 09 de abril de 2013.

É só coisa moderna, coisa pra aparicê. É dinheiro. E assim... Depois que o dinheiro caiu no mundo, acabô com o resto. Antigamente os remédio era tudo di graça né. Tudo di graça! Oi! Quando a gente ia fazê... abri um roçado. Todos ajudava né? Aí, como era as coisa antigamente. Todos ajudavam. Quando ia fazê uma casa, todos ajudavam néra? Hoje tem dinheiro. Num existia dinheiro. Quando na sua casa tinha um fêjão, tinha um negóco. Levava nas casa e trocava por um ôtro. Trocava lá! Vivia tudo na humildade! Na humildade, na aubidiência né? Na ordi! Hoji? Num ixisti mais padi, mais bispo. Num tem mais quem dê um grito de alerta no mundo! Num tem mais não. Intigamente ninguém andava mais nu naum (falando sobre as roupas de hoje, curtas, mostrando braços e pernas). Tá uma coisa feia! Feia, feia no mundo, meu Deus! Se a Igreja caiu por causo disso! Por que foi que a Igreja caiu? Porque hoje é tudo no dinheiro, no dinheiro! [...] É o que tão fazendo no mundo todím, o dinhêro. [...] Depois que o dinhêro entrô na sociedade acabô tudo. Acabô a fé dos homi.

Helena também se expressa em entrevista, afirmando que o dilúvio salvaria a todos os que aderissem ao movimento, seguindo as orientações da Casa, vestindo os trajes característicos do grupo e aceitando a doutrina do fundador:

A previsão era para que as criaturas que tavam nessa casa, se tivessem que passar de uma época pra outra, através do dilúvio, tinham que ... num tinham que... que não era obrigado! Fazia se quisesse, porque a liberdade Deus deu a cada um de nós! A liberdade Deus instituiu a cada um de nós. Fazemos de nossas vidas o que quisermos, depois vamos pagar nossas contas né? Então ele instituiu que as pessoas que estavam nessa casa, que quisessem ficar nessa casa tinham que andar daquela forma, vestidas, e rezar. Se reunir pra rezar todas as noites!

O mito é uma elaboração humana em torno de explicar o princípio do mundo com caráter sagrado. Ele narra um ato primordial, no qual entes sobrenaturais com poderes superiores estabeleceram o cosmos. No mito, uma realidade nula passa a existir. O nada se faz tudo, o caos se torna ordem, portanto, o que foi elaborado e organizado pelos entes sobrenaturais passa a existir.

Um destes entes sobrenaturais teria trazido a mensagem do dilúvio ao grupo. No catolicismo popular, a figura do *Menino Jesus*, demonstra pureza e inocência. No altar do “Borboletas”, o destaque é para o Jesus menino. A figura adulta de Cristo aparece nas laterais do templo, em menor destaque. Luciene Diniz, filha de Helena, passa a receber o espírito iluminado do Menino Jesus.

Luciene torna-se uma profetisa na Casa com a idade de dezesseis anos. Uma menina que recebia a mensagem do *Menino Jesus*, ou seja, por ser pura, estava aberta a receber a

mensagem do mais puro dos puros. Luciene participava ativamente do grupo e, por meio do Menino Jesus, estabelece a profecia do dilúvio. Seu carisma foi estabelecido após sofrer um acidente automobilístico onde faleceram todos os passageiros, incluindo alguns familiares, sobrevivendo somente ela e o motorista.

Após conhecer a Casa de Caridade e ser liberta por Roldão do espírito de um de seus tios que falecera no acidente e a atormentava, passa a ser aceita como uma liderança interna do movimento, chegando a um patamar de revelações e poder semelhante ao do líder. Além do Menino Jesus, ela passa a receber o espírito de Maria. É Luciene que, por meio de seus guias, estabelece o uso das vestimentas características do movimento (ARAÚJO, pp. 40 – 42, CARNEIRO, pp. 22 e 23).



Figura 22 – Altar com as imagens do padre Cícero e São Francisco de Assis à direita e à esquerda, Maria, o menino Jesus e São José com segurando o menino Jesus em seus braços.⁵⁴

Helena, ao comentar sobre a atuação de sua filha no movimento, explica que através da incorporação do menino Jesus, Luciene realizava as práticas mediúnicas do grupo e dava conselhos aos participantes:

E seu Rodão, quando o Minino Jesus (Luciene) fazia as práticas dele, todos os domingo. Domingo de tarde. Ele fazia as prática dele aqui(Luciene/Jesus). Intão, seu Rodão presente, e todos os que fazia as prática aqui, presente. Ele (Luciene/Jesus) fazia as prática e dizia... dava os conselho. O que quisesse

⁵⁴ Acervo pessoal do pesquisador.

perguntá a ele, respondia. Muito brando. Falava muito pôquinho, falava muito baixinho. Pricisava assim, de um tempo bem grande pra pudê iscutá.

Tereza, ao falar sobre Luciene, afirma que a mesma fora escolhida para cumprir uma missão específica, ser a portadora das revelações mediúnicas por meio do espírito de Maria, mãe de Jesus:

Foi uma minina de dizesseis ano. Que vêi pra cumprí uma missão aqui na terra e nossa Senhora vêi nela. [...] Quem tinha sua mediunidade via! [...] Ela ricibia o minino Jesus bem piquinininho. Seu Roldão viu uma vêiz o minino Jesus bem piquinininho. Via! A gente via assim os isprito!

E que tipo de resposta seria esta, exemplificada pelo advento do dilúvio? De acordo com o discurso dos adeptos, o mundo adentrara no caos e o perdera respeito a Deus. Todo o mundo se apresentava corrompido pelo grande mal, o *dinheiro*, que destrói e entorpece o mundo. Por causa do dinheiro, as criaturas esquecem-se do criador. Tornam-se individualistas e decompostos pelas coisas boas e belas que o mundo pode proporcionar. Somente um exemplo como o dilúvio poderia purificar a humanidade.

Em relação ao mal do dinheiro, Tereza traça um paralelo entre Jesus e Herodes, afirmando que Jesus era pobre e humilde por portar uma coroa de espinhos e Herodes, representante das riquezas do mundo e do dinheiro, denominado por ela como o rei da coroa de ouro. Vejamos as palavras de Tereza:

E tem o rei da corôa de ôro e o rei da corôa de ispím. Tá intendeno. O rei da coroa de ispim e o da coroa de ôro. Tem o rei da coroa de ôro que é Heróidis e o rei da coroa de ispim. Tá entendeno? Jesus foi preso como ladrão! Ele foi preso, amarrado, cruchificado, matado ele lá no carvão sabe. Cinco légua com a cruiz pesada, tá ali o retrato dele sabe. Subiu cinco légua com a cruiz pesada. E era ladêra, era ladêra! Aí os demônio pá ajuda ele, pá ajuda. [...] Mataró ele lá. Na cruz. O povo nu acredita naum. Hoje num tem mais nenhum pade pra dá um alerta, tem mais não. Tirar suas vestes e dar aos outro? Duminô a sociedade. Duminô. A gente tem que obedecê os conselho da verdade. Do Pai Eterno meu fio, do Pai Eterno!

Tereza afirma que nenhum padre se encontrava em condições de aconselhar a humanidade. Para o grupo, nem mesmo os representantes de Deus e da Igreja encontram-se aptos a auxiliar o povo de Deus. Jaziam corrompidos pelas riquezas. Podemos perceber isto quando Tereza afirma que nenhum padre quer tirar as próprias vestes e doar aos pobres, como a exemplo de São Francisco de Assis. Para ele, o ser humano está entorpecido pelas coisas desse mundo, o dinheiro e o que ele pode proporcionar: “O povo diz! Hoje o povo diz: Tôno

dinhêro, leitura e casa bunita pá mora! Dinhêro, leitura. Num falta nada! Aí, quando morrê, fica aí sofreno. Num vai buscá Jesus! Jesus tá ali! Oranú nas Olivêra”.

Vejamos a explicação atual de Tereza sobre o que aconteceria na terra com a chegada do dilúvio quando questionada em entrevista que nos foi cedida em maio de 2013:

Se o dilúvio tivesse vindo? Era assim: se o dilúvio tivesse vindo num ia matá todo mundo não! O povo de Deus escapava sabe (os Borboletas Azuis)? Do mermo jeito que tá aqui né (ela e Helena na Casa de Caridade)? Os que tava com Deus escaparo e os que num tava a água levô (se referindo ao relato bíblico). É que essa casa num foi aberta pra sê destruída não! Aqui foi um grande exemplo que Deus mandô pra humanidade, um grande exemplo! Mas o povo num entende, num entende né? Ia ficar aqui. Quem iscapasse ia ficar aqui. A terra ia ficar mares e céus, mares e céus. Mas num era im todo canto não, num sabe? Tinha canto que ia ficá! Eu sei é que os povo ia morre tudim. Ia morre tudim! [...] Depois ia aprece trabaí, aparicê gente. Aparecê muita gente católico, religioso. [...] vinha a limpeza(dilúvio) pra o povo sabe? Os povo ia sobrá e fica aqui na igreja. Ia ser como Deus determinou (no relato bíblico).

O mito descreve algo real que acontecera no passado e se manifestou plenamente. Narrado pelos personagens míticos, conhecidos pelos seus atos exemplares durante o processo criacional, como Noé; exaltado no panfleto distribuído pelo grupo. Os mitos tecem a atividade criadora e denotam sacralidade aos atos heroicos dos personagens primordiais. Eles relatam a atividade sobrenatural transcendente no mundo imanente, trazendo sacralidade ao que antes era profano. Valor sobrenatural ao que antes era natural. *É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje* (ELIADE, 1994, p. 11).

A ideia de um dilúvio próximo foi substituída pela compreensão de que a purificação da humanidade se dá mediante o retorno às origens do cristianismo. Para tanto, é necessário orar sempre e aumentar a mortificação do corpo, dentro de um processo permanente de expiação e de penitência. Nesse caso, ganham relevo as “dietas espirituais” mediante longas peregrinações... (CARNEIRO, 1995, p. II)

Ao conhecer o mito, passa-se a conhecer a origem das coisas, chegando ao controle e domínio, diferindo do medo e do temor causado pelo desconhecido, assim, ao reviver o mito criacional, o ser humano acarretava sentido e conforto a sua alma, concebendo entendimento e controle para aquele que o revivesse, trazendo segurança, pois o conhecimento da origem de algo equivale ao domínio sobre o mesmo.

Apenas conhecer o mito não é definitivo para o domínio. É necessário restaurar o mito de origem como se o mesmo fosse revivido e devolvido ao momento de sua concepção, trazendo o mito original novamente à realidade e à vida ao recitá-lo.

Recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo forte, porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos entes sobrenaturais. Ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se conseqüentemente, contemporânea, de certo modo, dos eventos evocados, partilha da presença dos deuses ou dos heróis. (ELIADE, 1994, p. 21).

Segundo Eliade, o homem moderno estabelece sua base de conhecimento de si e do passado através da investigação da história, traçando seu futuro pela experiência adquirida no passado. Logo, no homem primordial, os mitos concebiam, por meio da narração, o modelo do passado a ser seguido. Sendo o ser futuro, um resultado dos eventos primordiais. “O homem moderno se considera constituído pela História, o homem das sociedades arcaicas se proclama o resultado de certo número de eventos míticos” (ELIADE, 1994, p. 16).

Em maio de 1980, a frustração da espera de um dilúvio não concretizado foi determinante para a paulatina dissolução do grupo. De acordo com Carneiro (1995, p. 29), o serviço nacional de meteorologia apresentava uma leitura de estiagem para todo o interior da Paraíba. Depois de um dia e uma noite inteira de espera, os adeptos da casa de Caridade Jesus no Horto encontravam a derrota. Alguns dos adeptos decepcionados, pouco a pouco deixavam o local transportando em pequenas carroças, mantimentos e pertences estocados no prédio anexo que seriam ferramentas para a construção da uma nova era e sustento durante a espera da estiagem que se daria após quarenta dias.

Sem chuva e sem o seu herói (Roldão) os Borboletas Azuis celebraram o dilúvio seco, na vigília de uma noite quase infinda. No dia seguinte, entre sonolentos e desiludidos, alguns iniciaram a viagem de volta a suas casa, em alguns casos, abandonadas há mais de um ano. Consigo levavam os mantimentos guardados e o desapontamento de um dia de sol com uma noite sem frio (CARNEIRO, 1995, p. 30).

Para alguns, a esperança não tinha se perdido. Uma nova significação é revelada. Três anos após a data prevista do dilúvio que não veio. Os poucos adeptos que permaneceram na casa de caridade, sob a liderança de Antônio de França, afirmavam que Deus poupava a humanidade oferecendo mais uma chance aos pecadores visto que poucos haviam se arrependido de coração. Essa nova oportunidade deveria ser tomada com primor, pois o dilúvio somente tinha sido adiado. Ainda era necessário o arrependimento e a direção da Casa à humanidade.



Figura 23 – Estocagem de alimentos para sobrevivência do grupo por pelo menos quatro meses após o dilúvio.⁵⁵

Carneiro (1995), afirma que mesmo após a não concretização do dilúvio, os remanescentes continuavam a realizar as reuniões periódicas aguardando uma nova previsão do dilúvio, que em breve aconteceria:

No dia 24 de julho de 1980, falecia Roldão Mangueira de Figueiredo. Sua ideia, entretanto, parecia consolidada na Casa de Caridade Jesus no Horto. Ali, os Borboletas Azuis continuam a se reunir. Rezam e cantam todos os dias, à noite. Aos domingos, celebram seu culto. Conversam com os espíritos de luz. Cumprem as determinações do seu fundador e aguardam a vinda do banho de purificação universal – o dilúvio (CARNEIRO 1995, p. 30).

Durante as entrevistas, as palavras de Helena e Tereza apontam as razões pelas quais o dilúvio não se apresentara. Para elas, as pessoas que estavam na casa de Caridade esperando o momento do dilúvio, em sua maioria, ou estava naquele lugar com medo da destruição do mundo, ou tinham interesses próprios, carnavais. Como a exemplo de um senhor que tinha o intuito de contrair matrimônio com uma frequentadora da Casa que perderia sua família descrente que pereceria nas águas, estabelecendo com a adepta, uma nova família:

Tinha umas pessoa aqui que tava se arrumando pra casá logo depois do dilúvio. Que tava aqui... e tava aqui só com medo de morrer. Ele queria casá com uma moça daqui. Uma moça que era daqui! Ele tinha planejado casá cum uma moça daqui. Que a família dele que num é daqui, ia morrer. A senhora dele era mesmo uma pessoa que num gostava de ninguém que era daqui. Ele tinha um taxi. Se desfez desse taxi e comprô um mômto di coisa pra poder viver com uma pessoa que era daqui... depois do dilúvio. E o que aconteceu? Ele ficô e ela ficô também! (HELENA).

O diluvio vinha e ia ficá pôca gente, quem tinha cundição iscapava, quem num tivesse, murria nas água do mar. Muita gente vêi aqui cum medo de

⁵⁵ Fotografia Extraída de Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/os-borboletas-azuis.html> . Último acesso em 15 de novembro de 2013.

morre. Mas cumprí as ordi? Ninguém tava aqui não, aí... Deus num ingana ninguém naum! Num vêi purque as pessoa tava cum medo di morre! Mas cumprí as ordi num quisero naum. Mas podia vim! Podia vim! Você sabe que Deus qué uma prova da verdade né? [...] Aí ficava o povo tudo chorano ali di juêlho. As mulhé chorano, que tava aqui na missa, chorando. Muitos na sacristia chorando (TEREZA).

Seu Rodão fez esse depósito grande aqui. Mandou as pessoa que quisesse, botá os seus pertence. Suas coisas, tudo aqui. Mas aqui tinha gente que num tava aqui no propósito de cumprir uma missão. Tava aqui porque tava cum medo de morre! E aqui num é pra tá ninguém cum medo! Se era pra cumprir um propósito de Deus? pra quê tá cum medo? Eu mermo num tava cum medo! Tinha muita gente aqui na véspera! Tinha muito adepto daqui, tinha muita criança (HELENA).

Helena e Tereza ainda apontam outros motivos que contribuíram para o não acontecimento do “exemplo para a humanidade”. Segundo os depoimentos colhidos em entrevista, dois fatores foram determinantes. O afastamento de Roldão por causa da saúde debilitada e a desistência de Luciene Diniz ⁵⁶, que deixou o movimento para contrair matrimônio com um dos adeptos do movimento, abandonando o chamado que recebera do Pe. Cícero para ser uma freira.

Estes acontecimentos esvaneceram a força do movimento, e conseqüentemente, o elo espiritual dos principais líderes com os seres celestiais que se comunicavam com o grupo. O Pe. Cícero, Maria e o menino Jesus. Vejamos a explicação de Tereza sobre os fatos:

Aí o mal vêi e feiz assim: tirô a minina daqui. Vêi e tirô. Gente daqui mermo! Como é qui pódi? Gente daqui querendo ela im namôro? E ela num era dessa forma não (era pura, não pensava em sexo)! O Demóin atacô ela! Meu fí?! A pissôa cumprí uma missão na terra é muito difícil! é muito difícil pá cumprí uma missão aqui na terra! Jesus vêi nela! Num foi na gente naum, vêi nela! Mas as matéria foi muito fraca.

Helena, mãe de Luciene e atual líder do “Borboletas Azuis” descreve que sua filha agiu por impulso, não escutando seus conselhos, cedendo ao convite do adepto que a influenciara a abandonar o movimento e casar-se com ele. Perdendo assim seu status carismático de freira do movimento, decrescendo o poder do grupo e a força das revelações de Maria e do menino Jesus, sendo determinante para a dissolução do poder dos santos que trariam o dilúvio sobre a terra. Confirmamos as palavras de Helena:

⁵⁶ Tentamos estabelecer contato com Luciene Diniz para entrevista, mas sua mãe, Helena Diniz, atual líder do movimento, foi incisiva em afirmar que não cede entrevistas e que não gosta de relembrar os momentos em que participou do “Borboletas Azuis”. Atualmente, Luciene reside no Pará e é formada em pedagogia, exercendo a profissão de professora. Os laços matrimoniais de Luciene com o adepto que, juntamente com ela, abandonou o movimento foram rompidos há mais de dez anos, segundo relato de sua mãe.

Quando foi na época que teve a previsão, que foi distribuído panfleto e tudo. Tinha esse exemplo, que a humanidade ia tê esse exemplo. Os principais cabeças daqui de dentro, caíram! Roldão e Luciene! [...] ela... resolveu casá! Como Deus deu a liberdade a todos nós... Ela resolveu... Ninguém podia impatá! Então, contra muito, contra a minha vontade (Helena é mãe de Luciene). Aproveitou-se porque ele era adepto daqui e casô cum ela, casô mesmo! Casô na igreja, casô bem direitím. [...] eu fiquei muito angustiada, desesperada! Fiquei muito angustiada por conta que era uma coisa que eu achava, que a humanidade tava muito merecida. Que nós, nós que tava aqui dentro, também estávamos muito miricido desse exemplo. Não só os de fora, os daqui de dentro tava precisando! Pra se purificar ainda mais e fazer mais as vontade de Deus, então, num houve. Quando num houve então, seu Rodão caiu dessa parte, ele adoeceu.

Para os adeptos que desistiram e para a população Campinense, o caso estava encerrado. O movimento, seus líderes, suas profecias, tudo não passara de uma ilusão ou de um engano proporcionado por ideais de um grupo alienado. Todavia, para os remanescentes que ainda permanecem alerta e os que faleceram à espera do novo exemplo, a esperança ainda não acabou. O Menino Jesus ainda voltará a falar naquela Casa. Maria e o Pe. Cícero voltarão a guiar os frequentadores do templo, que voltará a ficar repleto de seguidores.

Através dos rituais semanais, das orações e das novas revelações por meio do espírito do Pe. Cícero, agora por meio de França, os remanescentes do movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis” atingem uma extensão que transcende a temporalidade. Uma nova dimensão na qual a vida deriva e retorna. Uma esperança cíclica, que nunca acaba, mas que se transforma diariamente em novo sentido de vida e culto, na espera de um *novo nascimento* por meio da purificação da humanidade. “O ritual é o cumprimento de um mito. Ao participar de um ritual você participa de um mito” (CAMPBELL, 1991, p. 95).



Figura 24 – Recorte de jornal com fotografia de Antônio de França trazendo declarações a imprensa de que um novo recado do Pe. Cícero seria proclamado à população em breve, pois o santo se comunicava frequentemente com ele.⁵⁷

Nos próximos tópicos, explanaremos os ritos presentes no grupo. Traremos uma exposição dos rituais, preceitos e práticas realizadas pelo fundador e seus acólitos, assim como o resultado da observação da vivência cotidiana atual, traçando um paralelo entre os ritos realizados na época de fundação e efervescência do movimento e os ritos praticados atualmente.

⁵⁷ Fotografia Extraída de Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/os-borboletas-azuis.html> . Último acesso em 17 de novembro de 2013.

2.2. Rito, culto e princípios doutrinários no “Borboletas Azuis”.

O rito é o mito em ação. O ritual torna-se a vivência e expressão do mito, constitui-se no reviver e no rememorar de um tempo primordial e perdido. No rito o mito recria-se, reatualiza-se, gerando nova vida através do rito. Uma nova criação é reproduzida e realimenta-se o conceito e a crença no passado mítico.

No segundo capítulo de *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim teoriza que os primeiros ritos expressos pelo ser humano constavam de ritos mortuários e os primeiros sacrifícios, oferendas de artífices ou alimentos em torno de atender as necessidades dos mortos. Entendia-se que após a morte, a alma humana se desligava do corpo sem que pudesse retornar, tornando-se espírito. Mesmo nesse estado etéreo, cabível das mesmas paixões e consciência humana, podendo agir benéfica ou maleficamente. Em favor ou oposição ao ser humano, por isto, era necessário, por meio dos ritos, apaziguar periodicamente com favores e oferendas a ação opositória espiritual.

O “Borboletas Azuis” apresentam um modelo de ritual bastante complexo e demorado. Seus ritos se assemelham com as cerimônias acima descritas que, em busca de apaziguar a ira dos céus, do *Pai Eterno*. Empreendem orações e penitências. Horas de oração e recitação de cânticos e leituras de joelhos e caminhadas espirituais em busca de mortificar a carne e abrandar o espírito.

Há uma forma de meditação, ensinada pelo catolicismo romano, em que você reza o terço, a mesma oração, vezes e vezes seguidas. Isso leva a mente para dentro de si própria. Em sânscrito, tal prática é denominada japa, “repetição do santo nome”. Ela afasta outros interesses e lhe permite concentrar-se em uma só coisa e, a partir daí, dependendo da sua capacidade, você pode experimentar a profundidade desse mistério (CAMPBELL 1991, p. 228).

Indumentos que escondem o corpo e previnem os desejos da carne demonstram um sinal constante da busca por purificação. Além disso, existem ritos específicos de purificação das almas perdidas, realizados na mesa de comunicação espiritual, a *Mesa de Caridade*, onde se batizavam os espíritos arrependidos dos mortos e os encaminhavam aos céus. Segundo Tereza, era acesa uma vela para cada espírito, encaminhando-o com mais facilidade ao caminho da luz, o celestial, onde habita o *Pai Eterno* e os santos que se comunicam na Casa.

Aqui era pra recebê um luz, recebê um luz. Jesuis qué qui suba... qué batizá os arrependidos né? Tem muitos aqui (espíritos na terra), arrependido, sofreno, que qué recebê uma luz. Num tinha um lugar! [...] Aí, acendia uma

velinha dessa! Sabe? Uma velinha dessa praquela criatura. Batizar os pagões que ia recebê uma luz!

Para Durkheim, os ritos se apresentam como expressões do cerne humano, sejam estas individuais ou coletivas. Os ritos demonstram em si expressões da idealização e do desejo de um indivíduo ou grupo em torno de buscar no transcendente uma explicação ou resposta plausível ao inexplicável. Uma tentativa de constituir resposta a questões como a morte, a traição, os sonhos, os fenômenos naturais, etc. “Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social” (Durkheim, 1996, p.07).



Figura 25 – Mesa de Caridade, candelabro azul e branco (cores base do movimento) e velas que são acesas durante os períodos de oração.⁵⁸

Neste caso, o rito se torna a vivência, a prática do mito. No rito o mito cria vida e se repete como se estivesse sendo novamente criado a exemplo dos primórdios. Tomando como exemplo o cristianismo, a religião mais comum e popular no Brasil e inspiração para o do surgimento do grupo. No ritual da ceia, o pão e o vinho se tornam verdadeiramente o corpo e o sangue de Cristo e sua morte e ressurreição são novamente revividas por aqueles que participam do rito. Como se tudo ocorresse mais uma vez diante da representação ritual. “Ao

⁵⁸ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador.

viver os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo sagrado, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável” (ELIADE, 1994, p. 21).

Um dos aspectos maravilhosos do ritual católico é a comunhão. Lá você é ensinado que este é o corpo e o sangue do Salvador. E você o toma, volta se para o seu interior, e eis Cristo agindo dentro de você. É uma maneira de estimular a meditação sobre como vivenciar o espírito em você. Você observa pessoas retornando da comunhão e elas estão voltadas para dentro, realmente estão (CAMPBELL, 1991, p. 73).

O rito, durante seus períodos de re-memória, torna-se um evento cíclico e constante, como um repassar e um recriar constante do mito. Nele se recria o Cosmos e os heróis míticos se tornam um com o ser humano, através da participação ritual. O ritual estabelece uma *ligação* do ser humano com este mundo espiritual cíclico e imortal, que nasce e renasce, que se cria, destrói e renasce, trazendo esperança e uma noção de imortalidade.

Símbolos como o de *Oroboros*, a serpente mítica nórdica, que é cíclica e que se autodevora, mas nunca se destrói ou morre. A Fênix, que renasce de suas cinzas, dentre outros, exemplificam esta noção de eternidade mítica. “O rito força o homem a transcender os seus limites, obriga-o a situar-se ao lado dos deuses e dos heróis míticos, a fim de poder realizar os atos deles. Direta ou indiretamente, o mito eleva o homem” (ELIADE, 1994, p. 128).

E essa ideia de uma sustentação invisível se relaciona também à sociedade. A sociedade aí estava, antes de você; continua aí, depois que você se vai, e você é um membro dela. Os mitos que o ligam ao seu grupo social, os mitos tribais, afirmam que você é um órgão de um organismo maior. E a própria sociedade, por sua vez, também é um órgão de um organismo ainda maior, que é a paisagem, o mundo no qual a tribo se move. O tema básico do ritual é a vinculação do indivíduo a uma estrutura morfológica maior que a do seu próprio corpo físico (CAMPBELL, 1991, p. 86).

As peregrinações realizadas pelo grupo demonstram essa repetição constante dos ritos, como semelhança aos feitos dos heróis míticos do catolicismo, Jesus e seus santos. Ao questionar a necessidade da realização de caminhadas em entrevista, Tereza nos relata que: “Porque a gente faz o que se fazia há muitos tempos atrás, o que Jesus fazia. Ele fazia essas coisa também! Ele pirigrinava, andano todos os lado. [...] Ele vivia assim: de devoção, de promessa, de caminhada”.

Dentro do grupo, as *manifestações espirituais* são expressas por meio de incorporações. Mas não são incorporações de pessoas comuns, como podemos perceber em outras expressões religiosas que se comunicam com espíritos. No “Borboletas Azuis”, as manifestações eram específicas. Nelas, os heróis míticos católicos selecionados pelo grupo conseguiam se tornar um com os adeptos do movimento, traçando assim, uma ligação deste mundo corrompido com a pureza primordial dos Santos católicos e as regiões celestes nas quais, estes humanos iluminados residiam, os Céus.

As palavras de Helena asseveram esta presença constante dos espíritos iluminados na Casa de Caridade Jesus no Horto:

Nós ficamos aqui esperando o que ia acontecer. O que o Pe. Cícero tinha pra dizer. Mas tem o Pe. Cícero? A ordi do Pe. Ciço. O Pe. Cícero continua falando nessa casa e disse que enquanto tivesse duas pessoas aqui, falano no nome de Deus. Falano em Deus, respeitano as norma daqui. As norma que foi ditada por ele, por meio de Seu Rodão. Intão, ele estaria aqui nessa casa. E ele tá aqui nessa Casa! Pe. Ciço tá aqui com a gente!

Através do rito, os eventos que aconteceram nas origens podem ser revividos e reconstruídos através do poder ritual. Ao se rememorar os mitos, somos capazes de repetir o que os deuses, os heróis ou os ancestrais realizaram e viveram. “A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas [...]” (ELIADE, 1994, p. 13).

Além disto, ao reviver e rememorar o mito durante o rito, o ser humano separa-se do tempo comum. O mundo terreno, que é temporal e destrutivo, onde o tempo cronológico age determinando princípio e fim dá lugar ao tempo cíclico, indivisível e atemporal, um tempo espiritual mágico e sagrado, onde o que é profano não tem poder de penetração e nem o tempo se aplica. Não há deterioração ou morte. E nele, os seres humanos podem compartilhar juntamente com seus heróis míticos, este relacionamento com o sagrado. “O ritual abole o tempo profano, cronológico e recupera o tempo sagrado do mito” (ELIADE, 1994, p. 126).

Mito e rito são faces da expressão do cerne humano em busca de estabelecer uma ligação do ser humano com o transcendente e o mundo espiritual extraterreno. Através deles os seres humanos conseguiram constituir sentido à vida e estabelecerem um relacionamento mais profundo com a natureza, o cosmos e seus semelhantes. “Quanto ao ritual, é preciso que ele se mantenha vivo. Muito do nosso ritual está morto. É extremamente interessante ler a respeito das culturas primitivas, elementares – como elas transformam os contos populares, os mitos, o tempo todo, em função das circunstâncias” (CAMPBELL, 1991, p. 98).

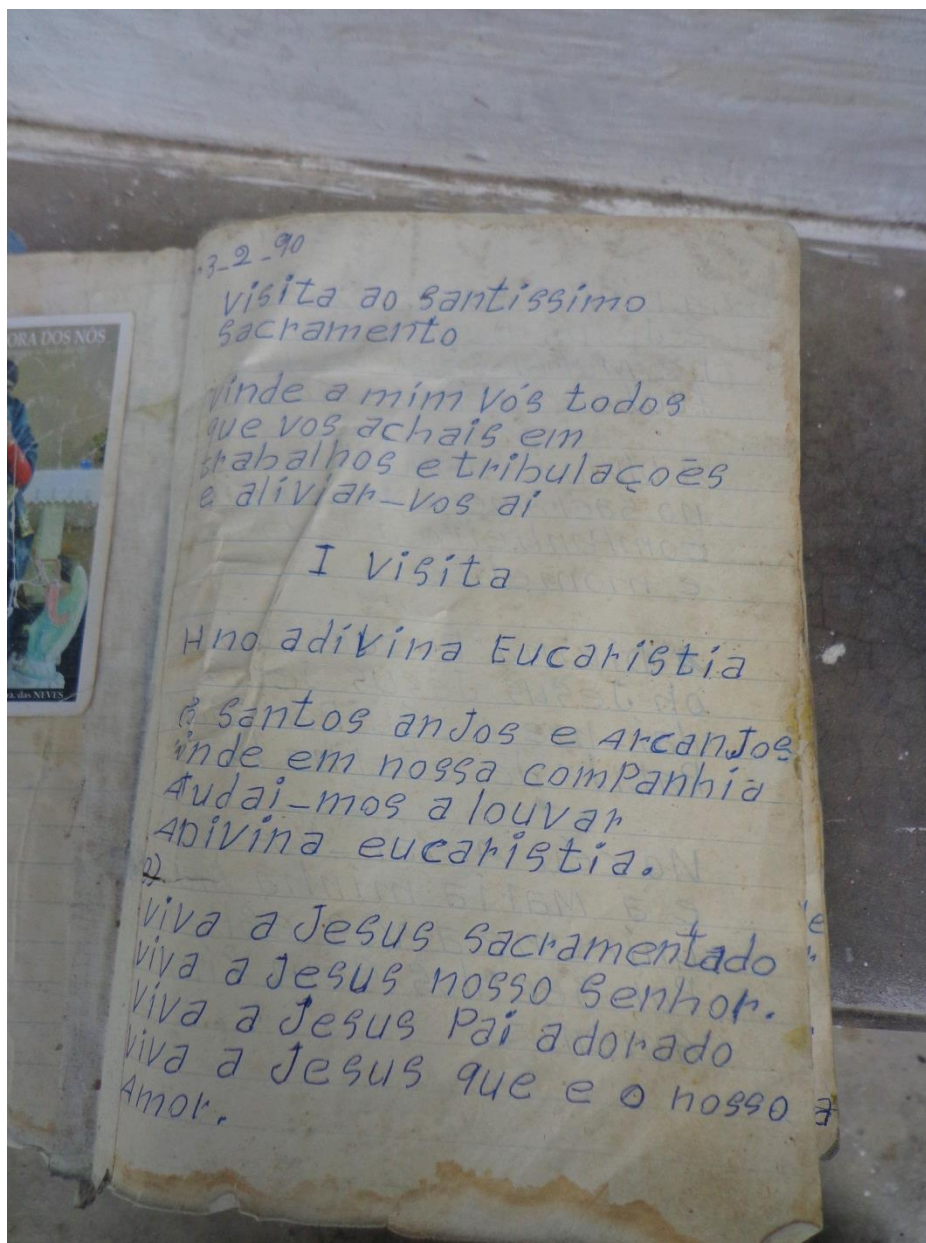
Para que possamos entender os elementos presentes no rito e culto do “Borboletas Azuis” que estabelecem esta conexão entre o imanente e o transcendente, exporemos os ritos que eram desenvolvidos pelo grupo, os preceitos seguidos durante o tempo de espera do dilúvio e as cerimônias expressas na atualidade, comparando sua ritualística anterior em face a fase posterior ao não acontecimento catastrófico diluviano.

Como estrutura de base religiosa, o grupo, em suma, utilizava orações e hinos de livros de orações e hinário católico, tendo oito orações e dois hinos de própria autoria (CARNEIRO, 1995, p. 26). Em uma de nossas visitas, recebemos da Irmã Maria Tereza, um livreto de orações da Igreja Católica, bem velho e surrado, com as bordas amareladas e corroídas pela exposição ao tempo. Nele estão presentes, explanações da doutrina, liturgias, orações e cânticos oficiais. Não há referencia de data de impressão, edição ou onde fora fabricado. Somente uma análise mais detalhada por um especialista poderia precisar a idade deste documento.

É importante saber que este livreto era usado somente como base para transcrição e nem todo o seu conteúdo é presente nos cadernos de cada adepto. Percebemos que o caderno de orações de Tereza apresenta em seu conteúdo algumas destas orações e cânticos presentes no livreto, além de orientações da liturgia católica, orações e hinos do catolicismo popular que foram anexados a prática ritual do grupo por intermédio de Roldão.

Tereza relata que o próprio Roldão distribuía cadernos para transcrição. O objetivo era o de inculcar os cânticos por meio da caligrafia própria de cada adepto e inserir novas orações e cânticos que não constavam no livreto. Helena nos relatou que sua filha desenvolvera muitos cânticos de autoria de Maria, quando recebia a visita da Mãe de Deus durante as reuniões e que este caderno ficou em posse de Luciene. Assim, cada participante tinha seu próprio acervo com cânticos e orientações básicas passadas por Roldão e inserções feitas por cada um, dependendo do santo de maior devoção ou guia mais influente, como no caso de Luciene, tornando cada caderno, uma peça única, selecionada de acordo com as influências e necessidades de cada seguidor.⁵⁹

⁵⁹ Infelizmente só pudemos escutar os cânticos durante as reuniões que participamos na Casa de Caridade Jesus no Horto. Só pudemos encontrar os cânticos em dois cadernos escritos à mão e que estão em posse de Helena e Tereza. Elas não cederam os cadernos para cópia por afirmarem que se reúnem diariamente e necessitam de ter o material em mãos. Tentamos convencê-las a copiar os cadernos por meio do uso de fotografia ou xerox, mas nos foi negado o acesso, mesmo assim, em uma das visitas pude fotografar parte do caderno, tendo assim, mesmo que parco, material para análise.



No caderno, encontramos o cântico acima fotocopiado: *Santos anjos e arcanjos*, do qual copiamos o fragmento: “Santos, Anjos e Arcanjos. Vinde em nossa companhia. Ajudai-nos a louvar. A Divina Eucaristia. Viva a Jesus sacramentado. Viva a Jesus, nosso senhor. Viva a Jesus, pai adorado. Viva a Jesus, que é o nosso amor”. Abaixo, cântico completo, entoado atualmente, a única diferença que encontramos no parágrafo do caderno é a colocação do artigo *a*, referente a Jesus.

SANTOS ANJOS E ARCANJOS



San-tos An-jos e Ar - can - jos, vin-de em nos-sa com- pa - nhi - a.
 A - ju - dai - nos a lou - var, a Di - vi - na Eu-ca - ris - ti - a.
 San-tos An-jos e Ar - can - jos, vin - de em nos - sa com - pa nhi - a.
 a - ju - dai - nos a lou - var a Di - vi - na Eu - ca - ris - ti - a Vi - va Je -
 sus Sa - cra - men - ta - do, - va Je - sus, Nos - so Se - nhor! Vi - va Je -
 sus, Pai a - do - ra - do, vi - va Je - sus, que é o nos - so a mor!

1. Santos Anjos e Arcanjos
vinde em nossa companhia
ajudai-nos a louvar,
a Divina Eucaristia.

2. A Divina Eucaristia
é Jesus Deus humanado
de Maria sempre virgem
fruto do ventre sagrado

3. A Divina Eucaristia
é o Cordeiro imaculado
por nosso amor cada dia
misticamente imolado.

4. A Divina Eucaristia
é Jesus no Sacramento
nosso fiel companheiro
a toda a hora e momento.

5. Ó Divina Eucaristia,
ó Jesus, Jesus, Jesus!
Dai-nos o céu por esmola
a Pátria da eterna luz.

6. O céu, onde amar-vos quero
e a Maria minha Mãe
onde unir-me a Vós espero,
por séculos sem fim. Amen.

60

O grupo, ademais, se pautava nos Dez Mandamentos (decálogo) e um estatuto próprio, denominado por eles como, *catecismo*, instituído pelo seu fundador. Os princípios são: Não comer carne de animais, não praticar esportes, não portar vestes de cores berrantes, não consultar médicos, não fazer sexo fora do matrimônio, não transformar o templo num comércio de curas, não aderir ao modernismo, cobrir o corpo inteiro, andar com os pés descalços, ouvir e respeitar os espíritos de luz.

A liturgia do grupo assemelhava-se a de uma novena católica e o templo tem características de templos anteriores ao Concílio Vaticano II. Aos domingos, o ritual se apresentava pleno, com cinco horas de duração e era dividido em três etapas distintas. A primeira se apresentava através de uma hora de orações ajoelhados nos genuflexos no local limite onde se separa o altar do templo.

⁶⁰ Texto extraído de: <http://musicaliturgica.blogspot.com.br/2011/06/santos-anjos-e-arcanjios.html>. Último acesso em 13/04/2014.

O segundo momento litúrgico acontecia quando ao término das orações, homens e mulheres assentavam-se nos bancos do templo, homens à direita e mulheres à esquerda. O grupo entoava os cânticos do hinário católico e alguns dos hinos de autoria própria. Nesta fase, cada congregante tinha o dever de entoar, pelo menos, um dos cânticos.



Figura 26 – Mulheres e crianças do sexo feminino durante uma das reuniões do grupo. Os bancos da direita eram reservados somente às mulheres, enquanto os da esquerda para os homens.⁶¹

No terceiro momento, os adeptos se dispunham ao redor da mesa de comunicação, e ainda na mesa, a divisão de gênero permanece visível, tendo homens de um lado, mulheres do outro. O líder se colocava na cabeça da mesa, onde incorporava o Padre Cícero Romão e respondia os questionamentos das pessoas presentes, respondendo a todos até que não houvesse mais questionamentos, terminando assim o culto dominical.

Existem ainda três ritos especiais dentro do “Borboletas Azuis”: o ofício de limpeza, o banho de sereia e o batismo dos pagãos. As duas primeiras são cerimônias de limpeza, ou seja, *lavagem dos pecados*, já o último, um sinal de adesão ao grupo, um rito de iniciação e salvação, o *batismo das almas pagãs*.

O primeiro se tratava de uma curta cerimônia diária em torno da mesa de comunicação onde os fiéis faziam movimentos circulares com os braços e mãos e enquanto o celebrante proferia várias vezes a sentença: “Vai para as ondas do mar”. Um sinal de lavagem por meio

⁶¹ Na primeira reunião que participamos em 25 de agosto de 2013, no templo da Casa de Caridade Jesus no Horto, somente estavam presentes Helena e Tereza e, ao nos assentarmos, fui advertido a me dirigir aos bancos do lado direito do templo por ser homem. Fotografia copiada do acervo de Helena Diniz. A referida fotografia é da década de 80, anterior à data marcada para o evento diluviano.

das águas. No segundo, o rito era semanal, realizado nas quintas-feiras e, diferente do primeiro, era bastante demorado. Após recitar o Ofício de Nossa Senhora, retirava-se água (salgada) de um pote com uma caneca e - na entrada do templo - derramava-se sobre a cabeça daqueles que se encontravam em pecado. O último era reservado somente aos espíritos pagãos que são classificados em dois tipos: Espíritos que em vida foram servos exclusivos de Deus, denominados de profetas e os que, mesmo sem estar em contato presente com Deus, dedicaram suas vidas a disseminar a bondade, como o caso de Buda e Ghandi, dentre outros. Nestes dois casos, os espíritos incorporados necessitavam serem batizados em nome de Jesus Cristo antes de revelar qualquer mensagem à comunidade.

Atualmente, as reuniões apresentam uma configuração diferenciada. Os ritos que necessitam de uma pessoa com mediunidade de incorporação, não têm sido realizados pela falta de um membro que apresente estas características. Helena e Tereza não apresentam este dom mediúnico, mas o local de culto, a casa de caridade ainda é um local onde o contato espiritual com os santos protetores do grupo é estabelecido. Mesmo que não haja um médium iluminado presente. A Casa de Caridade ainda é uma Terra Santa. Campbell remete a este entendimento de santidade do espaço sagrado, trazendo um exemplo bíblico: “Você deve se lembrar da história do sonho de Jacó. Quando ele desperta, o lugar se torna Betel, a casa de Deus. Jacó reivindicou esse lugar dotado de certa significação espiritual. É o lugar onde Deus semeou suas energias” (CAMPBELL, 1991, p. 106).



Figura 27 – Antiga fotografia do templo. Nesta fotografia, ainda não caminha de pedras que leva ao templo. A integrante do movimento que aparece na fotografia é Maria, uma das remanescentes que morava no espaço do templo, mas que, segundo Tereza, falecera há cerca de 10 anos.⁶²

Para Helena, a Casa de Caridade é um espaço santificado e o poder dos espíritos iluminados, como o do Pe. Cícero, sempre estaria presente enquanto o grupo permanecesse coeso no espaço delimitado como sagrado:

Mas tem o Pe. Cícero! A ordi do Pe. Ciço. O Pe. Cícero continua falando nessa casa e disse que enquanto tivesse duas pessoas aqui, falano no nome de Deus. Falano em Deus, respeitano as norma daqui, as norma que foi ditada por ele por meio de Seu Rodão, intão, ele estaria aqui nessa casa. E ele tá aqui nessa Casa! Pe. Ciço tá aqui com a gente [...] Só que aqui tem um julgamento. Temos que fica aqui! Tem um regulamento: Todos nós que temos que fica aqui, temos esse regulamento para seguir. É... Num toma o nome de Deus em vão. Num profaná o nome dele. Qui.. aqui... o Pe. Ciço continua aqui presente.

⁶² Fotografia Extraída de Retalhos históricos de Campina Grande – blogspot. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/os-borboletas-azuis.html>. Último acesso em janeiro de 2014.



Figura 28 – Atual fotografia do templo retirada de nosso acervo pessoal. Ao fundo a líder do “Borboletas Azuis” na porta do templo esperando por visitantes para a reunião dominical.

Ao questionar Tereza sobre a Casa de Caridade e sobre o não acontecimento do dilúvio, ela conta uma história onde Jesus ordena que o apóstolo Pedro construa uma igreja com a ajuda dos demais apóstolos. Acontece que, durante a construção, o Demônio, no período noturno, destrói a construção. Questionado por Pedro, Jesus ordena que o apóstolo levante a Cruz, pois o artefato sagrado afastaria a presença do inimigo. Além disso, Tereza repete continuamente a frase: “Passará pedra sobre pedra mas a minha palavra não passará”. Ao contar essa história, citando a cruz, Tereza aponta para a cruz da Casa de Caridade e sorri e ao discorrer sobre a construção do Templo requerido por Cristo, aponta para o templo da Casa de Caridade Jesus no Horto. Para ela, o solo do templo é sagrado e a Casa de Caridade Jesus no Horto é semelhante à Igreja de Cristo.

Observemos a história com suas próprias palavras:

Eles vinha no caminho, os apóstolo! Andâno com Jesus e ele disse: Pêdo, eu quero Meu Templo aqui! Aí São Pêdo chegô, ajuntô os Apóstolos e foi levantá o Templo. Aí trôcero péda, cimento, tijolo, têia. Tudo simplzinho assim né? (apontando para a casa de caridade). Aí, quando táva im certas altura, o Demônio vinha e punha tudo abáxo. Aí vêi Jesus e eles falaro com Jesus: Sinhô, a gente vem e faiz a Igreja, e quando tá quase terminâno o Demônio vem e põe tudo abáxo! Jesus disse: o Demônio vem botá abaxo à mênôiti. Aí ele disse: Levanta a Cruz! Né! Essa Cruz aí! (apontando pra cruz do templo dos Borboletas Azuis com um sorriso no rosto). Pode passá

péda sobre péda, mas não as minha palavra! O Demóin que derrubá a Igreja mas num pódi derrubá (apontando para o templo dos Borboletas Azuis). Pode passá péda sobre péda, mas não as minha palavra! Pode passá péda sobre péda, mas não as minha palavra!

Percebemos, pelo discurso das remanescentes, que o espaço da casa de Caridade Jesus no Horto e que o Templo do “Borboletas Azuis” é um local sagrado e deve ser preservado para que o Pe. Cícero continue a se comunicar com o grupo. Mesmo que as capacidades mediúnicas das duas não sejam semelhantes às de Roldão, por meio de incorporação, o santo padre ainda se comunica espiritualmente no templo.

As comunicações com os espíritos eram realizadas na segunda parte da cerimônia, logo após as orações e cânticos. Os líderes, seguidores e visitantes se direcionavam à Mesa de Caridade para estabelecerem comunicação com o Pe. Cícero, São Francisco de Assis, Maria e Jesus por meio dos dirigentes.



Figura 29 - Mesa da Caridade, na qual, eram realizados os encaminhamentos espirituais.

O terreno e o templo são tão valorados pelo o grupo, que segundo as remanescentes, Roldão expressara seu desejo de ser enterrado no espaço do Templo, onde eram construídos pelo grupo, túmulos para os santos mártires do movimento. Leiamos o depoimento de Tereza sobre Roldão:

Um dia táva Roldão ali im pé! Eu vou dizê novamente! Um dia táva Roldão ali im pé: - Eu sei que num vou cumprí essa missão não que ela é muito ispinhosa. Muito pírsiguido, muito ispinhoso. Mas eu quero meu túmulo ali, quero me interrá ali (apontando para os túmulos construídos na Casa de Caridade Jesus no Horto).



Figura 30 - Túmulos localizados no espaço da Casa de Caridade em que Roldão desejava ser enterrado.⁶³



Figura 31 – Túmulo no qual os corpos de Roldão Manguiera e esposa, Antônia Furtado, foram colocados.

⁶³ O líder do “Borboletas Azuis” desejava ser enterrado no espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto. A ideia da construção dos túmulos foi de sua autoria, por intermédio do Pe. Cícero. Na ocasião de seu falecimento os seus seguidores se dirigiram a família em busca de realizar o último desejo de seu mestre, mas não obtiveram sucesso. O corpo de Roldão foi alocado no jazigo da família no cemitério do bairro de Monte Santo, na cidade de Campina Grande. Fotografias do acervo pessoal do autor.

De acordo com Tereza, Roldão tinha o desejo de residir na Casa de Caridade com sua esposa, mas não conseguiu convencê-la a habitar o local, o que demonstra a veneração de Roldão pelo local. De acordo o relato de Tereza, as filhas de Roldão não permitiram, chegando a desafiar os acólitos e, até mesmo, agir violentamente contra ela:

Vê seu Roldão! Seu Roldão falô com Dona Antôinha pra morar aqui. Aqui nessa rua! Tinha até o cantinho dele aqui, pra morar com dona Antonha. Mas, num sei se é parenti dí vocês? Mas tapiáro (enganaram) ele, as fía. Uma vêiz, ela chegô falâno, vêi aqui! Eu fui falá assim cum ela, ela tirô até o sapato prá mi dá (me bater), num sabe?

Discorrendo sobre as capacidades mediúnicas, Tereza afirma que só desenvolveu a habilidade de vislumbrar os espíritos das pessoas que já morreram, sem conseguir obter comunicação ou incorporação. Ela ainda relata que Helena não apresenta dons mediúnicos de visão ou incorporação de espíritos. Segundo ela, os espíritos arrependidos sobem aos céus por meio das orações de Helena, mas sem que haja contato ou vislumbre de espíritos.



Figura 32 – Um dos seguidores do movimento ao fundo e a obra de construção dos túmulos na década de 80. ⁶⁴

Para que os espíritos arrependidos possam continuar subindo aos céus, Helena precisa continuar a obra por meio das orações, mesmo que não haja um médium na Casa de Caridade Jesus no Horto. Ao questionarmos Tereza sobre quem cuidava desses espíritos e os encaminhava, ela responde:

⁶⁴ Cópia de fotografia cedida do acervo de Helena Diniz.

É seu Rol... O Pe. Ciço Rumão! Atravéis de Roldão. Roldão, ele era o chefe! E ricibia as corrente sabe? E passava pra gente. O Pe. Ciço Rumão. Seu Antônio era ôto, que ficô no lugar de Rodão. **Pesquisador:** E a senhora já fez isso alguma vez? Esse serviço? Não, as minhas forma é diferente. **Pesquisador:** E dona Helena? Dona Helena, encaminha os espíto atraveís da oração num sabe? Atravéis da oração o espíto sobe sabe? Num manifesta não! Nem eu manifesto. A mediunidade de noís é diferentí. Minha forma é dí vê (visão)! Minha forma é desse jêito.

Antônio de França continuara a obra de Roldão após sua morte, realizando incorporações e encaminhamentos, contudo, de acordo com Tereza, Roldão era muito mais eficaz no que fazia e trabalhara muitos anos na Mesa da Comunhão. Ela frisa que, ainda que França realizasse o rito, era distinto de Roldão, sua mediunidade era inferior.

Discorrendo sobre a nova liderança de Antônio após o falecimento de Roldão, Tereza transparece descontentamento sobre o poder de atuação do novo líder e frisa que seu antecessor superava o novo líder em capacidade mediúnica:

Seu Antôin, depois quí Rodão morreu, ele ficô aqui batizano os pagão. Ele fazia! Mas num era como seu Rodão naum. Era bem diferente! Agora, seu Rodão era assim (melhor)! Ele tinha uma mediunidade muito forte! Ele ficava aqui! Oí aqui a cadêra dele (apontando para a ponta da mesa). Ele ficava sentado.

Helena nos expusera em entrevista que ela e Tereza se reúnem todos os dias, com exceção do sábado, dia em que Tereza realiza sozinha a reunião. Segundo a atual líder do “Borboletas Azuis”, realizam todos os passos das reuniões como no período em que Roldão Mangueira dirigia a Casa de Caridade Jesus no Horto, à exceção dos ritos que frisamos acima, uma vez que necessitam de um médium que incorpore o espírito do Pe. Cícero, São Francisco de Assis, Jesus, Maria, ou qualquer um santo reconhecido pelo grupo.

Vejamos a descrição de Helena sobre os dias de reunião e como a celebração ocorre:

Eu me reúno com ela na segunda, terça, quarta, quinta, sexta. No sábado eu num tou vindo. Eu tenho uma penitência com Santa Luzia, dada por Nossa Senhora. Que eu tenho que rezá os três rusário da Mãe de Deus, e eu rezo em casa. Que ela me pediu não! Que eu pedi a ela! A penitência pra ela me ajudá! Pra ele me curá da vista. Domingo eu venho de duas horas e fico até as cinco e meia. Na segunda, quarta e na sexta a gente reza o rosário da mãe de Deus, reza o ofício e depois reza... faz a visita do Santíssimo Sacramento. Depois, fazemos a visita do Santíssimo. O Santíssimo é dividido em três partes, em três dias, segunda, quarta e sexta. Reza a primeira e a segunda, na segunda feira. A terceira e a quarta na quarta feira e na sexta reza as últimas outra. Na terça rezamos a força do Cerdo, o Pai Nosso, o Creio em Deus pai, Pai nosso, Ave Maria, o Salve Rainha. Rezamos os dez mandamentos da Lei de Deus e então, depois rezamos a novena de Nossa Senhora do Perpétuo

Socorro que é na terça e na quinta-feira. No domingo a gente se reúne. Reza muitas orações, algumas orações e depois nos sentamos e cantamos os hinos da Igreja. Eu tenho um caderno e depois eu vou lhe mostrar, um caderno com oitenta a noventa hinos. Antigos, daqueles bem antigos, dos mais antigos.

Nossa averiguação comprovou uma atuação que difere do discurso da líder. Visitamos a Casa de Caridade Jesus no Horto durante três meses ininterruptos. Dirigimos-nos ao local durante os dias de reuniões semanais, analisando a frequência de abertura e a configuração das reuniões. O que pudemos constatar foi que: em noventa dias, por doze vezes a casa estava fechada. O que nos deixa uma margem de 75% de frequência das adeptas, no qual, em 25%, encontramos a Casa fechada.

Inclusive, em um dos domingos, principal dia de reunião, Helena não se dirigiu a casa. Esperamos das treze às quinze horas, sem sucesso. Tereza nos atendeu, cedendo entrevista, mas relatou que só poderia abrir a casa para a realização dos trabalhos com a presença de Helena.

Tereza ainda articulou que, quando a líder não vai à Casa, realiza suas orações em uma sala anexa ao templo, abriu o espaço para demonstrar onde e como orava. De joelhos, num espaço de tempo mais curto que o da reunião habitual, além de realizá-lo a portas fechadas, sem que o templo seja aberto à comunidade e visitantes.



Figura 33 – À esquerda, altar de oração de Tereza e à direita, Tereza e fotografias dos santos de devoção do grupo. ⁶⁵

Desse modo, podemos perceber que devido ao número restrito de adeptos, a configuração de culto e ritual que era realizado na época em que Roldão era líder do “Borboletas Azuis”, e até mesmo, na época da sucessão, com a pessoa de Antônio de França

⁶⁵ Espaço de oração de Tereza no anexo do templo. Além de Jesus e Maria, nas paredes há fotografias de todos os santos devotados pelo “Borboletas Azuis”. No canto direito da foto à esquerda, uma garrafa de querosene, usada para acender uma lamparina, substituindo a vela do altar.

na liderança, no qual eram realizados todas as formas de representação espiritual, não tem sido formalizado. Culminado assim, numa representação em menor escala, apresentando um ritual mais conciso e adaptado às limitações reais das atuais representantes do movimento.

O “Borboletas Azuis” ainda inclui o seu Catecismo, ou Estatuto. Uma linha de pensamento doutrinário com princípios deixados pelo seu fundador, Roldão Manguiera de Figueiredo e que até hoje deve ser seguido pelos frequentadores da Casa de Caridade Jesus no Horto. Embora o estatuto não seja mais encontrado no espaço de reuniões, nem disposto em nenhum manuscrito do grupo, Tereza o recita de cor.

Vejamos com mais profundidade cada um destes princípios retirados da obra de Carneiro (1995, pp. 26 - 28):

Não comer carne de animais: Os animais são nossos irmãos e matá-los para consumo significa praticar crime de assassinato. Quando alguém mata um animal, recebe, como punição, todas as doenças de que o animal era portador e, ainda a ira do animal, na hora de ser sacrificado, em relação ao matador. Esse castigo não é adstrito a quem consome o animal, mas extensivo também a quem o abate e a quem o comercializa. Em suma, a carne é uma fonte de germes, porque o pecado está nela.⁶⁶

No dia em que fomos à casa de Helena para estabelecer um primeiro contato, em conversa aberta, ela relatou que comia bacalhau todos os domingos, uma prática diferente do preceito deixado para o grupo. Tereza, em entrevista nos fala sobre a sua alimentação, mas podemos perceber mudanças no discurso dela em relação ao preceito deixado pelo fundador, relativo ao consumo de carne animal, pois no relato, ela afirma alimentar-se de peixe, um animal aquático, que também é morto e comercializado:

Eu como mais as fruta e verdura, eu como só pêxe, os piqueno, os pêxe pode cumê! Não todo pêxe. Pêxe de ága salgada num pode cume não, só aqueles pêxe de água doce. Mas cumê a carne? Matá pra eu cumê? Vixi Maria. O home qué cumê o pobi do animar! Tá intendeno? É o maior crime, matá é um crime, matá! O animal trabaia por vinti homi. Antigamente o animal trabaia por vinti homi no sertão. A vaca dá o produto dela e o homi vem e mata?

O segundo princípio do estatuto, proíbe toda e qualquer prática esportiva por dois motivos principais, o incentivo á sensualidade por causa da vaidade e da exibição do corpo e a competitividade gerada pelos jogos, favorecendo os mais fortes, em detrimento dos demais.

Vejamos o segundo princípio:

⁶⁶ Primeiro princípio do estatuto.

Não praticar esportes: A prática de esportes tem induzido homens e mulheres a se exibirem, desrespeitosamente, seus corpos e, em consequência, ao excitamento sexual. Além disso, é da natureza do esporte a competição, canal direto para brigas, dissensões e inimizades. O esporte que Deus deixou para o homem foi andar.

As caminhadas do grupo eram entendidas pela população, familiares e mídia como uma expressão espiritual, mas segundo este preceito, caminhar, além de fortalecer o espírito, preserva a saúde dos adeptos, sendo esta, a única prática esportiva do grupo. Embora o fundador tenha adicionado esta visão de prática esportiva sobre a caminhada, as adeptas nunca expressam esta característica.

Questionada sobre o motivo, Tereza afirma que as caminhadas eram realizadas para obter força espiritual:

Não. De péis, nois ia de péis! Quato hora da manhã saía daqui num sabe? Ia de pés e vinha de péis. Pra lagoa Seca. Lá a gente rezava o rosário da Mãe de Deus e dava o auxílio pus pade, dava a palavra pus pade. Lá rezava! Lá, e ia simhora. No dia dos santo sabe? Nois ia pá São Sebastião. [...] Purque a gente faiz o que faiz há muitos tempos atrás! O que Jesus fazia. Ele fazia essas coisa também. Ele pirigrinava andano todos os lado. Pá recebê força, recebê força. E ôta coisa, pá dá o exemplo à humanidade. Ele vivia assim, de devoção, de promessa, de caminhada. Andava assim pá isso, recebê força.

O terceiro preceito do catecismo traz referência sobre o estilo das vestimentas que o grupo deveria trajar e um alerta sobre as cores que poderiam ou não, ser parte do vestuário dos seguidores, Vejamos:

Não usar vestes de cores berrantes: Os olhos são o espelho da alma e o pecado também entra pelos olhos. Sobretudo cores como o preto e o vermelho são ocasião para o mal. O preto é a cor dos espíritos das trevas, do satanás. O vermelho lembra a carne. É a cor do sexo. Contrariamente, o branco e o azul representam o brilho de Deus e a pureza dos espíritos de luz. São também as cores do céu.

Aqui percebemos os motivos pelos quais as vestes do grupo são azuis e brancas. No começo do movimento não eram usados os mantos característicos azuis e brancos, mas Roldão já admoestava o uso de cores diferentes do azul e do branco dentro e fora do grupo. Em entrevista com Maria de Fátima⁶⁷, que foi auxiliar de serviços gerais na residência de

⁶⁷ Maria de Fátima é doméstica e tem 55 anos. Estudou até a quarta série do ensino fundamental, é católica e seus pais também professavam a mesma fé. Ela trabalhou na casa de Roldão na época em que ele começou a

Roldão, descobrimos que até com funcionários e familiares, este posicionamento era forte. Vejamos trecho de entrevista com Maria de Fátima:

Eu tinha uma blusa vermelha. Que ele não queria que as pessoas usasse rôpa vermelha! E ele me pediu pra que eu não usasse. E eu pedi o dinheiro. Pra que ele me desse o dinheiro pra eu comprá outra rôpa. Aí ele foi e me deu; e eu comprei um tamanco e uma blusa. Mas também eu num vistí mais a blusa na frente dele, porque eu respeitei.

No quarto preceito do catecismo, é terminantemente proibido o auxílio de profissionais de saúde para exames médicos. Para o fundador, a cura das doenças físicas tem conotação espiritual. Quanto mais forte o espírito, mais habilitado será para realizar curas em si mesmo e nos necessitados. Observemos este princípio abaixo:

Não consultar o médico: Não existem doenças físicas, senão espirituais apenas. O médico, portanto, não cura as causas dos males corporais. Estes tem sua gênese no pecado. Penitência, jejum e oração são a única medicina capaz de descarregar o corpo. A doença é, por definição, um estado de pecado da criatura. Por esta razão, Jesus, antes de curar os males físicos, costumava dizer: “Os teus pecados estão perdoados”. O corpo humano é uma caixa. Quando esta caixa está podre, as paredes começam a estragar. Ora, o médico cura o estrago, conserta as predes da caixa, mas não o que está dentro dela. Além do mais, se o médico está em pecado, não pode tornar o corpo puro, pois ninguém dá o que não tem.

Carneiro (1995, p. 27) relata que o grupo era tão ortodoxo sobre este preceito que ao visitarem o fundador que se encontrava gravemente enfermo em sua residência, num quarto adaptado com instrumentos hospitalares, desligaram secretamente o aparelho que introduzia soro em seu líder. O que foi percebido pelos familiares após a saída dos adeptos da residência.

As penitências, jejuns e orações também faziam parte do fortalecimento da saúde. Maria de Fátima ⁶⁸ nos descreve a prática de jejum mantida por Roldão em sua residência: “Ele jejuava. Comia pão com água. Na sexta feira era a comida dele. Pão com água. Meia banda de pão com meio copo d’água”.

Helena, nos descreve uma penitência que realiza desde que pedira a Santa Luzia para que a curasse da visão. De acordo com a adepta e atual líder, realiza orações por três vezes no dia de sábado. Ela relata que se ajoelha e reza o rosário da Mãe de Deus como agradecimento e penitência pela resposta de cura obtida:

Nós aqui não acreditamos em doença. Eu mesmo não acredito em doença! Porque se eu acreditasse em doença, eu já tinha murrado! Porque eu vim

apresentar indícios de debilitação em sua saúde. Atualmente, Fátima, presta serviços gerais na residência de Antônio, esposo de uma das falecidas irmãs de Roldão. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2014.

⁶⁸ Auxiliar de serviços gerais supracitada que trabalhara na residência de Roldão.

práqui doente e fiquei boa. E a última vez que eu tomei um comprimido foi em 1977.

Por não acreditarem na ciência, na medicina e nos médicos, o “Borboletas Azuis” não buscaram os atendimentos de postos de saúde ou hospitais. Recentemente, Tereza sofreu um acidente de carro, sendo atropelada, e durante a entrevista relatou o episódio. O interessante foi perceber que ela não deu ênfase ao acidente, mas à internação contra a sua vontade, denominando o espaço hospitalar de *buraco* e *aquele que não presta*:

Aí vinha um hõmi e uma minina cunhiçada minha e me levaru pru hospitá e eu passei um dia, um dia! E me trouçero praqui. **Pesquisador:** E a senhora ficou boa no hospital? Deus me livre! Me trouçero logo praqui. Eu nunca fui desse buraco! Dirá agora! Deus me livre! **Pesquisador:** E como foi que a senhora ficou boa? Eu fiquei curada com as mediunidade daqui! Com água de sal, banho quente. Oração! Aí eu fiquei boa. Tá intendo? Se num recebê as forma! Tem que aumentá as fé e fazê mais força. Curei um lado. Com o Espírito de Jesus, fui recebeno força, recebeno força, recebeno força e passei pro ôto lado. É assim meu fio! Se for ficar recalçado, cum pena, recalçado. Deus me livre! Esperá pur aquele que num presta (hospital)!

O quinto preceito do catecismo consta de uma orientação sobre o matrimônio e o sexo fora do casamento. Para o fundador, o casamento é uma ordenança espiritual abençoada por Deus. Confirmamos abaixo este preceito:

Não fazer sexo fora do matrimônio: Tudo que Deus fez no homem tem um fim. É preciso, então, usar cada coisa para sua finalidade específica. Ora, usar o sexo fora do matrimônio é transformá-lo em “janela do pecado”. Além disso, o juiz une a carne, mas não o espírito. A união da carne e do espírito só se realiza através do matrimônio católico. Ele é o selo santificador do sexo.

Tereza nos norteia sobre esse preceito durante a entrevista, relatando que nos dias de hoje, a humanidade, desviada de seu caminho, não valoriza mais o casamento como uma união de corpo e espírito, mas como uma união carnal. Em suas palavras, quem não se casa na igreja católica é *amancebado*, e não está cumprindo a vontade de Deus.

Percorramos a explicação de Tereza sobre o preceito:

Mas hoje eles vão casá pelo mêi da carne. Pra casá tem que ser dois corpo num, pra respeitá os sacramento. [...] Porque pra casá um casal no sacramento (atualmente) é sem ter a palavra de Deus. Maldito é aquele que muda minha palavra! [...] Uns foi dá pra protestante, outros se juntar. Im vez de casamento se amancebar, sabe? E ataca a mediunidade das pessoa sabe? Eu disse: né assim naum!

O sexto preceito faz menção às pessoas que somete se dirigiam à Casa de Caridade em busca de libertação espiritual ou cura de males físicos. Segundo o fundador do “Borboletas Azuis”, estas criaturas não tinham o objetivo de manter um compromisso com Deus, vejamos:

Não transformar o templo em comércio de cura: Muitas pessoas procuram o templo para se curarem, porém, logo depois de descarregadas, não voltam mais para rezar. Esquecem-se de Deus. A cura é um benefício divino e não pode ser dispensada aos “íngrats de Deus”. Jesus foi impiedoso neste sentido. Certo dia, censurou duramente os leprosos curados que não retornaram para a agradecer. A gratidão é a maior virtude de Deus.

Sobre esse preceito do catecismo, podemos perceber no discurso de Helena e Tereza, que muitos se dirigiam ao templo em busca de cura e logo se afastavam dos preceitos e da convivência do grupo. Durante as entrevistas, escutamos depoimentos de Tereza que expressam o descontentamento para com aqueles que abandonaram o convívio do grupo após terem seus desejos atendidos. Confirmamos um desses relatos da Guardiã do Templo:

E essa casa, chegava os povo sujo, sujo! Num aguentava as corrente, e os caboco, puxâno tudo, as corrente do povo. [...] Gente sujo, tinha demais, foi simhora! Saindo, e depois disso, ainda foro sainú, sainú, sainú. Ôtos môrrero. É porque eles num fizéro a força, firme e seguro. Se tivesse feito a força, firme e seguro, ainda tava aqui.

O sétimo princípio alude às mudanças ocorridas na Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, o que, para o grupo é entendido como um advento do maligno e obra da *modernidade*, que é obra da influencia do demônio no mundo e que se estende à Igreja com o advento do Concílio.

Para Roldão, o termo *modernidade* é puramente negativista, sendo referência à perpetração do mal por meio dos avanços progressistas e tecnológicos, Leiamos:

Não aderir ao modernismo: O que vem de Deus é simples, sincero e seguro. Não muda. O modernismo na Igreja, por exemplo, é obra do Demônio. A essência da prática cristã está na Igreja Primitiva. Os altares devem albergar imagens. Todo santo é mártir, seja porque foi morto por amor a Jesus, seja porque sofreu escárnio, perseguição e afrontas morais durante a vida. Assim, os altares podem e devem ter santos canonizados pela Igreja Católica, mas também aqueles que a comunidade cristã e os espíritos de luz anunciam a serem santos. Por outro lado, os padres não podem casar, devem andar de batina e, ainda, devem dedicar-se inteiramente ao serviço de Deus. Os cristãos devem sustentar o templo.

Sobre o sustento do templo. Na época em que Roldão era vivo, supria todas as necessidades do grupo e realizava manutenções frequentes, além de ter doado o terreno, financiado a construção do templo e das salas anexas, onde foram estocados os alimentos, na espera do dilúvio.

Atualmente, Helena e Tereza mantêm o templo. Visitando o local, podemos perceber que as condições internas das paredes e vigas de madeira têm sido feitas, mas a um alto custo para duas mulheres aposentadas que não aceitam doações. Tereza se intitula a guardiã do templo e Helena afirma que as economias de Tereza, uma aposentadoria no valor de um salário mínimo é dedicada à manutenção das dependências da casa de Caridade Jesus no Horto.

Confirmamos as palavras de Helena, quando questionada se era a principal mantenedora da Casa:

Helena: Eu não! É mais ela, eu ajudo de vez em quando, quando precisa. Quem cuida daqui é ela, Tereza. Com a aposentadoria dela. Ela foi quem comprou essas linha de madeira. Ela quem manda pintar e ajeitar. Ela é uma vitoriosa! De vez em quando ela me pede pra ir lá com ela, pedir adiantamento da aposentadoria, pra ajudar na Casa. Ela é uma vitoriosa, ela!

No oitavo princípio, mais uma vez, o trajar dos seguidores é mencionado. Neste item, o corpo é descrito como um invólucro para o recebimento dos espíritos iluminados, e assim, deve ser mantido puro através do uso de longas vestes, confirmamos:

Cobrir o corpo inteiro: O corpo humano é a casa de Deus e, por isso, não pode ser sinal de escândalo. Se este corpo está descarregado, pode ser um instrumento de comunicação dos espíritos de luz, logo é necessário livrá-lo de circunstâncias pecaminosas. Os homens devem evitar roupas apertadas. As mulheres, por seu turno, não podem usar vestes sumárias. Homens e mulheres devem vestir-se como Jesus e os Apóstolos.

Se referindo às vestes, Tereza alegremente se posiciona:

Eu uso que é pra cumpri as ordi né? Tem que cumpri as ordi! Apôis quem gosta de se vesti fui eu! Eu gosto de usá o rusário da mãe de Deus, que tá aqui (um rosário azul, para as orações diárias, amarrado na cintura ou posto no pescoço abaixo do manto).

Para Tereza, a humanidade tem descumprindo a vontade de Deus e andando sem vestes apropriadas por influência da Besta Fera, descrita como uma mulher bonita que andava com roupas apertadas e que ao falecer, foi jogada no inferno, e de lá, joga fogo na terra,

aumentando o calor e fazendo com que as pessoas sintam o desejo de andar com roupas curtas.

Segundo Tereza, numa das sessões da Casa, um espírito mau, convidou Roldão a andar nu, pois assim, as pessoas do templo fariam o mesmo. Esse espírito foi expulso por Roldão e anda de casa em casa, espalhando o desejo de nudez sobre a terra:

Umas moça (espíritos maus) saíru numas casa dizendo que era pra andá nú! Mas já pensô? Apois num tá andano nú mermo? Num tá andando (o povo no mundo). Os povo tudim só que andá nú! É tudo da Besta Fera! Os povo tudim só qué andá nú. É tudo da Besta Fera! Sabe quem é a Besta Fera? [...] Ela sai nas casa, dizem aos povo. Às mulé, pra tudo andá nú, nú! Ela tava no inferno, e lá tem aquelas criancinha, fio de protestante e fio de amancebado. De fogo! A Besta Fera! Aí ela foi presa pelas força dessa casa...

O nono preceito responde a uma curiosidade de todos os populares que viam o grupo caminhando nas ruas da Cidade de Campina Grande e regiões circunvizinhas, o não uso de calçados por parte dos adeptos do “Borboletas Axuis”, vejamos:

Andar com os pés descalços: Os grandes santos, como São Francisco de Assis e o Padre Cícero não se preocupavam em proteger os pés, porque é através deles que o pecado entra no corpo. Pisar o chão é, assim, uma forma de mortificar os pés, para purificar o corpo. Daí porque é preciso peregrinar. As peregrinações são meios de que a criatura dispõe para derrubar os pecados e limpar o corpo.

Durante todo o período de entrevistas, nem Helena, nem Tereza, responderam essa questão de acordo com o propósito estabelecido pelo fundador e transcrito nesse preceito. Para elas, as caminhadas são para fortificar o espírito, e não, mortificar a carne e purificar o corpo.

Ao questionar Helena sobre o motivo que levou o grupo a andar de pés descalços, perguntei se o faziam a exemplo de São Francisco de Assis. Sua resposta demonstrou que, ou elas trouxeram novo significado a este preceito, ou não mais o tem como ordenança. Inclusive, Helena, em todas as vezes que se dirigiu ao templo, o fazia com sandálias, retirando-as na porta do templo e as calçando na saída, ao retornar para sua residência. Tereza, por outro lado, encontra-se sempre descalça.

Vejamos trecho da entrevista na qual questionamos Helena o porquê da prática de andar de pés descalços:

Helena: Porque era uma penitência. **Pesquisador:** E essa penitência tinha a ver com o exemplo de São Francisco de Assis? Tinha a ver com os pés de

Jesus! Que ele andava de pés descalços também. O próprio Jesus andava de pé descalço!

O décimo e último princípio demonstra uma diferença do movimento em relação às manifestações espíritas kardecistas, a não aceitação da reencarnação, leiamos:

Ouvir e respeitar os espíritos de luz: A reencarnação não existe, mas os espíritos santificados podem utilizar um corpo puro e santo para uma comunicação. Quanto menos estiver em pecado a criatura, maior lucidez terá a inteligência humana para compreender e interpretar as mensagens sobrenaturais.

Para o “Borboletas Azuis”, a comunicação é estabelecida por meio de espíritos iluminados que habitam as regiões celestiais e estes são espíritos iluminados, santificados. Não constam de espíritos comuns ou que apresentem a possibilidade de reencarnar. A condição maior para que a comunicação seja estabelecida é a pureza alcançada pela purificação do corpo ao seguir os preceitos da Casa de Caridade, como a separação do mundo, o cuidado com a exposição do corpo, a realização de jejuns e orações diárias e o respeito aos demais preceitos do Catecismo.

Para Helena e Tereza, a pessoa da casa se encontrava totalmente apta a estabelecer este contato era o falecido Líder, Roldão Mangueira. Mesmo seu sucessor, Antônio de França, mesmo que estabelecesse contato com os seres iluminados, suas habilidades encontravam-se aquém às do seu predecessor. Nenhuma das duas se apresenta com apta a receber os espíritos iluminados e ainda esperam um líder com as características de Roldão, que restaurará a originalidade das reuniões, estabelecendo comunicação e salvação na Mesa da Comunhão, que atualmente, se encontra em desuso.

Tereza, empolgada em revelar a glória do passado, interrompe nossa entrevista para relatar as manifestações que aconteciam na Mesa de caridade:

Xô conta! Xô conta! Essa mesa aqui era cheia de gente recebendo luz. Os pagões, os pagões! Aparicia pra si batizá, e dizia: quero recebê uma luz, recebê uma luz! Seu Antôin (Antônio de França) foi um mermo que batizava os pagões aqui (apontando para a mesa). Aí, acendia uma velinha dessa! Sabe? Uma velinha dessa praquela criatura. Batizar os pagões que ia recebe uma luz! [...] Seu Antôin, depois que Rodão morreu. Ele ficou aqui batizano os pagão. Ele fazia, mas num era como seu Rodão naum. Era bem diferente!

Analisando os ritos, o culto e a forma como as duas remanescentes se comportam atualmente, pudemos perceber que foram feitas adaptações para que o movimento pudesse sobreviver devido a atual configuração e características dos adeptos. Mesmo que as duas últimas “Borboletas Azuis” afirmem viver o mesmo modelo de culto e rito da época de efervescência do movimento, a constatação investigativa demonstrou disparidades entre o antigo e o atual modelo.

2.3. Transcurso do Fundador: Roldão Manguiera, o empresário paraibano.

Roldão Manguiera de Figueiredo nasceu em cinco de março de 1905 no sítio Capuêiras em Conceição, cidade interiorana da Paraíba, localizada no vale do Piancó. Era filho de João Manguiera de Sousa e Maria Arruda Figueiredo que eram agricultores prósperos na região.

O sobrenome Manguiera não era um sobrenome tradicional da família, foi inserido na linhagem familiar pelo avô de Roldão em homenagem ao seu pai, que era professor primário na região de Diamantina, no município de Princesa Isabel, localidade na qual fundara uma escola debaixo de uma imensa mangueira, recebendo assim o apelido de professor Manuel Manguiera.

Roldão recebera formação religiosa católica por intermédio de seus pais e passara sua infância, auxiliando-os no trabalho do campo, sendo considerado, dentre nove irmãos, o mais inteligente e ativo. Por motivo de fatalidade, com o falecimento de seus pais, assume a responsabilidade de chefiar a família com a idade de quatorze anos, ficando como responsável até os vinte e três anos.

Em 27 de outubro de 1923 estabelece matrimônio com Antônia Furtado de Figueiredo viúva e proprietária de uma “bodega”⁶⁹. Além desta atividade comercial, Roldão começa a trabalhar como aguador de turma⁷⁰ na construção do Açude de Coremas. Papel que desempenhou com maestria, sendo reconhecido pelos engenheiros que logo o promoveram a chefe de almoxarifado. Segundo Carneiro (1995, p. 21). No almoxarifado, Roldão, mais uma vez, demonstrou competência, criando um sistema de controle de entrada e saída de materiais, sendo mais uma vez enaltecido pelos engenheiros da obra do governo federal.

⁶⁹ A bodega é uma espécie de pequeno mercado onde eram comercializados produtos populares e alimentos, como: fumo, queijo, cereais, utensílios domésticos e de trabalho no campo, como lamparinas, querosene, facas, cordas, etc.

⁷⁰ Nesta época, a atividade de aguador de turma se delimitava na responsabilidade de distribuição, transporte e divisão de água em partes iguais para o bom andamento da construção.

Leiamos os depoimentos de João Stanley e Nivaldo Manguiera, ambos os netos do fundador e líder do “Borboletas Azuis” e que relatam este momento da vida do avô:

Os cangaceiros, com briga de familiares; mataram o Pedro Leite, o marido de minha avó, Antônia Furtado e minha avó tinha uma buodega; uma mercearia de família e como o meu avô cresceu próximo e ele já conhecia ela, e naquele tempo os casamento era um pouco arrumado. E ele casou com ela, ela tinha 22 anos ou era 21 anos e vovô tinha 17, vovô era mais novo que ela. E casou com uma viúva que já tinha dois filhos, duas mulheres e Roldão Manguiera foi tocar essa buodega...⁷¹

Casou com minha vó, que era viúva e tinha duas filhas já! Tia Baia que hoje ainda é viva, quase cem anos né! Tia Nem; que morreu faz uns dez anos, por aí. Minha vó já tinha essas duas filhas, e o esposo dela, de minha vó, foi assassinado pelos cangaceiros. Então ele casou com minha vó. [...] ele trabalhou em construções de barragens. Ele trabalhou na barragem de Curemas.⁷²

Carneiro descreve que Roldão era muito ansioso “e seu espírito criativo e irrequieto impulsionava-o, permanentemente, a mudanças e experiências novas” (CARNEIRO, 1995, p. 21). Roldão não se demorara um ano no emprego do açude. Vendo que não teria mais possibilidades de crescimento profissional na obra, desloca-se para Mauriti, no Ceará, estabelecendo um comércio autônomo, retornando a sua cidade natal em 1930.

Por algum tempo, trabalhou como chefe de tropas de burros, viajando de Conceição a Missão Velha, no Ceará, transportando e comercializando mercadorias. Roldão estabelece, na mesma época, um pequeno comércio de peles e algodão em Conceição e em contrapartida, estabelece residência em Fortaleza, no Ceará em 1932, onde compra um caminhão, transportando cera de carnaúba entre a capital e Sobral, cidade localizada no norte do Ceará.

Dois anos depois, em 1934, inovara novamente, mandando fabricar o primeiro caminhão misto que se tem conhecimento na Paraíba, era um tipo de híbrido que transportava mercadorias e passageiros. Com ele, estabelecia uma linha de transporte de passageiros e mercadoria entre Conceição e Patos.

Um ano depois, comprou um ônibus, na época, chamado de jardineira, ou sopa. Com o veículo, estabeleceu uma linha regular entre cidades do sertão. Foi no final do ano de 1935, que Roldão começara a trabalhar como corretor e comissário do ramo algodoeiro,

⁷¹ Trechos de entrevista cedida por João Stanley de Arruda Manguiera. Stanley é neto de Roldão e auditor fiscal no estado da Paraíba.

⁷² Depoimento de Nivaldo Manguiera. Nivaldo é neto de Roldão. Tem 54 anos, é engenheiro civil e professor. Adquiriu mestrado em engenharia civil, física e matemática. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2014, além de diversas conversas por telefone não registradas.

estabelecendo residência em Campina Grande, onde adquiriu um automóvel e o colocou como táxi na única Praça de Campina Grande.

Segundo Nivaldo:

Ele tinha caminhões, fazia transporte. O primeiro caminhão pra fazer a linha, fazer o transporte de Conceição pra Campina Grande se chamava: o misto. O misto era aquele que fazia o transporte de passageiros e o de carga, né! Foi dele, né! Ele era um cara altamente, assim, empreendedor, muito dinâmico.

Em 1939, bem estabelecido e com os negócios em bom andamento, traz a família do sertão para residir na cidade de Campina Grande. Dois anos, mais tarde, estabelece um modelo familiar de trabalho, com os filhos desenvolvendo funções particulares em prol do bom andamento dos negócios. Assumindo a liderança do comércio de mamona e algodão na cidade de Campina Grande.

A partir de 1952, era o maior exportador nordestino destes produtos, já havia assumido a liderança, em Campina Grande, do comércio de algodão, mamona e caruá. A partir de 1952, era o maior exportador nordestino destes produtos. Comprava-os, e ainda, agave, dos estados do maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco (CARNEIRO, 1995, p. 22).

João Stanley afirmara que sua esposa, ao querer estabelecer um empreendimento comercial, foi incentivada por ele a seguir o exemplo mercantil de seu avô, pois estabelecera um império comercial onde toda a linhagem era envolvida e todos trabalhavam em prol do bem comum, que era o crescimento dos negócios familiares. Assim, na empresa de sua esposa, atualmente, um de seus filhos é responsável pela parte comercial, a filha é estilista da empresa e sua esposa, rege a produção e os funcionários na fábrica.

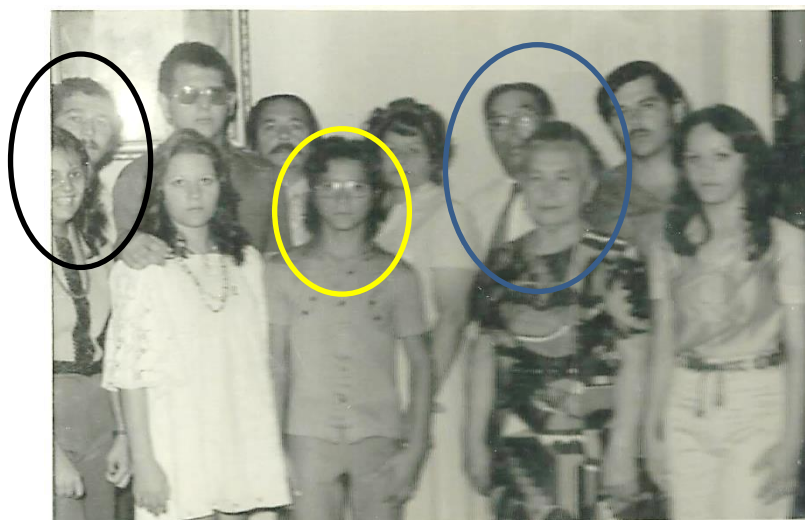


Figura 34 – Roldão circulado de azul com sua esposa, Antônia. Em amarelo, João Stanley e atrás dele, seu pai João Mangureira Neto, político e sua esposa Carmélia. Em preto, David Mangureira e sua esposa, Ana.⁷³

Podemos perceber esta admiração de Stanley pelo seu avô ao referir-se aos parâmetros que adotou em relação aos negócios e convivência familiar, tendo com exemplo seu antepassado:

Roldão fez uma empresa familiar, na qual ele dividia as funções para os filhos. Vamos dizer: tinha dois filhos; que era João Mangureira e Valdomiro que eram a parte comercial. Então, ele tinha dois filhos que fazia a parte de tradução, que ele exportava. Era Tia Irenildes e Tio Zé, que tinham que falar inglês fluentemente. Então, ele tinha dois filhos também, contadores, Tia Bia e Tio Zé também, que era contador. Então, tudo ele fez em função de uma família, para todo mundo trabalhar dentro de sua empresa e, todos os irmãos, um fiscalizar o outro. Porque eu nunca vi fazer assim! Ter dois comercial, dois contador, dois intérpretes. Ele fazia com que toda a família tivesse dentro do negócio deles. [...] Roldão foi uma grande inspiração pra gente porque ele cobrava muito trabalho, e do mesmo jeito, eu cobro muito trabalho dos meus filhos. [...] E lá na nossa empresa tem uma foto de Roldão Mangureira no estoque! Que é no estoque que tá o nosso dinheiro (investimento), e ele controla o nosso estoque pra gente num comprar muito, e ganhar dinheiro, nem comprar pouco pra perder dinheiro, né? Então ele sempre tá nos iluminando lá. E graças a Deus a nossa empresa tá crescendo e como tem uma foto dele lá, eu acho que ele tá lá sempre presente nos acompanhando.

Os netos entrevistados, Stanley e David ⁷⁴, frisam o potencial de trabalho e inovação do Avô no comércio. Vejamos os relatos das experiências vividas por eles na relação com o avô e como transparecem esta visão.

⁷³ Imagem cedida do acervo de David Mangureira, neto de Roldão.

Segundo Stanley:

Vovô era uma pessoa muito inteligente e eu posso dizer: um líder nato. Porque veio de uma cidade muito pequena, de Conceição, na Paraíba; e ele formou um certo patrimônio em Campina; e tinha uma certa liderança no meio comercial. [...] Eu vi muitas negociações. Ele comprava pasto, comprava gado, trocava gado. [...] E eu via que ele era uma pessoa inteligente. Ele num era leigo não! Era muito inteligente, inclusive, as pessoas admiravam ele.

David, em entrevista, igualmente expressa sua admiração em relação ao tino comercial de seu avô, vejamos:

Era uma pessoa que recebia muita gente de fora, do alto sertão. Era bem relacionado [...] Teve sucesso nos empreendimentos comerciais [...] Ele colocou o primeiro táxi na Praça de Campina grande [...] Ele chegou a vender loterias da caixa econômica, como agente autorizado. Teve banca de jogo também, aqui em Campina Grande [...] Ele desenvolvia atividades de pecuária, de criar gado, tinha fazendas.

Araújo (2008, p. 30), aponta que a cultura algodoeira no Nordeste representava uma das principais atividades comerciais da região e de acordo com dados apresentados na Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa do Algodão) da cidade de Campina Grande, o município chegara a ter mais de 3,2 hectares de sua área ocupada para plantio de algodão, alcançando assim, a representação de mais de dez por cento de área ocupada com o plantio de algodão no planeta, desde 1950. A cidade chegou a ser considerada, no início do século XX, como o segundo empório agrícola mundial, “perdendo apenas em movimentação de compra e venda para Liverpool, na Inglaterra” (ARAÚJO, 2008, p. 31).

⁷⁴ Trechos de entrevista cedida por David Livingstone de Arruda Manguiera. David tem 65 anos, é neto de Roldão. É formado em direito e obteve recentemente o título de bacharel em teologia. Entrevistas realizadas em 29 e 31 de maio de 2013.



Figura 35 – Roldão Manguiera circulado em azul, no casamento de uma de suas filhas, Nelí Manguiera.⁷⁵

Para Nivaldo, o avô foi um dos maiores comerciantes do Nordeste, obtendo destaque internacional. Confirmamos suas palavras:

Ele foi, talvez, um dos maiores comerciantes do Nordeste e do Brasil. No ramo de algodão e Agave [...] Ele comprava algodão e agave de todo o nordeste [...] Os fardos de algodão, onde hoje é o estacionamento, que tem o nome dele, eu dormi muitas vezes ali, nos armazéns, onde tinha o primeiro andar, ele estocava uma quantidade enorme. Eram uns oito armazéns, além do pátio, tudo aquilo ali era lotado de cima a baixo de algodão. E esse algodão ia para o porto de Recife ou de Cabedelo e grande parte dele era exportado para os Estados Unidos. Ele praticamente liderava este comércio com o estrangeiro, Estados Unidos; e Campina Grande era considerada a Liverpool brasileira, porque em comparação com a Inglaterra que produzia também muito algodão [...] Eu fui uma vez em Cabedelo, nos anos setenta acho, e tinha uma placa lá em homenagem a ele, porque ele bateu o recorde de exportação do porto e ninguém mais até hoje conseguiu exportar tanto na Paraíba como ele (NIVALDO).

Carneiro (1995, p. 22), afirma que Roldão, além de ser versado nos negócios, era envolvido com questões políticas. Ao visitar o Rio de Janeiro, encontrava-se com líderes políticos e com ministros de Estado. Era amigo particular de ministros como Correia e Castro, Guilherme da Silveira, da pasta da fazenda. Foi amigo do ministro da Fazenda, Oswaldo

⁷⁵ Acervo pessoal de David Manguiera, neto de Roldão.

Aranha durante o governo de Eurico Gaspar Dutra e Getúlio Vargas, estabelecendo laços posteriores com Juscelino Kubitschek.



Figura 36 – Roldão ao centro, À sua esquerda, João Mangueira, filho e político, à direita sua esposa, Antônia. Ao lado esquerdo de João Mangueira, usando óculos, José Mangueira, responsável pelas vendas de algodão no exterior. A última mulher do lado direito é a tia Baia, que foi fundamental no processo de formação religiosa dos netos de Roldão. Os demais, filhos e filhas de Roldão que o auxiliavam nos negócios.⁷⁶

De acordo com depoimento de seus netos, David Livingstone de Arruda Mangueira e Nivaldo Mangueira, em ocasiões de inaugurações de obras no sertão, os presidentes e ministros supracitados o visitavam com frequência, e faziam questão de que Roldão estivesse presente nas comemorações. Um de seus filhos, João Mangueira Neto foi prefeito de Conceição e também deputado estadual com o auxílio de Roldão e contatos no governo, conseguiu construir escolas e captar algumas obras e recursos para o sertão e a cidade de Conceição.

Nivaldo relata que além do comércio, o avô era versado na política:

Ele era uma pessoa que se envolvia muito na política, não na política partidária, digamos, de disputar eleição, mas de ajudar também [...] ele ajudou financeiramente muitos políticos de nome não só na Paraíba, mas também, nacionalmente. Lembro-me bem que quando Juscelino Kubitschek esteve aqui em campina Grande, me parece que para a inauguração da adutora de boqueirão para Campina. Ele se encontrou com Juscelino, tem

⁷⁶ Acervo pessoal de David Mangueira. Neto de Roldão.

foto dele com Juscelino. Juscelino foi na casa dele, e foi aquela festa toda. Ele tinha uma influência muito grande, financeiramente [...] João Manguiera (filho de Roldão) era prefeito de Conceição, foi prefeito duas vezes em Conceição, foi deputado, então, tinha essa interação política dele num é?

Carneiro (1995, p. 22) aponta que Roldão, em 1955, começa a desativar progressivamente suas atividades comerciais, e, em 1956, passa a viver de rendas de um razoável patrimônio adquirido em sua jornada empresarial. A partir deste momento, com uma boa renda e livre de responsabilidades comerciais, passa a se dedicar a sua missão religiosa.

Stanley igualmente afirma que o propósito do avô em desativar seus negócios era o de se dedicar com mais afinco ao movimento, leiamos:

E depois ele caiu nessa parte religiosa dele, que foi muito forte pra ele. Fez uma renuncia de vida muito grande. [...] E na época que ele se dedicou mesmo à igreja, ele fez uma divisão de seus bens. Inclusive a primeira parte, eu me lembro bem! O meu pai era o mais velho - e eu não participei da reunião - mas ele comentou com nós que ele (Roldão), disse que ele ia dividir os bens dele porque ele ia tomar o rumo na igreja dele. Que era o que ele queria e os filhos não aceitavam né? Porque ele doava terrenos em Bodocongó (um dos bairros de Campina Grande onde Roldão tinha propriedades). Fazia as coisas da maneira que ele queria, que tinha sido fruto do trabalho dele. Mas a família não aceita, na realidade, né! [...] E uma parte ele ficou com o dinheiro e foi viver na vida da Casa de Caridade, que é conhecido por Borboletas Azuis. Ele tinha um dinheiro para manter aquilo, porque você sabe que pra se manter qualquer coisa, tem que ter dinheiro.

Após dividir seus bens entre os familiares, Roldão passa a viver uma vida reclusa no ambiente da casa de Caridade Jesus no Horto. Trajando as vestes do grupo, passa a residir no espaço do templo, abandonando a esposa, Antônia, que apesar de seus pedidos para segui-lo e fazer parte do grupo, rejeita a petição do esposo e continua residindo no domicílio da família Manguiera na região urbana de Campina Grande.

Podemos perceber que Roldão Manguiera, apesar de não ter estudado, tinha grande facilidade no ramo comercial, era inteligente, inovador e não tinha receio em investir em novas frentes comerciais. Tinha uma boa relação com políticos e representantes do governo, formando profissionais liberais e lideranças políticas em sua própria família. Incentivava seus filhos ao estudo, inserindo-os nos negócios familiares e na política do estado. No próximo tópico exploraremos as influências religiosas do catolicismo e as possíveis influências externas que levaram Roldão Manguiera a fundar o movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis”.

2.4. Roldão Manguiera: Católico Apostólico Romano - A influência religiosa que constituiu a base do movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis”.

Roldão Manguiera de Figueiredo, quando descrito pelos netos, se apresenta como uma figura de aspecto sisudo, circunspecto e que impunha grande admiração e respeito. Era um homem de família e fazia de tudo para preservar a tradição familiar. Educando os filhos e netos em torno de uma boa posição na vida profissional, estimulando a família à devoção aos princípios do catolicismo e ao comparecimento às reuniões regulares da Igreja Católica.

De acordo com o depoimento de David, um dos netos de Roldão, seu avô transparecia bondade, mas tinha caráter autoritário e exigia respeito dos familiares:

Ele era uma pessoa boa, ajudava as pessoas. Em casa ele era uma pessoa autoritária, mas uma pessoa simples que sabia impor respeito. Se vestia bem, comia bem. Eu vivi alguns anos de minha vida na mesma residência com ele e ele era uma pessoa família que fazia valer a condição de chefe de família, de pai, de avô. Lá ele não discutia esses assuntos (religiosos), Talvez porque ninguém tinha coragem de questionar ele.

Como pessoa religiosa, as lembranças de seus netos trazem também admiração e respeito a sua figura. Um católico tradicional, e posteriormente, envolvido com o kardecismo, um homem sensível às manifestações espirituais, apresentando premonições e sapiência prévia de acontecimentos marcantes.

Roldão era religioso desde sua mocidade, recebendo uma educação religiosa exemplar por meio de seus pais. O líder do “Borboletas Azuis” sempre se designou como membro ativo do Catolicismo Romano, embora suas práticas posteriores, ao fundar o movimento abarcassem elementos espíritas kardecistas e práticas religiosas populares católicas, ele e os adeptos do movimento se apresentam como Católicos Apostólicos Romanos, entendendo que a Casa de Caridade Jesus no Horto teria sido criada para auxiliar a citada composição religiosa.

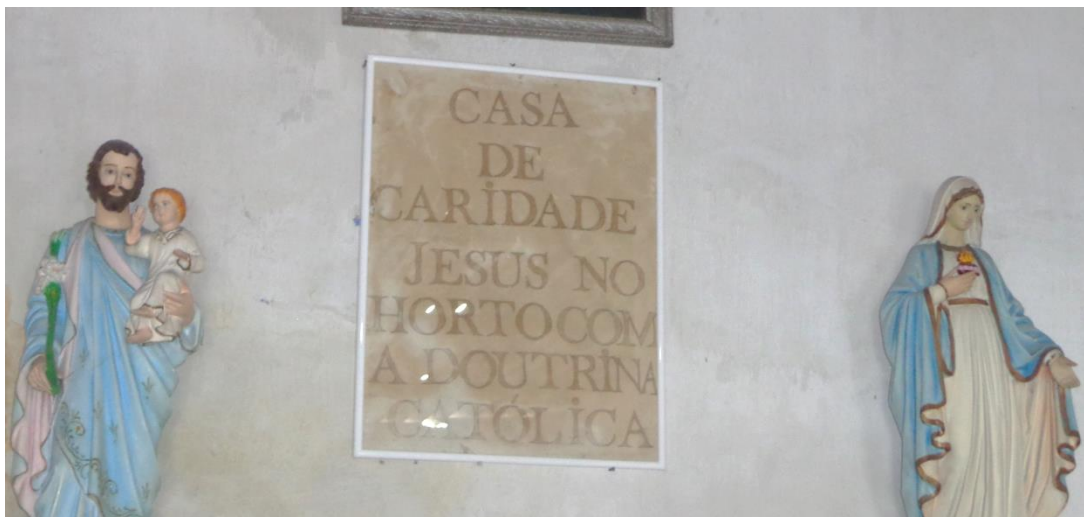


Figura 37 – Quadro localizado na parede frontal do templo, ao lado do altar, afirmando o compromisso do movimento com o Catolicismo Romano: “Casa de Caridade Jesus no Horto Com a Doutrina Católica”⁷⁷

O relato de seus netos demonstra que Roldão era um seguidor fervoroso e, ainda mais, um tradicionalista. Um de seus netos, João Stanley, relata que todos os domingos o avô frequentava as missas e ainda envolvia toda a família na participação das reuniões dominicais. De acordo com depoimentos dos netos, a igreja frequentada por ele tem o nome do santo que seria um dos mais influentes dentro da devoção do movimento “Borboletas Azuis”, São Francisco de Assis, localizada no bairro de Santo Antônio em Campina Grande.

Stanley relata que os outros netos, assim como ele, desde criança eram obrigados a participar da missa. Uma das irmãs de Roldão era responsável pela formação religiosa católica das crianças. A tia sentava com eles no banco da igreja e auxiliava-os durante o serviço.

Roldão contribuía com grandes quantias financeiras à Igreja Católica. Na Igreja de São Francisco, frequentada por Roldão e familiares. Nela existe um vitral que fora doado, tendo seu nome escrito.

Stanley frisa estas ações do avô na entrevista:

Todo domingo ele ia pra missa e forçava a gente a ir pra missa também. Na Igreja do São Francisco, em Campina Grande. [...] Ele falava com a nossa tia Baia, que era uma tia nossa, solteirona. Que chamava ele de tio Dandão. E ele passava as coordenadas pra tia Baia, dizendo que era pra levar os netos dele todo domingo pra igreja. E a gente, naquele tempo, tinha que se organizar e ir mermo. Ele ficava no primeiro banco, lá, com minha avó. Lá na frente. E a gente, que era jovem, ficava tudo no último banco, lá atrás.

⁷⁷ Acervo pessoal do pesquisador.

Escolhíamos ficar perto do vitral dele, que tinha o nome: Roldão mangueira. Porque ficava representado com a família. [...] em tese, a gente ia mais por obrigação, porque tinha uma ordem explícita de Tia Baia, pra gente frequentar a missa; e a gente ia. Quando a gente foi crescendo, já foi escolhendo um horário de missa; e foi diferente. Foi assim: mais, uma liberdade. Então, na parte religiosa, ele cobrava muito sobre nós.

Carneiro (1995, p. 22), afirma que Roldão era um católico fervoroso; e nesse sentido “contribuía, frequentemente, com doações para templos católicos localizados em Campina Grande, tendo feito doações de relógios para torres de igrejas, vitrais, conjuntos de sinos, etc” (CARNEIRO, 1995, p. 22).

Nivaldo relata que seu avô apresentava uma devoção exemplar, frequentando fielmente as reuniões da Igreja:

Ele não perdia uma missa no domingo. Frequentava a Igreja de São Francisco, na paróquia de São Francisco, bem como a Catedral. Eu me lembro bem que, sempre que eu ia também, a missa de São Francisco. Eu encontrava ele invariavelmente com aquele paletó branco. [...] ele contribuía muito, financeiramente, com a Igreja Católica, a Igreja de São Francisco. Chegando até a ter um vitral lá, muito bonito, na igreja. Que foi doado por ele. Que tem escrito: doado pela família Mangueira, Roldão Mangueira de Figueiredo. Tem lá o vitral. [...] Ele contribuía muito, sempre contribuía. Minha mãe também dizia que quando ele morava em Conceição, na cidade de Conceição, no interior da Paraíba, no sertão paraibano. Ele era católico fervoroso e contribuía muito com a Igreja dessa maneira.

De acordo com os depoimentos da maioria dos entrevistados, Roldão sempre fora uma pessoa bondosa e caridosa, atento às necessidades dos que estavam ao seu redor, fossem estes familiares ou até mesmo pessoas que não apresentassem grau algum de parentesco, mas que com ele conviviam. Nivaldo nos relatou que presenciara por muitas vezes, um dos filhos de Roldão, José Mangueira, proprietário de uma movelaria na qual Nivaldo trabalhara, buscar auxílio financeiro do pai em meio às dificuldades no comércio.

Além desses exemplos descritos anteriormente, sobrinhos e filhos tiveram seus estudos financiados. O depoimento de Luiza Araújo Santos ⁷⁸, que foi esposa de um dos capatazes de uma das fazendas de Roldão, nos traz informações sobre a caridade de Roldão para com pessoas que não tinham laços familiares com o futuro fundador do “Borboletas Azuis”.

⁷⁸ Luiza Araújo Santos tem 66 anos, é doméstica, estudou até a sexta série do ensino fundamental, não é religiosa e seus pais eram católicos. Luiza é esposa de um dos capatazes que trabalhou em um dos sítios de Roldão. Luiza cuidou de Roldão durante seis meses no período em que estava com câncer de próstata e cuidou de Antônia, esposa de Roldão, por muitos anos durante o período de senilidade. Entrevista realizada em 27 de janeiro de 2014.

Rodão Mangueira. Pra mim, ele era assim, muito bacana! Eu lembro que ele chegava lá na fazenda dele, e mandava... O meu marido, ele tinha umas vaquinha. Tinha duas. Aí era separada das dele. Pá num cumê a ração! Então ele chegava, perguntava: Ô Sebastião? Aquelas duas vacas, o que é que elas tão fazendo amarradas? Solte elas. Aí, ele falava. Não, é desse meu colega aqui. Tá amarrada pá num cumê a ração das ôtras, aí ele mandava soltá e elas cumia das dele, com as dele. Aquele leite! Chegava aquelas pessoa pobri, pidinú leite. Ele mandava qui Sebastião desse o leite pra elas. Pras mães dá o leite pra os filho. Eu me lembro muinthu!

Podemos supor que, por Roldão ser devoto de São Francisco de Assis, tenha buscado viver o exemplo de caridade do seu santo de devoção. De acordo com os relatos da vida de São Francisco, o religioso era filho de um próspero comerciante e usava as economias que recebia do pai para beneficiar os pobres. Posteriormente, optou por uma vida de reclusão e miséria econômica, recebendo um chamado através de uma voz espiritual que o fez dedicar a vida a divulgar o evangelho. Assis não obteve formação religiosa e trajava roupas inferiores às do clero, numa situação de mendicância, auxiliando os pobres e necessitados.

A figura de São Francisco de Assis equivale a um ícone do catolicismo que representa a humildade e a busca pelo auxílio ao próximo, optando por uma vida de reclusão e afastamento do mundo e suas riquezas. São Francisco fora precursor de uma ordem religiosa que se diferenciava dos demais representantes do catolicismo por renunciar as riquezas e optar por viver um evangelho baseado nos exemplos bíblicos de renúncia material e vida piedosa.

Na religiosidade popular, encontramos relatos de episódios em que Francisco de Assis pratica a caridade, como quando encontra um leproso e desce de sua montaria, entregando-lhe uma quantia significativa em dinheiro poderiam ter sido fatores de influência para as ações benéficas de Roldão. Segundo Stanley, Roldão fazia muitas doações materiais, chegando até a doar terrenos seus para pessoas das quais não apresentava parentesco quando repartiu seus bens entre os familiares, decidindo viver de rendas, dedicando-se totalmente à casa de Caridade Jesus no Horto.

Francisco recebera seu chamado por intermédio de uma voz espiritual que lhe articulava através de um crucifixo que era venerado e frequentemente visitado pelos populares católicos. Da voz, recebera um chamado para reconstruir a Igreja Católica, o que muito se assemelha com o chamado de Roldão a liderar o grupo na casa de caridade Jesus no Horto, pois fundara a casa como exemplo para a igreja católica, que se encontrava, em sua visão, desviada dos preceitos “verdadeiros” (mudanças ocorridas após o concílio Vaticano II), além de escutar seu chamado através da voz de Pe. Cícero.

As palavras de Helena e Tereza demonstram esta intenção de Roldão:

Nossa Senhora pediu o Pai Eterno pra abrir uma casa pra ajudar os hõmi que sofria. E mostrou, e mostrou... Aí o Pai Eterno deu condições a Nossa Senhora e disse: Ajuda a seu Roldão a abrir uma casa. E mostrou (TEREZA). [...] Aqui foi um marco que seu Roldão abriu pra... que o Pe. Cicero abriu, através de seu Roldão, pra levantar a Igreja Católica. E ele trabalhou em prol disso... até 1978 ele trabalhou nessa Casa (HELENA).

Embora Helena afirme que foi o *Pe. Cícero* que inspirou Roldão a abrir casa e Tereza assevere que foi *Nossa Senhora*, o sentido da abertura da Casa de Caridade Jesus no Horto é o mesmo pelo qual São Francisco iniciara uma jornada religiosa dedicada à transformação da Igreja pelo exemplo da simplicidade e humildade.

Não era feita nenhuma coleta de valores financeiros durante as reuniões e era proibido, pedir ou estimular a cobrança pelos serviços espirituais. As sessões ocorriam sem que houvesse nenhuma exigência material, o que ainda hoje é seguido pelas remanescentes.

Vejamos este trecho da entrevista com Helena, na qual questionamos como foi construída a Casa e como era mantida:

Ah, isso aí era tudo ele. **Pesquisador:** Se for pra receber doação, a casa de Caridade recebe doação? Não, não! Recebe não! Aqui a gente dá de graça o que de graça recebeu. Aqui a gente recebe de graça e vai aceitar pagamento? Recebeu de graça de Deus vai vendê? Num pode vendê! A velinha pra pôr no altar pode trazer, mas aqui a gente num recebe dinheiro de ninguém. [...] Se deu a Graça a gente, a gente vai vendê? Minha sobrinha foi manda celebrar uma missa de sétimo dia na igreja que ela congrega e ela veio aqui me dizer. Ele tá cobrando muito caro pra fazer a missa. Tá cobrando 15 reais. Ela disse: Ele, de primeiro, ele num fazia isso, aceitava doação, doação ele aceitava, doação, hoje ele tá cobrando!

Tereza, ao mesmo tempo, afirma que doações não são aceitas e que as graças recebidas pelos adeptos devem ser devolvidas sem que exista cobrança financeira: “Num tem hõmi pra conta! As Graça que essa Casa já deu pra humanidade sem cobrá um centavo, sem cobrá um centavo. É de Pe. Ciço! vai cobrá?”.

Em outra entrevista com Tereza, podemos perceber sua posição taxativa contra as cobranças de valores em troca da realização de ofícios por parte da Igreja Católica:

Por que foi que a Igreja caiu? Porque hoje é tudo no dinheiro, no dinheiro. Porque pra casá um casal no sacramento é sem a palavra de Deus. Maldito é aquele que muda minha palavra! É o que tão fazendo no mundo todím, o dinhêro. [...] Depois que o dinhêro entrô na sociedade acabô tudo, acabô a fé dos homi. [...] Num é pra vendê a palavra de Deus!

De acordo com Helena e depoimentos dos familiares, Roldão mantinha financeiramente e exclusivamente, a Casa de Caridade. Não aceitava nem mesmo doações financeiras, somente se fossem valores para compra de velas para o uso interno e o altar, depositados num espaço de coleta no templo. Stanley relatou que certa vez presenciara uma doação de animais (galinhas) e frutas, deixadas na residência de Roldão para a Casa de Caridade. Seu avô ordenara ao doador que voltasse com sua doação, pois naquela Casa não se aceitava nada de ninguém.

O estilo de vida do grupo se assemelhava à opção de São Francisco, de modo que escolhe trajar vestimentas semelhantes, mortificar o corpo, andar de pés descalços, proclamar o evangelho frisando o desapego material, apresentar aversão ao dinheiro e às riquezas adquiridas pela Igreja, estabelecer uma vivência comunitária na qual tudo se tornara comum e todos se apresentam como iguais, sem que haja classificações ou titulações religiosas. Todas estas, características da religiosidade popular atribuídas ao santo.

Para os adeptos do “Borboletas Azuis” o Pe. Cícero e São Francisco de Assis obtém espaço privilegiado no templo e no culto. De acordo com depoimento colhido com Helena Diniz, atual líder do movimento, o dia de domingo (dia principal de devoção no catolicismo) é dedicado a estes dois ícones. Maria, Cristo e os outros santos ficam divididos entre os outros dias da semana na devoção do grupo.

Além disso, ao adentrarmos o espaço, encontramos estátuas dos dois santos na parede posterior (a), no altar (b), do lado esquerdo, tendo à direita Maria, José e o Menino Jesus; e ainda, duas representações na coluna central (c) onde todos podem ver e ao assentar, um quadro do São Francisco e um busto do Pe. Cícero.



Figura 38 – A figurada esquerda é a da parede posterior (a) e a da direita do altar (b).⁷⁹



Figura 39 – Coluna central (c), figura de São Francisco de Assis à esquerda e imagem do Pe. Cícero à direita.

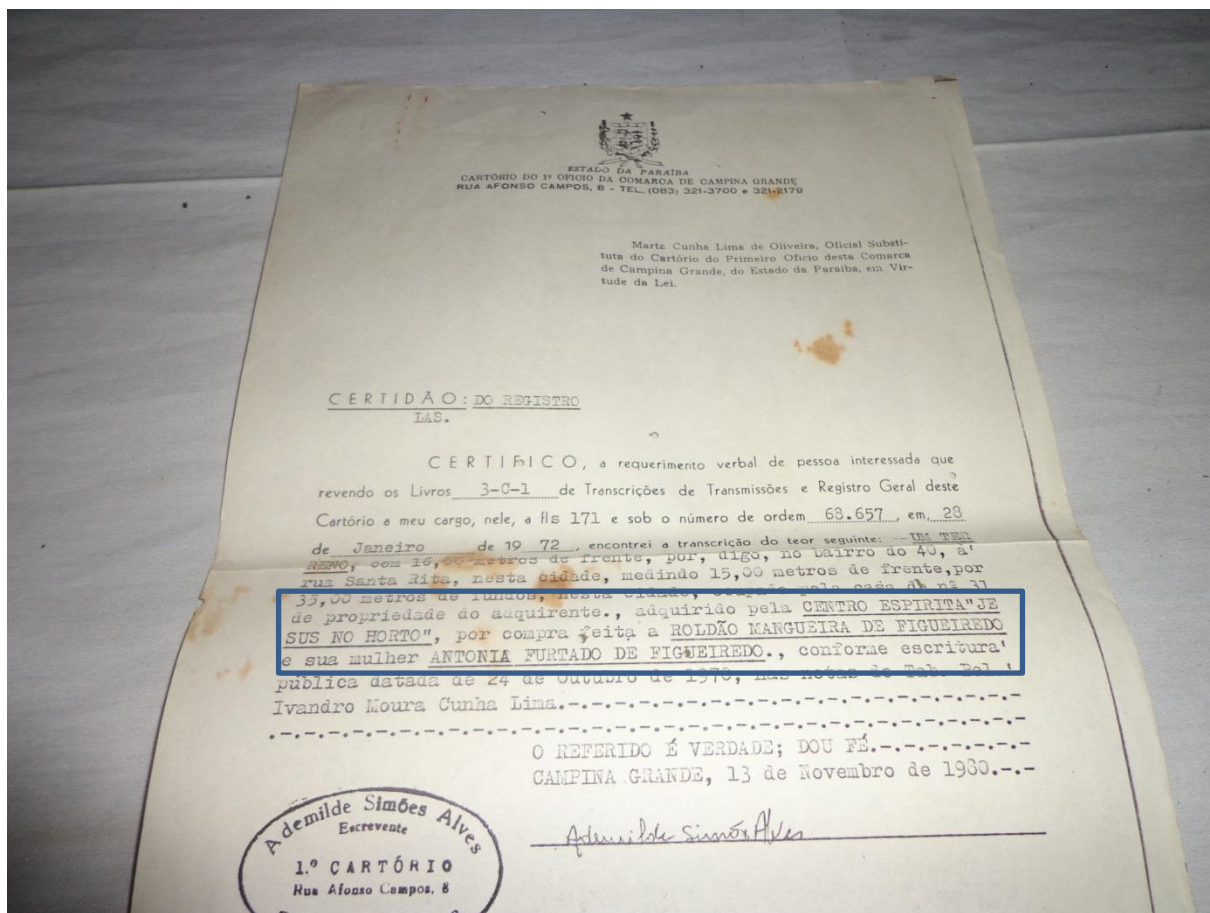
⁷⁹ Acervo pessoal do pesquisador.

Estabelecendo uma comparação entre estes santos as outras representações dentro do templo, percebemos que o número de imagens destes santos supera até as de Cristo, além de encontrarem-se posicionadas com maior destaque. Privilegiadas a tal ponto que, ao entrar, sentar, direcionar o olhar ao altar, ou, até mesmo, virar de costas, vislumbremos a presença de São Francisco de Assis e Pe. Cícero.

Maria Tereza afirma que o registro em cartório foi feito em nome dos dois Santos, assim, no discurso dela, o templo pertence exclusivamente a esses santos e não ao movimento: “Essa Casa foi rêigistrada no nome de Santantôim e Padi Ciço, foi meu fío! Ninguém pôdi tumá naum. Essa casa foi aberta pra levantá a Igreja Católica”.

Em outra entrevista, realizada em dezembro de 2013, a devota Maria Tereza, quando questionada, em nenhum momento afirmou que a Casa foi doada por Roldão, nem que era registrada em nome de Maria ou Jesus, ícones maiores da devoção católica e que anteriormente foram citados por ela como indivíduos de registro, mas sim, dos santos que foram valorizados pelo líder Roldão, os quais, era devoto desde época anterior à fundação do movimento.

O documento lavrado em cartório nos foi cedido pela líder, Helena Diniz, somente para que fosse fotografado, assim, não pudemos copiar o documento em formato de xerox, ou digitaliza-lo, mas mesmo assim podemos perceber que, no documento, consta que o terreno foi adquirido pelo Centro Espírita “Jesus no Horto”, vendido ao movimento por Roldão Manguiera de Figueiredo e sua esposa, Antônia Furtado de Figueiredo, sem que se encontre no certificado menção a São Francisco de Assis ou ao Pe. Cícero.



Ainda assim, a influência do Pe. Cícero na devoção de Roldão se apresentava de modo mais forte e constante. O Padre foi um elemento chave na decisão de Roldão de fundar uma Casa de Caridade em homenagem a estes dois santos. Além de ter sido dele a voz do chamado, era o santo mais incorporado pelo líder.

Roldão apresentava uma grande admiração pelo Pe. Cícero, estabelecendo ele como seu santo protetor e conselheiro. Posteriormente, receberia dele a missão de abrir a Casa de Caridade Jesus no Horto por influência espiritual de elementos kardecistas. Roldão receberia pela primeira vez, a visita corpórea do padre, que falaria com ele, delimitando a missão, e algum tempo depois, habitualmente incorporado por Roldão dentro do movimento.

Segundo as remanescentes, Helena e Tereza, Roldão muito se assemelham ao Pe. Cícero da religiosidade popular católica. Os atos do santo, divulgados pela religiosidade popular, incluem o não recebimento de valores financeiros para ganho pessoal e realizações de ofícios religiosos sem que houvesse ônus aos populares que o procurassem.

Percebemos, num trecho de entrevista com o padre Cícero colhido no portal da FIEC – Federação da Indústria e Comércio ⁸⁰, que Roldão buscava agir à semelhança de seu ícone principal, não aceitando nenhum valor financeiro da comunidade ou seguidores:

O senhor cobrava algum dinheiro pelos atos religiosos praticados? - Desde minha ordenação, mesmo durante o pouco tempo que fui vigário de São Pedro do Crato, nunca recebi um real sequer pelos atos religiosos que tenho praticado como Sacerdote Católico. E o que fazia com o dinheiro dado espontaneamente? - Todos os dinheiros que me foram dados como oferta a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de caridade que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura.⁸¹

Segundo relatos de familiares e das remanescentes do movimento, Roldão não cobrava nenhum valor financeiro ou doações. A Casa de Caridade era mantida por ele, com suas próprias economias. Todos os eventos, como caminhadas espirituais, viagens, transporte, alimentação, aquisição de materiais e manutenção do templo eram exclusivamente, onerados à pessoa do líder, pois, mesmo que fosse algum ônus, por Roldão transferido aos adeptos, não seria possível o sustento da casa e atividades do grupo devido à baixa, e em sua maioria, não remuneração dos acólitos.

Nivaldo afirma em entrevista que todos os seguidores apresentavam baixa renda:

O local. O prédio... O prédio é dele. Todas as pessoas... Grande parte das pessoas que fazem parte de Jesus no Horto. O lugar lá! Jesus no Horto, que ele frequentava. Ele ia todo bonito de roupa branca, de chapéu Panamá branco. As pessoas que iam lá... Eu notei... eram pessoas de uma classe social baixa, bem mais baixa que ele. E... de uma cultura muito inferior. Então, as pessoas tão por aí, como hoje, procurando uma tábua de salvação, procurando algo pra salvar elas.

David, embora não expresse que o avô era responsável pela oneração total do movimento, reconhece seu esforço em torno de preservar o movimento por meio de trabalho não remunerado e finanças pessoais:

...ele era o líder maior o presidente da... do... O fundador. O doador do imóvel para ser realizadas essas reuniões. Ele era o líder né?! O fundador. Era quem comandava a casa de Jesus, é... a Casa de Caridade Jesus no horto. [...] ele era o líder, fundador, criador, líder, mantenedor e dirigente principal, presidente.

⁸⁰ Fragmento de entrevista com o Pe. Cícero do Juazeiro antes de sua morte. Extraído de: <http://www.sfiac.org.br/novidades/novidades1/281002.asp#valorizando>

⁸¹ Idem.

Helena, durante as entrevistas que realizamos afirmou veemente que o líder não recebia doações de nenhuma espécie:

Aqui ele num aceitava nada! Aqui depois que ele fazia os trabalho, tinha uns castiçal, que ele tinha a obrigação de acendê umas velinha aqui. Três, quatro, cinco velinha. O que era doado aqui era assim! Aqui tinha uma janela e tinha um cofrezinho assim, ainda tem... mas se você quisesse botá uma doação de quem quer que seja pra comprá vela. [...] Ele encontrou uma moça, uma senhora no estado de Minas Geras. O Pe. Cíço, ele contou aqui. Eu fiquei lá, assistindo ela. O Pe. Cíço. Do meio pu fim, ela começou a receber dinheiro. Aí, se afastou. Se afastou! Se ele dá de graça a gente, a gente vai vende? Ele num deu a Graça, num foi Deus que mandô? Num foi? Ele num deu? E porque a gente vai vende?

É notável, nas características do chamado de Roldão, um esforço por parte dele e de seus seguidores em torno denotar semelhanças entre ele e o Pe. Cícero. Da mesma maneira que o Pe. Cícero recebeu seu chamado por uma voz do céu, Roldão afirma ter escutado a voz do padre.

No site Usina de Letras ⁸², encontramos o relato popular a experiência do santo, que vislumbra Jesus Cristo ministrando a ceia aos apóstolos e uma imensa quantidade de pessoas carentes adentra o recinto, sendo apontados por Cristo como o rebanho que seria cuidado, a partir desse momento por Cícero:

Muitos livros afirmam que Padre Cícero resolveu fixar morada em Juazeiro devido a um sonho (ou visão) que teve, segundo o qual, certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio no confessionário do arraial, ele procurou descansar no quarto contíguo à sala de aulas da escolinha, onde improvisaram seu alojamento, quando caiu no sono e a visão que mudaria seu destino se revelou. Ele viu, conforme relatou aos amigos íntimos, Jesus Cristo e os doze apóstolos sentados à mesa, numa disposição que lembra a Última Ceia, de Leonardo da Vinci. De repente, adentra ao local uma multidão de pessoas carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas, a exemplo dos retirantes nordestinos. Cristo, virando-se para os famintos, falou da sua decepção com a humanidade, mas disse estar disposto ainda a fazer um último sacrifício para salvar o mundo. Porém, se os homens não se arrependessem depressa, Ele acabaria com tudo de uma vez. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e, voltando-se inesperadamente ordenou: E você, Padre Cícero, tome conta deles!⁸³

Doravante, como exemplo do Padre Cícero, Roldão, rico comerciante, paulatinamente perde seu império comercial, desfazendo-se de suas posses e vivendo de rendas e patrimônios

⁸² Fragmento de texto que relata o chamado do Padre Cícero extraído de Pequena Biografia do Padre Cícero - O Cearense do Século. <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=13287&cat=Artigos&vinda=S>. último acesso em 18/03/2013.

⁸³ Texto extraído de <http://www.sfiac.org.br/noticias/padrecicero260704.htm>. último acesso em 20/03/2013.

adquiridos, sustentando a Casa de Caridade e realizando atos de bondade para com os menos favorecidos.

Ademais, a característica apocalíptica do movimento, muito se assemelha ao relato do Pe. Cícero. Mesmo que Roldão não tenha sido o profeta do dilúvio, o relato do sonho do santo padre nos aponta possíveis motivos que fizeram com que o Líder do “Borboletas Azuis” desse suporte à revelação de Luciene Diniz, sobre o dilúvio e a destruição da humanidade.

Nas conversas com Nivaldo e David, descobrimos que Roldão, na época em que começara a desenvolver seu comércio de algodão em Campina Grande, fazia questão de que seus parentes alcançassem formação profissional, incentivando a leitura e o estudo não somente por parte de filhos e netos, mas também, recebendo em sua casa parentes do interior que se deslocavam a Campina Grande para estudar, hospedando-os e financiando seus estudos.

David afirmara em entrevista que seu avô, nos primórdios do movimento, nas décadas de 60 e 70, incentivou a formação superior de muitos de seus parentes próximos, além de fazer parte da maçonaria, uma instituição progressista que instigava o crescimento intelectual e financeiro do indivíduo:

Ele conseguiu ajudar na formação desse pessoal que vinha do sertão da Paraíba. Sobrinhos dele que se formaram morando na casa dele, ele dando todo o apoio. Se formaram, uns médicos, outros com outras formações, mas que tiveram deles, alguns que foram prefeitos de suas cidades, deputados estaduais. [...] Nós tivemos um desses sobrinhos dele, de minha vó, mas dele também, afim dele, né! José Soares Nuto. Esse cidadão formou-se aqui, morando na casa de Roldão Mangueira, depois prestou concurso no Banco do Nordeste, foi gerente do Banco do Nordeste, terminou sendo diretor do Banco do Nordeste. Foi diretor presidente do Banco do Estado de Pernambuco. Foi diretor financeiro do Banco do Nordeste para todos os convênios governamentais. [...] Além de outros sobrinhos e netos que ele ajudou. [...] Meu pai foi uma dessas pessoas que não conseguiu terminar um curso superior, mas que na área política, ele foi prefeito de Conceição, que é a cidade Natural dele lá e depois conseguiu ser deputado estadual. [...] Roldão Mangueira, além de ser um bom avô, um bom pai, soube valorizar a família, ajudar a quem ele podia. E nós, hoje, graças a ele, o exemplo de homem de bem, nós temos aí muitos netos formados, bisnetos formados, estudando. [...] Ele (Roldão) era uma pessoa que participava também de outros movimentos. Ele era maçom, respeitado na maçonaria.

Nivaldo frisa igualmente, as características de seu avô, descritas por David, auxiliando pessoas que não faziam parte da família, como a exemplo do irmão de um de seus companheiros de política:

Eu sei que muitas pessoas do Ceará, por exemplo: Miguel Arraes. Miguel Arraes, o ex- governador do Ceará, tinha um irmão [...] Tinha um irmão, que

veio estudar aqui em Campina Grande ou foi em João pessoa. E meu avô ajudou ele a se manter, porque ele tinha condições e não fazia questão de ajudar os outros, né?! Ele tinha um coração! Uma pessoa extremamente compenetrada, mas de um timbre comercial muito grande, e um coração como a gente costuma dizer: muito bom.

David ainda frisa que na época em que Roldão começara o movimento, no espaço da Casa de caridade Jesus no Horto, no anexo lateral, estabelecera uma escola, onde existiam aulas para a formação secular dos adeptos e filhos. Nas vezes em que David fora visitar o centro e vira a escola em funcionamento, percebera que a educação aplicada não era a religiosa, que se restringia ao templo, mas sim, uma educação secular em torno de ensinar as pessoas da comunidade de fé a ler e escrever. Talvez o exemplo de seu avô, ensinando crianças carentes embaixo de uma mangueira fosse um indício do desejo de educar estas crianças⁸⁴.

Confirmamos o relato de David:

Outra coisa que marcou muito também era a de que Roldão Mangueira. Ele mantinha uma escola também. Ele, lá no centro mantido por ele, pela comunidade que ele liderava, também tinha uma escola. Quer dizer que ele também se preocupava em dar educação também para as crianças [...] Para a formação das pessoas, para a alfabetização, que eram crianças que ele trabalhava e demonstra a preocupação que ele tinha com a sociedade, com o futuro daquelas crianças, especialmente dos jovens e ele dava a sua contribuição nesse sentido né? Ajudando ao próximo, em especial àqueles que não tinham muitas condições de estudar.

Nivaldo nos apresenta uma visão do seu avô em dois estágios. Um estágio anterior ao surgimento do grupo religioso, na casa de caridade, e um posterior, na ocasião em que seu avô funda o movimento. Para ele, no primeiro momento, seu avô se apresenta um homem católico fervoroso e que incentiva a leitura e o estudo por parte de seus familiares.

De acordo com Nivaldo, Roldão mantinha em sua casa um grande acervo de livros em uma biblioteca particular, onde pôde ler muitos livros com o incentivo do avô e o auxílio de sua tia:

Ele era um autodidata, era uma pessoa que escrevia... Me parece que nunca frequentou uma escola, mas lia bem, escrevia bem. Tinha uma linguagem muito normal para as pessoas que não eram cultas, no sentido da palavra, de frequentar o banco escolar. [...] Era calado, só abria a boca pra dizer as coisas com bastante determinação, explicadas. Ele era um cara bem informado. Tinha uma biblioteca muito grande na casa dele. Livros... Eu acho que através desses livros ele aprendeu muita coisa. Livros como os de

⁸⁴ Relato retirado da obra de Moacir Carneiro e citado no capítulo anterior.

José de Alencar, Machado de Assis, Érico Veríssimo. Clássicos como Ulisses de Jorge Amado. Eu li aqueles livros todinhos pela nossa tia Baia que obrigava a gente que lesse e ele dava o maior valor, ele gostava muito que a gente lesse.

Nivaldo apresenta uma leitura de seu avô diferenciada, num segundo momento, que se concretiza após influências do kardecismo, na qual Roldão se encontrava envolto numa busca por preservação das raízes do catolicismo, apresentando agora, suas opiniões embasadas numa atitude católica radical, desconsiderando a ciência e a tecnologia, reconhecidas pela Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II, como fontes que gerariam possibilidades de auxílio a fé.

O relato colhido por meio da entrevista que realizamos, demonstra esta teoria crítica tecida pelo neto de Roldão, Nivaldo Manguiera:

No final (quando fundou os “Borboletas Azuis”), eu notei que ficou muito assim, em relação à ciência sabe. Ele não admitia que o homem tivesse ido à lua. Foguete que o homem saia, não, de jeito nenhum. Ele num admitia, se ele subiu, como é que ia descer? Tinha uma escada? E que o mundo era plano. Se fosse redondo as águas dos mares caiam. A gente ia ficar de cabeça pra baixo e caia também. A questão de gravidade, de atmosfera, dos conceitos científicos que a gente conhece, ele começou a questionar. Ele não acreditava nas coisas da ciência. Ele dizia que Galileu, que Isac Newton, todos esses cientistas eram um engodo da ciência. O que valia era o que estava escrito na bíblia. [...] Nesses encontros na casa dele, eu conversava muito com ele sobre ciências e ele sobre religião. [...] Eu começava a falar sobre o heliocentrismo, que a terra girava em torno do sol e ele só admitia o geocentrismo, de que tudo girava em torno da terra. Eu tentava convencê-lo através de uma visão científica e ele tentava me convencer através de uma visão religiosa de que ele, Roldão Manguiera e a religião católica estavam certos. [...] Eu debatia muito com ele essas questões, eu falava sobre a física, sobre a matemática, sobre os cientistas e ele dizia que isso era tudo ilusão e que se adquiria o conhecimento através da religião, da fé. O homem era o centro de tudo pra ele.

Sobre a radicalização da fé católica de Roldão, Nivaldo comenta que seu avô encontrava-se descontente com as mudanças presentes na Igreja após o advento do Concílio Vaticano II. Inserções como a celebração da missa voltada não mais ao altar, mas à comunidade, instrumentos musicais como baterias e guitarras, usados para desempenho dos cânticos, a inserção de músicas que não faziam parte do hinário tradicional, a mudança do latim para o português durante a exposição da missa, dentre outras mudanças.

Observemos a leitura de Nivaldo dos fatos:

Eu notei que essa mudança na Igreja católica, de celebração da missa o afetou. Por exemplo, não sei se você sabe? Na Igreja Católica, os padres

celebravam a missa de frente para o altar e de costas para a plateia, para os fiéis né, as pessoas que frequentavam a Igreja, e Isso mudou. Os cânticos e as orações nas celebrações, geralmente eram acompanhadas por aqueles órgãos antigos e passaram também a fazer parte dessas celebrações; lembro-me bem, com os padres, mesmo os das antigas, como o frei Petrônio, frei Caniça. Começou-se a utilizar guitarras. E aquilo não foi visto de bom grado pelo meu avô. Ele era um católico tradicional. Ele não admitia mudanças nesse sentido. Eu vi ele reclamar muitas vezes: - Eu fui pra igreja e cheguei lá eles tavam tocando violão, tavam tocando guitarra. Pra nós jovens e para os padres que também acompanharam a mudança era uma coisa normal. Grande parte da missa era professada em latim e posteriormente passou-se a usar a linguagem em português em toda a celebração e aquilo o incomodou e ele me dizia. Eu dizia: - Não vovô! Isso aí é a evolução dos tempos. As coisas vão mudando. As coisas vão se modificando com o tempo, tudo muda. Não há nada estático. Mas ele não aceitava.

Podemos perceber essa visão de Roldão representada no discurso dos adeptos que ainda frequentam a casa de caridade Jesus no Horto, Tereza acusa a Igreja Católica de aderir a *modernidade*:

Depois que a ciência entrou na Igreja e na sociedade, atacô tudo, atacô tudo! Hoji, depois que o dinheiro entrô no mundo e as coisa moderna, bunita, o dinheiro, a sociedade, caiu todo mundo, aí pronto! [...] antigamente era assim, quando uma pessoa ia fazê um roçado, todo mundo vinha e ajudava, quando ia construí uma casa, os povo vinha de todo canto e ajudava, e hojí? Ninguém ajuda mais ninguém naum, é todo mundo pur si. [...] os pade mermo dizia: para os tempo aparecera uns gafanhoto na linha, que ninguém pode andá, e vai vim pra cima dos hõmi e vai sê a maió distruição. Aí eu num sabia, hoje eu tô vêno, é os carro e as móto. Tá assim ó, e ninguém pode andá no mundo. Hoji quem tem uma casa tem um carro e duas móto, cumo é qui podí? Antigamente o povo andava de animal, tudo simples, tudo simples, original. Hoji, Nossa Senhora, meu Deus! [...] Hoji im dia? Qual é o padí que quer ser São Francisco? Qual é o padí que quer se Santo Antônio? Nenhum deles era santo não viu, fôro santo dispois.

Para seu neto, Nivaldo, essas mudanças internas da Igreja Católica influenciaram Roldão a frequentar mais assiduamente reuniões espíritas de mesa branca, onde passara a *relacionar-se* com santos da igreja Católica como São Francisco de Assis e Pe. Cícero, culminando, posteriormente, no “recebimento” do espírito do Pe. Cícero, convidando-o a desempenhar uma missão exemplar e que revolucionaria a Igreja Católica. [...] “essa posição adotada pela Igreja Católica contribuiu muito para o afastamento dele. Que ele deixou! abandonou mesmo, deixou de ir à igreja. Ele deixou a Igreja Católica e foi frequentar o espiritismo de uma vez”.

Para Campbell (1991, p. 97), estas mudanças advindas após o evento do concílio diminuíram o valor ritual das celebrações e destroçaram o elo do devoto com o transcendente, excepcional ao cotidiano humano, reduzindo as celebrações a fatos ordinários.

Houve uma redução do ritual. Até na Igreja Católica Romana, meu Deus, traduziram a missa, de uma linguagem ritual, numa linguagem repleta de associações com a vida cotidiana. O latim da missa era uma linguagem que o lançava para fora da esfera do cotidiano. O altar estava virado, para que as costas do sacerdote se voltassem para você; assim, junto com ele, você se dirigia para fora. Agora eles deram uma volta no altar parece um punhado de escolares fazendo uma demonstração – tudo caseiro e pequenino [...] Tocam guitarra. Esqueceram-se de que a função do ritual é lançá-lo para fora, não levá-lo de volta ao lugar onde você tem estado o tempo todo (CAMPBELL, 1991, p. 97).

Para Roldão, a Igreja Católica não representava mais um exemplo de vida e devoção à Deus e a Cristo. Para ele, com as mudanças ocorridas, parecia que a Igreja tinha perdido sua essência, sua configuração original. Os padres não vestiam mais batinas fora do espaço de culto. Os órgãos e as canções habituais eram substituídas por grupos jovens que desempenhavam mais um show, do que um serviço de louvor. A reverência sacerdotal deixa de ser voltada ao altar e passa a reverenciar o público. Ali morria o Roldão Católico Apostólico Romano e emergia um novo católico, defensor da tradição e inovador, ao inserir elementos espíritas como um caminho para obtenção de respostas.

O Novo Testamento ensina a morrer para si mesmo, literalmente, sofrendo a dor da morte para o mundo e seus valores. Esse é o vocabulário dos místicos. [...] Você morre para a vida em curso, a fim de ingressar em outra, de alguma espécie. Mas, como diz Jung, é melhor você não se deixar envolver numa situação simbólica. Você não precisa morrer literalmente, fisicamente. Tudo o que tem a fazer é morrer espiritualmente e renascer para um modo de vida mais aberto (CAMPBELL, 1991, p. 127).

Roldão passa então a buscar novo sentido para uma Igreja destruída, desconfigurada e corrompida. Para ele, até mesmo o referencial de morte e ressurreição de Cristo, os sacramentos, como a ceia e o batismo haviam sido tomados pela Igreja como cerimônias banais. As visitas constantes a centros espíritas devido ao descontentamento, aliados a um desejo de reforma trazem luz sobre os anseios de Roldão. Deste modo, ele funda um modelo de igreja que além de buscar restaurar a ordem original da Igreja Católica, insere um estereótipo de controle por meio de seres sobrenaturais míticos, os Santos Pe. Cícero e São Francisco de Assis.

No próximo capítulo, apresentaremos as influências espíritas kardecistas que instigaram Roldão Manguiera de Figueiredo a fundar a Casa de caridade Jesus no Horto e posteriormente tornar-se líder do movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis”, assim como uma análise do carisma e o poder de representação de Roldão e demais líderes.

3. As influências espíritas kardecistas e a atuação dos líderes do “Borboletas Azuis”.

3.1. As influências espíritas de kardecismo e mesa branca no movimento “Borboletas Azuis”.

Classificamos em nosso trabalho as expressões espirituais nas quais se estabelece contato com seres extramundanos dentro do grupo “Borboletas Azuis” como de influência kardecista pela maneira como os familiares e pessoas que conheceram Roldão e a Casa de Caridade descrevem: “Um centro espírita onde Roldão recebia o Pe. Cícero e realizava consultas espirituais”.

Embora a ritualística do grupo demonstre um misto de elementos afro-brasileiros e kardecista, o segundo aspecto prevalece, tanto nas ações, como no discurso do grupo, mesmo que se declarem Católicos Apostólicos Romanos praticantes e seguidores “da verdadeira e única fé”.

Nivaldo, um dos netos de Roldão, durante a entrevista, explanava que o modelo de espiritismo que seu avô empregava “era um espiritismo daquele comum mesmo”. Quando questionamos se era de influência kardecista, ele afirmou que sim, “que era isso mesmo, kardecista”:

Ele já tinha uma tendência, uma ‘participação’, podemos assim dizer, do espiritismo. Ele... Minha mãe também falava que ele tinha esse fervor no espiritismo, né?! Sendo que na minha imaginação, no meu entender... Ele frequentava muito mais, na Igreja Catolicista. **Pesquisador:** Mas tu sabes dizer qual o espiritismo que ele frequentava? Se ele ia para mesa branca, candomblé, qual era o tipo de espiritismo? Não, não... Era o espiritismo normal, de frequentar o, o... Pelo menos essa casa que eu fui. Eles ficavam sentados numa mesa. E duas vezes tive a oportunidade de verificar isso. Discutindo religião, os santos! Ele era esse fervor! Tinha um amor muito grande pelo Padre Ciço, né?! Padre Ciço, brasileiro. Tinha uma imagem do Padre Ciço e discutia as questões normais do espiritismo com os outros [...]

Vejamos outro depoimento de Nivaldo em entrevista presente na dissertação de Araújo:

Daí em diante Roldão começou a frequentar centros espíritas. Eu me lembro que ele frequentava, não sei se já dele mesmo, ou de outra pessoa. Ele começou a se ligar muito ao espiritismo. Frequentava a Igreja Católica e o espiritismo. E o santo de devoção dele forte, era o Padre Ciço do Juazeiro (ARAÚJO, 2008, p. 38).

Ao relatar experiências espirituais acontecidas na Casa de Caridade Jesus no Horto, tanto adeptos como visitantes, apresentam um linguajar bastante comum presente em reuniões espíritas kardecistas e de mesa branca. Palavras como: centro espírita, kardecismo, espiritismo, espírito de luz, subir, mediunidade, receber luz, tirar as correntes, caboclos, limpeza, dentre outros.

Maria do Carmo Dantas ⁸⁵, um dos sujeitos entrevistados, relata que se dirigiu à Casa de Caridade a convite de Roldão e, ao se referir ao local, relata que o próprio Roldão o denominava de *centro*:

Eu vi tanta coisa boa que eles tavam fazendo lá! Eles tavam coisando uns médium. Eu vi muito coisa bunita, muita coisa que aconteceu e é verdade. [...] Eu tava em casa e me deu aquele toque e eu fui lá! Eu fui pra lá e quando eu bati na porta num tinha ninguém fora. Aí ele (Roldão) disse: - É do sítio, pode abrir! O que ele respondeu pra mim foi assim: - Você é uma sofredora, mas vai ser muito feliz, foi só isso. Pronto! Aí eu fiquei com aquilo na cabeça o resto da vida. [...] O que eles fizéru ali, que eu vi, foi pra saúde do povo. [...] Eu vivia muito aperrada ali no sítio, assim... aperrada mermo, aí ele (Roldão) disse assim: - Vá! Frequente o meu centro! Vá hoje lá no meu centro e eu fui!

Para o grupo, os espíritos que se manifestavam nas reuniões eram espíritos de mortos que necessitavam de luz para poder ascender aos céus. Nenhum espírito que desejasse praticar ações maléficas era aceito ou recebido na Casa de Caridade Jesus no Horto. Havendo manifestações de espíritos contrários, uma ação de limpeza e encaminhamento era realizada, acorrentando e enviando o espírito discordante às ondas do mar, local no qual, os adeptos da Casa de Caridade Jesus no Horto criam ser um espaço de aprisionamento dos seres maléficos. Somente espíritos iluminados ou arrependidos de seus pecados poderiam se manifestar na *mesa de caridade*.

Existem dois tipos de espíritos no movimento, os *espíritos de luz* que são pessoas que viveram praticando o bem e se encontram na recompensa da presença divina e os *espíritos das trevas* (CARNEIRO, 1995, p. 63) que dedicaram a vida a praticar o mal, morrendo no pecado e sofrendo o castigo da ausência do poder divino, necessitando de arrependimento e luz para poder subir aos céus.

Os espíritos que se manifestassem com o intuito de praticar o mal eram *acorrentados* pelas orações do Pe. Cícero e *enviados para as águas do mar* ⁸⁶, onde ficariam presos para

⁸⁵ Maria do Carmo Dantas tem 62 anos, é doméstica e professora a fé católica. Atualmente reside em região rural e morou ao lado de um dos sítios de Roldão. Maria do Carmo tem 62 anos, estudou até a quarta série do primeiro grau. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2014.

sempre. Se fossem espíritos de pessoas que sofreram durante a vida e ainda estavam vagando pela terra, recebiam a bênção do santo e poderiam ascender aos céus, podendo assim, descansar com o *Pai Eterno*⁸⁷.

Negrão (1981, p. 05), colhendo depoimento de Antônio de França e dos demais seguidores do movimento, explana que o batismo tradicional, instituído pela Igreja Católica é reconhecido pelo grupo como legítimo e não propõem reforma-lo, mas sim, transpor o rito ao mundo espiritual, batizando os espíritos de pessoas que morreram sem a possibilidade de arrependimento, estabelecendo uma segunda chance para aqueles que praticaram o mal durante a vida, e também, para espíritos de pessoas que praticaram o bem, mas não tiveram a oportunidade de receberem o batismo, ficando assim, presos no limiar da terra, esperando por um batismo cristão que os habilitasse a ascender aos céus e ao convívio com o Pai Eterno.

O grupo denota legitimidade, não somente ao rito em si, mas igualmente aos oficiantes dos sacramentos. Para eles, o rito no mundo espiritual não poderia ser realizado por pessoas comuns, mas sim o Pe. Cícero, que como um espírito iluminado, detinha a capacidade espiritual para realizar o rito. Diante disso, foi estabelecida no movimento uma linha divisória que não desclassificava os oficiantes oficiais, denotando reconhecimento de seu poder espiritual no imanente, enquanto o Pe. Cícero, legitimidade no transcendente.

Vejamos o texto de Negrão:

[...] dedicou-se a Casa Jesus no Horto, desde seus inícios, à sua prática. Não ao batismo de crianças ou adultos "encarnados", porque esta é uma atribuição da Igreja e dos sacerdotes, mas ao batismo dos espíritos de pessoas que morreram sem ter recebido o sacramento e estão, por este motivo, impedidos de entrar nos céus. Vagam pela terra, sofrendo e fazendo sofrer os vivos nos quais se "encostam", "mesmo que tenha sido bons em sua existência terrena. O oficiante dos batismos também não é qualquer pessoa comum, nem mesmo uma pessoa viva; é o Pe. Cícero que, incorporado em Roldão e, eventualmente em outros médiuns ,batizou os "caboclos" que, embora bons e puros, têm o pecado original, os espíritos das crianças que foram geradas mas não nasceram, os pagãos em geral, inclusive os profetas do Velho Testamento: "Os profetas , por exemplo, eram homens bons que creram em Deus e faziam que Deus mandava mas ficaram esperando até batizar (Antônio de França) " (NEGRÃO, 1981, p. 05).

⁸⁶ Como vimos anteriormente, dentro da prática do grupo, espíritos malignos eram enviados às profundezas do oceano ou às ondas do mar, como punição ou castigo pelos atos maléficos cometidos em vida e em morte até que pudessem chegar à consciência de que necessitavam de arrependimento.

⁸⁷ Pai Eterno é a nomenclatura usada pelo movimento ao se referir ao Deus do Catolicismo Romano.

Podemos observar nas palavras de Tereza, quando discorre sobre as manifestações espíritos infantis que teriam morrido sem o batismo e procuravam há muito tempo, uma maneira de subir aos céus, uma ligação do estilo mediúnico kardecista com o Catolicismo Romano:

As criancinha que vinha recebe luiz, pra subí, num sabe? Os espiltus dos sufredor, de criança. Jesus veio pra julgar os vivos e os mortos. Que já tinha morrido há muito tempo já (as criancinhas). Pra subí! Mode recebe uma luiz. Recebêro luiz aqui pra subi, num sabe?

Tereza nos relata que muitos *caboclos bonzinhos*⁸⁸ das matas que não foram batizados em vida recebiam na mesa da comunhão a bênção do Padre e o *batismo dos pagãos* para dirigirem-se ao descanso eterno. O *batismo dos pagãos* era um rito obrigatório para as pessoas que sentavam à mesa da comunhão, purificando a alma dos pagãos e batizando-os em nome do Pai Eterno, possibilitando a salvação da alma dos que visitavam a Casa. Esse batismo era feito por meio de aspersão de água salgada, simbolizando a água do mar.



Figura 40 – Irmã Maria Tereza, a Guardiã do Templo do “Borboletas Azuis”.⁸⁹

Embora os adeptos nunca considerem as manifestações como espíritas kardecistas, o estilo das sessões que se realizavam após a missa era deveras semelhantes a sessões espíritas kardecistas. O líder se posicionava na ponta de uma mesa branca, denominada de *mesa da comunhão*, onde recebia o espírito do Pe. Cícero, que presidia a reunião. Se outro espírito

⁸⁸ Tereza nos explica que os *caboclos das matas* foram os primeiros habitantes da terra, as pessoas que moravam na terra sem precisar da modernidade, usufruindo das benesses do Pai Eterno presentes na natureza sem que houvesse necessidade de comercialização de produtos e alimentos. Seres que portam de sabedoria e discernimento das coisas naturais e que podem infligir boa ou má influência sobre as pessoas.

⁸⁹ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador.

fosse incorporado por outra pessoa na mesa, deveria se apresentar e esperar a sua vez para poder se comunicar, e isto, com a permissão do Pe. Cícero. Não aconteciam manifestações que fossem fora da ordem e nenhuma sem que fosse à mesa, assentados. Não eram permitidas manifestações de dança, exaltação de voz, ou até mesmo posicionamento ereto ao discursar.

O espírito do Pe. Cícero se comunicava brandamente, articulando pausadamente e bem suave. Nas palavras de Helena: “era difícil escutar a voz dele, tinha que prestar muita atenção, ficava tudo o maior silêncio quando ele ia falar”. Helena descreve que sua filha recebia o Menino Jesus e Santa Maria, Mãe de Deus e também se comunicava de modo brando, semelhante ao Pe. Cícero, o que lhe imputava poder igualitário e muitas vezes, superior ao principal líder.

Como podemos perceber, as práticas mediúnicas do “Borboletas Azuis” não eram manifestações kardecistas comuns. Apresentavam-se como um híbrido de kardecismo, religiosidade afro-brasileira e catolicismo popular, mesmo que os adeptos não os reconhecem como práticas espíritas ou afro-brasileiras.

Nas palavras de Helena e Tereza, todo ser humano apresenta uma mediunidade, que é oferecida pelo Pai Eterno, mas que para sentir sua ação, o ser humano precisa estar limpo do pecado, purificando o corpo através de uma vida de reclusão e penitência na *casa de caridade*, limpando assim “o corpo”, podendo assim, aflorar sua mediunidade.

Tereza durante entrevista compara sua mediunidade aflorada com a ausência encontrada nos membros de sua família. Para ela, eles não se separaram do mundo, e assim, não conseguiram obter a purificação necessária para desenvolver a mediunidade que é cedida pelo Pai Eterno aos que praticam a purificação do corpo.

Tereza justifica sua propensão mediúnica pelo fato de sempre agir diferente de seus familiares desde criança, agindo sempre em torno de separar-se do mundo, purificando-se:

Na minha casa tinha um bucado de rapaz e moça, mas só tinha eu assim dessa forma (separada das coisas do mundo). Uns foi da protestante, outro se juntou em vez de casamento, se amansebar, sabe? E ataca a mediunidade das pessoa, sabe?

Esta purificação somente pode ser alcançada em meio ao respeito e a vivência dos preceitos da Casa de Caridade, mortificando o corpo com orações, jejuns, uso das vestes do grupo e caminhadas com os pés descalços, para mortificar a carne. Percebemos nesta prática

uma fusão católico-espírita, cujo aspecto penitencial católico é usado em busca de acrescentar poder espiritual no mundo dos entes sobrenaturais, espíritos de mortos e santos protetores.

Para os adeptos, o espiritismo, seja ele kardecista ou de influência afro (umbandista), manifestam o “baixo espiritismo, que é da esquerda”. Segundo Tereza, a mediunidade expressa por eles vêm direto do *Alto Espírito*, ou seja, um discernimento alcançado com a ligação plena com o Espírito Santo, e as outras religiões “são do baixo espiritismo, as que vêm do inferno”.

Em Araújo (2008, p. 80), Tereza afirma que todas as Igrejas Católicas são casas espíritas, pois nelas se manifestam o Espírito Santo, sendo que de uma forma diferenciada das casas que usam o que por ela é denominado de baixo espiritismo, vejamos:

(...) Todos nós somos espíritas, todos nós, não tem um. Então nós somos espíritas. Agora tem a forma. Tem a forma do baixo espiritismo de Allan Kardec, dessas lei daí (...) Agora, olhe, não tem o Divino Espírito Santo (...) e nós temos a nossa mediunidade e rezamos, e o espírito de luz vem ajudar a gente pra receber luz, ele irradia a gente, ele irradia a vida da gente. Aqueles que receberam luz, ele está pronto pra ajudar a nós, cada um de nós. Aí sei que somos espíritas. Agora tem o baixo espiritismo, o baixo espiritismo está cheio, de um canto a outro, mas quem estiver no alto espiritismo que é o Divino Espírito Santo, a doutrina da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo são três os espíritos (ARAÚJO, 2008, p. 80).

D. Tereza, entrevistada por Araújo (2008) a respeito das práticas espíritas na Casa de Caridade Jesus no Horto mais uma vez insiste que pertence à tradição católica:

[...] Espiritismo, Alan Kardec, tudo é (...), [ela para de falar por um momento, depois continua] (...) Olhe minha filha tudo do baixo espiritismo é do demônio, a diferença é a forma dos trabalhos, tudo é do demônio, só existe uma lei só (...) A lei católica, as outras é do demônio (ARAÚJO, 2008, p. 79).

Vejamos parte da entrevista onde Tereza explica o que é o *baixo espiritismo* e como se realizavam as incorporações de espíritos sagrados, expulsando os espíritos malignos, da esquerda:

Pesquisador: Qual é a diferença então? Lá é o baixo espiritismo? Lá é o baixo espiritismo. Lá num tem nada cum Deus. **Pesquisador:** E o que tem aqui é o quê? Aqui é a doutrina sagrada. **Pesquisador:** E aqui quando a pessoa recebe é o quê? É os espírito sagrado. Porque quando os espírito de luz subiro, eles desce aqui pra ajudá os povo daqui da terra. Mas ninguém que fazê as vontade de Deus, né não? **Pesquisador:** E os espíritos que baixavam aqui? Os maus acorrentava, eles gritava, derrubava os banco, falava as coisa ruim que fizeram e a gente tinha que expulsá, botá tudo pra fora, né? Tinha

que fazê qui nem Jesus, né? Ele veio pra julgá os vivos e os mortos. Separá o joio do trigo. O joio do trigo. Tirá os cão, os satanáis, pra pudê receber os espílto elevado de Deus, né?

A expressão *da esquerda* é usada para todos os que não são do grupo, adeptos da modernidade e presentes no lado errado, o *lado esquerdo, do mal, do demônio*. Tereza, em um dos relatos, afirmara que uma das adeptas ao esfregar o chão da Casa de Caridade, num dia de faxina, o fazia com a mão esquerda e imediatamente foi advertida pelo Pe. Cícero, incorporado em Roldão, para usar a mão direita, *porque tudo que vem do esquerdo é do maligno*.

Aí aqui, tava limpano a casa, era Vera! Era Vera! Tava passano o sabão, num sabe? Rodão: Com a mão direita! Ela tava com a mão esquerda. Ele dizia: Com a mão direita! Apois era Vera, Vera de... de... Lagoa Seca, sabe? Aí Rodão tava aqui, sentado. Ele tinha uma paciência, Rodão tinha uma paciência! Ele viu! Roldão: Com a mão direita. Ela disse, eu escrevo com essa mão! Roldão: Tá errado, num se escreve com a esquerda não!

De acordo com Araújo (2008, p. 34), a expressão *da esquerda* referencia dois aspectos, o primeiro traz menção à separação entre as coisas sagradas e profanas, exemplificadas por Durkheim (1989) e Eliade (1992) em suas pesquisas, onde as manifestações relacionadas aos céus e seus representantes se tornam sacras, dignas de reverência e culto, e ao contrário, tudo o que é mundano se torna profano e indigno de se relacionar com o que é exteriorizado como sagrado.

Doravante, tudo que é referido pelo grupo como esquerda é manifestada de modo pejorativo. No entendimento dos adeptos do movimento “Borboletas Azuis”, toda manifestação que mantém contato com espíritos e que utilize poderes mágicos para beneficiar ou prejudicar os seres humanos são consideradas manifestações da esquerda. Embora seja usado pelo grupo nomenclaturas e costumes semelhantes à umbanda e ao kardecismo, em busca de desenvolver curas e libertações espirituais, as mesmas ações sem a intervenção do Espírito Santo e dos ícones católicos que representam o grupo são consideradas posições da *esquerda*. Vale salientar que o “Borboletas” desconsidera a *reencarnação* e o *carma*, os classificando como ensinamentos *esquerdistas* e que procedem do demônio.

Observamos noutro trecho da pesquisa de Araújo (2008), que Tereza aponta diferenças entre o espiritismo do movimento e o que o “Borboletas” denomina de *baixo espiritismo*:

Roldão, juntamente com outros médiuns da Casa rezavam até o “mal” sair, enquanto que no “baixo espiritismo” era usado uma porção de materiais –

para ela – sujos, asquerosos – como vela, era aquelas ervas, aí fazia até aqueles pratos que faz (...) uma galinha, só tu vendo (...) aqui era diferente (ARAÚJO, 2008, p. 80)

Para o “Borboletas”, os indivíduos *da direita* representam as pessoas que seguem as ordenanças do Pe. Cícero e se resignam a viver segundo as ordenanças da Casa de Caridade Jesus no Horto e seus Santos e os *da esquerda*, todo os que vivem de acordo com o que o mundo (profano) oferece. A segunda é uma referência ao comunismo e ao protestantismo, ambos nascidos na Alemanha e tomados pelo grupo de modo negativo.

Existe também uma nomenclatura especial para aqueles que participam da Casa e se desviam ou que visitam a Casa em busca de cura ou libertação e após receber a benesse, desvia-se do caminho requerido pelo Pe. Cícero. Estes são os “íngrats de Deus” (CARNEIRO, 1995, p. 63).

Outro aspecto interessante é a aversão do grupo em relação aos protestantes. Para eles, protestantes e comunistas são parte de um mesmo grupo que age de acordo com as “ordenanças do maligno”. O protestantismo é entendido pelo grupo como uma afronta do diabo por ter Lutero se voltado contra a Igreja Católica Apostólica Romana. Helena nos relatara que numa das sessões da Casa de Caridade Jesus no Horto, espíritos de crianças protestantes mortas apareceram, explanando que não conseguiam ascender aos céus e por isso, vagavam pela terra espalhando doenças.

Quando Roldão começa a apontar evidências de suas experiências com os espíritos do além, seus filhos, acreditando que o pai apresentava indícios de loucura, terminam por interna-lo numa clínica psiquiátrica, na qual, depois de um dia de internação, é liberado pro não apresentar nenhum indicativo de distúrbios psicológicos.

Tereza, ao nos relatar sobre esta intervenção dos filhos de Roldão, por meio da internação, demonstra a aversão do líder do “Borboletas Azuis” em relação aos protestantes:

Aí internaro ele e tinha uma cama, uma cama de protestante. Ele (Roldão) disse: tira aquele protestante da minha vista. Tinha uma cama na frente dele, sabe? Aí tiraro da frente dele, sabe? Só passou uma noite e vêi simbora, sabe? Num sei se foi só uma noite ô se foi um dia. Só sei que vêi simbora, sabe?

Tereza repete muitas vezes a frase bíblica: “Ele vêi pra julgá os vivos e os mortos” no sentido de esclarecer as manifestações de espíritos durante as sessões que acontecem na *mesa de caridade*. Para o grupo, não somente os espíritos dos vivos necessitam de arrependimento e

perdão. Os espíritos dos mortos que não foram batizados, se forem reconhecidos como espíritos de boa índole, necessitam de um encaminhamento por meio do *batismo dos pagãos*, espécie de batismo de espíritos vivos e mortos que era realizado pelo dirigente na mesa de caridade, fosse este Roldão ou seu sucessor, Antônio de França. O rito era realizado encaminhando os espíritos necessitados ao céu.

Uma das entrevistadas, Maria das Graças Santos⁹⁰, relatou que visitou a Casa de Caridade quando era criança, em ocasião de uma doença grave que sua mãe sofrera. Seu pai foi à Casa por uma indicação de que lá, os *rezadores* (palavras dela) faziam a diferença, curando sua esposa. No entendimento dela e da sua família, no local eram realizadas orações de cura e libertação, vejamos as palavras dela:

Eu vi a mesa bem grande com um horror de médium, né? Eu fui lá pra ver o que a minha mãe tinha. Aí, a gente veio (risos) sem saber o que é que ela tinha. [...] Tinha uma história duma água. Eu acho que dependendo do problema da pessoa, né? Aí jogarí uma água assim na cara dela e ela ficou com uma raiva maió do mundo e foi simhora com raiva. Aí, ainda foi outra vez, mas depois num quis mais ir. A gente só foi duas veiz. [...] Disse que era uma casa de rezadô, realmente a gente foi e era uma casa de rezado, do povo rezá.

De acordo com Nivaldo, Roldão, antes de fundar a Casa de Caridade, mesmo professando somente a fé católica, frequentava assiduamente sessões espíritas. Segundo a mãe de Nivaldo, Roldão ia muitas vezes a sessões espíritas de “mesa branca”. Os depoimentos de David demonstram que, o avô gostava de trajar roupas brancas importadas, de linho puro e um chapéu Panamá. Vestia-se de modo impecável, com roupas claras e sapatos combinando. A cor preferida e que predominou no período de sua transição do catolicismo para o espiritismo foram as de cor branca, por ser uma cor predominante nas reuniões de mesa branca. O fato é que, com o exemplo de Roldão, o branco se tornou uma das cores base do movimento, pois os adeptos masculinos trajavam vestes brancas, marrom ou bege e as mulheres, brancas ou azuis e brancas.

Carneiro (1995, p. 22) afirma que Roldão, mesmo afirmando ser um católico fervoroso, frequentava centros espíritas na cidade do Rio de Janeiro nas ocasiões em que viajava para encontros políticos e de negócios. Podemos perceber indícios dessa influência espírita

⁹⁰ Maria das Graças Santos tem 64 anos, é doméstica, completou o ensino fundamental. Maria se declara evangélica e seus pais eram católicos. Ela visitou a casa de Caridade Jesus no horto quando criança com seus pais. Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2014.

kardecista presente na mística de Roldão já nos primeiros momentos da fundação do espaço de reunião.

A nomenclatura escolhida para o espaço de reuniões pela figura do líder já diz muito. O termo *Casa de Caridade* indica a influência direta das casas de caridade espíritas, nas quais, acontecem reuniões de mesa branca, com a presença de manifestações espirituais e incorporações, além de gestos de benevolência, como auxílios financeiros, alimentícios ou doação de vestimentas.

Roldão Mangueira passou a se interessar mais pelo espiritismo, fundando um centro sob a denominação de Casa de Caridade Jesus no Horto que, nas palavras do seu fundador tem como o lema a humildade, a caridade, o amor ao próximo e a Deus (ARAÚJO, 2008, p. 38).

O grupo não aceitava doações financeiras e Roldão mantinha a Casa de Caridade Jesus no Horto com as rendas que recebia com a finalização de seus negócios. Helena e Tereza, questionadas em entrevista, foram incisivas em afirmar que não eram aceitas contribuições financeiras, para elas o Pai Eterno dá tudo de graça e de graça eram realizadas as intervenções, orações e curas no espaço do templo:

Pesquisador: E se for pra receber doações? A Casa de Caridade recebe doações? **Helena:** Não. Recebe não! Aqui a gente dá de graça o que de graça recebeu! Recebeu de graça de Deus, vai vender? Num pode vender! **Tereza:** Oí, num tem homi pra contá! As caridade que essa casa já fez pra humanidade sem cobrá um centavo! O Pe. Ciço. Vi falecido! Vai cobrar é? **Helena:** Se ele dá de graça a gente, a gente vai vendê? Ele num deu a Graça, num foi Deus que mandô? Num foi? Ele num deu? E porque a gente vai vendê? [...] Nada, nada. Nem um presente a gente num aceita de ninguém aqui! **Tereza:** Maldito o hõmi que vende minha palavra! Maldito o hõmi que vende minha palavra!

A segunda parte, *Jesus no Horto*, reverencia o nome do ícone maior do cristianismo e apresenta menção ao seu sofrimento no Horto em prol da redenção da humanidade, onde orava sem cessar ante a iminência da crucificação. Uma alusão às influências católicas que foram base na formação religiosa do fundador do movimento, a devoção aos santos que estabeleceram a humildade e a caridade como parte central de sua ação religiosa e as doutrinas católicas antecedentes ao Concílio Vaticano II, que como vimos no capítulo anterior, foram decisivos para a fundação do movimento.

3.2. Um movimento com diversas lideranças.

Weber delimita que na antiguidade e Idade Média, comunidades monásticas ou seitas religiosas, em busca de assegurar suas possibilidades por meio de força e aumentar seu número e manter o nível ético ou material buscam o isolamento, separando-se da ordem vigente e fechando-se em si (WEBER, 2003, p. 28). O movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis” segue este padrão, separando-se da tradição religiosa vigente e da sociedade imputando regras e costumes que limitam o acesso à semelhança de antigas ordens monásticas.

Os *motivos* para esta reclusão social nas comunidades ascetas, monges indianos, ordens mendicantes ou seitas puritanas, de acordo com Weber (2003, p. 28) podem ser: a manutenção de uma alta qualidade, prestígio e probabilidades inerentes de honra ou ganho. No nosso caso, não existia nenhuma probabilidade de ganho ou lucro no movimento, mas sim, a manutenção de uma alta qualidade de vida religiosa, que para o grupo era superior à vivência tradicional dos dirigentes e comunidade católica.

Este trecho do depoimento de Tereza afirma esta concepção de isolamento e busca de uma diferenciação de padrões éticos:

Não, num oice a palavra que eu to dizêno aqui? Que eu disse a ele do templo? Pode passar todas as coisa mais minha palavra num passará. Não vencida! Essa casa foi aberta pra ajudá a Igreja Católica, o Pade disse aqui (Pe. Cícero). Por que é que ela (Igreja Católica) tá tão pirsiguida? Tão pirsiguida? Qual é o papa que qué sê São Pêdo? Cadê o frade que qué sê São Francisco? Cadê o Padi que qué sê Santo Antôin? E afinal, cadê os Padi que que sê esses santo que tem aí (apontando para as imagens no templo do B.A.)? Nenhum era santo não, nenhum!

Para o “Borboletas Azuis”, o catolicismo havia se desviado do caminho divino após o Concílio Vaticano II e as ações do grupo visavam manter a *pureza primordial* do Catolicismo Romano. O ideal de prestígio e honra também era valorizado, visto que somente os eleitos - o próprio grupo - sobreviveriam ao dilúvio e alcançariam o prestígio de habitar uma nova terra, sem males, nem tampouco dificuldades sociais. Tereza afirmou que “depois que a ciência entrou na Igreja e na sociedade (advento do Concílio Vaticano II), atacô tudo, atacô tudo! Hoji, depois que o dinheiro entrô no mundo e as coisa muderna, bunita, o dinheiro, a sociedade, caiu todo mundo, aí pronto)!”.

Todo movimento ou grupo religioso instituído, ao começar a se estruturar, necessita de regras e ordens que o rejam, além de um quadro de liderança que estabeleça estatutos,

administre e regule as ações atuais e futuras dos membros. O movimento “Borboletas Azuis” não difere dos demais grupos religiosos, e como vimos no primeiro capítulo, todo movimento messiânico-milenarista necessita de um guia que exerça seu poder de ação e associação frente à comunidade religiosa, recebendo o reconhecimento dos acólitos.

De acordo com Weber, a probabilidade de se exercer obediência em determinado grupo é chamado de *dominação*, ou seja, situação onde um indivíduo exerce influência de domínio sobre um grupo, mas o exercício da influência do poder não se restringe à *dominação*. Para o autor existem diversos motivos pelos quais os indivíduos submetem sua *vontade* à *autoridade*, desde ações inconscientes ou *vontade de obedecer*, ou seja, *interesse na obediência*, seja esta de interesse econômico ou não. (WEBER, 2003, p. 139).

Para que uma situação de liderança se torne efetiva é necessário que o líder delegue poder a indivíduos, eleitos por ele, ou reconhecidos pelo grupo que o auxiliem no trato administrativo e manutenção dos princípios e doutrinas. Estes indivíduos formam um grupo que organiza ações coerentes em torno da manutenção do poder estabelecido, o que Weber chama de *quadro administrativo*:

A “existência” de uma associação depende por completo da “presença” de um dirigente e, eventualmente, de um quadro administrativo, isto é, em termos mais precisos, da *existência* da *probabilidade* de haver uma *ação* de pessoas indicáveis cujo sentido consiste em pôr em prática a ordem da associação: da existência, portanto, de pessoas “*dispostas*” a agir nesse sentido, em dado caso. Por agora, é *conceitualmente* indiferente em que se baseia essa disposição: seja em devoção tradicional, afetiva ou racional referente a valores (deveres de feudo, de cargo ou de serviço) seja em *interesses* racionais referentes a fins (de receber um salário, etc) (WEBER, 2003, p. 30).

Os indivíduos que exercem liderança no “Borboletas Azuis” fazem parte, à semelhança ao *quadro administrativo* de Weber, um grupo coeso e que respalda o poder de dominação do fundador. Este modelo de liderança é denominado por Weber por *associação*, no qual um *dirigente*, ligado a um *quadro administrativo*, estabelece uma relação de domínio e manutenção dos seguidores.

Mas toda dominação de pluralidade de pessoas requer normalmente (não invariavelmente) um *quadro* de pessoas, isto é, a probabilidade (normalmente) confiável de que haja uma ação dirigida *especialmente* à execução de disposições gerais e ordens concretas, por parte de pessoas identificáveis com cuja obediência pode contar. Esse quadro administrativo pode estar vinculado à obediência ao senhor (ou aos senhores). Por costume ou modo puramente afetivo, ou por interesses materiais ou motivos ideais

(racionais referentes a valores). A natureza desses motivos determina em amplo grau o tipo de dominação (WEBER, 2003, p. 30).

Weber delimita que numa *situação de dominação*, um indivíduo exerce poder efetivo de gerência sobre outro, contudo não se torna necessário estabelecer um *quadro administrativo* ou ordenar-se uma *associação*. Quando mais de um membro é submetido a uma relação de dominação, em virtude da ordem vigente, é classificado pelo autor como *associação de dominação* (WEBER, 2003, p. 33). Sendo este segundo caso, semelhante ao ocorrido em nosso objeto de estudo, onde um grupo menor, eleito pelo líder ou reconhecido pelos liderados, exerce poder de administração sobre a maioria.

Uma associação é sempre, em algum grau, associação de dominação, em virtude da existência de um quadro administrativo. Só que o conceito é relativo. A associação de dominação, como tal, é normalmente também associação administrativa. A peculiaridade da associação é determinada pela forma em que é administrada, pelo caráter do círculo de pessoas que exercem a administração, pelo caráter do círculo de pessoas que exercem a administração, pelos objetos administrados e pelo alcance que tem a administração (WEBER, 2003, p. 30).

Dentro do movimento, as figuras masculinas do *quadro administrativo* são hipervalorizadas. Mesmo que a mulher se apresente como uma liderança indispensável e ativa, é classificada como coadjuvante ou auxiliadora da liderança masculina. Para o grupo, somente homens podem representar uma liderança satisfatória. Embora, atualmente Helena Diniz aja e cumpra todos os requisitos de liderança no grupo, sendo a líder de fato, não toma para si o status de liderança.

Em entrevista, Helena nos afirmou que se considerava simplesmente uma adepta, e que os verdadeiros líderes do grupo foram somente Roldão e França. Para ela, somente homens com *mediunidade forte* e que consigam dedicar sua vida aos princípios deixados por Roldão se encontrariam aptos a assumir a liderança. Com Helena e Tereza repousa a esperança de que um líder masculino surja, preenchendo estes requisitos e trazendo a Casa de Caridade a um patamar superior ao período áureo, obtido com a presença vigorosa de Roldão e a iminência do dilúvio, que a exemplo do primeiro, não acontecido, traria de volta a esperança de um milênio de paz e abundância.

Ao perguntarmos a Helena se a mesma se considerava uma líder, ela responde, após uma longa risada:

Não. Eu me considero uma adepta. Eu num me considero líder, sabe por quê? Somos só nós duas, ficamos só nós duas. Ela como guardiã, que guarda essa Casa desde que seu Antônio morreu... [...] Se depois de mim, surgir uma pessoa que ficá, ou que junto comigo uma pessoa que fizê as vontade que seu Rodão fazia aqui nessa Casa, ele (um homem) vai sê bem aceito. Ele vai ser muito bem aceito aqui, nessa Casa.

O movimento se inspira no modelo hierárquico tradicional católico, no qual, homens assumem os papéis de liderança religiosa, obtendo títulos como os de papa, arcebispo, bispo, padre, frei. As mulheres, num plano inferior e submisso, alçam o serviço como freiras ou auxiliares de culto, desenvolvendo papéis secundários e de pouco prestígio hierárquico. Helena descreve que “tinha dois frades e um Padre. Que foram daqui de dentro mesmo, dos adeptos daqui, eles mesmo fizêro as vestes de São Francisco, as vestes daqui”.⁹¹

Nivaldo aponta que conhecera um dos freis que participava do movimento, ao explicar sobre o uso das vestes, cita o referido personagem:

Quando eles passaram a vestir estas vestes compridas, umas azuis, umas brancas e umas azuis e brancas. E tinha um só, que usava uma batina marrom. Que a gente chamava ele de Frei Cassetim! (Risos) Frei Cassetim, né?! Frei Cassetim era o que usava a batina marrom. Então, por eles usarem estes vestimentas que mais se destacavam, as azuis. E eles andavam juntos, em bando, pelas ruas. Eu acredito que mais de 200, 300 adeptos. E numa cidade pequena, naquele tempo, como era Campina Grande. Uma cidade de 100 mil habitantes. Aquilo chamou muito a atenção da população.

No “Borboletas Azuis” essa prática não é diferente, visto que seguem somente preceitos das tradições católicas e espíritas que possam ser associadas ao seu próprio e novo modelo ritualístico misto, católico-espírita, no qual, podemos perceber exemplos de acólitos que adotam o modelo hierárquico católico, se denominando freis e freiras, trajando vestimentas semelhantes. Para Rubem Alves, processos de criação elaboram novos símbolos que, através de metamorfose, “deixam de ser hipóteses da imaginação e passam a ser tratados como manifestação da realidade” (ALVES, 2003, p. 40).

Encontramos trechos do panfleto distribuído na comunidade campinense anunciando o dilúvio. Nele percebemos a crítica sobre a ordem religiosa vigente, valorizando a nova ordem eclesial instituída pelo grupo: “A Santa Casa de meu Pai. Lá não é como os bispos e Padres

⁹¹ Além dos trajes característicos azuis e brancos, dois seguidores que abandonaram o seminário da Igreja Católica foram denominados Padre e frei do movimento por ordenação de Roldão e trajavam batinas marrons, diferenciando-se dos demais trajes característicos do grupo. As vestes marrons eram semelhantes às da ordem franciscana, e a cabeça do frei, raspada no centro, seguindo o padrão da ordem citada.

pensam e andam fazendo críticas de Seu Próprio Pai do Céu e dos seus Servos da terra (Borboletas Azuis). Um dia serão criticados por causa de seus próprios pecados”.



Figura 41 – Roldão Mangueira circulado em azul, Luciene Diniz em rosa e do lado direito de Luciene, circulado em preto, o frei, mencionado acima por Nivaldo.⁹²

Como discorre Alves (2003, p. 40), acontece um processo de *coisificação*, ou seja, uma reinvenção das culturas populares católicas e espíritas que cria um novo padrão religioso, no qual, atitudes que não poderiam ser concebidas nas religiões prévias, como a exemplo da ordenação de freis e Padres sem a autorização sacerdotal e sem preparação de estudos em seminários puderam se concretizar, sendo aceitas pelo grupo como expressões simbólicas da realidade. “Os símbolos vitoriosos, e exatamente por serem vitoriosos, recebem o nome de verdade, enquanto os símbolos derrotados são ridicularizados como superstições ou perseguidos como heresias” (IDEM).

[...] os membros da associação se submetem ao dirigente e estão à disposição dele o quadro administrativo e a ação associativa, no caso de ele “ordenar” alguma coisa, especialmente no caso de se tratar da imposição de ordens novas (WEBER, 2003, p. 32).

⁹² O grupo trajando as vestes características do movimento na década de 70. Fotografia retirada de Carneiro (1995, p. 10).

Para Weber (2003, p. 29), uma relação social entre determinados grupos fechados pode ser revelada segundo uma ordem *tradicional* ou *estatuída*, tendo como consequência, uma cadeia de ações elaboradas pelos representantes e que são *imputadas* ao grupo. O poder de representação, ou *pleno poder* é exercido temporária ou permanentemente por um ou mais indivíduos que apresentem determinadas características que o classifiquem como superior. Esta relação pode ser concretizada por meio de *luta violenta* ou através de *troca pacífica*. No caso de nosso estudo, uma relação pacífica orientada religiosamente por meio de simbologias e representantes espirituais sagrados.

A “imputação” pode significar, na prática: a) solidariedade ativa ou passiva: pela ação de um dos participantes, todos os demais se consideram responsáveis, do mesmo modo que ele mesmo; por outro lado, todos estão considerados legitimados, no mesmo grau que o próprio agente, a desfrutar das possibilidades asseguradas por esta ação. A responsabilidade pode existir perante espíritos e deuses, portanto, estar orientada religiosamente (WEBER, 2003, p. 29).

Weber (2003, p. 30), afirma que grupos fechados que limitam a associação diante de regras de comportamento são entendidas como *associações*. Mesmo que apresentem cunho patriarcal, econômico ou religioso, estas *associações* apresentam um *dirigente* e um *quadro administrativo* que realiza o exercício da direção e o poder de representação, denominados pelo autor como *poderes de governo*, que podem ser:

a) apropriados ou b) delegados a determinadas pessoas segundo a ordem vigente da associação ou segundo determinadas características, ou a pessoas a serem escolhidas de determinada forma, em caráter permanente ou temporário ou para determinados casos (WEBER, 2003, p. 30).

Para Weber (2003, p. 33), três conceitos chaves permeiam as relações sociais. São estas: o *poder*, a *dominação* e a *disciplina*. O *poder* consiste na probabilidade da imposição da vontade de um indivíduo sobre um determinado grupo dentro de uma relação social. Mesmo que haja resistência, a imposição frutífera desta vontade se constitui *poder*.

Dominação, para o autor, delimita-se na probabilidade de se obter obediência em indivíduos indicáveis dentre o grupo e que respondam fielmente a ordens de conteúdo determinado. Por fim, a *disciplina*, que consta da “probabilidade de encontrar obediência pronta, automática a esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas [...] o treino na obediência em massa, sem crítica nem resistência” (WEBER, 2003, p. 33).

Estas figuras de destaque que compõem a *associação de dominação* no grupo são: Roldão Manguiera, fundador do movimento, profeta e sacerdote; Antônio de França, sucessor e sacerdote; Luciene Diniz, freira e profetisa; Helena Diniz, mulher ativa no movimento e atualmente responsável direta pelo movimento, sendo a atual líder; Maria Tereza, que participa do movimento desde sua fundação e presentemente foi denominada por Helena como guardiã do templo residindo no espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto e sendo responsável pela manutenção da Casa e templo, apesar da idade avançada.



Figura 42 – Helena trajando um timão todo branco e Maria Tereza de azul e branco, assentada e cabisbaixa.⁹³

Quando uma *associação de dominação* aplica coação psíquica, ao conceder ou recusar bens de salvação, ela é denominada por Weber (2003, p. 34) de *associação hierocrática*. O movimento seguia este padrão ao frisar que a salvação, tanto dos vivos, como dos mortos (espíritos) é excepcionalmente alcançada através dos moldes da Casa de Caridade Jesus no Horto. O que podemos perceber em outro trecho do panfleto que fora distribuído às vésperas da data prevista para o dilúvio:

⁹³ Fotografia tirada em 21 de abril de 2014 em visita a Casa de Caridade Jesus no Horto. Acervo pessoal do pesquisador.

Pois também só escaparão aqueles que fizerem realmente o que Eu peço e se forem realmente católicos e rezarem o Rosário de Maria Santíssima e terem sempre ele (o rosário) consigo. As mulheres devem andar vestidas da cabeça aos pés como se veste Maria Santíssima e os homens andarem de timão como os apóstolos de Jesus. O próprio Jesus afirma: só ficarão na terra as Igrejas, nem todas, conventos, os animais, as árvores, as aves, a Casa de Caridade Jesus no Horto e o povo que quer mesmo ser dele.⁹⁴

Os espíritos dos mortos que necessitavam subir aos céus precisavam do batismo de pagãos e iluminação, que somente acontecia ao acender-se uma vela na mesa de comunhão. Do mesmo modo, os vivos deveriam abandonar a vivência tradicional e aderir ao grupo, seguindo as ordenanças do Pe. Cícero, tendo uma vida de reclusão e piedade, trajando as vestes do movimento e participando das reuniões periódicas para que pudessem sobreviver ao dilúvio e obterem a vida eterna.

Em relação à salvação em presença do dilúvio, Tereza afirma que o povo de Deus, ou seja, somente os adeptos do movimento sobreviveriam, assim, através dessa idealização de *coesão* sobre vivos e mortos, os dois planos existenciais, vida e pós-vida, necessitavam estar ligados ao movimento para obter os *bens de salvação*, descritos por Weber (2003, p. 34).

Observemos como Tereza descreve esta busca pelos *bens de salvação*:

Se o dilúvio tivesse vindo? Era assim, se o dilúvio tivesse vindo num ia matá todo mundo não. O povo de Deus escapava, sabe? Do mermo jeito que tá aqui, né? Os que tava com Deus escaparo e os que num tava a água levô (se referindo ao relato bíblico).

Para Weber (2003, p.139), motivos puramente *afetivos* ou os *racionais* como os expostos servem de influência numa *relação de dominação*, mas são frágeis e não estabelecem uma relação confiável. É necessário aliar estes motivos na crença da *legitimidade*.

Parafraseando Weber, podemos dizer que a legitimidade de uma dominação pode acontecer por meio da obediência de um indivíduo ou grupo por uma questão de *oportunidade* exercida na prática, por *interesse material* ou inevitavelmente por *fraqueza* ou *desamparo individuais*. A validação dessa *legitimidade* pode ser garantida de modo absoluto quando os interesses do *senhor* encontram correspondência no *quadro administrativo*, exercendo autoridade sobre os dominados, gerando assim, *obediência*, que consta de uma relação formal de aceitação que desconsidera opiniões próprias, *valor* ou *desvalor* sobre a ordem (WEBER, 2003, p. 140).

⁹⁴ O texto aqui transcrito está disposto integralmente no segundo capítulo na digitalização do panfleto que expusemos.

O líder do “Borboletas Azuis” encontrava um respaldo *legítimo*, tendo seu *quadro administrativo* submisso e *obediente*, imputando sobre os demais seguidores o controle total e inquestionável. A situação somente muda na época de efervescência do movimento, cujos questionamentos sobre atitudes morais da liderança e a desconfiança sobre a possibilidade do não acontecimento do evento cataclísmico abalam a confiança dos auxiliares e demais seguidores.

Explanaremos em seguida os papéis desempenhados individualmente, pelos *dirigentes* e *quadro administrativo* dessa *associação de dominação* e que exerceram influência sobre os demais membros *disciplinados*. Sua força de atuação e colaborações particulares que fizeram com que o movimento alcançasse a projeção na mídia e no Estado como também o crescimento exponencial de adeptos na época de efervescência do movimento, além de possíveis motivos que levaram o movimento a quase extinção. Apresentaremos o chamado religioso de Roldão, influenciado por estas duas vertentes católico-espíritas e sua afeição profética. A valoração da profetisa Luciene Diniz, assim como a sucessão da liderança por Antônio de França após o falecimento de Roldão, seu trabalho como sacerdote e a atuação das adeptas Helena Diniz e Maria Tereza, atuais líder e guardiã do templo, respectivamente.

3.3. Roldão, o profeta.

De acordo com Weber (2003, p. 141), para que um determinado grupo possa obter êxito, um modelo legítimo de dominação deve ser exercido sobre os indivíduos por parte daquele que lidera. Segundo o autor, existem três tipos de dominação legítima, e o vigor desta dominação pode se apresentar por meio de caráter racional, tradicional ou carismático:

1. De caráter *racional*, baseada na crença da legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou
2. De caráter *tradicional*: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (tradicional), ou, por fim
3. De caráter *carismático*: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por estas reveladas ou criadas (dominação carismática) (WEBER, 2003, p. 141).

Quando a dominação acontece por ocasião da tradição, os indivíduos obedecem de modo subserviente por decorrência dos hábitos costumeiros durante a vigência do modelo tradicional instituído. No caso da dominação carismática, “obedece-se ao líder

carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito na crença nesse seu carisma” (WEBER, 2003, p. 141).

No movimento em questão, o modelo legítimo de dominação que foi exercido pelo líder remonta a duas destas classificações *weberianas*. A primeira delas se dá em caráter racional, na qual a figura incorporada por Roldão, o Pe. Cícero toma para si o direito de mando, estatuído pelo Pai Eterno, exercendo assim, ordenações inquestionáveis e imutáveis por estar representando, de modo racionalizado, a autoridade suprema (celestial).

Segundo Araújo (2008) Dona Maria Tereza compara Roldão as figuras santas que incorporava (Padre Cícero e São Francisco de Assis), afirmando que o mesmo detinha características e capacidades semelhantes a estes santos. (ARAÚJO, 2008, pp. 130 e 132). Em seu relato sobre o chamado de Roldão, Tereza afirma que Roldão viajou ao Juazeiro antes do falecimento do Pe. Cícero, almoçando com ele e recebendo anos depois o chamado.⁹⁵

Quando foi um dia ele foi pro Juazeiro, aí aquele montão de gente, montão de gente, aí o Padre Ciço tava, sabe? Aí disse assim: ói, diga aí a esse homem de branco lá daquele canto ali, diga a ele que venha cá. Aí ele vêi, sabe? Aí seu Roldão ficou lá em pé até o Padre Ciço terminar o sermão. Aí quando terminou o sermão aí ele pegou seu Roldão, levou pra casa dele, e almoçou, mas não conversou nada, nada da missão. Mas aí, quando foi um dia, um dia ele [Roldão] tava na casa dele assentado na cadeira, aí viu aquele claro. Aí ele chamou dona Antônia, mulé dele, era nossa senhora. Aí quando foi um dia ele ouviu uma voz: [era o Padre Ciçero] Roldão, Jordão. Porque Jordão, ele trouxe uma missão pra batizar os pagões. Num tem o rio Jordão onde Jesus foi batizado. Apói todas as alma que querem ir pra Deus tem que passar por lá pra batizar... (ARAÚJO, 2008, p. 132).

Quando o Pe. Cícero se pronuncia, suas palavras são verdadeiras e todos os seguidores a tem como universais, entendendo que Deus se exprime racionalmente através do espírito iluminado do santo Padre. Tereza, ao discorrer sobre as revelações do espírito do Padre por intermédio de Roldão, sempre as toma como ordenanças inquestionáveis:

Só quem ricibia intuição do Pe. Ciço era Roldão, seu Rodão. Ele disse: O Pe. Ciço qué bem a ela, qué bem a ela! É que eu dei o exemplo! Onde eu andava, andava com a cruz, sabe? Tá até ali o cruxifixi. [...] O Pade (Cícero) disse aqui, olhe: quem tem olho que veja, quem tem mente que medite, quem tem uvido que iscuti! Quem tem olho que veja, quem tem mente que medite, quem tem uvido que iscuti! Ói que palavra que ele disse! E vai vim coisa

⁹⁵ Embora Tereza afirme veemente o acontecido quando entrevistada, não conseguimos encontrar indícios do acontecido em revistas e jornais e não ouvimos nenhuma declaração dos parentes e indivíduos que conheceram Roldão manifestando a veracidade destes fatos.

pió. Vai vim coisa pió. [...] O Pade Cíço que disse. Mas ninguém acreditô na missão dele naum. Nínguém criditô!⁹⁶

No segundo modelo de dominação presente no movimento, o *carismático*, Roldão, como o líder do grupo é valorizado como figura de santidade e poder heroico, tendo suas ações e discurso creditados como reais por virtude de confiança pessoal dos partidários. Notemos trechos das entrevistas com Helena, Tereza, Maria das Graças Santos, Maria do Carmo Dantas, que fundamentam esta proposição:

Helena: Ali era um homi de fé, viu! Seu Roldão! Era um homem de muita fé, muita fé! Muito sofredor. Ele foi um mentor espiritual muito fino! Muito fino! [...] Devo muita coisa a ele. Assim... Da minha saúde! [...] Olha! Eu tou pra achá outra pessoa melhor, mas num achei. Eu num tou falando porque tou na frente de vocês não, porque se fosse ao contrário eu dizia também. Um hõmi de moral, um hõmi de respeito! Um sinhô de si! [...] Seu Roldão era uma pessoa muito boa. Se ele num tivé no céu houve um ingano, porque ele merecia tá no céu purim, purim. Ele foi um hõmi muito bom! Ele num só foi bom pra mim não! Ele foi bom pra milhares e milhares e milhares de pessoas! Muito especial mermo! As pessoas que tavam aqui. Aqueles adeptos, que tinha aqui, umas 600 a 800 pessoas, muitas pessoas admirava ele! Muita, muita, muita.

Tereza: Seu Rodão! Feiz muita caridade nessa casa. Ele tá muito filiz, muito filiz. Ele subiu. E ele tá fazeno a merma coisa daqui, sabe? O Espírito Santo daqui, do mesmo jeito faz aqui e lá. Ele tá lá fazendo a mesma coisa pregano. O que fazia aqui, do mermo jeito lá, num sabe? Rodão tá muito feliz, feliz mermo! Sabe pur que? Porque ele pode pregá, passá as dotrina, e batizá os pagão.

Maria das Graças Santos: No meu intindimento na época, né? Ele tinha um grande prazê de ajuda, né? Deus tinha colocado aquele intindimento nele pra ele ajudá as pessoa. Mas muita gente num intendia, né? Nem eu intendia, na época. Hoje também não

Maria do Carmo Dantas: Eu acho que ele foi um espiltu. Assim, um espiltu, purque o que ele disse assim... cumigo, né? E eu vi o resultado. Um espiltu, e ele não mintia. Que o que eu vi dele, ele não mentiu⁹⁷.

Para estas pessoas de credos e culturas diferenciadas, uma coisa é comum, o poder creditado à pessoa de Roldão Mangueira de Figueiredo. Nele são reconhecidas as características de *santidade e poder heroico*, seu discurso e vivência são reconhecidos por estes, acólitos ou visitantes, como virtudes que exprimem confiança pessoal, um profeta.

⁹⁶ Entrevista realizada em 18 de fevereiro de 2014 na Casa de caridade Jesus no Horto.

⁹⁷ Maria das Graças Santos, já citada anteriormente é doméstica e se dirigiu por duas vezes à Casa de Caridade em busca de cura espiritual para sua mãe que passava por problemas graves de saúde. Maria do Carmo Dantas, também citada, residia vizinho a uma das fazendas de Roldão e se dirigiu à Casa de Caridade Jesus no Horto a convite de Roldão em busca de libertar-se do que relatava ser *opressão espiritual*, relatando que era perseguida por espíritos maus e recebera a libertação por ordenança do líder do “Borboletas Azuis”.

O indivíduo com características de profeta, segundo Weber (1993, p. 158) é aquele que através do *carisma*, que consta de uma qualidade pessoal extracotidiana (magicamente condicionada) que atribui poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanas cedidas por um ser superior, divinal (WEBER, 1993, p. 158, 159).

O modelo de doutrinação religiosa proclamado pelo profeta pode se dar por revelação antiga ou totalmente nova. Sendo realizada uma revelação antiga, o profeta poderá ser considerado como o renovador de uma religião, se for nova, pode considerá-lo como o fundador de uma nova religião e quando por ocasião, esta relação não é efêmera, assuma o caráter de relação permanente por fundação de uma comunidade de correligionários ou discípulos (WEBER, 1993, p. 161).

A primeira manifestação mediúnica do líder do “Borboletas Azuis” aconteceu em 1959 e desde esta data, começara a realizar orações, libertações espirituais e curas milagrosas. Observamos que anos antes da fundação da Casa de Caridade Jesus no Horto Roldão já despertara seu lado mediúnico e suas ações mágicas que estabeleceram uma prévia reputação de curandeiro. Leiamos o próprio Roldão discorrendo sobre o episódio:

Quando foi um dia, saí pra rua, mais ou menos em 59. Quando eu cheguei no meio da rua, senti aquela coisa assim, eu tombeí, fui lá, vim cá... Aí o espírito falou, lá no meio da rua. Aí disseram assim [a população]; ‘tá doido, tá doido, leva pro asilo’ (NEGRÃO & CONSORTE, 1984, p. 324).

Um dos ex-membros do “Borboletas Azuis”, Willian Silva relata a Araújo (2008, p. 39) que sua mãe estava com um grave problema dentário, onde o dente se encontrava colado no osso e nenhum dentista quis realizar a cirurgia por causa do risco, assim, Roldão fez a cirurgia com sucesso e toda a família passou a frequentar a Casa de Caridade Jesus no Horto, segundo Silva até mesmo o burro e o cachorro da casa foram levados à Casa para receberem a bênção do líder do “Borboletas Azuis”.

Vale salientar que o reconhecimento do profeta, em relação ao que Weber denomina de *carisma genuíno*, não se constitui somente através da entrega da legitimidade, mas sim, como obrigação dos indivíduos escolhidos a reconhecer estas qualidades por ocasião de vocação e provas. Uma entrega crente e pessoal do acólito (WEBER, 1993, p. 161).

Durante as entrevistas pudemos perceber, tanto no relato de familiares, como no de adeptos e pessoas de fora do âmbito religioso e familiar que conviveram com Roldão, alusões a sua pureza e poder espiritual, posicionando-o como um ser humano que apresentava características sobrenaturais e que o coloca como uma criatura superior aos humanos comuns.

David, um dos netos de Roldão, relata que seu avô, após fundar o *Centro*, passa a ser procurado por pessoas da comunidade campinense para solucionar problemas espirituais como possessões demoníacas e outras reações que fossem provocadas por espíritos malignos.

David escutou muitas histórias relacionadas a seu avô por parte da família, mas confessa que por duas vezes, presenciara manifestações de clarividência por parte de seu avô. A primeira quando ao tomar emprestado o carro de seu avô, sofrendo um grave acidente, perde a capacidade olfativa por muitos anos. Ao dialogar com seu avô, pedindo perdão por destruir seu patrimônio no acidente, escutara o ancião afirmar clarividência sobre o acontecido:

Em 1970, eu fui lá no centro espírita levá-lo e ele tinha comprado um carrinho zero km, um Volkswagen e me entregou. E eu saí de lá e bati. Eu virei esse carro e eu fiquei com um medo, um receio de ele me matar! E quando eu fui falar com ele, quando eu estive com ele, ele disse que nem precisava eu me alterar muito, nem ficar com medo, porque aquilo, ele já sabia que isso ia acontecer. E eu fiquei assim, oxênte! Como é que ele já sabia que isso ia acontecer e deixou acontecer, né? E por conta desse acidente eu passei de 1970 a 1977 sem sentir odor. Levei uma pancada na cabeça que devia ser o centro sensorial de olfato.

O segundo momento onde Roldão demonstrara clarividência foi quando *tratou* um homem acometido por um espírito maligno que foi levado à sua casa para ser liberto, onde David, pela segunda vez, presenciou o acontecido, seu avô, à mesa, durante o desjejum afirmara que já tinha conhecimento prévio de que levariam aquele homem até ele. Nas palavras de David:

Certa ocasião eu estava tomando café da manhã com a família. Ele inclusive, na mesa e chegou a secretária, a empregada, naquele tempo, dizendo que tinha um veículo, um caminhão, vindo de Boqueirão, que é a cidade que é aqui próximo de Campina Grande que inclusive é o manancial que fornece água para a nossa cidade e que o pessoal desse caminhão estava trazendo uma pessoa endemoninhada, louca, que estava amarrada em cima desse caminhão, dentro de um pneu de caminhão, um pneu grande pra poder fixá-lo mais e ainda amarrado de corda. E quando ela disse, eu me lembro que meu avô falou que já sabia que eles tavam vindo. Não sei como ele sabia, ele não explicou, mas devia ter sentido alguma coisa e que ali ele não ia atender ninguém e que mandasse para o centro - ele chamava centro lá, a Casa de Caridade Jesus no Horto - e que soltasse o rapaz. Eu lembro que o pessoal disse que não ia soltar o rapaz e que contestou a ordem dele com a empregada dizendo que não ia soltar porque a dificuldade que eles tiveram pra amarrar essa pessoa que eles diziam que tava endemoninhada, ou louca. Diziam: - com o diabo no couro. Meu avô - de cima de casa - olhou e disse: - É pra soltar mermo que ele vai ficar quieto! Mandou lá de cima eles soltarem que ele ia ficar quieto. Soltou e ele ficou quieto ali em cima daquele caminhão. E aquilo, eu fiquei assim, admirado porque, primeiro ele dizer que já sabia que vinha, sem conhecimento, né? Que a gente tava tomando café que era cedo e ninguém tinha telefonado e ele afirmou que sabia. E que

mandou e o homem saiu de lá sem o demônio, sei lá! Saiu bom lá do centro! Porque ele foi tratar ele lá.

Roldão, antes mesmo de fundar a Casa de Caridade Jesus no Horto, já apresentava características de liderança carismática, realizando curas, milagres e expulsão de espíritos malignos por meio de reuniões espíritas denominadas “mesa branca”. Seu status de homem de Deus se espalhava pela cidade e histórias sobre sua pessoa e seus feitos eram divulgadas por todo o Estado.

A cristandade da época apostólica e pós-apostólica conhece o profeta ambulante como fenômeno regular. Sempre se exige dele a prova da posse dos dons específicos do espírito, de determinadas capacidades mágicas ou extáticas. Muitas vezes, tanto a divinação como a terapêutica e a consulta mágica são exercidas “profissionalmente” (WEBER, 1993, p. 304).

Para Giddens (2005) os movimentos milenaristas tendem a envolver atividades proféticas por parte do líder, que acresce a ideia de revitalização dos costumes e práticas do cristianismo, consideradas por ele e aceitas pela comunidade como insatisfatórias e que geram para os seguidores *uma forte sensação de privação* (GIDDENS, 2005, p. 446), estabelecendo assim, vínculos solidários com a comunidade através de reuniões periódicas e das revelações e curas que realiza, auxiliando os enfermos por meio de remédios feitos com ervas, elementos da natureza ou rezas, tendo também papel de conselheiro sobre assuntos corriqueiros e cotidianos, além dos sobrenaturais.

De acordo com Araújo (2008, p. 40), o carisma de Roldão crescia a ponto de logo após a fundação da Casa de Caridade, o número de frequentadores regulares chegarem a 350 pessoas, além dos visitantes. Já os dados de Carneiro (1983, p. 29), apontam o número de adeptos como o de setecentas pessoas, meses antes da data prevista para o dilúvio.

A devoção de Roldão à vida simples, se desfazendo de seus negócios e passando viver de rendas, devotando sua vida à semelhança de São Francisco de Assis ao abandonar as riquezas, reforça essa característica profética. Para Weber (1993, p. 304), o valor da missão do profeta procede de doutrina ou mandamento e o exercício profético é desenvolvido gratuitamente e o profeta propaga suas ideias sem que haja remuneração. A profecia é entendida como uma “missão” delimitada por um ser superior, transcendente.

Mas é precisamente destes que se distingue o profeta, no sentido que aqui lhe damos, por um critério puramente econômico: pelo caráter *gratuito* de sua profecia. Amós rejeita com ira a denominação *nabi*. E a mesma diferença existe também em relação aos sacerdotes. O profeta típico propaga

a “ideia” por ela mesma e não – pelo menos não de modo perceptível e de forma regulada – por uma remuneração. O caráter gratuito da propaganda profética, por exemplo, o princípio expressamente estabelecido de que o apóstolo, o profeta, o mestre do cristianismo antigo não deve fazer de sua missão um ofício, de que somente por curto tempo deve desfrutar da hospitalidade de seus fiéis, que deve viver do trabalho próprio ou (como o budista) daquilo que recebe sem pedi-lo expressamente, é ressaltado nas epístolas de Paulo (e naquela outra variante, nas regras de monarcas budistas), reiteradamente e com maior ênfase (“quem não trabalha, não coma” dirige-se aos *missionários*) e constitui, naturalmente, um dos segredos principais do sucesso da propaganda profética (WEBER, 1993, p, 304).

As curas passam a ser um ponto chave na liderança profética de Roldão, vejamos em suas próprias palavras: “Já curei muita gente com a força dos espíritos do Padre Cícero Romão e agora ele convive comigo” (CARNEIRO, 1995, p.21). “A partir da divulgação de que Roldão Manguiera tinha o poder de curar, muitas pessoas foram atraídas para aquela casa” (ARAÚJO, 2008, pp. 36 -39).

Nivaldo, neto de Roldão afirma que a fama de curandeiro de seu avô percorreu os Estados da Paraíba e Pernambuco, a ponto de influenciar pessoas de todas as camadas sociais. Segundo depoimento de Nivaldo, uma senhora que encontrou em Pernambuco, médica, acometida de câncer procurava em seu avô uma cura mágica, requisitando a ele, um fio da barba do avô para preparar uma infusão que sendo ingerida, traria a cura:

Outra coisa que me chamava à atenção era o pessoal dizer que ele curava as pessoas. Que através da oração, quando ele orava, curava as pessoas. E eu me lembro que mais ou menos em 78 eu estava fazendo uma vistoria numa casa da Caixa Econômica no sertão. Uma senhora, uma vez, de uma das cidades do sertão de Pernambuco, Afogados da Ingazeira, uma cidade polo. Quando eu botei o meu carimbo, tinha o meu sobrenome, Manguiera. Uma senhora que viu, esposa do prefeito de lá, médica, me abordou e perguntou: - Você é o que de Roldão Manguiera? Eu disse: - Eu sou neto de Roldão Manguiera. Ela falou: - Pois eu vou pedir uma coisa ao senhor. Era médica! Médica, esposa de prefeito! Ela continuou: - Quando você vier de lá, traga um fio de cabelo da barba dele, ou do bigode, pra que eu faça um chá, pra eu tomar que eu quero me curar de um câncer.

Percebemos pelo testemunho de Helena, que este fato acontecia não só isoladamente como no explanado por Nivaldo, mas também na Casa de Caridade. Profissionais da saúde que se encontravam acometidos de doenças eram supostamente curados por Roldão, por intermédio do Pe. Cícero. Reforçando as profecias de Roldão, nas quais, um dos preceitos do movimento indica que a cura procede dos espíritos iluminados do movimento e não dos médicos seculares, pois os mesmos se encontram em pecado e não têm condições de curar a alma.

Observemos a total confiança dos adeptos nas supostas curas realizadas por Roldão por meio do discurso de Helena:

Ele curou médico aqui (milagres)! Médico que veio de São Paulo! Ele disse assim: Olhe Roldão, se precisá eu me vistí como o povo daqui e andar de pé descalço pra provar que eu fui curado aqui, eu faço isso! Era um médico! Vêi de São Paulo! Ele tava muito doente do coração. Foi curado aqui nessa Casa. Ali era um hõmi de fé, viu! Seu Roldão! Era um homem de muita fé, muita fé! Muito sofredor.

Tereza, ao nos relatar o episódio da internação de Roldão em uma clínica psiquiátrica por intervenção familiar, ressalta a vitória de Roldão ao sair daquela instituição. Para ela, o episódio foi mais uma prova de que o Pe. Cícero favorecia o líder do movimento e que seu poder era superior ao dos familiares e profissionais da saúde terrenos. Em seu relato quando aplicavam um sedativo em Roldão, o líquido magicamente espirrava de volta, saindo do braço do líder do movimento, não fazendo efeito sobre ele, pois o que é mundano não poderia afetar o que é sobrenatural.

Negrão e Consorte (1984) descrevem o acontecido com detalhes:

Os filhos tentaram interná-lo, as tentativas falharam, porque ora o carro em que é colocado para ser conduzido a João Pessoa, inexplicavelmente não funciona, ora as injeções que lhe são aplicadas são imediatamente expelidas de seu corpo. Um dos espíritos que recebeu nessa época desafiou os circundantes: ‘falo 65 línguas, quem quis é, encoste’. Todos esses eventos miraculosos constituíram-se em prova de sua mediunidade e sanidade mental: ‘olha, muita gente num sabe o que é mediunidade, eu vou provar que o meu aparelho num tá doido, que num é loucura’, afirmou um dos espíritos que recebeu (NEGRÃO & CONSORTE, 1984, p. 325).

Roldão preenchia todos os requisitos de profeta por dedicar sua vida a beneficiar a comunidade através de curas e milagres, por não cobrar valores financeiros de nenhum dos que se dirigiam à Casa de Caridade Jesus no Horto, arrebatando assim um número expressivo de seguidores e um quadro administrativo que alimenta uma estrutura religiosa que exprimia uma nova missão frente aos *erros* do catolicismo, respondendo aos anseios de mudança dos seguidores e recebendo a validação do carisma por parte dos mesmos. No próximo tópico trataremos da liderança sucessória após seu falecimento através de Antônio de França.

3.4. Antônio de França, o Novo Profeta.

Meses antes da profecia do dilúvio, o líder do “Borboletas Azuis” falece e o movimento começa a perder o referencial de liderança carismática. Torna-se necessário que um novo líder se levante e assuma o papel desempenhado por Roldão para que o movimento não acabe.

O segundo na liderança, José Alves ⁹⁸, que era reconhecido por Roldão como um possível sucessor. Alves era um indivíduo de ação, que obedecia fielmente aos comandos do líder, mas afasta-se do movimento após a não concretização da profecia diluviana. Com isso, o movimento fica à deriva, sem uma figura de destaque que os pudesse liderar.

Para Tereza e Helena, José Alves era um bom homem. Ele e Antônio de França ⁹⁹ caminhavam lado a lado com Roldão e o ajudavam com os serviços da Casa de Caridade. França auxiliava nas questões espirituais e Alves nas resoluções materiais do espaço de reuniões. Nas palavras de Helena, *Seu José Alves era próximo também de Seu Roldão. Fazia os serviço daqui, comprava telha, tijolo.*

Além de Helena e Tereza, nenhum dos entrevistados que visitara a casa de caridade fez menção de conhecer José Alves. Por outro lado, os familiares, durante as entrevistas afirmaram reconhecer Antônio de França e ainda verbalizaram dois apelidos dados a ele por caminhar sempre ao lado de Roldão. Os netos de Roldão o chamavam de cabeça branca, por causa da idade e a sombra de Roldão por sempre caminhar com o líder em todos os momentos. Este segundo apelido demonstra o nível de proximidade e intimidade entre França e Roldão.

Stanley, neto de Roldão, em entrevista recorda os momentos em que França acompanhava Roldão:

Conheci o Antônio de França; ele frequentava muito a casa do meu avô, e a gente tinha até um apelido! Que chamava até de cabeça branca lá! E ele? Era Roldão Mangueira na frente e ele atrás! E como eu era jovem nessa época, ele... A gente chamava a sombra de Roldão, porque onde o Roldão Mangueira estava esse Antônio de França tava, mais eu não tinha... Por que naquele tempo... Os jovens, não davam muito acesso a conversar com eles, mais eu me lembro deles perfeitamente.

⁹⁸ José Alves, por ser um taxista, passou a ser motorista do veículo que pertencia ao movimento. Ele também era responsável pela parte administrativa, como manutenção da Casa, planejamento de viagens, etc.

⁹⁹ Antônio Rodrigues de França assume a liderança após o falecimento de Roldão e o afastamento do segundo na liderança, o senhor José Alves. De acordo com Consorte e Negrão (1984, p. 318), França era versado, inteligente e participativo no movimento, muitas vezes fazendo predições por meio de visões, intuições e sonhos e teria sido ele que predissera a missão de Luciene Diniz dentro do movimento Araújo (2008, p. 135).

Nivaldo afirma ter conhecido França, mas apesar de reconhecer sua proximidade com o avô, relata que não teve contato direto com ele:

É, conheci. É! Mas também nunca mantive conversa com ele por longo tempo. Foi uma ou duas vezes “Bom dia” e “boa tarde”. Quando ele ia na casa do meu avô. Quando meu avô era vivo, ele ia por lá e uma vez eu tive a oportunidade de conhecê-lo.

David também reconhece a pessoa de França como um amigo que acompanhava Roldão:

Seu Antônio. Conheci como frequentador da Casa de Caridade Jesus no Horto. Era uma pessoa muito ligada ao meu avô. Também era um trabalhador, era operário. Parece que era torneiro mecânico. Morava no bairro da Liberdade, ali também, quase que próximo ao.. ao... Centro Espírita.

Com o dilúvio ¹⁰⁰ por vir e sem liderança, o grupo recebe uma nova proposta de liderança pela pessoa de Antônio Rodrigues de França. Segundo Helena Diniz, França, humildemente se colocara a votação para ser líder do grupo, sendo aceito com louvor por todos: “ele, mesmo antes de seu Roldão falecê, ele ficou na liderança, porque ele disse assim: Como a casa tem que ter um chefe, né? Tem que tê um líder pra mandá naquele grupo que ficô. Ficô pôcas pessoa! Eu tenho a impressão de que num ficô vinte pessoa aqui nessa Casa”.

Mas o motivo da sucessão por parte de França não pode ser considerado tão simplório como descreve Helena. Para Weber (1993, p. 162) quando o indivíduo que portava o carisma desaparece é necessário que a questão da sucessão seja iniciada para que o movimento não perca o referencial de comando e não se extinga. Somente assim, as relações sociais que foram desenvolvidas pelo grupo serão mantidas.

Os tipos de solução apontados por Weber são: 1. Uma nova escolha sucessória por parte da comunidade de acordo com determinadas características que o qualifique para desempenhar o papel de líder carismático. 2. Por revelação, oráculo ou qualquer padrão de sorteio ou juízo divino que favoreça a legitimidade desta sucessão ou 3. Por designação do predecessor e reconhecimento da comunidade. 4. Por escolha do sucessor por meio do quadro administrativo que fora eleito pelo antigo líder e tem o reconhecimento da comunidade de asseclas. 5. Por reconhecer o carisma como uma qualidade sanguínea, sucessória dentro da

¹⁰⁰ O dilúvio é anunciado por meio de uma profecia psicofônica através do espírito iluminado do menino Jesus antes de Roldão adoecer, no ano de 1978. Luciene Diniz era a portadora deste ícone representativo. Explanaremos melhor as revelações de Luciene neste capítulo, demonstrando seu empoderamento e atuação no quadro administrativo do movimento.

família, transferida de pai para filho ou parente próximo, carisma hereditário. 6. Por entender que o carisma é um atributo mágico e que pode ser repassado pelo portador ao próximo sucessor, como a exemplo dos reis no judaísmo, no Antigo Testamento, a sucessão de Davi após o reinado de Saul, um carisma de cargo.

No caso de França, o primeiro modelo weberiano de sucessão profética cabe perfeitamente. O novo líder se apresenta para escolha da comunidade por votação e esta o reconhece como o novo portador do carisma que anteriormente favorecia Roldão. Agora, o Pe. Cícero se comunicaria com a comunidade através do novo sucessor e recebia da comunidade, uma resposta positiva, reforçando seu carisma.

Helena, ao se referir ao novo líder denota respeito e força espiritual:

(...) Era um adepto muito chegado a seu Roldão. De muita confiança de seu Roldão, muito distinta, uma pessoa de caráter muito bom. [...] Ele era uma pessoa assim... um mentor espiritual muito eficaz, uma pessoa assim... de uma moral, sem restrição.

Este reconhecimento não se deu somente por parte dos participantes do movimento, mas também por parte dos familiares. David expressa isto em entrevista:

É... Com a morte de Roldão, ele ficou sendo o... O... Sucessor da... Da Borboleta, que muitos achavam que com a morte de Roldão, o movimento ia acabar, mas ele... É... Passou a... A... A comandar o movimento... É... E persistiu por alguns anos. [...] Respondeu muito tempo pela liderança, deu muitas entrevistas... É... Como o... O sucessor de Roldão Manguiera nos Borboletas Azuis. [...] Eu tenho impressão que o trabalho do Luiz de França foi muito assim, para o momento, muito importante. Deu sequência. Não deixou parar com a morte do líder Roldão Manguiera.¹⁰¹

França logo após assumir, se depara com uma questão que colocaria seu carisma em questão. Já que o dilúvio não aconteceu, a credibilidade do movimento decresce e a maioria dos adeptos - decepcionados e sem a presença do antigo líder que falecera - deixa a Casa de Caridade Jesus no Horto. “A não realização do dilúvio, além da ausência física do fundador, levou o grupo a um sensível arrefecimento”. (Carneiro. 1995, p. 30).

Em abril de 1980, aproximadamente um mês antes da data do dilúvio anunciado, novo golpe abate-se sobre eles. Vencido pela doença, Roldão focou retido em seu leito, sob a guarda de seus inúmeros filhos. Permaneceu

¹⁰¹ Roldão falece em 22/07/1980 acometido por câncer de próstata. Quase dois meses após a data prevista para o dilúvio o fundador e líder do “Borboletas Azuis” falece. Roldão já apresentava indícios de debilitação física desde o começo do ano, passando por exames e internações por intervenção de seus filhos. Ele não participou da vigília da espera do dilúvio e em seu leito, recebeu a frustrante notícia da nulidade das profecias de Luciene Diniz.

o grupo praticamente acéfalo até o dia 12 de maio [...] Frustrada a profecia veio o desaponto e a debandada dos fiéis (NEGRÃO, 1981, p. 2).

Poucas pessoas permaneceram fiéis ao movimento na esperança de uma nova mensagem do Pe. Cícero explicando o acontecido. Para Helena, Tereza e Antônio de França, tudo não passava de um mal entendido e as respostas surgiriam em breve, era necessário ter paciência e fé. Helena, discorrendo sobre o momento, nos disse: *Nós ficamos aqui esperando o que ia acontecer. O que o Pe. Cícero tinha pra dizer:*

Tinha muita gente aqui na véspera, tinha muito adepto daqui, tinha muita criança. Porque muitos dos que tava aqui no dia já morrêro, muitos, muitos mesmo. Seu Antônio, que eu falei dele pra você, tava aqui presente. Tava Antônio de França. E... Tava... Muitos ôtros que já morrerô depois. Então nós ficamos aqui! Todos junto! Eu fiquei aqui! Eu, ela ficou (Tereza), e Maria, e outras pessoas. Meu marido vêi me buscá, mas eu disse que ia ficá aqui. Que eu ia vê o que ia acontecê depois daqui. Tinha muita gente aqui que eu sabia que num ia ficá. Vê o desempenho daqui, dos que ia saí. Quem num gostô disso foi meu filho. Quando eu cheguei em casa tava revoltado porque o meu marido vi me buscá e eu disse que num ia. Porque num tem revolta, tem a verdade. Seu Antônio disse que ia ficá só até sábado e eu fiquei também até sábado.

Era necessária uma resposta sobre a questão do dilúvio. Helena e Tereza nos relatam que França ao receber o espírito de Pe. Cícero, afirmou que ainda não era o momento para a *lavagem de purificação universal* (dilúvio), pois “a humanidade não havia se arrependido de seus pecados. O exemplo ainda viria e Deus iria mostrar a forma novamente”. Deste modo, França ressignifica o movimento, revelando que o Pe. Cícero asseverara que o dilúvio não sucedera por clemência divina, pois Deus oferecera uma nova chance ao mundo para arrepender-se de seus pecados.

Abaixo a explicação de Tereza em fato do dilúvio não ter ocorrido em Araújo (2008):

Para ela, *o demônio queria que Deus passasse uma esponja. Não é assim não (...). No seu entender Deus mostra exemplos à humanidade e lhe dá chances de se arrepender. E assegura, (...) nós estamos esperando (...) eu estou esperando porque o Padre Cíço dizia e os Padres mestres diziam: olhe para o fim dos tempos vai acontecer assim, assim, assim (...) e eu estou vendo tudinho* (ARAÚJO, 2008, p. 140).

Mesmo com a ressignificação, o movimento continua a perder sua força e o número de adeptos diminui exponencialmente. França não conseguira superar o carisma de seu sucessor. Sem a realização de curas e milagres por meio do Pe. Cícero, o raio de ação de França muda e o novo profeta se restringe a administração do movimento, reforçando as mensagens e

mandamentos deixados pelo antigo líder. Seu papel é mais administrativo do que profético, um mantenedor da tradição. Assim, nenhuma nova estratégia para conquistar novos adeptos é desenvolvida pelo líder e quadro administrativo.

Tanto Helena como Tereza demonstram convicção de que o carisma de Roldão superava em muito o novo líder. Ao questionarmos Helena sobre as pessoas que obtiveram mais destaque no movimento, Roldão ocupa o primeiro lugar e, depois dele, Antônio de França, considerado por ela como um homem reto e dedicado ao serviço da Casa de Caridade Jesus no Horto.

Ao questionarmos Tereza sobre a mediunidade de França ela responde:

Antônio de França, ele era um minino bom, tinha uma mediunidade... Se tivesse enfrentado as correntí, se tivesse cumprido as ordí. Tinha saído daqui não, tinha saído daqui de jeito nenhum. Mais o mal tem foça mêmo! Foça de sabiduria e distruição.

Tereza, em suas palavras afirma que Roldão era a pessoa mais apta a realizar encaminhamentos de espíritos pagãos e que acima dele, nenhum homem pôde comparar-se, nem mesmo Antônio de França como sucessor alcançara semelhante poder, pois seu carisma era superior ao de Antônio:

Seu Antôin, depois que Rodão morreu, ele ficou aqui batizano os pagão. Ele fazia, mas num era como seu Rodão naum Era bem diferente! Agora, seu Rodão era assim: Ele tinha uma mediunidade muito forte! Ele ficava aqui. Ói aqui a cadêra dele. Ele ficava sentado.

Como descreve Weber (2003, p.303), existem dois modelos de profeta, o que é portador de um *carisma pessoal e genuíno* que *em virtude de sua missão anuncia uma doutrina nova* e funda uma nova religião ou grupo religioso, este reivindica para si, uma proposta totalmente nova. O segundo caso é o do profeta que *anuncia de novo uma revelação antiga (de fato ou suposta)*, sendo este um *renovador* da religião. Para o autor, quando os adeptos mantêm uma vinculação maior em relação ao fundador, o sucessor naturalmente reclama a autoridade por se encontrar a serviço da uma tradição sagrada deixada pelo seu predecessor.

Ao questionar Helena sobre uma nova revelação profética por meio do Pe. Cícero após a profecia do dilúvio, sua resposta foi incisiva. O único raio de esperança foi o da permanência do santo na comunidade enquanto os adeptos ainda convergirem para a Casa de Caridade Jesus no Horto:

Não, num houve não. Nós ficamos aqui esperando o que ia acontecer. O que o Pe. Cícero tinha pra dizer. Mas tem o Pe. Cícero! A ordi do Pe. Ciço. O Pe. Cícero continua falando nessa Casa e disse que enquanto tivesse duas pessoas aqui, falano no nome de Deus. Falano em Deus, respeitano as norma daqui, as norma que foi ditada por ele por meio de Seu Rodão, intão, ele estaria aqui nessa casa. E ele tá aqui nessa Casa! Pe. Ciço tá aqui com a gente!

Podemos apontar que, com a situação estática do movimento, na espera de uma nova revelação por parte do Pe. Cícero, o líder e o quadro administrativo paulatinamente trazem ao movimento uma configuração de liderança sacerdotal, estabelecendo uma comunidade de fé com associados que trabalham em prol da manutenção dos serviços realizados e do espaço sagrado.

O profeta, quando sua profecia tem êxito, atrai acólitos permanentes [...] juntam-se a ele de modo puramente pessoal [...] E ao lado desses acólitos permanentes, que colaboram ativamente em sua missão, na maioria das vezes também carismaticamente qualificados de alguma forma, existe o círculo de adeptos que o apoia em alojamento, dinheiro e serviços, e esperam de sua missão a salvação; por isso tanto podem unir-se de vez em quando para ações ocasionais quanto encontrar-se associados de forma permanente na comunidade de fiéis, a *congregação* (WEBER, 2003, p. 310).

É através do uso da palavra que França consegue obter êxito na manutenção e permanência dos acólitos que permanecem no movimento. A palavra é instrumento de poder, principalmente dentro de instituições religiosas, e em sua maioria é a figura masculina que detém a liderança, detém a palavra, e deste modo, o poder. De acordo com Edmundo Souza (2009, p. 87), “o poder político apodera-se das palavras e as palavras e o silêncio são parte da substância a que recorre o poder”.

As cartas de França demonstram uma capacidade de atualização midiática e entendimento sobre questões políticas nacionais do novo líder do “Borboletas Azuis”. França encontrava-se vigilante sobre tudo o que advinha da Igreja Católica, notícias que transcorriam na mídia nacional e decisões que aconteciam no cenário político nacional, estabelecendo assim, críticas que constituíam confronto direto entre os fatos e os mandamentos estabelecidos pelo seu antecessor.

França, durante as reuniões periódicas do grupo, entrega mensagens através do uso da psicofonia por intermédio do Pe. Cícero em que suscita diversas críticas contra o ecumenismo e, principalmente, sobre o encontro ecumênico anual realizado em Campina Grande, a Nova Consciência, o código penal brasileiro, a falta de condições de vida e trabalho, a inflação que

assolava o país na época e críticas sobre atitudes de papas, bispos e arcebispos, padres e lideranças carismáticas católicas.

Dentre algumas figuras políticas podemos citar críticas a então deputada Marta Suplicy, que enviara projeto de lei ao congresso em favor da união estável entre pessoas do mesmo sexo. O então deputado Aguinaldo Timóteo que defendia a pena de morte para casos de crimes especiais. Os presidentes em vigência Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso. Além de cartas ao governador da Paraíba, câmara de vereadores e cartas abertas à comunidade campinense e paraibana. Há também uma carta enviada à revista Veja, criticando uma matéria escrita de forma depreciativa, desfavorecendo o movimento.

Confirmamos parte da carta endereçada a então deputada federal Martha Suplicy¹⁰², criticando o projeto de lei de sua autoria, na qual defende a união estável entre pessoas do mesmo sexo:

O Brasil inteiro tomou conhecimento através da imprensa que a ilustre deputada tem apresentado um Projeto de Lei no Congresso Nacional, criando o casamento de homem com homem e mulher com mulher. É a maior aberração que surgiu nos fins dos tempos, em de tratando de Congresso Nacional De maneira alguma poderá ser aceito por pessoas de bom senso porque a união conjugal dos seres da terra. Só deverá ser do sexo oposto, como o casamento instituído por Deus, para a formação das famílias e para a habitação da terra, isto é, a lei do criador para as criaturas ninguém mudar. Esta forma que criaram agora o homossexual o bissexual são possessos do demônio e quem trabalha para eles pertencem os mesmos. Olhe até os animais que são irracionais respeitam-se mais do que os homens. Esta miséria foi copiada dos Estados Unidos da América, para corromper os homens e as mulheres do Brasil, simulando liberdade social, na verdade o que trouxe foi uma epidemia de doenças por esse contato maldito, transmitido pelos demônios, que infectou a carne e a mente de muita gente no mundo todo, diminuindo a existência humana de maneira alarmante e pecaminosa.

¹⁰² Cartas cedidas para cópia do acervo pessoal de Helena Diniz em 10 de janeiro de 2013. Helena transcrevia todas as mensagens do padre Cícero psicofonadas por Antônio de França, sucessor de Roldão e depois as datilografava, enviando-as aos destinatários. Algumas cartas que exporemos serão escritas à mão por não existirem mais as cópias datilografadas.

Campina Grande, 21 de Novembro de 1995

Prezada Senhora Deputada Federal
Marta Suplicy

O Brasil inteiro tomou conhecimento através da imprensa que a ilustre deputada tem apresentado um Projeto de Lei no Congresso Nacional, criando o casamento de homem com homem e de mulher com mulher. É a maior aberração que surgiu nos fins dos tempos, em se tratando de Congresso Nacional. De maneira alguma poderá ser aceito por pessoas de bom senso porque a união conjugal dos seres da terra. Só deverá ser do sexo oposto, como o casamento instituído por Deus, para a formação das famílias e para a habitação da terra, isto é lei do Criador para as criaturas não queira mudar. Esta forma que criaram agora o homossexual e bissexual são processos do demônio e quem trabalha para eles pertencem aos mesmos. Olhe até os animais que são irracionais respeitam-se mais do que os homens. Esta miséria foi copiada dos Estados Unidos da América, para corromper os homens e as mulheres do Brasil, simulando liberdade social, na verdade o que trouxe foi uma epidemia de doenças por esse contato maldito, transmitido pelos demônios, que infectou a carne e a mente de muita gente no mundo todo, diminuindo a existência humana de maneira alarmante e perniciosa.

Segue trecho de carta escrita por Antônio de França à Câmara dos Deputados do Distrito Federal¹⁰³ em 12/02/1990, na qual critica a situação de inflação e desemprego no país:

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Paes de Andrade. Peço a Vossa Excelência para levar esta mensagem ao plenário da Câmara, para o conhecimento de todos os membros dessa Casa Legislativa; representando os anseios do povo paraibano e brasileiros, especialmente o povo pobre enviamos os nossos protestos aos senhores deputados, senadores e políticos em geral; que estão omissos aos sofrimentos do povo, a quem são representantes. Ao nosso entendimento setenta por cento dos legisladores brasileiros estão legislando em causa própria, vinte por cento são deputados lagartixa apenas balançam a cabeça, e dez por cento é que fazem alguma coisa; só necessitaria os dez por cento dos que trabalham em benefício do povo. A inflação de sessenta por cento em média nos juros de poupança representa uma inflação de cento e vinte por cento ao mês em alguns casos se eleva até mil por cento as vistas dos políticos em geral ou a quem de direito que até agora ninguém fez nada em favor dos pobres. Imaginem os senhores em que a Paraíba tem sessenta por cento de desempregados e sem

¹⁰³ Cartas cedidas para cópia do acervo pessoal de Helena Diniz em 10 de janeiro de 2013.

emprego como vão viver estas criaturas? Eis aí o desafio aos dirigentes do País.

Campina Grande, 12 de Fevereiro de 1990

Câmara dos Deputados

Brasília - Distrito Federal

Senhores Deputados

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Paes de Andrade. Peço a Vossa Excelência para levar esta mensagem ao plenário da Câmara, para o conhecimento de todos os membros desta Casa Legislativa; representando os anseios do povo paraibano e brasileiros, especialmente o povo pobre enviamos os nossos protestos aos senhores deputados por não suportar tamanha inflação que assola o povo brasileiro que arrasa com os mais humildes as vistas dos deputados, senadores e políticos em geral; que estão omisso aos sofrimentos do povo, a quem são representantes.

Ao nosso entendimento setenta por cento dos legisladores brasileiros estão legislando em causa própria, vinte por cento são deputados lagartixa apenas balançam a cabeça, e dez por cento é que fazem alguma coisa; só necessitaria os dez por cento dos que trabalham em benefício do povo. A inflação de sessenta por cento em média nos juros de poupança representa uma inflação de cento e vinte por cento aos mês em alguns casos se eleva até mil por cento as vistas dos políticos em geral ou a quem de direito que até agora ninguém fez nada em favor dos pobres. Imaginem os senhores em que a Paraíba tem sessenta por cento de desempregados e sem emprego como vão viver estas criaturas? Eis aí o desafio aos dirigentes do país.

Aqui, apresentamos segmento de carta endereçada ao então governador da Paraíba, José Targino Maranhão¹⁰⁴ em 06/05/1998, reivindicando melhores condições de trabalho para os pobres e a população campesina:

Em nome da democracia solicito a sua Excelência Senhor Governador da Paraíba Dr. José Targino maranhão. Peço a sua colaboração e seu empenho nas ações governamentais a serviço dos pobres, especialmente os homens do campo, que estão em eminência de uma crise social sem precedente. Ocorre que na Paraíba e no nordeste existiu até pouco tempo a cultura do algodão e do cisal que era sustentáculo desse universo de pessoas que agora clamam por ajuda governamental, no meu entender usaram a tecnologia errada mandaram arrancar aquele tipo de semente de algodão que tínhamos na Paraíba e no Nordeste, com conhecimento prático e teórico eu desafio qualquer técnico a produzir algodão que não seja daquele tipo que tínhamos antes, já que temos em média noventa e cinco por cento de terra semearida de serras taboleiros e pedregulhos é perfeitamente inviável outro tipo de cultura a não ser milho algodão e cisal, que basicamente é a sobrevivência do homem do campo. O que precisa é uma ação do governo capaz de fazer que o homem produza no campo e na cidade dessa forma o homem não precisará estender suas mãos a caridade pública e nem de roubar. Se olharmos as palavras que Jesus disse e melhor ensinar a pescar do que dar o peixe; esta ação deve ser feita no Brasil. Que a humanidade está carente demais.

¹⁰⁴ Idem.

Campina Grande 06 de Maio de 1958

Em nome da democracia solicito sua excelência Senhor Governador da Paraíba;
Dr. José Targino Maranhão.

Pego a sua colaboração e seu empenho nas ações governamentais em benefício dos pobres, especialmente os homens do campo, que estão em eminência de uma crise social sem precedente. Ocorre que na Paraíba e no nordeste existiu até pouco tempo a cultura do algodão e do cissal que era sustentáculo desse universo de pessoas que agora clamam por ajuda governamental, no meu entender usaram a tecnologia errada mandaram arrancar aquele tipo de semente de algodão que tínhamos na Paraíba, e no nordeste; Com conhecimento prático e teórico eu desafio qualquer técnico a produzir algodão que não seja daquele tipo que tínhamos antes, já que temos em média noventa e cinco por cento de terra semeada de Serras Taboleiros e predefinhos é perfeitamente enviável outro tipo de cultura a não ser milho feijão algodão e cissal, que basicamente é a sobrevivência do homem do campo. O que precisa é uma ação do governo capaz de fazer que o homem produza no campo e na cidade dessa forma o homem não precisará estender suas mãos a caridade pública e nem de roubar. Se Olharmos as palavras que Jesus disse e melhor ensinar a pescar do que dar o peixe; esta ação deve ser feita no Brasil todo que a humanidade está carente demais.

Em relação à comunidade católica, tivemos acesso a cartas dirigidas ao Padre Marcelo Rossi, estabelecendo uma crítica à comercialização de CDs e DVDs, participações na mídia e coreografias que consideravam sensuais nas músicas do Padre. Uma carta endereçada ao papa João Paulo II, criticando a participação do pontífice numa partida de futebol, na qual abençoa o estádio e a multidão, pois para o movimento, os esportes despertam o desejo erótico e fazem parte dos jogos de azar.

Confiramos fragmentos da carta endereçada ao Pontífice João Paulo II:

Ilustríssimo Senhor. PAPA “ JOÃO PAULO II. Cordeais saudações. Com o desejo de comunicar-lhes da existência de nossa casa como instituição religiosa sobre o lema da cruz e do catolicismo primitivo, onde fazemos questão de defender a doutrina católica de acordo com os mandamentos de Deus, pregando como exemplo os ensinamentos dos apóstolos e dos primeiros padres. Vossa Excelência como sucessor de São Paulo tem sobre os ombros uma responsabilidade muito grande perante aos católicos do mundo inteiro. De acordo com o 2º mandamento da lei de Deus Vossa Excelência tomou o nome de Deus em vão, por isso tudo que fizerdes tem de

fazer uma reflexão sobre vossos atos para não repercutir mal sobre milhões e milhões de católicos no mundo. Por exemplo quando Vossa Excelência foi benzer um estádio de futebol no último dia de maio, não foi muito feliz, pois foi benzer um local onde se pratica todo tipo de profanação; todos os tipos de jogos e seu derivados pertencem ao demônio. O futebol é uma ramificação do jogo de azar, todo tipo de competição ou disputa são os derivados do jogo e da destruição das almas, onde gastam-se milhões, enquanto outros passam fome. Esta disparidade no mundo ver-se que é o povo sem Deus. O dinheiro e os bens estão a serviço do mal e da destruição do próprio homem. Por isso a Igreja católica deve promover campanhas de moralização dos costumes,

Campina Grande, 20 de Junho de 1990

Ilustríssimo Senhor
PAPA " JOÃO PAULO II

Cordeais Saudações

Com o desejo de comunicar-lhe da existência de nossa casa como instituição religiosa sobre o lema da cruz e do catolicismo primitivo, onde fazemos questão de defender a doutrina católica de acordo com os mandamentos de Deus, pregando como exemplo os ensinamentos dos apóstolos e dos primeiros padres. Vossa Excelência como sucessor de São ~~Paulo~~ tem sobre os ombros uma responsabilidade muito grande perante aos católicos do mundo inteiro. De acordo com o 2º mandamento da lei de Deus vossa excelência tomou o nome de Deus em vão, por isso tudo que fizerdes tem de fazer uma reflexão sobre vossos atos para não repercutir mal sobre milhões e milhões de católicos no mundo. Por exemplo quando vossa excelência foi benzer um estádio de futebol no último dia de maio, não foi muito feliz pois foi benzer um local onde se pratica todo tipo de profanação; todos os tipos de jogos e seus derivados pertencem ao demônio.

O futebol é uma ramificação do jogo de azar, todo tipo de competição ou disputa são os derivados do jogo e da destruição das almas, onde gastam-se milhões, enquanto outros passam fome. Esta disparidade no mundo ver-se que é o povo sem Deus. O dinheiro e os bens estão a serviço do mal e da destruição do próprio homem. Por isso a Igreja católica deve promover campanhas de moralização dos costumes,

Como vimos, França cumpre o papel de mantenedor da tradição deixada por Roldão, apresentando diversas revelações por meio do Pe. Cícero, estabelecendo assim, uma atividade

de envio de cartas doutrinárias a visitantes da Casa e documentos de protesto a membros importantes da comunidade paraibana, assim como figuras políticas e religiosas brasileiras e mundiais, como a exemplo do Papa, com o intuito de preservar a tradição e a integridade do grupo. De agora em diante, o novo líder passa a corroborar outra vez em favor da projeção do movimento nos meios de comunicação, setores políticos e sociais.

No próximo tópico exporemos a ação profética de outro personagem de destaque no “Borboletas Azuis”, a freira e profetisa Luciene Diniz, filha da atual líder do movimento e que se tornou a voz ativa do menino Jesus e Maria mãe de Jesus na mesa de caridade, trazendo o anúncio do dilúvio, a ordenança do uso das vestes características do grupo e críticas sobre o comportamento moral do líder Roldão Mangureira.

3.5. A Profetisa Luciene Diniz.

Como vimos anteriormente em Weber (2003, p. 310), o profeta ao obter êxito atrai discípulos permanentes e, com isso nasce uma congregação, isto é, uma comunidade de fiéis regida pelo profeta que passa a exercer funções sacerdotais em relação ao grupo.

Dentre o grupo de seguidores permanentes que se associa à comunidade, é imposto pelo profeta um padrão de comportamento exemplar diante das profecias ou revelações e os discípulos que seguem em absoluto este exemplo fazem parte de uma congregação “exemplar limitada, dentro da qual, por sua vez, pode haver discípulos pessoalmente vinculados ao profeta, com autoridade particular” (WEBER, 2003, p. 311).

No grupo de discípulos exemplares com vinculação direta com o profeta estavam José Alves, Antônio de França, Helena Diniz, Maria Tereza e Luciene Diniz. Em nossa pesquisa denotamos valor especial a um desses adeptos, Luciene Diniz. Ela adere ao movimento com a idade de dezessete anos. Seu carisma foi estabelecido por ter sido a única sobrevivente de um acidente automobilístico onde faleceram todos os passageiros.

Vejamos depoimento de Tereza sobre o acidente e a convergência de Luciene à Casa:

[...] Em casa ela recebeu a intuição, recebeu. Ela viu o estrago todin e aí, ficou triste, triste, triste, dende casa, triste, triste. E ela, só sei que foi adoecendo, adoecendo. Dessas modo que vem, ela recebeu as corrente [...] a mãe dela trouxe ela pra cá, né? (NEGRÃO & CONSORTE, 1984, p. 330).

Ela se dirigiu à Casa de Caridade com seus pais em busca de libertação da opressão que sofria pelo espírito de um de seus tios que a atormentava desde que falecera. Luciene

recebe por meio de Roldão, a libertação deste mal e passa a frequentar assiduamente a Casa de Caridade Jesus no Horto.

Com o compromisso e a presença constante de Luciene no movimento, logo alcança uma posição de destaque, fazendo parte do grupo seleta de asseclas de confiança do líder. Roldão, de acordo com relato de Helena, recebendo o espírito do Pe. Cícero durante uma das reuniões ordinárias revela que ela seria uma freira do movimento e que suas ações na Casa de Caridade seriam um exemplo para o mundo:

Ela ia ser uma freira (perpetraria voto de castidade e dedicação total ao serviço à Casa de Caridade Jesus no Horto) pra mostrar um exemplo pra humanidade toda, fui eu que disse não, foi seu Roldão Mangueira. O Pe. Cico que dizia, né? Ela ia ser o assunto da humanidade.

Com o aval espiritual do santo Padre - a figura espiritual mais importante do grupo - ela passa a trazer novas revelações que são aceitas e seguidas como ordens de comando direto do transcendente, ou seja, do próprio Pe. Cícero. “[...] apareceu o Padre Cícero fazendo a pregação, dizendo: Luciene, Luciene, Luciene, Luciene, a missão de Luciene vai ser um assombro para a humanidade” (NEGRÃO & CONSORTE, 1984, p. 332).

Com o uso constante das incorporações, Luciene aprimora seu status carismático dentro do grupo. De acordo com Tereza, a jovem passa a revelar ordenanças do menino Jesus e de sua Mãe, Maria: “Quem tinha sua mediunidade via. Ela ricibia o minino Jesus bem piquinininho, Seu Roldão viu uma vez o minino Jesus bem piquinininho. Via, a gente via assim os espírito”.

Luciene incorpora ícones que - na tradição católica - são hierarquicamente superiores aos que eram incorporados pelos homens do movimento e foi por intermédio dela que a Casa de Caridade apresentou mudanças exponenciais. Por meio de uma de suas revelações, o grupo passa a exprimir características mais acentuadas do catolicismo romano. Uma alternância simbólica que traz nova configuração ao movimento.

Luciene começa a incorporar representações que simbolizam o filho do próprio Deus do cristianismo e sua mãe, que são reconhecidos como as figuras mais poderosas do ideário popular. Com revelações psicofônicas proféticas, representando estes ícones, ela insere novos ritos e perspectivas de mudança por meio de novas experiências religiosas, reinventando o movimento, o que, de acordo com Sandra Duarte de Souza (2006, p. 29) é uma constante dentro do pluralismo religioso que se formou com as crises das instituições religiosas, principalmente por meio das mulheres, “uma permanente reinvenção do sagrado”:

O fenômeno da globalização e o processo de secularização e seus derivados, como a periferização da religião, o pluralismo religioso, a individualização da religião, a crise das instituições religiosas (inclua-se aqui a chamada crise de vocações), são elementos que viabilizam essa relativa autonomia dos sujeitos em relação às instituições religiosas. O resultado disso é um Deus metamorfoseado, constituído da multiplicidade simbólica que só a experiência do trânsito proporciona. Um Deus híbrido, pouco ortodoxo, redesenhado a lápis, cujos contornos podem ser apagados e refeitos de acordo com a novidade da próxima experiência, proporcionando uma permanente reinvenção do sagrado, particularmente no caso das mulheres. (SOUZA, 2006, p. 29).

Observemos as palavras de Helena sobre a alteração da nomenclatura dada ao espaço de reuniões, que era denominado por Roldão de Centro Espírita e que após revelação do Menino Jesus, por intermédio de Luciene, passa a ser denominado de Igreja:

Foi através da minina... que é a minha filha. Foi através dela que veio essa ordí. Pra todo mundo que quisesse ficar nessa casa. Tinha que comungá de acordo com a Igreja, tinha que se vesti de acordo como Nossa Senhora se veste pra poder alcançar as graças que recebia com os tratamentos que tinham antes, quando mudou de centro pra Igreja. Então, tinha que ser pelo meio do Rosário da Mãe de Deus. Pelo meio do ofício, pelo meio de botá seu juelhinho no chão e rezá. Que aí, tinha as mesmas graça que tinha antes quando seu Roldão administrava aquelas criatura que vivia aqui. Que seu Roldão tinha como adepto dele pra... pra ministrá aqueles trabalho. Quando cabô aqueles trabalho, que mudô a forma, aí... foi a forma.

Weber afirma que o profeta, ao estabelecer um modelo de sacerdócio ao formar um grupo coeso que congrega periodicamente, para que possa preservar e propagar o número de adeptos e manter sua posição de poder, necessita “condescender, em alto grau, às necessidades dos leigos” (WEBER, 2003, p. 313). Assim, Roldão, como líder, creditava as revelações de Luciene perante a comunidade de fé, atribuindo *carisma* a mesma.

As novas revelações de Luciene (Menino Jesus e Virgem Maria) advertiam os adeptos da Casa de Caridade sobre o uso de artifícios de vaidade, pintura de unhas, cortes de cabelo e o uso de calças compridas por parte das mulheres, numa das sessões (ARAÚJO, 2008, p. 40). Roldão apoiava estas revelações e ainda fortalecia seu carisma. Roldão obrigou os participantes a colocarem seus artifícios de vaidade numa bacia, purificando-os com sal e jogando-os fora (NEGRÃO & CONSORTE, 1984, p. 333).

Luciene tem outra revelação por meio do menino Jesus, trazendo desta vez a ordenança de que tanto homens como mulheres deveriam trajar timões azuis e brancos e não usar adornos ou maquiagem, como a exemplo da época de Jesus. A revelação sobre o novo

modo de trajar, sem que Luciene intentasse, trouxe a alcunha de “Borboletas Azuis” aos adeptos da Casa de Caridade Jesus no Horto por meio da reação jocosa da população campinense, além de despertar a curiosidade da mídia, trazendo ao movimento, repercussão nacional.

Podemos perceber no depoimento de Helena, a submissão de Roldão perante as revelações de Luciene:

Pesquisador: Quem inventou o nome, Borboletas Azuis? Quem inventou foi a mídia do Diário da Borborema. Ela inventou porque nossas vestes, toda vida foi vestes comum. Quando vêi a órdi pra todo mundo dessa casa, porque tinha muita gente nessa casa. Quando vêi a órdi pra todo mundo se vistí, inclusive seu Roldão também.

Num momento posterior, Luciene recebe do Menino Jesus a revelação de que a terra seria purificada por meio de um dilúvio que aconteceria em 13 de maio de 1980, com uma chuva incessante durante cento e vinte dias, sobrevivendo na terra somente as Igrejas, alguns conventos, os adeptos do movimento e quem se dirigissem à Casa de Caridade Jesus no Horto, arrependendo-se de seus pecados, desejosos de serem seguidores de Jesus.

Tereza afirma em entrevista, o carisma de Luciene, afirmando que ela era uma pessoa separada do mundo por Deus para cumprir sua vontade, trazendo assim a revelação sobre o dilúvio: “Foi uma minina de dizesseis ano. Que vêi pra cumpri uma missão aqui na terra e nossa Senhora vêi nela. Ói, nossa Senhora vêi numa irmã minha. Nossa senhora vêi em Luciene, uma minina de dizesseis ano. Fora do mundo”.

Além destas revelações e profecias, Helena descreve que Luciene realizava libertações na mesa de caridade, espaço no qual, somente os homens do movimento atuavam. Ela realizava libertações de espíritos infantis de crianças que morreram sem o batismo da Igreja Católica.

De acordo com Helena, sua filha foi autora - por intermédio de Maria, mãe de Jesus - de alguns hinos que eram entoados no movimento:

Quando Nossa Senhora tava tirando as criancinhas que tava tudo aqui. Aqui tem um hino que conta essa história. As criancinhas iam subindo, subindo e Nossa Senhora esperando. Foi uma pessoa que tava aqui que escreveu. A minha minina mesmo (Luciene), já escreveu muitos hinos, eu acho que eu ainda tenho em casa. Tem muita coisa boa dela ainda.

Sete meses antes da data prevista para o Dilúvio, a profetisa decide abandonar o movimento e estabelecer matrimônio com um dos adeptos. Gerando dúvidas e descontentamento por parte da liderança e familiares. Sua mãe, Helena, em entrevista, afirma que Luciene fora influenciada pelo noivo, e assim, teve o livre arbítrio de ceder aos desejos carnavais, abandonando a missão estabelecida pelo Pe. Cícero.

Negrão (1981, p. 2) relata que o casamento constou de uma decisão de Luciene, escolhendo o noivo, e não, sendo influenciada por ele, como afirma Helena. Vejamos o texto de Lísias:

A médium que recebia Cristo abandonou o Horto, levando consigo o seu noivo e também membro do grupo, em Novembro de 1979. Apesar do afastamento voluntário da profetiza, que gerou tensões internas e agravou as externas, permaneceu o pequeno grupo fiel às suas convicções com relativa tranquilidade, apesar do assédio da imprensa e da agressividade difusa contra si, organizaram-se ativamente, realizando procissões todo dia treze de cada mês, em que rezavam, cantavam benditos, pregavam sua mensagem puritana e anunciavam o dilúvio tido como iminente, pelas ruas de Campina Grande e suas cercanias (NEGRÃO, 1981, p. 2).

É importante perceber que desde a época de efervescência do movimento e até os dias de hoje, a população de Campina Grande e a mídia entendem que Roldão fora o arauto da revelação, por ser ele o líder e fundador do movimento. Luciene, como figura de destaque e carisma ascendente fora a real portadora, tanto das mudanças de nomenclatura do espaço de reuniões, quanto do uso de vestimentas semelhantes à de Cristo, reforçando a tradição católica e da revelação apocalíptica por meio do dilúvio, além de revelações moralizantes sobre a figura do líder, que exporemos em seguida no próximo tópico.

3.6. O santo que pecou e a chuva que não veio - O carisma de Roldão em pauta.

Em meados da década de setenta, Roldão adoece e é posteriormente diagnosticado acometido de câncer. Como para o grupo, as doenças não existem e quem se encontra enfermo, assim está por algum motivo escuso ou algum pecado, o carisma de Roldão se ameniza e surgem dúvidas e desconfiança por meio dos adeptos mais próximos e comunidade. Além disso, com as revelações constantes de Luciene desde que passa a incorporar Maria e o menino Jesus, Roldão sofre um enfraquecimento paulatino em sua liderança dentro do movimento “Borboletas Azuis”.

Consoante Weber (2003. P. 313), para que o sacerdote possa continuar no poder, ele deve ceder aos anseios da comunidade que se expressa por meio dos leigos que podem ser: “1. A profecia; 2. O tradicionalismo leigo; 3. O intelectualismo leigo. Perante essas forças atuam as necessidades e tendências do “exercício” sacerdotal, puramente como tal, como outra força, também essencialmente decisiva”.

Essa força leiga atuante é definida por Weber (2003. P. 313) como *profeta ético*. Luciene, através de suas revelações, da condescendência de Roldão e o apoio da comunidade de fé se torna imbuída destas características proféticas, desqualificando algumas ações de Roldão, criando assim, novas profecias, gerando mudanças na tradição por ele estabelecida.

O profeta ético e exemplar, em regra, é ele mesmo um leigo e, em todo caso, apoia a sua posição de poder sobre o grupo de adeptos leigos. Em virtude de seu sentido, toda profecia, ainda que em grau diverso, desvaloriza os elementos mágicos do sacerdócio organizado (Weber 2003. P. 313).

Outro motivo que levou a superação carismática de Luciene sobre Roldão foi a não aceitação de sua missão por parte de sua esposa e familiares. Tereza relata que Luciene apresentara uma revelação na qual Roldão e sua família deveriam residir no espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto, convertendo-se à comunidade de fé, mas não o fizeram por ser mundanos e ligados à ciência, o que, como vimos no capítulo anterior é contra os preceitos instituídos pelo líder. “Pois! Roldão teve uma missão pra fazê aqui na terra, mas ele num fez que o Deus mandô! Que o Deus mandô, num fez. [...] A família dele era toda da sociedade, da ciência”.

Tereza ainda descreve que Roldão tentara convencer sua esposa a residir com ele no espaço da Casa de Caridade, e segundo ela, fora ludibriado pelos familiares:

O mal vem e num deixa. Vê seu Roldão? Seu Roldão falô com Dona Antôinha pra morar aqui, aqui nessa rua. Tinha até o cantinho dele aqui (na Casa de Caridade Jesus no Horto), pra morar com dona Antôinha, mas, num sei se é parente de vocês, mas tapiaro ele, as fia. Uma vez ela chegô falano, vêi aqui. Eu fui falá assim com ela, ela tirô até o sapato pra mi dá (me bater), num sabe?

O líder do “Borboletas Azuis” mais uma vez é exposto por Luciene por revelação do Pe. Cícero e, desta vez, a acusação não é somente espiritual, mas concernem às atitudes morais do precursor do movimento. Roldão é revelado publicamente como um homem que mantinha relações sexuais e matrimoniais com duas mulheres, fazendo parte de duas famílias. Casado oficialmente com Antônia, mantinha outra esposa e filhos no bairro da Liberdade.

Weber aponta que o profeta ético desenvolve uma ação fiscalizadora que desprivilegia as características mágicas e hipervaloriza o relacionamento correto com o transcendente e suas ordenanças, estabelecendo uma posição de rejeição e ceticismo sobre as atividades sacerdotais. “Não são holocaustos o que o deus dos profetas israelitas quer, mas obediência aos seus mandamentos” (WEBER, 2003, p. 314).

Ao discorrer sobre as ações de profetas éticos na história, Weber (2003, p. 314) aponta:

Mas todos eles aproveitaram-se do prestígio que o carisma profético, como tal, encontrou entre os leigos em relação aos técnicos do culto cotidiano: a santidade da nova revelação defronta-se com a santidade da tradição e, dependendo do êxito da demagogia de ambas as partes, o sacerdócio compromete-se com a nova profecia, adota-a ou sobrepuja sua doutrina, elimina-a ou é eliminado ele mesmo (WEBER, 2003, p. 314).

Assim, o líder encontra seu carisma posto em pauta por seus liderados que passam a acreditar que, ao manter esta relação, Roldão peca contra Deus, contra os princípios do cristianismo, da Igreja Católica e do movimento. O menino Jesus ordena em uma das reuniões que para permanecer fazendo a obra que foi designada pelo Pe. Cícero, Roldão deveria deixar sua segunda família, arrependendo-se e mantendo somente sua família oficial.

Ao questionarmos sobre o fato de Roldão ter estabelecido laços com duas famílias, Helena afirma:

Seu Rodão tinha outra família aqui, antes de ele fazer a missão dele! Quando ele começô a missão dele, ele tinha uma família aqui, fora a família dele, que ele tinha legalmente. Que era casado, a sua bisavó, dona Antônia. Então ele tinha essa família aqui (em Campina Grande) [...] Ela morava aqui na liberdade (bairro próximo à Casa de Caridade). Eu cunhicia ela. Ele tinha ela, dois filhos que ele tinha, uma moça e um rapaz. De vez em quando o filho dele vinha aqui ver ele! Ficava ali sentado esperando ele terminar os trabalhos. A gente sabia que era o filho dele, mas... Ele, por ordí de Pe. Ciço Rumão Batista (Luciene). Seu Rodão, pra cumprí uma ordí nessa casa, teve que deixá essa família. Teve que se separá dessa família. É tanto que quando ele se separou, o Pe. Ciço disse: Pode se separá que ela logo, logo vai casar de novo! Ela vai casá! E ela casou de novo, e teve mais dois filho!

Stanley, durante entrevista, questionado sobre a outra família de seu avô revelara que a solução não fora somente espiritual. Como seu avô não queria deixar a segunda família desamparada propôs a um amigo um acordo secreto, estabelecer matrimônio com a esposa que deixara, pois como tinha uma condição financeira abastada, prometeu sustentar o amigo e a família até os seus últimos dias. Segundo seu neto, quando Roldão decidiu vender todos os

seus bens e viver somente de rendas, se dedicando totalmente ao movimento, na divisão de bens, privilegiou a segunda família a contragosto da oficial, beneficiando primeiramente a esposa que deixara e os filhos para depois beneficiar os atuais.

Confiramos o depoimento de Stanley:

E depois, ele caiu nessa parte religiosa dele. Que foi muito forte pra ele. Fez uma renúncia de vida muito grande. Sei também que ele teve outra família, né? E na época, que ele se dedicou mesmo a Igreja. Ele fez uma divisão dos seus bens, inclusive a primeira parte de... Me lembro bem, que meu pai era o mais velho. E eu não participei da reunião, mas ele comentou comigo, com nós. Que ele ia dividir os bens dele por que ele ia tomar o rumo na Igreja dele. Que era o que ele queria, e os filhos não aceitavam, né? Porque ele doava terras, em Bodocongó. E essas coisas, da maneira que ele queria e que tinha sido fruto do trabalho dele. Mas a família não aceita. Na realidade, né? Então ele juntou os filhos, e disse que ia dar um dinheiro aos filhos de Célia, que eu não conheço essa pessoa, Célia. Mas é uma pessoa que tem raízes também no sertão. E ele teve, se eu não me engano, quatro filhos. E ele deixou os quatro filhos, na época encarregados, o meu pai, João Mangueira, neto, uma tia minha. Tia Ilda pra fazer esse, essa divisão. Deve ter tido uma reunião com Célia, com os filhos de Célia, que era... Se eu não me engano era quatro. E eles acertaram a parte deles lá. E foram os primeiros a receber a herança de Roldão Mangueira.

Weber afirma que o líder carismático pode ser posto em prova quando não se demonstram mais evidências de seu carisma ou quando ele parece ter sido abandonado pelo seu Deus perdendo o vigor heroico e ou mágico. Uma questão moral como a prática de bigamia pode ter sido delimitadora para o enfraquecimento da moralidade e do poder espiritual de Roldão, perdendo em parte o reconhecimento por parte do grupo. “[...] se sua liderança não traz nenhum bem-estar aos dominados, então há a possibilidade de desvanecer sua autoridade carismática” (Weber 2003, p. 159).

Além disso, o líder do “Borboletas Azuis” não encontrou apoio na família. Nenhum de seus familiares aceitava ou dava crédito à sua missão. Isto era fato percebível tanto para a comunidade de liderados, como dos familiares. Roldão expressava esta carência no movimento e passara a ele mesmo duvidar de sua missão, sentindo o peso do comprometimento e renúncia que fizera.

Afirmamos o relato de Tereza sobre um episódio em que Roldão expressava esta dúvida:

Roldão tinha uma mediunidade tão importante! Tão fina, tão fina, mas ele num cumpriu as ordi. Tá veno isso aqui, o exemplo? Um dia tava Roldão ali im pé! Eu vou dizer novamente. Um dia tava Roldão ali im pé (afirmando): - Eu sei que num vou cumprir essa missão não que ela é muito ispinhosa.

Muito perseguido, muito espinhoso. Mas eu quero meu túmulo ali, quero me enterrar ali (no espaço do templo)!

De acordo com Tereza, até mesmo as manifestações na mesa de caridade por meio do quadro administrativo - representando espíritos que necessitavam de salvação - estabeleciam críticas ao líder:

Aí as criancinha baixava aqui, que vinha recebê luiz. E dizia: Roldão, Roldão! Tem cuidado que tu ainda vai sê preso! Ele pensava que ia sê preso pela cadeia. Preso pelas corrente, preso pelas corrente. As criancinha que vinha recebê luiz, pra subí, num sabe? Os espiltus dos sufredor, de criança. Jesus veio pra julgar os vivos e os mortos. Que já tinha morrido há muito tempo já (as criancinhas). Pra subí! Mode recebê uma luiz. Recebêro luiz aqui pra subí, num sabe?

Stanley, ao discorrer sobre os motivos que levaram seu avô a fundar o movimento e desistir do comércio e da família, estabelece crítica sobre a fixação dele em torno do objetivo idealizado e confessa que, na época, não houve nenhuma atitude por parte dos familiares em torno de auxiliar o ancião ou creditar sua missão:

Se Roldão Mangueira estava certo ou errado, isso não me cabe a mim a julgar. Se a maneira dele fazer caridade era dessa forma. Ele achava que conseguia o céu, quando falava no fim do mundo. Acho que era a vida dele, né? Que ele tinha a certeza do intuito com o Pai, né? Num posso criticar ninguém, né? Acho que ele foi. Ele ficou doente, né? Por que quando a pessoa fica com o pensamento negativo, fixo em uma coisa, a pessoa não tá normal! Ele devia chegar ao ápice da doença dele nos anos 80. E muito... Foi pra ele, muito difícil. Conviver com essa batalha que ele tinha na cabeça, né? E com a imprensa toda em cima dele, né? E também, sem o apoio da família, né? Que ele não teve muito apoio da família. Na realidade, eu não me lembro alguém (da família) dando apoio ao movimento de Roldão.

Helena descreve que Roldão se encontrava doente porque não se dedicara totalmente ao movimento, valorizando mais sua família, que não lhe dava apoio, do que o movimento. O Menino Jesus, então por intermédio de sua filha, decreta a cartada final, Roldão deveria deixar sua família e viver para o movimento ou morreria. Segundo Helena, foram feitos vários trabalhos de libertação e cura no líder por meio de seus liderados próximos, mas não houve êxito porque ele não fora obediente às ordenanças do Menino Jesus, culminando em seu falecimento:

E seu Rodão, quando o Minino Jesus (Luciene) fazia as práticas dele, todos os domingo. Domingo de tarde, ele fazia as prática dele aqui. Intão, seu Rodão presente e todos os que fazia as prática aqui presente. Ele (Jesus) fazia as prática e dizia... dava os conselho. [...]Então, seu Rodão perguntou

(a Jesus/Luciene) o que é que ele iria fazê, que a família num ajudava ele, no sentido... Não no sentido financeiro, que isso ele... Era ajudá ele no sentido do que ele tava sentindo. Aí foi no que o Minino Jesus falô que se ele quisesse realmente cumpri uma missão com Deus, ele tinha que deixá a família dele, se separá da família... não se separá, abandoná! No sentido de ele se separá para ele superá aquela dor espiritual que ele tava sentindo. Que seu Antônio dizia e ele, o próprio seu Rodão dizia. Dizia pra todos nós ouvi, né? Então foi feito muitos trabalho pra ele, mas ele num cunsguia superá. Porque também num houve uma obediência total. Então sem obediência, então, morreu, né? Foi pro hospital e fez aqueles tratamento todo no hospital e com poucos tempo ele morreu.

O dilúvio não acontece e pouco tempo depois Roldão falece. Luciene deixa o movimento e se casa. O “Borboletas Azuis” perdem duas figuras de destaque na liderança e atuação do movimento. Além desta perda, o número de adeptos cai exponencialmente. As pessoas que creditavam veracidade ao dilúvio passam a manter descrédito aos ideais do grupo.

Helena descreve que o exemplo para a humanidade por meio da “Lavagem de Purificação Universal” porque os principais líderes do movimento tombam em infortúnio, cometendo pecado contra Deus e o grupo. Tanto para Helena como para Tereza, o dilúvio não acontece pelo motivo do pecado e do afastamento de Roldão e Luciene da Casa de Caridade Jesus no Horto e do movimento messiânico milenarista “Borboletas Azuis”. Para as remanescentes, a busca dos próprios interesses dos maiores ícones do movimento foi o motivo pelo qual a profecia perdeu a sua força e assim, não aconteceu:

Quando foi na época que teve a previsão, que foi distribuído panfleto e tudo. Tinha esse exemplo, que a humanidade ia ter esse exemplo. Os principais cabeças daqui de dentro caíram! Roldão e Luciene! [...] Porque eu fiquei muito angustiada, desesperada! Fiquei muito angustiada por conta que era uma coisa que eu achava que a humanidade tava muito merecida! Que nós... Nós que tava aqui dentro! Também estávamos muito miricado desse exemplo. Não só os de fora! Os daqui de dentro tava precisando. Pra se purificar ainda mais e fazer mais as vontade de Deus. Então, num houve! Quando num houve, então, seu Rodão caiu dessa parte. Ele adoeceu. Nós aqui não acreditamos em doença.

Em relação ao casamento da filha com um dos adeptos do movimento, abandonando o chamado que recebera para ser casta, rejeitando o privilégio de ser uma freira do movimento e “um assombro para a humanidade”, Helena articula:

Isso, ela... Ela... Resolveu casá! Como Deus deu a liberdade a todos nós... Ela resolveu... Ninguém podia impatá! Então, contra muito, contra a minha vontade. Aproveitou-se porque ele era adepto daqui e casô cum ela, casô

mesmo, casô na Igreja, casô bem direitinho. 26 anos que ela foi casada, nunca foi feliz na vida! Ele só tirou ela dessa casa, da missão dela pra judiá, pra maltratar. Pra empatar ela de ser feliz.

Tereza também afirma que ao decidir casar, Luciene perde seu poder (carisma), dando espaço para que o *mal* a afastasse de sua missão. Ela teve um privilégio acima de todos os asseclas, por receber o espírito do próprio Jesus e abandonou o seu chamado:

Aí o mal vê e feiz assim, tirô a minina daqui, vê e tirô. Gente daqui mermo, como é qui podi? Gente daqui querendo ela im namoro? E ela num era dessa forma não, o demóin atacô ela. Meu fi! A pissoa cumpri uma missão na terra é muito difícil, é muito difícil. Pa cumpri uma missão aqui na terra. Jesus vê nela, num foi na gente naum, vê nela. Mas as matéria foi muito fraca.

Desse modo, Helena e Tereza, trazem um novo significado ao movimento. Seu discurso responde aos anseios da comunidade de fé, que esperavam uma resposta sobre o fato de que Deus não enviara o dilúvio. Esta racionalização formalizada pelas duas adeptas, associada à profecia do Pe. Cícero - apresentada por Antônio de França - foram decisivas para que os poucos adeptos que permaneceram na Casa de Caridade Jesus no Horto não abandonassem de vez o movimento.

Permaneceram apenas nove 9 adeptos freqüentando a Casa de Caridade Jesus no Horto, sua sede no populoso e pobre bairro do Quarenta. Quatro destes são pessoas de fracos laços familiares - solteiros, viúvos ou casados separados de seus cônjuges - pessoas de meia idade ou idosas, que passaram a residir na Casa de Caridade. Os demais residem com suas famílias, reunindo-se a estes duas vezes por semana, para rezarem em conjunto no templo, ainda com suas vestimentas religiosas (NEGRÃO, 1981, p. 2).

Nesse último tópico que se segue, delimitaremos a atuação de liderança de Helena e Tereza, que após a morte de França, do êxodo após o não dilúvio e falecimento dos últimos adeptos do “Borboletas Azuis”, são as únicas pessoas que se reúnem regularmente e zelam pelo espaço sagrado e tradição do grupo, na esperança do surgimento de um novo messias que trará o movimento de volta a sua glória original.

3.7. Helena Diniz e Maria Tereza - A recente atuação da mulher no movimento “Borboletas Azuis”.

Ao conversar com Helena Diniz, acabamos descobrindo que a letra da transcrição de todas as cartas era de seu punho. França ditava e ela escrevia, e posteriormente, datilografava

e enviava todas as correspondências. Percebemos neste ato, uma delimitação do poder feminino dentro do movimento. O poder da palavra e autoria era de França, e Helena se tornava uma coadjuvante invisível que somente cumpria papel de secretariado executivo.

Ela nos relatara que França a procurara e confessara que não escrevia muito bem, afirmando ser necessário que alguém transcrevesse as revelações do Pe. Cícero e depois as datilografasse para que fossem enviadas aos visitantes e autoridades políticas e religiosas sem que houvesse erros, o que passou a ser função principal de Helena. Como as revelações eram do Pe. Cícero, por meio de França, nas cartas que tivemos acesso, constam seu nome e como líder e a autoria do santo Padre, assim, o trabalho de Helena se torna secreto e sua participação, desconsiderada pela liderança.

A mulher se delimita no universo da pureza e da fragilidade. Protegida e suprida pelo homem, sua função é a de auxiliar o marido e cuidar dos filhos e do lar. A mulher é comparada à Maria, reproduzindo dela os atributos de submissão e fragilidade, sendo emotiva e fraca, ou seja, um deus menor, inferiorizado. “Na história da humanidade, uma das formas mais cruéis de opressão contra as mulheres foi à imposição do silêncio: história e vidas de mulheres foram silenciosas e silenciadas, silenciados foram também os gritos de socorro”. (SOUZA, 2009, p. 87).



Figura 43 – Helena Diniz. Entrevista realizada na Casa de Caridade Jesus no Horto em 27 de fevereiro de 2014. ¹⁰⁵

¹⁰⁵ Acervo Pessoal do pesquisador.

Em todas as tradições religiosas cristãs, seu papel se torna secundário, de auxílio e subordinação. Uma ajudadora, auxiliadora, além disto, existe também uma herança cultural negativista que classifica a mulher como semelhante à Eva como precursora do pecado original e da tentação. Para a figura dominante do homem, a mulher pode representar a submissão e a pureza frágil ou a tentação e o pecado. “As imagens de Maria e de Eva são evocadas na tradição ocidental cristã como símbolo da mulher. Assim, enquanto uma revela obediência e pureza, a outra reflete desobediência e impureza” (LIMA, 2012, p. 105).

Em visitas que realizamos à Casa de Caridade atualmente, é perceptível a liderança de Helena em delimitar todas as regras de convivência de Maria Tereza consigo e com os visitantes. É Helena quem cuida do templo, embora Tereza resida no lugar. Helena têm as chaves principais, como a exemplo do templo. Nos episódios em que participamos das reuniões periódicas pudemos perceber que é Helena quem dirige as reuniões, define a liturgia, os cânticos, como também as orações.



Figura 44 – Irmã Maria Tereza mostrando um baú com os seus únicos pertences. Um caderno de orações e cânticos transcritos à mão e dois timões usados no dia-dia e alguns documentos pessoais.¹⁰⁶

Contudo, para Helena e Tereza, é necessário que surja um homem que dirija a Casa de Caridade e as lidere a um novo patamar na história da humanidade através do Pe. Cícero. Como elas afirmaram: “fará coisas maiores ainda do que Roldão fez”. Assim, Helena e Tereza não se entendem como líderes por compreenderem que o papel do homem é liderar e da

¹⁰⁶ Fotografia do acervo pessoal do pesquisador.

mulher, prestar auxílio e cuidado. O ganho social masculino da liderança contrasta com a perda feminina, obtendo posições inferiorizadas e servis.

Para Fernanda Lemos (2009):

A representação de gênero é fundamental no âmbito religioso, tão estruturante quanto às relações de classe e etnia. Ser homem e ser mulher no grupo religioso indica muitas possibilidades fadadas única e exclusivamente ao gênero, que podem representar ganho ou perda social para os sujeitos. (LEMOS, 2009, p. 53)

Segundo Helena, como o líder do sexo masculino que é esperado ainda não chegou à Casa de Caridade Jesus no Horto, as reuniões não têm sido realizadas com a mesma frequência de outrora e nem a mesa de caridade é usada nas reuniões periódicas por não haver um líder masculino que apresente mediunidade. “Esta mesa não muda de lugar, tá aí desde a época de seu Roldão. Já consertamos ela umas três vezes. Ali foram feitos muitas curas e o Pade Ciço operava e falava pra todos”.

Para Helena e Tereza, o Padre Cícero continua presente na Casa de Caridade Jesus no Horto, mas somente pessoas com uma “*mediunidade mais forte*” poderiam operar os mesmos milagres de cura e libertação que Roldão operava anteriormente. Estes são os ritos especiais: Ofício de Limpeza, Banho de Sereia, Batismo dos Pagãos e cerimônia da mesa de comunicação. Quem os cumpria eram os líderes do sexo masculino que apresentavam estas características. Em sua afirmação, homens regem a Casa, até mesmo espiritualmente, pois a figura principal e ainda ativa na Casa de Caridade é masculina. O Pe. Cícero: “Enquanto houver dois ou mais reunidos aqui eu estarei nesta casa, disse o Pade Ciço. Ele está aqui nesta casa, você sabia disto?”.

Para Helena e Tereza, Roldão tinha em si, um poder exclusivo concedido pelo Pe. Cícero para desempenhar curas e realizar milagres. Helena afirmou que ele fora escolhido por Padre Cícero, pois somente Roldão apresentava virtude em toda a terra para fundar a Casa de Caridade.

Em entrevista, Helena cita que o Pe. Cícero revelara que havia procurado na terra pessoas capacitadas para abrir mais dez Casas de Caridade, mas que só encontrara uma mulher digna em um país distante e que, mesmo assim, ela não tinha a virtude necessária para dirigir uma casa, pois era apegada aos bens materiais e ao dinheiro:

Essa casa aqui foi aberta por seu Roldão, mas Pe. Ciço queria abrir 10 casa dessa no mundo inteiro e num encontrou ninguém que tivesse a capacidade que seu Roldão teve! Porque ele dava de graça aquilo que ele recebia de

graça. Ele encontrou uma moça, uma senhora no Estado de Minas Gerais. O Pe. Ciço! Ele contou aqui! Eu fiquei lá, assistindo ela. O Pe. Ciço do meio pu fim, ela começou a receber dinheiro. Aí, se afastou. Se afastou!

Dona Tereza contemplava na figura do líder, características semelhanças as de São Francisco de Assis e Padre Cícero, a ponto de anotar em um caderno a data da morte de Roldão, que fora no dia 24 de julho, como 20 de julho, mesma data do falecimento de Padre Cícero que estava anotada ao lado da de Roldão. Assim, sua base de comparação era espiritualmente masculinizada (ARAÚJO 2008, p. 132 e 133).



Figura 45 – Convite distribuído aos familiares e amigos para a celebração da missa de um ano da morte de Roldão.¹⁰⁷

Dentro das representações religiosas do cristianismo, as figuras de liderança do sexo masculino são comparadas a Deus, tornando-se detentores de atributos infalíveis como a força física e a função de prover. O pai como figura patriarcal no lar, exerce as características da força para desenvolver atividades domésticas e do campo, representando a força e o poder de Deus como pai e provedor, sendo este, superior à mulher como a exemplo de todas as figuras patriarcais demonstradas na Bíblia e seguidas como exemplo cotidiano nas comunidades religiosas de base cristã.

¹⁰⁷ Colhido do acervo de David Mangueira, neto de Roldão.

A masculinidade discursada pela religião é aquela que perpassa o universo da força, da potência, da provisão, da grandeza e do poder; características atribuídas a deus que é masculino. Os homens devem expressar sua masculinidade assim como deus, pois são representações dele aqui na terra. (LE MOS, 2009, p. 89).

Fernanda Lemos (2009, p. 53) afirma que, o discurso religioso fundamenta as relações de gênero e delimita a separação entre homem e mulher, dotando-os de características humanas que podem ser entendidas como atributos divinos, o que delimita as relações de ganho e poder dentro da religião.

Consciente ou inconscientemente, as figuras do sexo masculino são comparadas a deuses, tendo atributos infalíveis, detentores do poder e da provisão. Basta atentarmos às representações históricas por meio da arte e iconografia eclesiástica. Deus em forma de homem, cabelos e barba grande e grisalha, corpo escultural e olhar imponente, facilitando assim a dominação e a aceitação de líderes do sexo masculino. Foi assim no mundo grego, na figura de Zeus, no Nórdico através da figura de Odin, assim como as imagens do deus do cristianismo, como a famosa pintura de Leonardo Da Vinci na Capela Sistina.

A mulher, por outro lado, é entendida como uma figura frágil, fraca e emotiva, ou seja, um deus menor, inferiorizado. As representações artísticas sempre demonstram a figura feminina em sofrimento, muitas vezes chorando e com olhar triste, submissa, muitas vezes ajoelhada, representando esta sujeição em detrimento ao homem, “características de um deus fraco e sensível” (Idem, pp. 54 e 55).

As mulheres exercem um papel secundário dentro do movimento “Borboletas Azuis”, e como demonstram os estudos de gênero, é comum esta classificação dentro de qualquer instituição ou movimento religioso. Souza (2009, p. 81) afirma que as mulheres sempre foram esquecidas, colocadas à margem, tanto na história quanto no âmbito religioso. Para o autor, a visão da mulher no imaginário católico brasileiro - religião da qual nosso objeto de estudo deriva - é excluída de papéis de destaque, tanto no âmbito religioso, quanto no social por representarem o pecado original e a tentação, advindas da primeira mulher, Eva:

Permaneceu durante vários séculos a ideia de que a mulher era portadora do mal e da morte, não possuindo nem bondade, nem amizade, sendo incapaz de fortalecer os laços afetivos que poderiam ser construídos com os homens. Foram frequentemente submetidas a teorias naturalistas, como a do “sexo frágil” e teorias conspiratórias como – facilmente possuídas pelo mal e predadoras da humanidade. [...] A dominação masculina é legitimada através das práticas e a religião contribui para justificar este processo. Portanto, a desconfiança sobre a carne estava intrinsecamente ligada às mulheres, elas

eram consideradas pelo clero como criaturas débeis e suscetíveis às tentações do diabo. Tentadora, culpada pelo pecado original e pela queda dos homens, estavam sempre associadas à figura de Eva (SOUZA, 2009, p. 56).

Uma reportagem do Jornal, *O Diário da Borborema* aponta Helena e Tereza como as últimas “Borboletas Azuis”. As mesmas ainda creem que este novo líder surgirá, revitalizando o movimento a ponto de lotar as dependências do templo:

Pouco mais de trinta anos após o aparecimento dos Borboletas Azuis, as duas últimas remanescentes da seita ainda seguem o doutrinamento religioso deixado por Roldão Manguiera, e esperam pelo aparecimento de um messias. Quase todas as noites as aposentadas Maria Tereza e Helena Fernandes se encontram para orar e confirmar sua fé e dizem que ainda esperam o surgimento de um novo líder religioso. Hoje as duas seguidoras ainda mantêm a fé e acreditam que Deus vai mostrar um novo líder para em breve e que a “casa ficará tão cheia que não terá espaço para abrigar a todos” (O Diário da Borborema, 28/03/2010, p. 8).

Quando a entrevistamos, Helena afirmou que nunca se consideraria uma líder, mas sim, uma adepta e disse que espera que um homem de liderança forte fique a frente do movimento. De acordo com Dona Tereza, “o bom é que um homem assumisse a missão, mas na falta de uma pessoa do sexo masculino comprometida, como é ela e D. Helena, elas é que dão prosseguimento aos trabalhos”. (ARAÚJO, 2008, p. 135).

Estas duas mulheres são subjugadas por meio da força simbólica que o movimento exerce até hoje. Mesmo sem a presença física de uma autoridade masculina, mantém o movimento ativo, creem não ter o poder e a capacidade para liderar o movimento. Para elas somente um homem granjearia o poder mediúnico de Pe. Cícero, realizando milagres e revelações. São mulheres submissas ao ideal, que guardam a tradição e esperam por uma figura patriarcal que um dia será enviada por Deus e pelo Pe. Cícero.

De acordo com a tradição religiosa cristã - e no caso de nosso objeto de estudo, ligado ao catolicismo - a figura masculina, por meio da coerção e força, se torna detentora do poder e da manutenção da tradição religiosa. Os únicos líderes do movimento, Roldão Manguiera e Antônio de França eram homens e atualmente, embora Helena Diniz apresente todas as características de sucessão na liderança do movimento, não se imbuí de tal poder por classificar-se como somente uma adepta e que apenas um homem poderá mudar a situação do movimento, trazendo-lhe nova vida.

Helena e Tereza proferiram que permanecerão na Casa de Caridade “até quando Deus e o Pe. Cícero ordenarem” e que tem a função de guardiãs do templo. Nem Helena, nem Tereza reclamam para si o status de emissário divino ou de sucessor do movimento. Para elas, uma nova figura messiânica surgirá para liderá-las e será do sexo masculino. Este homem, fortalecido pelo Pe. Cícero terá poderes ainda maiores do que Roldão e operará milagres ainda maiores do que ele realizara no passado.

5. Conclusão

O fato de o “Borboletas Azuis” ser um movimento puramente nordestino e, acima de tudo, paraibano, eclodindo numa região populosa na urbe de Campina Grande, o diferencia da maioria dos movimentos milenaristas, que por sua vez, emergem em áreas afastadas dos centros urbanos.

Essa diferenciação de localidade e seu apelo pacifista fazem dele um movimento distinto dos demais, talvez por isto, menos valorizado e investigado do que outros movimentos como Canudos, Contestado e Juazeiro, que apresentam características diferenciadas como: rebeliões contra o estado, confrontos armados, morte e estabelecimento de cidades santas, sendo assim, mais estudados e tomados como referencial quando se discorre acerca de movimentos messiânicos e milenaristas no Brasil.

Durante a pesquisa, pudemos perceber que o “Borboletas Azuis” apresenta similaridades com movimentos messiânico-milenaristas que eclodiram no território brasileiro através da influência do Sebastianismo Português, buscando ideais de salvação e instauração de um novo mundo permeado de idealismo espiritual, expresso por meio de uma crítica radical à religião oficial.



Figura 46 – “Borboletas Azuis” em visita à Pedra de Santo Antônio na década de 80.¹⁰⁸

¹⁰⁸ A Pedra de Santo Antônio é situada a cerca de vinte e três quilômetros de Campina Grande, na cidade de Fagundes-PB. O local é conhecido pela aparição da imagem do referido santo, que segundo religiosos populares, realiza curas e abre portas para o casamento dos fiéis que para o local, afluem em procissão. Informações retiradas de: <http://retalhoshistoricosdefagundes.wordpress.com/tag/pedra-de-santo-antonio-2/>. Último acesso em 14/05/ 2013.

O apelo pacifista e altruísta traça uma separação purificatória do grupo em relação ao mundo a sua volta e o assemelha a movimentos messiânicos rústicos que tiveram grande influência e propagação no território brasileiro, especialmente no Nordeste, além de sua ênfase no desapego material, seguindo os exemplos de santos populares católicos como São Francisco de Assis e Padre Cícero que representam popularmente o desejo de ascetismo religioso e devoção. O grupo aderiu aos ideais da teologia franciscana de pobreza evangélica, que:

De acordo com a leitura franciscana, a pobreza evangélica é a dimensão espiritual do amor sacrificial, que serve mais que é servido, que no caso específico das riquezas, não atribui à vantagem econômica razão maior do que a responsabilidade com os excluídos. favorecendo os menos abastados, doentes e necessitados (TELES, 2006, p. 01).

Por ser um movimento messiânico-milenarista de bases católicas e influência espírita, nos foi necessário compreender o desenvolvimento do catolicismo e da cultura popular no Brasil, que favorecem o surgimento de movimentos deste tipo. Além disto, foi também necessário, compreender as bases espíritas que serviram como ponto de entrelaçamento entre estas duas linhas de pensamento religioso para um melhor entendimento de sua estrutura ritual e organizacional.

Como vimos, o grupo legitima as autoridades eclesiais, doutrinas e costumes do catolicismo, tendo grande ênfase na conservação da tradição e dos sacramentos, como o batismo e o casamento. Esta defesa se expressa na luta simbólica contra as mudanças ocorridas no Concílio Vaticano II, que para o principal líder, desabilitam todas as autoridades oficiais por aderirem ao novo modelo de rito e culto, o que o “Borboletas Azuis” denomina de *modernidade*, ou *modernismo*. Mudanças como a missa, celebrada agora em língua materna, adesão de instrumentos elétricos como microfones e guitarras e bateria. Músicas populares não sacras e um estilo de adoração e reverência mais humanizado.

O movimento buscava um retorno às práticas anteriores ao Vaticano II e reproduzia as antigas práticas de orações, jejuns e longas peregrinações em torno de exemplificar as autoridades e população católica, o *verdadeiro* modelo de devoção e fé católica.

Seu modelo de devoção católica, mesmo anexando elementos do espiritismo kardecista, desfavorece o espiritismo e hipervaloriza o catolicismo, construindo um modelo híbrido e único dentre os demais movimentos mistos dessa natureza, nos quais adeptos que afirmam e professam fazerem parte das duas realidades de expressão religiosa, tendo o catolicismo como religião oficial, valorizam na prática, as duas expressões de igual modo.



Figura 47 – Fotografia atual do templo da Casa de caridade Jesus no Horto mantida por Helena Diniz e Maria Tereza (imagem do arquivo pessoal do pesquisador).

Outro fator de devida importância foi reconhecer a não validação da reencarnação por parte do grupo, prática incorporada pelas demais expressões religiosas que estabelecem contato com as doutrinas espíritas kardecistas. Para Negrão (1981), mesmo que o grupo apresente manifestações de espíritos como o de Pe. Cícero, o ato especifica o movimento, “removendo a crença na reencarnação, que era talvez a única crença do espiritismo realmente incompatível com o catolicismo popular” (NEGRÃO, 1981, p. 10).

A exemplo das tantas mulheres que fizeram parte do “Borboletas Azuis”, desempenhando papéis fundamentais e transformadores, impulsionando o grupo e denotando visibilidade, Sandra Duarte de Souza afirma que as mulheres, mais propensas ao trânsito religioso, buscam novas experiências religiosas que se adequem ao seu cotidiano:

Sistemas simbólicos fixados pelas instituições religiosas são fixos até o momento em que uma necessidade especial não é atendida. Como, por força das representações sociais, as necessidades das mulheres são multiplicadas, elas estariam mais propensas ao trânsito, buscando novas combinações que lhes permitam lidar com seu cotidiano, realizando sua bricolagem a partir de elementos escolhidos de sistemas religiosos diversos, configurando uma verdadeira religiosidade da escolha contínua (SOUZA, 2006, p. 28).

Negrão (1981, p. 08) afirma que Antônio de França e os demais seguidores frisavam este resgate da tradição, exigindo que os católicos e autoridades eclesiais seguissem o antigo modelo de reverência e devoção:

A necessidade das preces é enfatizada por todos. Irmã Tereza fala da necessidade de "ficar nessa forma de oração, das preces, que é os fundamento da Igreja Católica". [...] Mas não basta rezar, é preciso fazê-lo adequadamente, isto é, preservando não só a forma verbal original, mas também a postura original, de joelhos, e pronunciar as palavras audivelmente. Isto porque as rezas são principalmente formas de penitência que afastam o mal e redimem do pecado, como afirma Antônio de França: "Deus deixou como remissão de pecado, a oração e a penitência e ninguém faz... hoje na terra. Nem todos os padre estão fazendo oração e penitência [...] Hoje, quem e qui qué fazê penitencia, andá discalço? Qué rezá, passa uma hora de juêlho pra o seu próprio bem? Pouca gente faz na terra, Nem os padre que tem obrigação di rezá, eles num tão fazendo mais isso (Negrão, 1981, p. 08).

Vimos de igual modo, que a influência de figuras consideradas como santas pelo catolicismo popular se fazem frequentes no movimento e influenciaram o grupo durante as práticas de mesa branca e sessões de cura e libertação que eram realizadas pelo fundador em seu centro espírita mesmo antes da fundação da Casa de Caridade Jesus no Horto, tornando-se posteriormente, base na devoção e vivência do grupo. Figuras da devoção popular como o Pe. Cícero, São Francisco de Assis, o Jesus menino e Maria, sua mãe.

Descobrimos que a profecia do dilúvio não foi proferida por intermédio do líder principal e fundador, como é divulgado pela mídia e que o evento faria menção a um desejo íntimo do movimento, purificar a fé católica, que para os mesmos se encontrava corrompida com novas práticas, apresentando descuido em relação ao compromisso com os ensinamentos e costumes do catolicismo popular. Sendo assim, o acontecimento, denominado pelo grupo de *lavagem de purificação universal*, instauraria uma nova aliança divina com eleitos compromissados restaurando a manutenção e defesa dos princípios que antecederam o Concílio Vaticano II.

Apresentamos as lideranças efetivas do movimento e as figuras de destaque que, apesar de não terem sido consideradas pela população Campinense e pela mídia como tal, foram fundamentais em torno de estabelecer projeção midiática e a adesão de uma quantidade significativa de seguidores, como a exemplo de Luciene Diniz, profetisa responsável pelo uso das vestes características do grupo e proclamadora do evento diluviano.

Estabelecemos uma apresentação da biografia de Roldão Manguiera, fundador do "Borboletas Azuis" em prol do entendimento dos motivos que geraram influência para o desenvolvimento deste modelo ímpar de expressividade religiosa. Investigamos suas bases de

fé no catolicismo e seu contato com religiões kardecistas de mesa branca, culminando num hibridismo peculiar que trouxe referencia ao movimento.

Foi necessário explorar os momentos anteriores e posteriores ao não-dilúvio para poder compreender os períodos de liderança por meio do fundador e demais sucessores, época em que Roldão Mangueira realizava supostas curas e libertações no espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto, sendo esta ainda uma Casa de Caridade Espírita fundada pelo mesmo.

Por influência e necessidade dos novos adeptos, que eram seguidores do Catolicismo Popular e encontraram na figura do curandeiro um novo *messias*, era necessário uma nova modelagem do movimento, que se deu através da figura de Luciene Diniz, trazendo ao movimento uma revitalização dos ícones sagrados, inserindo Maria e o Menino Jesus ao rol de espíritos guias católicos, superando o Pe. Cícero e São Francisco de Assis, apresentando a profecia diluviana e a admissão das vestes características do grupo, que remetem a Maria e os apóstolos.

Com a afluência de seguidores, o afastamento de Roldão por motivos de saúde e a nulidade do evento diluviano, o movimento necessita de um novo remodelamento para que não finde. Segundo Weber (1994, p. 29), cada um dos participantes pode se *imputar* sobre todos os demais, “de modo que tanto as probabilidades como as consequências, para o bem ou para o mal, recaiam sobre estes últimos”. Assim, expomos os desafios acrescidos ao novo líder Antônio de França com o afastamento do precursor e fundador do movimento ao mesmo tempo em que os seguidores enfrentavam a derrota da não-eleição eterna por causa da estiagem que negara a profecia do dilúvio no dia 13 de maio de 1980, fazendo debandar a maioria dos membros, insatisfeitos e irritados por crerem num dilúvio seco.

Acompanhamos a ressignificação do movimento por parte do novo líder, apoiado por Helena Diniz e Maria Tereza, afirmando que Deus mudara de ideia, instaurando uma nova oportunidade a humanidade desviada e corrompida, trazendo novo fôlego ao grupo e mantendo os poucos adeptos que resistiram ao êxodo dos descontentes.

França consegue sistematizar a doutrina do fundador e defendê-la por meio de correspondências enviadas às autoridades eclesiais como a exemplo do Papa João Paulo II, assim como figuras políticas do cenário regional, nordestino e brasileiro mídia e comunidade, reintegrando o grupo e destacando novamente o movimento no cenário do país.

As devidas correspondências enviadas em tom de protesto contra ações das figuras citadas reforçavam a sistematização do pensamento religioso do profeta Roldão e produziam alicerces referencial doutrinário aos seguidores que continuaram fiéis ao princípio original do antigo líder, agora repaginado por Antônio, que passa a receber o espírito do Pe. Cícero

estabelecendo perdão à humanidade, por ordenança divinal, cedendo uma nova oportunidade de arrependimento a todas as criaturas.

Percebemos que França insere um novo status ao movimento, transformando a tradição oral do grupo em documentação psicofônica, sistematizando a doutrina e os costumes e implantando uma significativa produção literária, que além de fundamentar e sistematizar as teorias do antigo líder, apresentam referência histórica e de pesquisa.

Helena e Tereza, de igual modo, ressignificaram o movimento ao divulgar que os seguidores que deixaram o movimento eram covardes que temiam o fim e a destruição ao invés da purificação da humanidade, por isso, indignos de continuar na Casa de Caridade Jesus no Horto. As duas ainda justificam o não-dilúvio ante supostos desvios de conduta e fé cometidos por Roldão e Luciene Diniz, principais lideranças responsáveis e porta-vozes do São Francisco de Assis, Pe. Cícero, Maria e Menino Jesus.

Demonstramos o auxílio e o espírito prestativo de Helena Diniz, auxiliando o novo líder na transcrição e envio de correspondências psicofonadas pelo espírito do Pe. Cícero e sua capacidade de liderança após o afastamento de França por motivos de doença, assim como a atual manutenção do espaço de reuniões e Templo na Casa de Caridade Jesus no Horto, com o auxílio de Maria Tereza.



Figura 48 – Maria Tereza em seu quarto, realizando orações diárias pela humanidade.

Descobrimos que as últimas devotas, Tereza e Helena, demonstram que o movimento ainda vive e se expressa na comunidade campinense por meio da presença constante destas figuras, trajando timões azul e branco nas imediações da cidade de Campina Grande,

demonstrando que o movimento “Borboletas Azuis” persiste apesar da escassez de manifestações espirituais reveladoras e conversão de novos adeptos.

Embora atualmente o “Borboletas” não adicione nenhuma nova revelação, as duas defendem e mantêm a tradição sinalizando sua parca, mas significativa existência, exemplificada pela piedade, orações contínuas e aparições na urbe, trajando as vestes características do movimento, proclamando os ideais do fundador e as asserções dos líderes sucessórios por onde passam.

Foi perceptível em nossa pesquisa uma atuação feminina constante durante todo o processo de fundação, crescimento, arrefecimento e atual manutenção dos ideais do grupo e do espaço ritualístico, a Casa de Caridade Jesus no Horto. Figuras como Luciene Diniz que consegue denotar poder e voz à mulher por meio das revelações de Maria e o Menino Jesus. A atuação fidedigna e constante de Maria Tereza apoiando os principais líderes, elaborando ressignificações e mantendo a tradição e a vida do movimento, além de conservar as suas próprias custas materiais o templo. Helena Diniz, que desponta como líder atual e reforço da tradição e costumes do grupo, denotando representação carismática sucessória à espera de um novo líder com características semelhantes às do fundador.

Esta presença feminina não foi profundamente explorada e discutida em nosso trabalho por não ter sido este nosso foco principal, mas aponta para futuros trabalhos e pesquisas que explorem gênero e que valorizem a atuação de grupos desvalorizados e esquecidos pela mídia e tradição, que em sua maioria, contribuem significativamente para o surgimento de movimentos religiosos de tradição masculinizada que apresentam líderes masculinos como detentores de tal desempenho.

Esperamos que este trabalho possa servir com fonte para pesquisadores que necessitam conhecer um pouco mais sobre a história do movimento “Borboletas Azuis”, suas lideranças e atuação na cidade de Campina Grande. Abrindo vanguarda para novas análises que valorizem movimentos messiânicos e milenaristas que se expressem em nosso território nacional e terminam esquecidos pela ação do tempo e da escassez de fontes para um possível resgate histórico.

Referências Bibliográficas.

- ABREU, Martha. **Religiosidade popular: problemas e história.** In: Lima, Lana Lage et all. História e Religião: VIII Encontro regional de história núcleo RJ. Rio de Janeiro: FAPERJ. Mauad 2002.
- ANDRADE, Maristela O. de. **Milenarismo e Utopias:** a busca do quinto império. João Pessoa. Ed. Manufatura. 2003
- ARAÚJO, Lidiane C. R. de. **Borboletas Azuis de Campina Grande** – Crenças, prática e luta de um movimento messiânico milenarista. 2008. 166 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Campina grande. Centro de Humanidades. Campina Grande, Paraíba. 2008.
- ARRUDA, João. **Canudos: Messianismo e Conflito Social.** Fortaleza. UFC/SECULT. 1993. 183 p.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião?** 5º edição. São Paulo. Loyola, 2003.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado:** Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo. Paulus. 1985. 202 p.
- BOFF, Leonardo. **A oração de São Francisco:** uma mensagem de paz para o mundo atual. Rio de Janeiro, Sextante, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade:** um caminho de transformação. 3º ed. Rio de Janeiro. Sextante. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro. Difel, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo:** Um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007, p. 15-24; 253-292, p. 465-474.
- CÂMARA NETO. Isnard de Albuquerque. Diálogos sobre religiosidade popular. Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogosreligiosidade-n2-202.pdf>. Acesso em 20 de fev. de 2012.
- CARNEIRO, M. A. **Os Borboletas Azuis.** 2 ed. João Pessoa. Grafset. 1995. 66 p.
- CAVALCANTE, G. **Jornal da Paraíba, Campina Grande**, 15 mai.2012. Cidades, p. 5.
- CAMPBELL, Joseph. 1904-1978. **O Poder do Mito** / Joseph Campbell, com Bill Moyers: org. por Betty Sue Flowers: tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo. Palas Athena, 1990. 250 p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 8º edição. Petrópolis. RJ. Vozes, 2002.
- CÉSAR, Aldilene Marinho. **As transformações religiosas e a representação da Impressão das Chagas de Francisco de Assis nos centros artísticos “hispano-italianos” dos séculos XV e XVI.** XIII Encontro de História. Anpuh-Rio, 2008. 7 p.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. São Paulo. Difel, 1990.
- COHN, Gabriel. **Crítica e resignação:** Fundamentos da Sociologia de Max Weber. São Paulo. T.A. Queiroz editora, 1979.
- COHN, Norman. **Na senda do Milênio: milenaristas, revolucionários e anarquistas místicos da idade média.** Lisboa. Editorial Presença. 1981

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro. Ministério da Cultura. 76 p.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo, Umesp. 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 1 ed. São Paulo. Martins Fontes 1996. 512 p.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4º ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **O sagrado e o profano**. 1º ed. São Paulo. Martins Fontes. 1992. 194 p.

ECCO, Clóvis. **Ideário Católico Sobre Família em um Contexto de Secularização**. In Religião e (Re) Significação da Intimidade. LEMOS, Carolina Teles (Organizadora). Goiânia. Ed. Da PUC Goiás; Ed. Kelps, 2012. 190 p.

FERNANDES, Rubem César. **“Religiões Populares”**: Uma Visão parcial da Literatura recente. Boletim informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BID), Rio de Janeiro, n. 18, p. 3-26, 1984.

FILHO, José Honório das Flores. **Um Novo Herói Messiânico do Sertão Nordestino?** Uma Análise Sobre os Supostos Elementos Messiânicos no Fenômeno do Catolicismo Popular de Frei Damião. In Movimentos Messiânico-Milenaristas. LEMOS, Fernanda (Organizadora). 1 Ed. João Pessoa Ed. Universitária UFPB. 176 p.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.

GIDDENS, Anthony. Religião. In: **Sociologia**. 4º ed. São Paulo: Artmed, 2005, p. 426 453.

LAZARTE, Rolando. **Max Weber: Ciências e Valores**. São Paulo. Cortez editora. 1996. 122p.

LEITE, Deodato Ferreira. **Francisco: Cantor da Paz e Alegria**. São Paulo. Paulinas, 2012, 298 p.

LEMOS, Fernanda. **Religião e masculinidade**, identidades plurais na modernidade. Santo André. Fortune. 2009. 168 p.

LEMOS, F.; CAMPOS, L. S.; SENA, J.R. F. de.; MEDEIROS, G.F. ; FILHO, J. H. das F. **Movimentos Messiânico-Milenaristas**. LEMOS, Fernanda (Organizadora). 1º Ed. João Pessoa Ed. Universitária UFPB. 176 p.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. **Castidade e Silêncio nas Casas de Caridade** – Uma Análise do Discurso de Pe. Ibiapina. In Religião e (Re) Significação da Intimidade. LEMOS, Carolina Teles (Organizadora). Goiânia. Ed. Da PUC Goiás; Ed. Kelps, 2012. 190 p.

LOPES, S. **As últimas Borboletas Azuis**. Diário da Borborema, Campina Grande, 28 mar. 2010. Cotidiano, (Capa)

_____. **A resistência das borboletas azuis**. Jornal Diário da Borborema, Campina Grande. 28 de mar. 2010, p.8

MACÊDO, José Rivair & MAESTRI, Mário. **Belo Monte: História da Guerra de Canudos**. Coleção Realidade Brasileira, 4º ed. São Paulo. Editora Expressão Popular. 2011. 196 p.

MEDEIROS, Gracilene Felix. **As Relações de Gênero Intrínsecas nos Movimentos Messiânico-Milenaristas: Um Estudo Teórico do Movimento Mucker Através da Figura de Jacobina.** In **Movimentos Messiânico-Milenaristas.** LEMOS, Fernanda (Organizadora). 1 Ed. João Pessoa Ed. Universitária UFPB. 176 p.

MOORE, Thomas. **Utopia.** Coleção Grandes Obras do pensamento Universal. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo. Editora Escala. 1999. 114 p.

NASCIMENTO, Mara Regina do. **Religiosidade e Cultura Popular: Catolicismo, irmandades e tradições em movimento.** Revista da Católica. Uberlândia, MG. v.1, n. 02. 2009, p. 119-130.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 16, n. 46. Junho de 2001, p. 119 a 129.

_____. **Surtos messiânico milenaristas no Brasil.** Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião. São Paulo. Paulinas - Instituto Metodista de Ensino Superior. Ano 1, n. 1, junho de 1983. Pp. 51-56.

_____. **A Tradição Revelada: Reações do Catolicismo Popular às Renovações Eclesiais.** Trabalho Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho Religião e Sociedade", Nova Friburgo. USP/CER, outubro de 1981. 20 p.

_____. & CONSORTE, Josildeth Gomes. **O Messianismo no Brasil Contemporâneo.** São Paulo. FFLCH-USP/CER, 1984, p.303-428 (coleção Religião e Sociedade Brasileira).

OTTO, Rudolf. **O Sagrado.** São Leopoldo, Ed. Sinodal e Petrópolis, Ed. Vozes. 2007. 224 p.

POSSEBON, Fabrício. LIMA, Danielle V. B. de. ANDRADE, Joel C de S. SILVA, Miguel P. da. **O que é Messianismo Milenarista.** São Paulo. Ed. Universitária UFPB. 2008. 104 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no mundo.** II Ed. São Paulo. Editora Alfa e ômega. 1976. 448 p.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social/ A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S.A. 1966. 356 p;

QUEIROZ, Renato da S. **Mobilizações sociorreligiosas no Brasil: Os surtos messiânico-milenaristas,** Em *Revista USP* São Paulo, n. 67, setembro/novembro 2005. Pp. 132 a 149.

ROSSI, Luiz Alexandre S. **Messianismo e Modernidade.** Repensando o Messianismo a Partir das Vítimas. São Paulo. Paulus. 2002. 186 p.

SENA, J.R. F. de. In **Liderança Carismática e Movimento Messiânico-Milenarista: Um Breve Olhar Weberiano.** In **Movimentos Messiânico-Milenaristas.** LEMOS, Fernanda (Organizadora). 1 Ed. João Pessoa Ed. Universitária UFPB. 176 p.

SOUZA, Edmundo. **Mulher em cena, a condição da mulher no catolicismo de Juazeiro do Norte.** São Paulo. Fortune Editora. 2009. 128 p.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade.** Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 21-29, dez. 2006.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis, o santo relutante.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

TELES, Francisco Gonçalves. **Teologia Franciscana da Pobreza Evangélica**. Âncora-Revista Digital em Estudos de Religião. 2006, p. 62 a 82.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos: Expressões e Propriedades**. São Paulo. Paulinas. 2005. 160 p.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva - Volume I**. Brasília. Ed. Universidade de Brasília. 1994. 426 p.

Cordéis:

GODELIVIE, M. **Cordel (Com Roldão Mangueira nem Pedro afunda)** Campina Grande, Mai. 2012.

Fontes digitais:

FIEC – Federação da Indústria e Comércio – Scief.org.br. Disponível em: <http://www.sfipec.org.br/novidades/novidades1/281002.asp#valorizando>. Acesso em 08/10/2013.

Franciscanos.org.br. Disponível em: http://www.franciscanos.org.br/?page_id=1114#sthash.Z9dbnq2f.dpuf. Acesso em 11/01/2014.
Angel Fire. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ar2/jcarthur/sfco2.htm#vida>. Acesso em 11/01/2014.

Leal, Edson Pereira Bueno. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/economia-brasileira-decada-de-1980/69426/>. Acesso em 12/ 10/ 2013.

Rcespiritismo. Disponível em: http://www.rcespiritismo.com.br/conteudo_site/pdf_anteriores/Rce01especial/materia4.pdf. Acesso em 21/01/2013.

RenatoDiniz.com – Um pouco de tudo na visão de quem acha que entende do assunto. Disponível em: <http://www.renatodiniz.com/2014/05/a-ultima-borboleta.html>. Acesso em 25 de abril de 2014.

Usina de Letras. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=13287&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em 18/05/2013.

Constituição Conciliar - Sacrosanctum Concilium - Sobre a Sagrada Liturgia. Disponível em: <file:///D:/documentos/Vat%20II/Sacrosanctum%20concilium%20-%20A%20Sagrada%20Liturgia.htm>
Último acesso em 27/02/2014.

Levantamento documental

1 – Arquivo pesquisado:

1.1 – Anuário de Campina Grande, 1982, arquivo MHCG.

2 – Fontes primárias:

2.1 – Jornais do estado da Paraíba:

2.1.1 – A União, João Pessoa, 1980.

2.1.2 – Diário da Borborema – Campina Grande, 1980; Diário da Borborema, 28 de março de 2010.

2.1.3 – Jornal da Paraíba, Campina Grande, 1980; Jornal da Paraíba, 15 de maio de 2012, p. 05.

2.2 – Revista:

2.21 – Revista Manchete. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1979, p. 60-80.

3 – Entrevistas Utilizadas:

3.1 – David Livingstone de Arruda Manguiera – Neto de Roldão Manguiera. 29/05/2013, 31/05/2013. Além de entrevistas anotadas em diário de campo em 2014.

3.2 - Helena Diniz – Adepta e atual líder do movimento. 13/04/2013, 21/05/2013, 02/06/2013, 15/09/2013 e 12/02/2014. Além de entrevistas anotadas em diário de campo em 2014.

3.3 - João Stanley de Arruda Manguiera – Neto de Roldão Manguiera. 12/06/2013, 16/06/2013, 09/04/2014. Além de entrevistas anotadas em diário de campo em 2014.

3.4. - José Nivaldo Manguiera – Neto de Roldão Manguiera. 13/02/2014.

3.5 - Luíza Araújo Santos – Esposa de um dos vaqueiros de Roldão Manguiera e atualmente cuidadora de idosos. Ela auxiliou Roldão e sua esposa, Antônia de Figueiredo, durante os períodos em que se encontravam com a saúde debilitada. 27/01/2014

3.6 - Maria das Graças Santos – Doméstica. Visitou algumas vezes a Casa de Caridade em busca de cura para sua mãe debilitada. 20/03/2014.

3.7 - Maria de Fátima – Doméstica e trabalhou durante dois anos na residência de Roldão Manguiera na época em que o líder dos “Borboletas Azuis” se encontrava acometido de câncer. 15/02/2014. Além de entrevistas anotadas em diário de campo em 2014.

3.8 - Maria do Carmo Dantas – Residia em um sítio próximo à fazenda principal de Roldão. Visitou a Casa de Caridade Jesus no Horto somente uma vez a convite de Roldão em busca de solucionar problemas espirituais. 23/03/2014.

3.9 - Maria Tereza – Adepta atuante desde a fundação do movimento e atual freira guardião do Templo. 13/04/2013, 21/05/2013, 02/06/2013, 15/09/2013 e 12/02/2014, 21/03/2014. Além de entrevistas anotadas em diário de campo em 2014.

Apêndice.

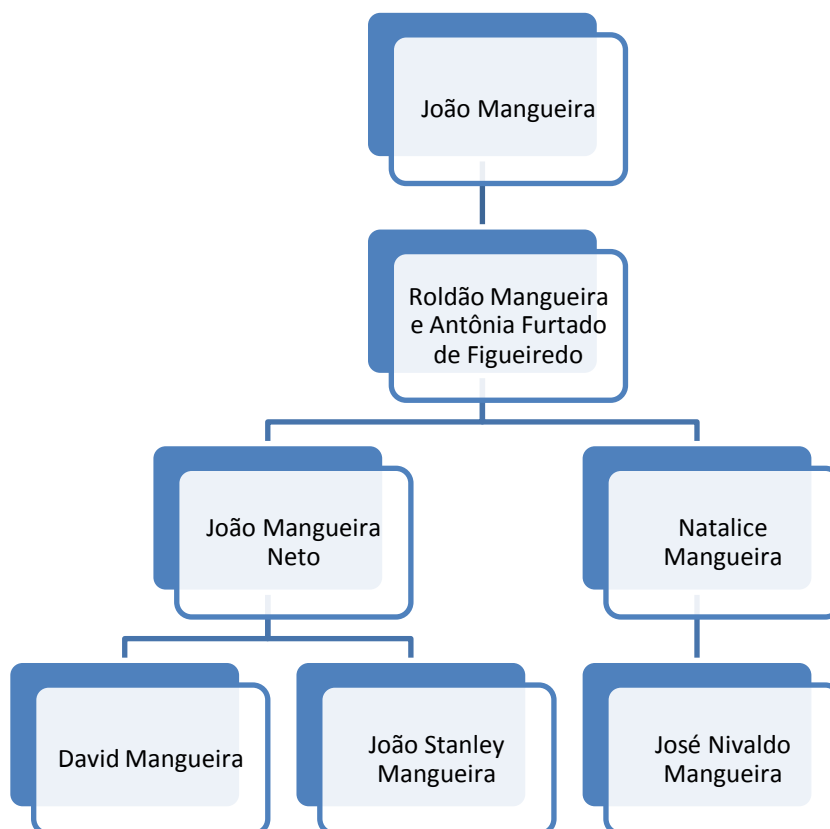
ORDEM CRONOLÓGICA DOS PRINCIPAIS PERSONAGENS

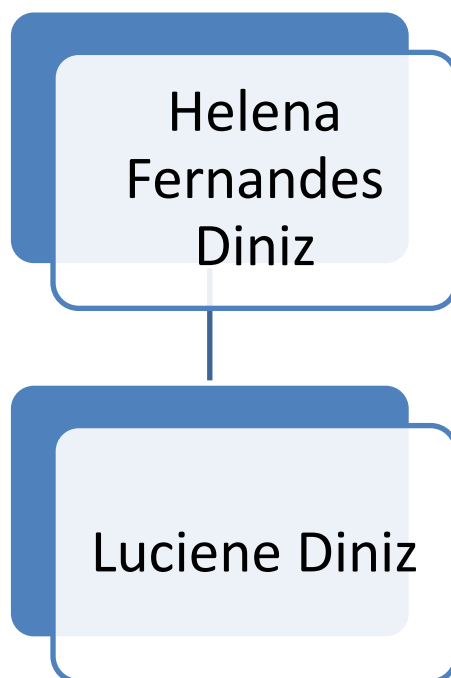
Personagens	Roldão Mangueira	Maria Tereza	Antônio de França	Luciene Diniz	Helena Diniz
Datas					
05/03/1905	Nasce Roldão Mangueira de Figueiredo.				
27/10/1923	Casamento de Roldão com Antônia Furtado de Figueiredo, saindo do sertão para residir em Campina Grande.				
1939 a 1952	Prosperidade de Roldão no âmbito comercial.	Nasce Maria Tereza em 20 de julho de 1939 no sítio Vaca Brava em Areia-PB. Nome de registro: Theresinha Vicente Ferreira.			
1955	Incêndio no maior armazém de algodão de Roldão gerando um imenso prejuízo.				
1959 - 1961	Roldão tem uma experiência espiritual com Pe. Cícero e recebe do santo, o chamado, culminando na abertura do Centro que posteriormente				

	seria a Casa de Caridade.				
Década de 60			França adere ao movimento.		
24 de dezembro de 1961	Roldão abre um Centro Espírita (terreno onde será construída a casa De caridade Jesus no Horto) por influência das visitas frequentes a centros espíritas Kardecistas de mesa branca.				
Década de 70					Helena adere ao movimento.
24/10/1970	Registro em cartório da Casa Espírita Jesus no Horto.				
03/01/1972	Fundação Da Casa de Caridade Jesus no Horto.				
Meados de 70	Roldão realiza curas e libertações na Casa de Caridade Jesus no Horto chegando a 700, o número de adeptos.	Maria Tereza adere ao movimento em busca de resposta sobre a salvação da alma uma de suas irmãs, que falecera num hospital psiquiátrico.	França é o segundo homem de confiança de Roldão e está sempre ao lado do líder.	Luciene adere ao movimento. Profetiza o uso obrigatório das vestes características do movimento e o número de adeptos cai para uma média de 60	Helena afirma ter sido curada de miopia por meio do Pe. Cícero (Roldão).

				pessoas.	
1978				Luciene Profetiza a vinda do dilúvio. Panfleto com anuncio do dilúvio é distribuído em 09/06/1978	
Terceiro e quarto trimestre de 1979	Doença e ausência de Roldão no movimento.		José Alves (segundo na liderança) abandona o movimento e França assume a liderança.	Em novembro, de 1979 - Casamento de Luciene e abandono do movimento.	
13 de maio de 1980		Tereza não abandona o movimento e continua a residir no espaço da casa de Caridade Jesus no Horto incentivando os parcos fieis que permaneceram no movimento.	O dilúvio não acontece e o número de adeptos cai para menos de 20 pessoas. França profetiza por meio do Pe. Cícero que Deus havia dado uma nova chance à humanidade.		Helena apoia França e continua fiel ao movimento.
Década de 80			França Começa a desenvolver mensagens psicofônicas por meio do espírito do Pe. Cícero.		Helena transcreve todas as mensagens, datilografa e envia às autoridades.
24/07/1980 (colhido com familiares). 1982 – Data afirmada	Falece Roldão Mangueira.				

pela mídia e internet.					
Década de 90		Tereza continua no movimento e concede total apoio e subserviência a Helena Diniz, a nova líder.	França deixa o movimento por motivos de saúde.		Helena Assume a liderança do movimento. Proíbe o contato com a mídia.
2014		Maria Tereza continua fiel ao movimento e reside no espaço da Casa de Caridade Jesus no Horto, esperando um novo líder.			Helena aguarda, juntamente com Maria Tereza, um novo líder que surgirá para tornar o movimento mais forte do que na época de Roldão.

Genealogia dos familiares citados e entrevistados.

Genealogia dos adeptos da Casa de Caridade Jesus no Horto¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Não referimos uma genealogia à Maria Tereza por não apresentar familiares que participaram da casa de Caridade Jesus no Horto.